

REGINA MARIA GREGÓRIO

UMA LEITURA INTERTEXTUAL DE
O HOMEM VERMELHO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Título de "Mestre em Letras".

Orientadora:

Profa. Dra. Zahide Lupunacci Muzart

FLORIANÓPOLIS - U.F.S.C.

1989

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de:

- MESTRE EM LETRAS -

e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras.

Banca Examinadora:

Muzart

Prof^ª. Dr^ª. ZAHIDE LUPINACCI MUZART
- Orientadora -

Márcia Hoppe Navarro

Prof^ª. Dr^ª. MÁRCIA HOPE NAVARRO
- UFRGS -

Celestino Sacht

Prof^º. Dr. CELESTINO SACHET
- UFSC -

Prof^ª. Dr^ª. SUSANA FUNCK
- UFSC -

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	i
EPÍGRAFE.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
CONVENÇÕES.....	iv
RESUMO.....	v
RÉSUMÉ.....	v
INTRODUÇÃO.....	01
1- A época e o autor.....	01
2- O corpus.....	04
3- Pressupostos teóricos.....	05
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	09
CAPÍTULO I	
1- RAÍZES ERUDITAS.....	10
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
CAPÍTULO II	
2- RAÍZES POPULARES.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	79
CAPÍTULO III	
3- VISÃO DO MUNDO E FAZER LITERÁRIO.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
CONCLUSÃO.....	105

ANEXOS

ANEXO 01 - "JOÃO O BARRAGEIRO".....	108
ANEXO 02 - "A AUTO-ESTRADA DO SUL".....	123
ANEXO 03 - "QUADRILHA".....	142
ANEXO 04 - "SALVE RAINHA".....	144
ANEXO 05 - "O ENCALHE DOS 300" - 1ª Publicação / 1975.....	146
ANEXO 06 - "O ENCALHE DOS 300" - 2ª Publicação / 1977.....	156
ANEXO 07 - "O ENCALHE DOS 300" - 3ª Publicação / 1982.....	167
ANEXO 08 - "O TROCO".....	176
ANEXO 09 - "CAMELÔ, O FOLCLÓRICO MARGINAL" / 1971.....	235
ANEXO 10 - "METAMORFOSE AMBULANTE".....	242

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1- Do autor.....	245
2- Sobre o autor.....	249
3- Geral.....	252

Aos meus pais

Maria de Lourdes e Edgard -
incentivadores desse traba-
lho.

Para Camila, Ricardo e Ana
Carolina, que pacientemente
compreenderam minha ausên-
cia.

À Yara e Abraão sempre pre-
sentes.

Àqueles que de longe me acom-
panharam.

RAINER MARIA RILKE E EU

Rilke

quando queria fazer poemas
 pedia emprestado um castelo,
 tomava da pena de prata ou de pavão,
 chamava os anjos por perto,
 dedilhava a solidão

como um delfim

conversando coisas que europeu conversa
 entre esculpidos gamos e cisnes

- num geométrico jardim.

Eu

moderno poeta, e brasileiro
 com a pena e pele ressequidos ao sol dos trópicos,
 quando penso em escrever poemas
 - aterram-me sempre os terreaux problemas.

Bem que eu gostaria
 de chamar a família e amigos e todo o povo enfim
 e sair com um saltério bíblico
 dançando na praça como um louco David.

Mas não posso,

pois quando compelido ao gesto do poema
 eu vou é pegando qualquer caneta ou lápis e papel
 desembrulhado

e escravo
 escrevo entre britadeiras buzinas seqüestros salários
 coquetéis televisão torturas e censuras

e os tiroteios
 que cinco vezes ao dia
 disparam da favela ao lado

metrificando assim meu verso marginal de perseguido
 que vai cair baldio num terreno abandonado.

Affonso Romano de Sant'anna

AGRADECIMENTOS

Aos Professores do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina.

À Secretaria de Estado de Educação do Paraná.

Aos Professores do Centro de Letras da Universidade Estadual de Londrina, pelo estímulo recebido.

À Secretária Terezinha, pela sua solidariedade, às amigas Rejane, Ana Cleide, Lucy, Avany, Silvana, Graça, Izete pela atenção, disponibilidade.

À Professora Zahidé em especial, pela sua confiança, amizade e competente orientação.

Obrigada, meu DEUS!

CONVENÇÕES

As indicações de páginas dos contos de Domingos Pellegrini Júnior contidas no trabalho serão feitas entre parênteses, no corpo do texto, como segue:

- a) "O Encalhe dos 300" - 1ª Publicação: (OEa :) seguido do número da página.
- b) "O Encalhe dos 300" - 2ª Publicação: (OEb :) seguido do número da página.
- c) "O Encalhe dos 300" - 3ª Publicação: (OEc :) seguido do número da página.
- d) "No Estralar da Pipoca": (NEP :) seguido do número da página.
- e) "A Última Peroba": (AUP :) seguido do número da página.
- f) "Carlitos Perdeu a Graça": (CPG :) seguido do número da página.
- g) "Reportagem": (R :) seguido do número da página.
- h) "A Maior Ponte do Mundo": (AMPM :) seguido do número da página.

RESUMO

A presente dissertação analisa a obra O Homem Vermelho, de Domingos Pellegrini Junior, procurando relacioná-la com outros textos, sob a perspectiva teórica do intertexto.

No texto de Pellegrini cruzam-se os diálogos com a literatura - Cortázar, Guimarães Rosa, Drummond e a Bíblia - com o popular: a oralidade, os costumes populares além de uma imbricação com os próprios textos do autor.

RÉSUMÉ

Cette dissertation analyse l'oeuvre appelée "L'homme rouge" de Domingos Pellegrini Junior, en essayant de la reporter aux autres textes sous la perspective théorique de l'entretex-te.

Dans le texte de Pellegrini se croisent les dialogues avec la littérature d'abord - Cortázar, Guimarães Rosa, Drummond et la Bible - et aussi avec le populaire: la façon de parler les coutumes populaires, en plus d'un entrelas-sé avec les textes mêmes de l'auteur.

INTRODUÇÃO

1) A época e o autor

A literatura dos anos 70, assim como toda a produção cultural dessa época, foi elaborada sob o clima do autoritarismo político que cercou o ambiente dos intelectuais, a literatura, o cinema, o teatro e demais setores da arte brasileira. A opressão sofrida pelo autor impede-o de se expressar livremente, obriga-o a enveredar para os romances-reportagem, para a metamorfização de situações, a utilizar o recurso das entrelinhas da literatura dos depoimentos, da literatura-verdade.

Histórias de grandes crimes, pivetes, perseguições policiais, injustiças com posseiros - fatos que encontravam na época pouco espaço no jornal - concretizavam-se na literatura através dos romances-reportagem. A literatura passa a ter uma função parajornalística, denunciando a situação do país, trazendo à tona temas fundamentais da vida brasileira, numa transposição do real bem próxima do jornal, sendo, por esta razão, a mais visada pelos organismos repressores.

Há, portanto, uma grande tendência de se buscar o modelo jornalístico ao se imitar as técnicas de jornal como Antonio Callado em Reflexos do Baile ou Inácio de Loyola Brandão em Zero ou ainda Paulo Francis na obra Cabeça de Papel.

Tal tendência ocorreu devido ao fechamento político do regime de 64 e pela adição do AI-5.

Nesse período, houve uma tendência acentuada para o gênero conto, caracterizando-se como um traço marcante no panorama literário; houve uma invasão de contistas, alguns revelados através de concursos literários, revistas e jornais. Desse, alguns logo caíram no esquecimento, outros tentaram o seu lugar ao lado dos já consagrados Dalton Trevisan, Rubens Fonseca, Clarice Lispector, J.J. Veiga, como é o caso de Domingos Pellegrini Júnior - autor de O Homem Vermelho - que será estudado neste trabalho.

Escolhemos como objeto de nossa dissertação o autor Domingos Pellegrini Júnior com o fim de estudar a sua visão de mundo. O nosso propósito inicial era detectar somente a visão de mundo do narrador, mas o texto foi nos revelando outras facetas, outras linhas de trabalho, ditando-nos enfim o enfoque intertextual.

Domingos Pellegrini Júnior, nascido no Paraná, em 1949, em Londrina, é considerado um dos mais expressivos escritores dessa geração literária - a geração do AI-5!

Publicou, em 1977, O Homem Vermelho - seu primeiro livro - onde aborda temas rurais e urbanos. Nos contos desse livro, extrapola o documental e o regional na medida em que aprofunda a visão do particular, desenvolvendo uma significação universal. Sua ficção é realista e preocupada com as classes des

favorecidas.

Os personagens de Domingos Pellegrini são viajantes à beira de estradas - recolhendo impressões de prostíbulos - motoristas de caminhão, eletricitas que iluminam a ponte Rio-Niterói, cantadores de rancherias, todos vistos por ele, na sua ocupação, como aprisionados ansiando pela liberdade.

Há duas características interessantes no texto do autor: muito de jornalismo no trato com o real e em alguns contos a não concretização dos conflitos. Ele cria um estado problemático, sem ordenação de explicação final. O leitor pode intuir a solução e o significado dessa leitura, dentre as possibilidades interpretativas.

Os temas de Pellegrini têm muito de sua vivência na região, quando do desbravamento e colonização do norte do Paraná. Ele testemunhou o caos rodoviário das estradas lamacentas. O contacto com a variada população flutuante na Pensão Alto Paraná, onde morava quando criança, sem dúvida, desempenhou papel importante em sua vocação de contador de histórias.

O conto "O Encalhe dos 300", conforme testemunho do autor a Miriam Macedo (Visão nº25 de 20/06/83), resultou de experiências vividas com sua mãe, nas estradas do interior do Paraná, em sua primeira viagem longa, quando ficaram detidos num atoleiro a 300Km de Londrina.

Outro episódio similar ocorreu com o conto "A Maior Ponte do Mundo". Este conto tem como embrião uma entrevista realizada pelo autor com barrageiros e ex-barrageiros, "João

o Barrageiro" (Veja Anexo 01) um deles, agora dono de um bar, narrou sua história como eletricitista em diversas represas e na ponte Rio-Niterói. A entrevista foi publicada na primeira edição do Jornal Panorama - Londrina (1975).

Na mesma reportagem de Miriam Macedo, o autor afirma:

"acrescentando fatos fictícios, transformei o eletricitista num símbolo do operário que constrói momentos de tecnologia, como a Ponte, para nunca usufruir de nada que construiu".(VISÃO : nº25)

Domingos Pellegrini Júnior não apresenta diretamente seu depoimento, mas dá voz a personagens de diversas classes, para que estas se expressem. Conforme adverte Bakhtin,

"as palavras dos personagens, possuindo no romance, de uma forma ou de outra, autonomia semântico-verbal, perspectiva própria, sendo palavras de outrem numa linguagem de outrem, também podem refratar as intenções do autor e, conseqüentemente, podem ser, em certa medida, a segunda linguagem do autor" (BAKHTIN, 1988 : 119).

2) Corpus

Escolhemos, para leitura intertextual, sete dos dez contos de O Homem Vermelho.

Os demais não foram analisados por oferecerem material insuficiente para a abordagem dos aspectos por nós privilegiados. Realizamos, ainda, pesquisas no jornal local "Folha

de Londrina" onde, nos anos 69, 70 e 71, o autor publicava crônicas, em página inteira do Caderno 2 (Cultural), uma vez por semana. Em apenas duas dessas crônicas pudemos estabelecer relações pertinentes ao presente trabalho.

Procuramos em nossa análise verificar de que maneira os textos do autor dialogam com outros textos. Procuramos igualmente buscar as raízes do seu conto, tanto eruditas quanto populares.

Nosso objetivo consistiu em relacionar a intertextualidade na sua própria obra, resgatando textos muitas vezes já esquecidos, que afloram, com acréscimos ou supressões relevantes, quando da elaboração da sua linguagem.

3) Pressupostos Teóricos

O termo intertextualidade foi tratado pela primeira vez, por Mikhail Bakhtin, em 1929, num trabalho sobre a poética de Dostoiévski e depois por Julia Kristeva em 1969, para designar o processo de produtividade do texto literário.

Bakhtin tratou do fenômeno do dialogismo, de crucial importância à Literatura, em Problemas da Poética de Dostoiévski.

Para o autor

"a linguagem vive apenas na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego, está impregnada de relações dialógicas". (BAKHTIN, 1981 : 158-159)

Podemos destacar que a relação dialógica é básica para caracterização da linguagem. Todo texto a supõe, mesmo que emane de um único interlocutor. São monológicos por sua forma exterior, mas essencialmente dialógicos por sua estrutura semântica e estilística, o que nos leva a perceber que toda interação verbal se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, isto é, na dimensão de um diálogo.

Segundo Eliseo Veron, um texto não tem propriedades em si

"caracteriza-se só por aquilo que o diferencia de outro texto. É justamente a diferença que pede uma explicação, possível de ser encontrada somente ao nível da posição social dos produtores. Eis porque a noção de intertextualidade não é apenas a verificação de um dos aspectos mais importantes do processo da produção dos discursos, mas também, e ao mesmo tempo, a expressão de uma regra de base do método. Não se pode nunca fazer a análise de um texto; trabalha-se sempre sobre vários textos, quer se saiba ou não, já que as operações em ação na matéria significativa são, por definição, intertextuais." (VERON, 1980 : 82-83)

Dáí entendemos que o discurso é bivocal, orientado para o interior de seu discurso ou para outros discursos, estabelecendo conseqüentemente relações dialógicas não só com a própria obra do autor, mas com autores diferentes em torno de uma mesma temática, como é o caso de Domingos Pellegrini Junior no conto "O Encalhe dos 300".

O trabalho intertextual, no entanto, não deve ser visto como um fator de desorganização ou de destruição mútua,

mas, pelo contrário, como um aspecto positivo que vem a ser as relações de transformações que ocorrem no acompanhamento dos enunciados em seus diversos estágios que podem ser observados na intertextualidade.

Ao escrever, o autor depara-se de modo mais ou menos inconsciente com outros textos e em seu diálogo com estes revitaliza-os, retoma-os numa dinâmica que nos mostra que a linguagem não é uma coisa imóvel, é um produto da vida social em perpétua mutação e que em seu desenvolvimento, segue a evolução da vida social.

Nota-se, portanto, que a obra literária se constitui como um exercício de intertextualidade.

Ao analisarmos um texto surgem-nos vários outros quer de modo consciente ou não, pois a obra vem impregnada não só do discurso interior do autor, produto de toda sua vida social, mas é atravessado por outros fragmentos captados ao longo de sua existência; neste caminho do autor

"cada palavra evoca um contexto ou contextos nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções". (BAKHTIN, 1988 : 100)

Assim é que Bakhtin compara cada elemento da obra de arte a um fio estendido entre os homens. A obra em sua totalidade é o conjunto desses fios, que cria uma interação social complexa e diferenciada entre as pessoas que estão em contacto com ela.

"Nous sommes donc déjà em droit de dire que tout mot réellement pronomé - et non pas enseveli dans un dictionnaire - est l'expression et le produit de l'interaction sociale de trois participants: le locuteur (ou auteur) l'auditeur (ou lecteur) et celui (ou ce) dont on parle (ou héros)".(*) (TODOROV, 1981 : 198)

Eles são forças vivas que determinam a forma, o estilo e aspectos constitutivos indispensáveis da obra de arte.

Percebemos que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal. Está tão determinado por quem a emite como por aquele para quem é emitida, numa relação recíproca entre emissor e receptor.

Em nosso trabalho utilizamos o termo sugerido por Lucien Dällenbach **Intertextualidade Geral** para as relações intertextuais entre textos de autores diferentes e **Intertextualidade Restrita** para as relações intertextuais entre textos do mesmo autor. (DALLENBACH, 1979 : 51)

(*) A interação social é a expressão de três participantes: o locutor (ou autor), o ouvinte (leitor) e aquele de quem se fala (o herói).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- . BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e Estética. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e outros, São Paulo, HUCITEC, 1988.
- . _____. Problemas da Poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra, Rio de Janeiro, Forense - Universitária, 1981.
- . DALLENBACH, Lucien. "Intertexto e Autotexto". Poétique. Tradução de Clara Crabbé Rocha, Coimbra, Livraria Almedina, 1979.
- . JENNY, Laurent. "A estratégia da forma". Poétique. Tradução de Clara Crabbé Rocha, Coimbra, Livraria Almedina, 1979.
- . KRISTEVA, Júlia. Introdução à Semanálise. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.
- . TODOROV, Tzvetan. Mikhail Bakhtine - Le principe dialogique suivi de Écritis du Cercle de Bakhtine. Paris, SEUIL 1981.
- . VERON, Eliseo. A Produção de Sentido. Tradução de Alceu Dias Lima, São Paulo, Cultrix, 1980.

CAPÍTULO I

1. RAÍZES ERUDITAS

Dialogando com a literatura: JÚLIO CORTÁZER

Encontramos na tessitura do conto "A Auto-Estrada do Sul" (Ver Anexo 02) de Júlio Cortázar (1976 : 3-28), marcas possíveis de serem detectadas também em Pellegrini no conto "O Encalhe dos 300" (1977 : 9-22). Buscaremos uma aproximação entre os contos, fixando-nos em um dado importante: o fato de haver contaminação de um discurso em outro, indício de que houve identificação mesmo inconsciente de visão de mundo.

"A Auto-Estrada do Sul" (*) é um dos contos do livro Todos os fogos o fogo, publicado em 1969, impresso e traduzido no Brasil em 1976. Tem como tema um engarrafamento de veículos, ocorrido na Auto Estrada do Sul, domingo à tarde, quando as pessoas regressavam a Paris, após um dia de passeios. Os automóveis permaneceram engarrafados durante sete dias. Houve desconforto, fome e sede; no entanto, as pessoas ajudaram-se mutuamente, agruparam-se para tentar resolver os problemas surgi-

(*) A partir deste momento, o conto "A Auto-Estrada do Sul" será identificado, nas citações, de forma abreviada (AES), seguido da página referida.

dos. Houve entre todos um clima de camaradagem e solidariedade que só perdurou durante o engarrafamento, quando, ao final, cada qual seguiu apressadamente o seu caminho.

Em O outro modo de mirar numa leitura dos contos de Cortázar, Cleusa Dias Pinheiro Passos esclarece que "'L'auto-pista del sur" visa denunciar o automatismo cotidiano coletivo, do olhar exclusivamente "hacia adelante, de todo el mundo", através de uma realidade fantasmática de que o próprio narrador faz parte".(PASSOS, 1986 : 25)

Cortázar, criador de personagens sem nacionalidade definida, que emergem de situações fantásticas, trágicas, comoventes ou engraçadas é um autor que associa criação à crítica. Como um fotógrafo, envereda por uma narrativa da busca e ao mesmo tempo a busca da narrativa na sua forma de contar histórias. Cortázar reúne em seu texto vivacidade e humor dedicando-se a enfrentar a Hidra (a rotina, o hábito) em mais de vinte livros de contos, romance, teatro e ensaios.(ARRIGUCCI Jr., 1973:80)

Ao criar "O Encalhe dos 300" observa-se que Domingos Pellegrini Júnior não só vivenciou o fato, na sua infância, como provavelmente se inspirou na temática de "A Auto-Estrada do Sul" de Cortázar, trazendo-a à realidade brasileira, recriando-a com personagens e espaços brasileiros. Por exemplo, enquanto em Paris temos uma auto-estrada e somente carros de passeio, com pessoas que saíram em um fim de semana para o lazer (sintoma tipicamente burguês e primeiro-mundista, fenômeno da nossa época), no conto de Pellegrini, só temos caminhões de car

ga, caminhoneiros em seu trabalho.

Temos o mundo do lazer e do prazer - civilizado - a era da máquina, do asfalto a opor-se ao trabalho do operário, a estrada de barro, difícil e árida.

Percebe-se entre os dois contos um diálogo literário, uma intertextualidade que para Kristeva

"é uma permutação de textos; no espaço de um texto, vários enunciados, tomados a outros textos, se cruzam e se neutralizam".
(KRISTEVA, 1974)

É possível verificar a presença efetiva de um texto no outro, entendendo-os como um processo notável de leitura e de escrita.

Encontramos nos dois textos a mesma temática, porém cada qual conservando suas peculiaridades.

1. A **solidariedade** que se instaura em consequência de uma situação imposta.

O tema proposto surge nos dois contos, de forma diversa: através do "lide", início de uma matéria jornalística, escrito de maneira a prender o leitor e interessá-lo pelo restante do texto. (SANTIAGO, 1982 : 163) e da epígrafe.

Em "O Encalhe dos 300", é o lide, técnica do gancho, usada na redação de notícias; com uma síntese dos acontecimentos, esclarecendo o leitor e despertando sua atenção.

"O Encalhe dos 300 começou às seis horas da manhã escura de 11 de agosto de 1958, no atoleiro do Km 60 da Cianorte-Cruzeiro de Oeste, a estrada mais perebenta do Brasil". (Oeb : 9)

"... mas antes um afobado haveria de botar pedra no angu, um ca
minhão encalhado haveria de virar dois, não sobraria remédio se
não esperar, até aquele encalhe virar o Encalhe dos 300 e aque-
la chuva virar uma semana de chuva". (OEB : 10)

No conto "A Auto-Estrada do Sul" há uma epígrafe que é o resumo do enredo. O trecho citado é uma notícia de jornal de L'Espresso de Roma, escrito por Benedetti Arrigo que noticia um engarrafamento automobilístico, em dia de calor, e comenta da pouca repercussão que teve.

"Gli automobilisti accaldati sembrano non avere storia... Come realtà, un ingorgo automobilistico impressiona ma non ci dice gran che". (BENEDETTI, L'Espresso Roma 216, 1964)

Observamos que nos dois contos foi usado um subterfúgio de narrador; partindo-se da realidade usa-se a notícia viva, textos jornalísticos.

Há algumas relações que podem ser estabelecidas entre os textos: a época, horário e as condições do tempo dos acontecimentos.

Em "A Auto-Estrada do Sul" o engarrafamento ocorreu domingo, às cinco da tarde, mês de agosto, calor insuportável. Acompanhando os índices marcadores do tempo como entardecer, madrugada e amanhecer, percebemos que se passaram sete dias de engarrafamento.

O Encalhe ocorreu no dia 11 (onze) de agosto de 1958, às seis horas de uma manhã escura, com chuva torrencial,

estendeu-se por sete dias com marcação cronológica dos dias e das horas.

Há, nos dois contos, pontos em comum e outros em desacordo. Ambos situam o tempo e o espaço.

Tanto em **O Encalhe dos 300** como em **A Auto-Estrada do Sul** a força da natureza é valorizada, salientando-se a estupidez da vida moderna e transparecendo uma nítida preocupação em mostrar a massificação.

"O entardecer não chegava nunca, a vibração do sol sobre as pistas e as carrocerias dilatava a vertigem até a náusea".

(AES : 5)

"Choveu desde a primeira claridade até a própria chuva enjoar de seu serviço: e garouou; depois choveu outra vez, a tarde inteira; mas já a primeira pancada de água atordoou os menos e os mais esperançosos". (PEb : 20)

Outro ponto em comum aos dois textos é a não-nominação dos personagens.

Embora possa ser enfadonha a leitura do estudo comparativo dos dois contos, optamos por apresentá-lo, por ser uma dissertação de mestrado cujo objetivo maior é o da iniciação à pesquisa.

Determinamos conto 1 (um) "**A Auto-Estrada do Sul**" e conto 2 (dois) "**O Encalhe dos 300**". (1977)

No conto 1 (um), os personagens são identificados pela máquina, marca do carro, o dinheiro.

No conto 2 (dois) a identificação se faz através

de uma referência qualitativa, é a miséria, a adjetivação quali ficando o feio, o pobre, o promíscuo, a raça.

CONTO 1

- 1) O engenheiro do Peugeot
(AES : 3)
- 2) duas freiras do 2HP
(AES : 3)
- 3) moça do Dauphine
(AES : 3)
- 4) homem pálido do Caravelle
(AES : 3)
- 5) casal Peugeot - felicidade avi-
cola (AES : 3)
- 6) rapazes do SIMCA
(AES : 3)
- 7) casal de velhos do 1D Citroën
(AES : 4)
- 8) homem - caixeiro-viajante do DKW.
(AES : 7)

CONTO 2

- 1) Grávida com olhos de presságio
(OEB : 11)
- 2) rapaz enjoado de tocar violão
(OEB : 11)
- 3) velho devorando jornal
(OEB : 11)
- 4) mulher de cara seca
(OEB : 11)
- 5) criança chorando
(OEB : 11)
- 6) motorista negro e três freiras
de branco como aves raras numa
gaiola de lama".(OEB : 12)
- 7) profissionais do barro
(OEB : 12)
- 8) frangote numa perua de chapa
branca (OEB : 12)
- 9) moleques peludos.
(OEB : 18)

Também estão presentes nos dois contos as primei-
ras impressões do Engarrafamento e do Encalhe.

CONTO 1

"O calor de agosto crescia, a esse tempo, do nível dos pneumáticos, tomando a imobilidade cada vez enervante". (AES : 4)

CONTO 2

"Tentaram de tudo. As rodas do FNM patinaram até cozinhar o barro. O vapor subia do barro amassado e quanto mais giravam mais aquilo vi-

"... a sensação contraditória de enclausuramento em plena selva de máquinas concebidas para correr".
(AES : 4)

rava uma cola vermelha, a esperança se enterrando". (OEB : 10)

Comparando os dois contos percebemos que Pellegrini intertextualiza Cortázar, sendo que no primeiro conto, temos marcas de um mundo mais desenvolvido e, no segundo, índices do subdesenvolvimento.

MOTIVOS TEMÁTICOS (*) - ISOLAMENTO

CONTO 1

"não havia cercas nem árvores, somente o campo negro e sem estrelas, algo que parecia um muro abstrato limitando a faixa branca do asfalto (**), com seu rio imóvel de veículos". (AES : 10)

CONTO 2

"... existia a mata dos dois lados, alta como os palmitos, e fechada de cipós (**). O atoleiro era filho das sombras daquela mata". (OEB : 11)

M.T. - ESPECULAÇÃO DO COMÉRCIO

CONTO 1

"Nessa mesma noite Taurus pagou, do seu bolso, dois litros de água; o Ford Mercury prometeu conseguir mais para o dia seguinte, pelo dobro do preço". (AES : 20)

CONTO 2

"Por isso nenhum pagou os preços de ouro. Mas também não assaltaram o jipe". (OEB : 15)

(*) MOTIVO TEMÁTICO - abreviatura M.T.

(**) A partir deste momento, todos os grifos das citações são nossos.

"... Porsche continuou vindo e controlando o mercado negro".

(AES : 23)

"O Ford Mercury e um Porsche apareceram todas as noites para traficar com víveres". (AES : 22)

"... e depois do toró esvaziaram o jipe, debaixo duma garoa fria pagaram o preço de cada garrafa, de cada pacote". (OEB : 15)

M.T. - FALTA DE ÁGUA

CONTO 1

"... a temperatura continuava caindo e ao meio-dia começaram os aguaceiros e viram-se relâmpagos à distância. A mulher do camponês apressou-se em juntar água com um funil e uma jarra de plástico". (AES : 17)

CONTO 2

"... para a sede não houve temores; panos limpos foram ensopados nos retrovisores ou nas antenas, depois torcidos acima das bocas". (OEB : 13)

M.T. - LAZER

CONTO 1

"O engenheiro não tinha sono e jogou dados com Taurus e seu amigo; em dado momento, juntou-se a eles o camponês do Ariane e falaram de política, bebendo uns goles de aguardente..." (AES : 14)

"... onde o rádio parecia ser alimento suficiente..." (AES : 9)

"Quase todos ouviam rádio os do SIMCA o ligaram no máximo e contavam em coro um twist, com sacudidas que faziam vibrar a carroceria". (AES : 8)

CONTO 2

"'No Encalhe dos 300', na carroceria vazia de um Ford coberto, 30 motoristas jogavam buraco, cacheta, escopa, vinte e um e sete e meio, com baralhos gosmentos e lamparinas no teto". (OEB : 14)

"... e foram acomodando a fome com piadas e casos, a história de cada um..." (OEB : 16)

"... captavam estações distantes com arames emendados nas antenas dos rádios de pilha". (OEB : 14)

M. T. - NATUREZA

CONTO 1

"Nestas últimas horas deviam ser quase cinco, mas o calor os castigava insuportavelmente". (AES : 5)

"O calor de agosto crescia a esse tempo, do nível dos pneumáticos tornando a imobilidade cada vez mais enervante". (AES : 4)

CONTO 2

"Choveu desde a primeira claridade até a própria chuva enjoar de seu serviço; e garouou, depois choveu outra vez, a tarde inteira". (OEB : 20)

"... e a noite se afundou em chuva, choro de crianças e silêncio das mulheres..." (OEB : 12)

M. T. - AS MULHERES

CONTO 1

"As mulheres improvisaram aos poucos suas atividades samaritanas, indo, de um automóvel a outro, ocupando-se das crianças para que os homens ficassem mais livres". (AES : 13)

"Às oito horas, as mulheres se encarregaram de distribuir a comida". (AES : 14)

CONTO 2

"Gatas prenhas debaixo da chuva, os vestidos colando, os cabelos escorridos lotaram os quartos e o salão do hotel; banharam os filhos em bacias quentes nas mesas de esnuque; primeiro pediram e depois exigiram toalhas e cobertores; agasalharam e deitaram os filhos como puderam; nos seus peitos e gargantas esfregaram pomadas; ... fizeram saltar sopas e mingaus dos caldeirões". (OEB : 14)

M.T. - COMIDA (Alimentação)

CONTO 1

"... uma das freiras lhe ofereceu timidamente um sanduíche de presunto". (AES : 9)

"... comeu gulosamente o sanduíche e o tablete de chocolate".(AES : 9)

"... esgotadas as garrafas de limonada, de coca-cola e até de vinhos". (AES : 9)

"... a velha meteu a mão numa bolsa e tirou uma latinha de suco de frutas". (AES : 9)

CONTO 2

"... e muitos saíram a alcançar roças de milho e mandioca, dez quilômetros de barro". (OEB : 15)

"Devastaram um mandiocal, cada um voltou com um pé em cada mão..." Outros continuaram perseguindo a visão de um milharal de espigas verdes, mais cinco quilômetros, e comeram ali mesmo até enjoar". (OEB : 15)

M.T. - INCONFORMISMO

CONTO 1

"... à sua esquerda, tinham de agüentar a exuberante indignação do motorista de um Floride, para quem o engarrafamento era uma afronta..." (AES : 11)

"E com isso, o governo, o calor, os impostos, o tráfego, um assunto atrás do outro, três metros, outro lugar comum, cinco metros, uma frase sentenciosa ou uma maldição contida". (AES : 5)

CONTO 2

"... mulheres e homens que repetiam 'é um absurdo, mas é um absurdo', isto é um absurdo",..."o governo devia ver isso" "por que é que o governo não vê uma coisa dessas?" (OEB : 11)

M. T. - A SOLIDARIEDADE

CONTO 1

"O camponês conhecia bem a região, propôs que dois ou três homens de cada grupo saíssem ao amanhecer para comprar mantimentos nas granjas vizinhas ... decidiu-se que o camponês, o soldado e o amigo de Taurus iriam juntos levando todas as sacolas, redes e cantis disponíveis. Os chefes dos outros grupos voltaram às suas unidades para organizar expedições semelhantes".
(AES : 16)

CONTO 2

"A raiva e a pinga apertaram a fome, e muitos saíram a alcançar as roças de milho e mandioca, dez quilômetros de barro". (OEB : 15)

"Outros caçaram cotias, macucos e todas as aves que revólver pode derubar... então tostaram as carnes com fogo de jornais úmidos e revistas, papelão e pano". (OEB : 15)

"... penduraram lanternas no teto das cabines; ligaram os rádios, abriram devagar umas últimas garrafas de pingas..." (OEB : 18)

M. T. - INTERCÂMBIO

CONTO 1

"... o engenheiro farto de inação, decidira aproveitar uma parada especialmente interminável, para percorrer as filas da esquerda".
(AES : 7)

"Taurus fez piada sobre o caso, enquanto ia de carro em carro para ver como os demais haviam passado a noite, mas ninguém deixou escapar o que queria dizer".
(AES : 15)

CONTO 2

"... Os que chegavam com esperança nova, iam descendo e percorrendo a fila, até a primeira baixada".
(OEB : 12)

"E eles, os profissionais do barro, respondendo com o mesmo muxoxo vazio; porque por piedade ou por maldade, não podiam enterrar a esperança daqueles civis". (OEB : 12)

M. T. - FUNCIONALIDADE DOS VEÍCULOS

CONTO 1

"Taurus decidiu que o 400 ficaria preparado permanentemente como ambulância; os rapazes, para se divertirem fabricaram uma flâmula com uma cruz vermelha". (AES : 17)

"Quase sem resistência, a moça deixou-se atrair para o 404; o engenheiro ajudou-a a estender-se, agasalhou-a com o único cobertor e pôs a gabardine por cima". (AES : 21)

CONTO 2

"... uma puta curtida de muitos carnavais e uma puta nova; e se não tivessem se instalado num dos ônibus vazios, uma no banco do motorista, 38 na mão e cara engatilhada, a mais nova no banco grande do fundo, três galões de água e uma bacia-de-assento, papel higiênico e um lençol bordado". (OEb : 18)

"Aqui vai entrar um de cada vez" - a voz saiu da escuridão do ônibus - e o primeiro vai pagar um pouco mais". (OEb : 18)

M. T. - CHEIROS

CONTO 1

"Para o engenheiro e a moça do Dauphine, o mais vexatório era sentirem-se suados e sujos: quase os enternecia a total indiferença do casal de camponeses ante o cheiro que lhes brotava das axilas..." (AES : 13)

"Os olhos estavam tão cegos quanto a própria sombra. Sob cobertores sujos, com mãos de unhas crescidas, cheirando a fechado e a roupa sem mudar..." (AES : 22)

CONTO 2

"... caras de prisioneiros, cabelos mofados, as roupas úmidas, unhas de barro, saliva velha, no silêncio..." (OEc : 21)

M.T. - O DESIMPEDIMENTO

CONTO 1

"Nada mais se podia fazer a não ser entregar-se à marcha, adaptar-se mecanicamente à velocidade dos automóveis em redor, não pensar".
(AES : 27)

CONTO 2

"Cada um montou no seu caminhão, cada um com a chapa do Brasil inteiro, e tocou cada um pro seu destino". (OEB : 22)

M.T. - TEMPO

CONTO 1

"... querer voltar a Paris pela auto-estrada do Sul, num domingo à tarde..." (AES : 3)

Primeiro dia (*)

"O calor de agosto crescia".
(AES : 4)

"Nestas últimas horas (deviam ser quase cinco)..." (AES : 5)

"O entardecer não chegava nunca..."
(AES : 5)

"Ao longo da tarde soubera-se da batida..." (AES : 6)

"O sol pondo-se à esquerda do caminho..." (AES : 6)

"Ao anoitecer a fila deu uma primeira avançada..." (AES : 8)

CONTO 2

"O Encalhe começou às seis horas da manhã escura de 11 de agosto de 1958". (OEB : 9)

Primeiro dia

"Cada um se enfiou na sua cabine e ao meio-dia em ponto, ainda estavam cozinhando a raiva..." (OEB : 11)

"Às duas da tarde havia três ônibus..." (OEB : 11)

"Às cinco e meia da tarde já tinham escuridão..." (OEB : 12)

"De noite os motoristas de caminhão tinham enchido os barrilotes".
(OEB : 13)

(*) No conto "A Auto-Estrada do Sul", fizemos a separação em dias conforme a ocorrência dos fenômenos naturais, no entanto, em "O Encalhe dos 300" os dias já vêm nididamente marcados.

"já era noite fechada..."

(AES : 8)

"Nessas primeiras horas de escuridão". (AES : 8)

"Talvez já fosse meia-noite..."

(AES : 9)

"Por volta das três da madrugada pareciam haver chegado a um acordo..." (AES : 10)

Segundo dia

"Pela manhã avançou-se muito pouco..." (AES : 10)

"Às nove horas chegou um estranho..." (AES : 10)

"Ao meio-dia a menina do 203 começou de novo a chorar". (AES : 11)

"Uma hora da tarde, o sol os encurralava..." (AES : 12)

"À hora da sesta, sob um sol ainda mais forte..." (AES : 13)

"Por volta do entardecer..." (AES : 13)

"Às oito horas as mulheres se encarregaram de distribuir a comida". (AES : 14)

"A noite não foi ruim". (AES : 14)

Terceiro dia

"Ao amanhecer o sono os apanhou..." (AES : 15)

"Ao meio-dia tinham avançado..." (AES : 15)

"... o engenheiro passou a tarde como pode". (AES : 16)

"A noite os surpreendeu..." (AES : 15)

Segundo dia

"... e depois de tudo feito não tiveram coragem pra mais nada. Eram sete horas da noite". (OEB : 14)

Terceiro dia

"Às dez da manhã chegou de Cianorte um jipe". (OEB : 15)

"Meio-dia em ponto o céu fechou..." (OEB : 15)

"curtiram madrugada em pinga durante meias horas..." (OEB : 15)

"Por volta das duas da madrugada".
(AES : 16)

Quarto dia

"Ao amanhecer, explicou-se a situa_
ção..." (AES : 16)

"Às oito horas chegou o médico..."
(AES : 16)

"... ao meio-dia começaram os agua_
ceiros..." (AES : 17)

"O médico que chegou por volta das
quatro e meia". (AES : 17)

"... pareciam esperar a chegada da
noite". (AES : 17)

"... ao anoitecer espera-se mais
do sono do que das notícias..."
(AES : 18)

Quinto dia

"Quando às cinco horas da manhã
não restou a menor dúvida..."
(AES : 18)

"... sentia-se frio em pleno
dia..." (AES : 19)

"... ao anoitecer uma das freiras
pediu ao engenheiro um gole de
água..." (AES : 20)

"A escuridão era mais densa no car_
ro-ambulância..." (AES : 21)

Sexto dia

"Por volta do amanhecer ela lhe
disse..." (AES : 21)

"... as névoas da manhã não permi_
tiam enxergar..." (AES : 21)

"... abrindo caminho pela neve que
caía desde o meio-dia..." (AES : 21)

Quarto dia

"... e meio-dia o barro ganhou os
baralhos". (OEB : 16)

"... mas a noite já embocava a tar_
de às cinco horas". (OEB : 16)

"... porque na escuridão os olhos
não se viam..." (OEB : 16)

Quinto dia

"Amanhã vai estiar..." (OEB : 17)

"Acordaram anoitecendo". (OEB : 18)

"Ia ser uma longa noite..." (OEB : 18)

Sexto dia

"Choveu desde a primeira clarida_
de... depois choveu outra vez, a
tarde inteira". (OEB : 20)

"Durante todo esse dia..."

(AES : 21)

"À noite, os grupos estavam em outra vida, sigilosa e privada".

(AES : 22)

"Foi preciso trabalhar outra vez em plena noite..." (AES : 23)

"Plena noite" - início do sé
timo dia.

Sétimo dia

"Amanheceu sem chuva sem sol".

(OEB : 20)

É notável a preocupação com o tempo nos dois contos. Esse é, igualmente, um ponto de encontro intertextual. Por isso, embora os temas da incomunicabilidade e da solidariedade sejam importantes, é o tempo o grande elo entre os dois contos. Tanto em um como em outro, são as orações temporais e as marcações do tempo o principal "leit-motiv". E a solidariedade é apenas obra do tempo, durando apenas os sete dias justos do engarrafamento e encalhe.

Ratificando, afirmamos que houve vários pontos em comum entre os dois contos quanto aos assuntos abordados: o inconformismo com a situação e as subseqüentes reclamações; a solidariedade e a união trazidas pela desgraça; a mulher aparecendo como provedora das necessidades básicas; os sete dias de encalhe e de engarrafamento e a dispersão do final.

No entanto a linguagem obteve ao longo das narrativas, tratamentos diferenciados.

Domingos Pellegrini opta por uma linguagem oral, dosando elementos da língua culta, ao mesmo tempo que incorpora o falar popular. Prova disto é o seguinte trecho:

Língua culta:

"... a esperança se enterrando". (OEB : 10)

"... porque na escuridão os olhos não se viam, e o sono estava rodando em outras estradas, enquanto a noite alargava a sua poça de tédio, saliva oca e chuva e mais chuva". (OEB : 16)

Falar popular:

"... essa mosquitaiada ia me comer viva"; e o motorista riu porque "com chuva borrachudo não aparece, dona". (OEB : 13)

Resgatando o que afirma Ezra Pound, "o artista é a antena da raça", enquanto Cortázar capta o mundo europeu industrializado, Pellegrini reflete o primitivismo-subdesenvolvido, fruto de uma indomável terra vermelha.

CONTO 1

"auto-estradas" (AES : 3)

"máquinas concebidas para correr".
(AES : 4)

"sanduíches de presunto, bala, coca-cola, vinho". (AES : 9)

CONTO 2

"estradas de barro". (OEB : 9)

"caminhão de porcos, Toyota, caminhão de areia, jipes". (OEB : 12)

"mandioca, espiga de milho verde, carne de cotia, pinga". (OEB : 15)

Estes três itens nos apontam cenas opostas narradas pelos autores, os dois trabalharam o mesmo tema, mas voltados cada qual para sua realidade e seu momento histórico.

Eliseo Veron (1980) em A Produção de Sentido nos faz lembrar uma das lições de Marx que,

"se se souber olhar bem, todo produto traz os traços do sistema produtivo que o engendrou. Esses traços lá estão, mas não são vistos por 'invisíveis'. Uma certa análise pode torná-los visíveis: a que consiste em postular que a natureza de um produto só é inteligível em relação às regras sociais de seu engendramento". (VERON, 1980 : 199)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Durante a leitura de O Encalhe dos 300, percebemos certo encadeamento sonoro que nos remete a outro texto, a uma poesia de Carlos Drummond de Andrade. É como se houvesse entre eles um diálogo de ritmos.

O emprego de anáforas e do paralelismo sintático fazem a analogia.

O Encalhe

"... maçarocou na mão aquela bola, jogou nas gargalhadas; acertou um; que atirou de volta outra laranja de barro, mas acertou um terceiro; que acertou um quarto; que não acertou ninguém mas foi acertado de novo..." (OEB : 17-18)

O Poema de Carlos Drummond de Andrade **Quadrilha**

(1930):

JOÃO AMAVA Teresa que amava Raimundo
 que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
 que não amava ninguém.
 João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
 Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
 Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
 que não tinha entrado na história.
 (DRUMMOND, 1967 : 69)

Há diferenças óbvias entre os dois textos em virtude de que um é poema e o outro, prosa. No conto **O Encalhe dos 300**, o motivo é uma brincadeira entre os caminhoneiros com bolas de barro, na qual um deles é acertado; na poesia **Quadrilha** (Veja Anexo 03) o tema é o desencontro das pessoas em busca do amor. No entanto, o que os aproxima, é a seqüência rítmica. No poema, temos o verbo no pretérito imperfeito, sempre no mesmo tempo verbal "amava". Em seguida temos uma mudança para o pretérito perfeito "foi", "morreu", "ficou", "suicidou-se", "casou" e o verbo no tempo composto na oração final "não tinha entrado". No conto, surge o pretérito perfeito em "maçarocou", "jogou", "acertou", "atirou" e a oração final "foi acertado" com tempo composto.

Percebemos que há ligação entre o conto e a poesia através do ritmo e na marcação dos verbos na mesma cadência.

Além disso, o ritmo vai ter um acento forte na palavra "ninguém". No poema: "Lili que não amava ninguém". No

conto: "que não acertou ninguém". Aí, o acento tônico. Na música, isso se chama a realização, o repouso.

Neste conto, há apenas o que chamaríamos de "resonância rítmica".

Pelo ritmo, lembramo-nos do poema de Drummond - poema da solidão, do desamor. E o nosso conto tem um tema importante que é a solidariedade de um determinado tempo - o tempo do encalhe. Depois desse tempo, novamente a solidão, como no poema.

GUIMARÃES ROSA

Em nosso percurso pelos contos do autor, deparamo-nos com **No Estralar da Pipoca**, de temática rural, que nos permitiu estabelecer alguns diálogos intertextuais.

Esse conto narra a história de um grupo de doze posseiros que reclama ao tenente, autoridade policial de Paranápolis, do fogo que é atado às suas terras. Na discussão, um dos posseiros é morto pela arma do tenente que se refugia no bar.

Os onze posseiros permanecem reunidos para vingar o companheiro que, desarmado, reclamava pela posse de suas terras e é morto.

O tema abordado pelo autor retrata fielmente o drama vivido no Paraná por volta de 1950, época em que o Norte fora completamente colonizado e o norte-novíssimo era desbravado, de forma violenta, com muito sangue derramado. O policia-

mento, na época, foi utilizado para expulsar famílias, queimar plantações, "limpar" o terreno da gente que ali trabalhava há anos e tinha direitos, que deixavam de ser reconhecidos.

Há regiões, como Porecatu, Sapecado, Piquiri e Pato Branco, que são alguns exemplos dos muitos acontecimentos da brutalidade usada no desbravamento das terras do Estado. Em todo o Paraná, os posseiros, de armas nas mãos, passaram a resistir à ganância insaciável dos protegidos pelo governo. Confiantes nas promessas do governo da posse da terra, milhares de camponeses levantaram-se para defender o pedaço de chão que conquistaram derrubando a mata, plantando e construindo sob promessas de que algumas terras, de propriedade do governo, seriam transferidas àqueles que as colonizassem e não a grupos e empresas, como realmente aconteceu.

O conto **No Estralar da Pipoca** reflete a realidade social do país, articulando a linguagem e a realidade num testemunho de seu tempo, mostrando a luta pela posse de terras.

A fim de vingar o companheiro morto, desarmado, ficam reunidos onze posseiros com suas espingardas.

A idéia desse grupo de 11 (onze) posseiros resistindo às pressões, nos remetem ao Grupo dos 11 (onze) (*) cria-

(*) O grupo dos 11 (onze) visava a reestruturação do quadro sócio-econômico do país; foi lançado por uma rede nacional de emissoras de rádio. Cada grupo dos onze era formado por 11 (onze) pessoas, uma das quais o comandava, sendo que chegaram a existir no Brasil 1298 Grupos dos Onze, cerca de duzentos mil integrantes. Na prática, porém, o movimento nunca teve um funcionamento efetivo. Foi desarticulado após o movimento político-militar de 31 de março de 1964. (BELOCH & ABREU ALVES, 1984 : 1539)

do em 1963 pelo então Deputado Leonel Brizola, com o objetivo de lutar pela implantação das chamadas reformas de base (agrária, urbana, educacional, bancária) preconizada pelo Presidente João Goulart.

É possível portanto sentir claramente em alguns textos uma soma de referências a outros textos, muitas vezes desconhecidos até mesmo do próprio autor. Em nosso estudo na tentativa de compreensão da obra, de seus nexos literários, estabelecemos ligações com Grande Sertão: Veredas (ROSA, Guimarães: 1985) e concordamos com o que afirma Antonio Cândido:

"Na extraordinária obra-prima "Grande Sertão: Veredas" há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício, mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar". (CÂNDIDO, 1978 : 121)

Há no conto No Estralar da Pipoca e no livro Grande Sertão: Veredas (*) a história do sertão brasileiro, um reflete o sertão do Paraná o outro, o de Minas Gerais, cada qual com seus habitantes regionais trazendo à tona os conflitos e desencontros dos posseiros e jagunços:

(*) A partir deste momento, o livro Grande Sertão: Veredas será identificado, nas citações, de forma abreviada (GSV) seguido da página referida.

"Posse, a palavra faz bem, tem cheiro de porco, milho, hortelã, arroz, feijão. O morto falava de boca cheia: Agora que tenho a posse..." (NEP : 50)

"Lá acolá, o homem abriu devagar os cacos da porta. Saiu, deu uns passos. Como vinha, alto, chapéu na cabeça, até meio sorridente. Não se esbugalhava. Assim estivesse pensando que ia ter julgamento? Achei que. E ele não estava ferido. Caminhou mais. Sendo que - e, aí, foi minha idéia? - ah, não; mas vi que Diadorim, de ódio ia pular nele, puxar a faca. Só fiz fim, num tir te-guarde: atirei: só um tiro. O Ricardão arriou os braços, deu o meio do corpo, em bala varado. Como no cair, jogou uma sua perna para lá e para lá. Como caiu, se deitou". (GSV : 521)

A reprodução da oralidade, no conto **No Estralar da Pipoca**, ocorre através de expressões características do relato oral, como então, daí, veja (surge dezesseis vezes) e escuta. A repetição do termo "veja" é insistente e desperta o leitor para o sentido da visão, a cada passo cria a sensação de que as coisas estão acontecendo "aqui", "agora", torna o ato de contar uma presentificação e nos mostra que não só o presente histórico pode indicar meio de atualização da narração, outras formas verbais, como o imperativo produziu esse efeito.

"Veja que é um lampião forte, deixa um clarão quadrado vazando da porta, e é uma luz engordurada, de restaurante. Veja lá dentro o tenente palitando os dentes, nesse jeito cadelo dele, espeta a gengiva e franze a boca..." (NEP : 45)(Grifo nosso)

"Escuta. Dá prá gente escutar o medo como se fosse raiz trançando e apertando as casas. Veja o tenente como é frio..."(NEP:46)

Idéia semelhante encontramos no romance **Grande Sertão: Veredas** com a repetição de "mire e veja", "olhe", "ouvindo" que integram a narrativa junto a trechos de conversa.

"Mire veja: um casal, no Rio do Borá, daqui longe, só porque marido e mulher eram primos carnais os quatro meninos deles vieram nascendo com a pior transformação que há." (GSV : 55-56)

"Eu conto. O senhor vá ouvindo. Outras artes vieram depois". (GSV : 137)

"Olhe: conto ao senhor. Se diz que, no bando de Antonio Dó, tinha um grado jagunço, bem remediado de posses". (GSV : 78)

Em Grande Sertão: Veredas, temos a voz que fala do começo ao fim, conta sua história, pressupõe a participação de um ouvinte, como se conversasse com alguém, sendo que as intervenções e as opiniões do outro são sugeridas pelas próprias respostas e comentários do narrador. A narrativa é organizada de forma caótica. Nas primeiras páginas, as informações nos chegam sem uma ligação visual e, só à medida que vamos lendo, ordenamos, reunimos as informações e penetramos na totalidade da obra.

Assim podemos observar no conto A Última Peroba, numa outra dimensão, aspectos que se assemelham: o contar da história pelo narrador em toda primeira parte e a presença do ouvinte com suas opiniões e a narração intercalada com informações do passado.

Em Grandes Sertão: Veredas o narrador Riobaldo conta sua história:

"Agora, bem: não queria tocar nisso mais - de o tihoso; chega. Mas tem um porém: pergunto: o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlada, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... Invencionice

falsa! E almas, o que é? Alma tem de ser coisa interna suprema-
da, muito mais do de dentro, e é só do que um se pensa: ah, alma absoluta!" (GSV : 23)

As lembranças de Riobaldo vão sendo narradas, formando um quadro de sua vida:

"Aí o que pasmava era a paz. Pensei por que seria tudo alheio demais: um sujo velho respeitável, e a picumã nos altos. Pensei bobagens. Até que escutei assoviação e gritos, tropear de cavalaria. Ah, os cavalos, na madrugada, os cavalos!... - de repente me lembrei, antiquíssimo, aquilo eu carecia de rever. Afoito, corri, compareci numa janela - era o dia clareando, as barras quebradas". (GSV : 302-303)

Temos em **A Última Peroba** diversos personagens que contam a história, cada qual sob a sua ótica: o cabo de polícia, o casal de colonos e o narrador.

Ocorrem dois planos temporais; o presente, caracterizado pelas casas de tijolos, televisão, mesa de fórmica e o passado quinze anos atrás, o bar do Turco, duas perobas, o Gordo e o Magro na parede do açougue, gerador barulhento.

A narração é intercalada, em etapas, "em micro-relatos", de cuja concatenação se desprende a narrativa na sua totalidade orgânica.

É a história do Zé do Fogo, o homem vermelho. A narrativa inicia-se com a fala do cabo de polícia. Há a repetição da palavra "Tenente", que como um refrão enfatiza a importância da hierarquia social.

"Vermelho. Um homem vermelho. Nem polaco, nem ruivo, tenente, vermelho mesmo. Rui-vo, rui-vo, tanto faz, tenente. Desculpa, tenente. O que interessa é que era vermelho mesmo. Cabelo vermelho, mão vermelha, pescoço vermelho, cara vermelha, tudo vermelho, tenente. Não era inchaço de sangue, tenente, sei o que o senhor quer dizer, esse vermelhão que dá no peito perto da garganta, a gente acalca o dedo e fica um branco no lugar, num instante avermelha de novo". (AVP : 55)

A fala dos colonos, simultânea aos acontecimentos, traduz a memória dos narradores, importante para o remontar da linearidade da história:

"Escuta, mulher, lembra do João do Norte? Um que derrubava mata aqui no começo. Pois precisei lembrar dele pra lembrar da cara desse que passou aqui agora. Não lembra que o tal João do Norte tinha um sócio chamado Zé do Fogo? Não sei se porque queimava mata ou se porque tinha cabelo afogueado, quem sabe as duas coisas - lembra? Pois vou lhe acudir a lembrança com o seguinte. Lembra..." (AUP : 65)

O soldado Alaor conta o que presencia para a tropa de policiais:

"Quero perder esta vista se estou mentindo. Ou então não me chamo Alaor nem estou acordado, porra. Do jeitinho que estou contando o homem está lá no bar para quem quiser ver. Chegou a cavalo, desmontou, quando eu vi já estava sentando, de um jeito que a capa cobria até o encosto da cadeira, nem as mãos de fora". (AUP : 61)

O narrador onisciente intercala a narrativa trazendo informações pertinentes e minuciosas para o conhecimento da história:

"Ficou imóvel, sem moscas ao redor; e espera o baiano lavar os copos na água avermelhada da pia; então com um toque de cabeça, pede mais um copo. O baiano traz, cheio e quente, leva o vazio com uma placa viscosa e fria no fundo". (AUP : 63)

Zé do Fogo se pronuncia resgatando o passado e suas lembranças:

"Televisão em Paranópolis. Naquele tempo teve cinema um par de dias; o Gordo e o Magro na parede do açougue a única parede branca quinze anos atrás em Paranópolis. Debaixo do céu, e ninguém pagava, um dia não teve mais. Engraçado como a gente recor da essas coisas. O gerador fazia mais barulho que o filme mesmo. Engraçado como se lembra". (AUP : 64)

O dono do bar, o Baiano, conta a um jornalista o ocorrido, em sua fala subentende-se o ouvinte pois somente a voz do Baiano é registrada:

"O dono sou eu mesmo sim senhor, o pessoal fala 'bar do turco' devido ao dono antigo, né, o turco. Já até pensei botar uma placa - 'bar do baiano'. Besteira nome não faz freguesia."(AUP:65)

"Me desculpe perguntar mas o senhor é jornalista, né? Vi quando chegou de carro, parou na delegacia. Viu o corpo dos homens? Olha, o guaraná não fica mais gelado que isto". (AUP : 66)

Há em toda a narrativa doze fragmentos, doze cortes ocorrendo muitas vezes a interrupção do diálogo no meio de uma frase, para a ela retornar após um encaixe espaço-temporal, técnica que exige uma atitude mental do leitor a fim de que possa captar a totalidade da mensagem. A história se organiza com trechos do presente e passado, que vão gradativamente se completando para a plenitude final da narrativa, característica já

observável em Grande Sertão: Veredas.

Assim como em **A Última Peroba** observamos um narrador que conta a história, respondendo a hipotéticas perguntas de um interlocutor invisível, há, no conto, **Carlitos Perdeu a Graça**, inícios dialogais, do coloquial típico que nos remetem a Guimarães Rosa:

"Quem encontrei outro dia no ônibus foi o Barbosa, que sentava ao meu lado no colégio. Não engordou e nem emagreceu, ficou mais malandro".(CPG : 79)

É possível captar uma atmosfera misteriosa, tanto em Grande Sertão: Veredas como em **A Última Peroba**.

Temos uma expectativa no encontro de Riobaldo com o demônio no momento do pacto, Riobaldo cumpre com as obrigações corretas ao ritual popular:

"Eu esperava, eh! De dentro do resumo, e do mundo em maior, aque la crista eu repuxei, toda, aquela firmeza me revestiu: fôlego de fôlego de fôlego - da mais força, de maior coragem. A que vem, tirada a mando, de setenta e setentas distâncias do profundo mesmo da gente..... Sapatee, então me assustando de que nem gota de nada sucedia, e a hora em vão passava. Então, ele não queria existir? Existisse. Viesse! Chegasse para o desenlace desse passo". (GSV : 393-394)

Em **A Última Peroba** o mítico manifesta-se no personagem Zé do Fogo, o homem vermelho, pois há indícios que o apresentam como tal: a capa oleosa que cobre todo seu corpo e esconde a porunga com sangue e as armas, a lenha seca, em dia de chuva, chapéu dobrável, cavalo tinoso, que galopa sem ruídos, jei

to de olhar, todos esses dados aliados ao hábito de tomar sangue com pinga nos remetem às crenças e superstições populares, assim como o tema do diabo em Grande Sertão: Veredas; ambos nos fazem penetrar em estranhos rituais comuns em terras brasileiras onde credices oriundas da África, vieram incorporar-se às nossas tradições populares (oriundas de Portugal).

Beber sangue de animal faz parte das práticas identificadas como de origem africana, ligadas ao primitivismo e à magia.

O sangue considerado como veículo da vida, e por alguns povos, veículo da alma, simboliza todos os valores aliados ao fogo, ao calor, à vida.

O homem vermelho, ao beber o sangue, o faz como num ritual, silenciosamente, concentrado, aguardando os benefícios que lhe trará, como a curtir os efeitos da poção. Após este ritual, a personagem assassina o Tenente.

O homem vermelho simboliza a vingança, o ódio e o demônio. É o único personagem que reage, diferentemente dos outros personagens, que se mantêm passivos, indiferentes aos fatos. Ele representa os homens sufocados, revoltados frutos de uma geração oprimida. Ele é também a não aceitação dos valores estabelecidos.

Dialogando com o Cinema: CHARLIE CHAPLIN

Percebemos no conto **Carlitos Perdeu a Graça** duas linguagens distintas: a literária e a cinematográfica. Tentaremos estabelecer o diálogo entre elas.

O conto narra a história de dois amigos de infância que se encontram num ônibus. Na juventude participaram de movimentos estudantis, picharam muros e discutiram Reforma Agrária. Hoje, um deles é corretor imobiliário; o outro, vendedor de geladeiras e poeta; cada qual mergulhado na massa humana de trabalhadores que luta para sobreviver. Recomeçam a amizade assistindo aos filmes de Carlitos. Riem juntos, até que se afastam novamente, porque compreendem que entre eles há diferenças ideológicas.

Os filmes citados no decorrer da narrativa: O Circo (1928), A Corrida do Ouro (1925) e Tempos Modernos (1936) são a trilogia central da obra de Charlie Chaplin. Surgem no conto **Carlitos Perdeu a Graça**, como uma catarse (*) para os dois amigos, proporcionando alívio das tensões nessas duas horas de filme, onde eles se identificam com o protagonista, sentem-se tranqüilos como num estado de insensibilidade pois o cômico

(*) O primeiro autor a esclarecer o significado de catarse foi Aristóteles: "... suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação desses sentimentos". (MÓISÉS, 1985 : 79) Na tragédia catarse significa "depurar o fundo emocional da alma, mediante o prazer procurado pela expressão artística, ou seja livrar-nos do peso de uma realidade que se nos está tornando pesada".

exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito .

Há um jogo de claro e escuro durante toda a narrativa; dentro do cinema eles riem à vontade com Carlitos. Quando saem a claridade tonteia-os, as pessoas os atropelam; sentem-se como "marcianos", isto é, completamente diferentes dos outros.

"Aí eu quase morri de rir, quando apagaram de novo. Saí com a barriga dura de tanto rir, e ficamos parados na frente do cinema, comendo amendoim torrado. Quanto mais a gente ria lá dentro, mais marciano se sentia depois na rua". (CPG : 83)

Carlitos incorpora o miserável, que foge da polícia, que sofre o desespero e a recriminação, que convive com a fome, busca o amor e provoca o riso pelos seus gestos, seu desajeitamento.

Bakhtin quando explica a atitude do Renascimento em relação ao riso, ressalta:

"o riso tem seu profundo valor de concepção do mundo; é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério, por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério; somente o riso com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo".
(BAKHTIN, 1987 : 57)

No conto **Carlitos Perdeu a Graça** os amigos selam o reencontro resgatando o costume da juventude: ir ao cinema ver Carlitos. O Circo, uma recordação da infância de Chaplin, em Londres, funde o mundo da fantasia com o real, representa o universo imaginoso de Chaplin, de forma poética e emotiva.

A comicidade anestesia-os e penetra seus corações em explosão de riso. Quando retornam à realidade sensibilizam-se ao verem uma família de pobres pedindo esmolas: pai, mãe, criança de colo e mais cinco pequeninos.

"Barbosa falou alguma coisa sobre reforma agrária. Lembrei de quando a gente discutia isso no tempo de estudante, foi me dando uma espécie de remorso, um sentimento de inutilidade, acho que é normal em quem sai do cinema à tarde. A família passou mas o fedor de urina ficou, o Barbosa falou: É tudo uma merda. Eu concordei, e cada um foi pro seu lado". (CPG : 82)

O que se passa no interior deles choca-se contra o mundo exterior e nada resta aos dois a não ser irem cada qual para seu lado.

O hábito de assistir Carlitos, levou-os a ver A Corrida do Ouro ou Em Busca do Ouro considerada uma comédia dramática e o melhor dos filmes de Chaplin.

Conta a história de um explorador solitário que procurava o amor e seu companheiro, o ouro: É a época em que muitas pessoas de diversas regiões foram às montanhas em busca de fortuna. Alguns desistem, outros morrem nas tormentas de neve, poucos resistem.

Numa das cenas do filme misturam-se o trágico e

o cômico: em meio às dificuldades, para matar a fome, Carlitos e seu amigo Big Jim, cozinham sapato, juntamente com pregos como se fossem ossos de galinha.

A Corrida do Ouro é uma tragédia do desespero e inanição dos esforços humanos diante da natureza e a loucura da busca do ouro! Apesar da luta, Carlitos encontra o amor e seu amigo, o dinheiro.

A obra de Charlie Chaplin é marcada pelo sentido trágico, e um exemplo de sua vocação pela tragédia é A Corrida do Ouro. É como se nos filmes houvesse dois discursos narrativos, conforme o nível de sensibilidade o público o decodifica: misto do cômico e do trágico. Muitas vezes cenas dramáticas são interrompidas pela comicidade, dando vazão à emoção através do riso; uma delas é a decepção do personagem ao se sentir só na noite de reveillon e tem o seguinte sonho: num momento de tristeza idílica, ele dança "Ocean Roll" com sua namorada, usando duas faces para as pernas e dois pães para representar os pés; sentado sob a mesa Chaplin parece tornar-se a cabeça e os braços dos pães dançantes.

Sobre o trágico e o cômico, Platão no livro Banquete (PLATÃO, 1955 : 96) afirma através de Sócrates, que o verdadeiro poeta deve ser ao mesmo tempo trágico e cômico, assim como a própria vida deve ser considerada simultaneamente, como uma tragédia e uma comédia. Poderíamos citar o exemplo de Dom Quixote como uma união do trágico com o cômico.

A figura de Carlitos ressurge no conto através

do filme Tempos Modernos que sensibiliza profundamente os dois amigos. O filme sofreu de incompreensão em sua época e foi friamente recebido na própria América.

Charlie Chaplin traz para as telas um homem que não pode suportar a mecanização, que o torna fraco, esse homem

"não é apenas o desmantelado cidadão que perdeu sua identidade nas linhas de montagem das fábricas de nosso panorama urbano. É também aquele que recebe e consome o produto acabado oferecido nos imensos mercados de tudo e que, com frequência, realiza suas compras, com a apresentação de seu anônimo cartão de crédito". (LINS LIMA, 1980 : 207)

Vale lembrar que as preocupações deste homem médio reduzem-se a uma única: o dinheiro. A necessidade financeira se sobrepõe às demais necessidades no contexto das modernas sociedades industriais, não lhe é permitido tempo para o lazer e muito menos para evasões românticas, assim como as proporcionadas por Chaplin ao operário, quando o liberta das ávidas engrenagens e o entrega a doces devaneios bucólicos. Tendo prendido o dedo nas engrenagens Carlitos se encontra inteiro preso por essa máquina terrível que é a organização social, mecanizada, organizada para o benefício do capital que despersonaliza o indivíduo. Carlitos representa esse homem que tentou resistir à sociedade industrializada, através de suas mímicas. É sufocado pelos parafusos, uma simples ferramenta.

No conto, após assistirem ao filme, os dois amigos têm sensações desencontradas: de participação e de omissão.

"Fiquei mastigando amendoim com aquele sentimento da última vez, remorso, sei lá do quê, e inutilidade, não sei por quê?"
(CPG : 83)

Há crítica à realidade sob a forma de ironia - um operário de construção morre por falta de segurança e, no as falto, seu corpo é coberto por folhas de anúncios imobiliários... Ao mesmo tempo o corretor Barbosa conscientiza-se da di mensão de sua profissão, "com o olhar morto, como se enxergasse longe através dele"(CPG : 84), Barbosa volta no tempo e percebe o eu dele perdido, como ele era e não é mais!

"... e o Barbosa respondeu sem se alterar. Sou um grande filho duma puta, é gente filha da puta como eu que vende apartamento". (CPG : 84)

Os amigos reagem diferentemente perante o fato: Barbosa esbraveja, xinga, critica a falta de segurança das cons trutoras.

O amigo no entanto, sai da aglomeração, calado, não expõe suas idéias, alienado com a situação, além de se atemorizar.

"Fomos tomar café num bar, ele falou não sei o que me deu. Eu falei que era a tontura da claridade, cinema de tarde dá nisso - e falei que ele devia tomar mais cuidado, a maré não anda prá peixe. Depois fiquei com vergonha de ter falado".(CPG : 85)

Dentre o remorso, o riso e as lembranças que afloram em suas conversas, os dois amigos remetem-se à época do colégio, das pichações de muro e discussões políticas.

"Eu não quis acreditar, mas ele foi me lembrando como a gente saía do colégio, e vinha pixando os muros com giz de cera. Até aí eu lembrava. Depois, disse ele, começamos a usar ~~spray~~, cor preta ou vermelha, e aquela frase ele desconfiava que eu quem escrevera. Ele sempre teve mais memória, então fiquei olhando LIBERD, e o homem foi fazendo o contorno das letras com capricho e o menino atrás enchendo de tinta os contornos, **E o Vento Levo**. Até que terminaram as letras grandes, **E o Vento Levou**, começaram as outras menores, não percam, do dia tal ao dia tal, c/ Vivien Leigh e Clark Gable". (CPG : 83)

A citação de E o Vento Levou nos remete ao filme; no início o narrador ao apresentar a história afirma: "esta é a história de uma geração que o vento levou".(FLEMING, 1939)

Há no conto **Carlitos Perdeu a Graça** um jogo de palavras com os mesmos elementos do Cartaz, como uma carta enigmática, surge a palavra liberdade e o título do filme, sem as últimas letras. Agrupando-as teremos a liberdade que o vento levou.

Nas cenas finais, Scarlet Ohara exclama: "Amanhã será outro dia", no conto os problemas existenciais dos jovens não se resolvem, ficam adiados para um novo amanhã.

"Um mês depois num festival do Carlitos num cinema do centro, durou uma semana mas eu não fui nem um dia. Perdeu a Graça".
(CPG : 85)

Aquele que não quer ver o mundo, a verdade exterior, sente que a luz o ofusca, não quer abrir os olhos, é o escritor, amigo do Barbosa que sonha entrar na Academia de Letras Estadual, e faz poesia como fuga. Poderíamos pensar que o narrador, contador de história, espécie de "alter-ego" questiona a va

lidade da ação-escritura, quando afirma na saída:

"O que eu preciso, mesmo, é ver se tiro um livro novo de poesia". (CPG : 85)

Os filmes de Carlitos acompanharam a vida dos dois amigos, mas à medida que o tempo foi passando, houve uma metamorfose no riso; de início explosivo catártico, passa para um sorriso comedido beirando à tristeza e numa comoção final, quase pranto, perdem a graça.

Os múltiplos componentes que integram o texto entrelaçam-se estabelecendo um diálogo atemporal, 36 anos os separam, conto e filme, no entanto aproximam-se: a dimensão crítica e a problemática comum: o homem de classe social e econômica inferior na luta pela sua sobrevivência e oprimido pelo poder. Ambos os autores identificam-se com o humilde homem do povo, com os esquecidos, marginalizados nas relações sociais e refletem cada qual seu tempo: a descolorida América dos tempos da depressão e a censurada liberdade do Brasil do AI-5.

Dialogando com a BÍBLIA

Podemos através da observação aproximar textos pelo tom melódico, pelo ritmo, pelos diálogos que se estabelecem e captar a contaminação que ocorreu, assim como é possível haver intertextualidade pelos simbolismos detectados, uma vez que o texto é o entrecruzamento de muitos outros e de influên-

cias que o autor sofreu, consciente ou inconscientemente, para compô-lo. Este diálogo que desponta no texto, afirma Carvalhal

"não é um processo tranqüilo nem pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais, eles são um local de conflitos".
(CARVALHAL, 1986 : 53)

Percebemos que, ao mesmo tempo em que Domingos Pellegrini registra em cada conto a situação social do país, testemunhando e denunciando, também há em seu discurso, o leitor da Bíblia.

Da mesma forma em que registra o seu tempo tal um repórter, liga-se à grande literatura ocidental ao utilizar fontes antigas como a Bíblia.

Com esse pensamento tentamos relacionar o texto bíblico "Gênesis" com o conto **O Encalhe dos 300**.

Um ponto que nos chamou atenção foi o número de dias do encalhe: sete. Acreditamos que haja nesta escolha do autor uma intencionalidade. O sete, número mítico, designa a plenitude de um período de tempo concluído, o acabamento de um tempo, os sete dias da criação no Gênesis; corresponde aos sete dias da semana, aos sete planetas, "o sete representa a totalidade do universo em movimento" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1988 : 943-944).

Este número surge freqüentemente em diversas pas

sagens bíblicas:

"O senhor, porém, lhe disse: Assim qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes. E pôs o Senhor um sinal em Caim para que não o ferisse de morte quem quer que o encontrasse".
(Gn 4:15)

"Jacó amava Raquel, e disse: Sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel". (Gn 29:18)

"As sete vacas magras e feias, que subiam após as primeiras, serão sete anos, bem como as sete espigas mirradas e crestadas do vento oriental serão sete anos de fome". (Gn 41:27)

"Então Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdôo? Até sete vezes?

Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete". (MT 18-22)

O número sete, pela transformação que inaugura, possui em si mesmo, um poder, é um número mágico.

No Gênesis, Deus necessitou de sete dias para criar a luz, o firmamento, a terra, plantas, árvores, o dia e a noite, os peixes, as aves, animais e o homem. Foi um tempo de organização, inauguração, de criação.

"mas uma neblina subia da terra e regava a superfície do solo"
(Gn 2:6)

"Então o senhor Deus formou o homem do pó da terra soprou-lhe as narinas o sopro da vida e o homem se tornou vivo".
(Gn 2:7)

"mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu o nosso oleiro, e todos nós obra das tuas mãos". (Is 64:8)

Foram necessários, no conto **O Encalhe**, sete dias para que nascesse a consciência, para que o homem tentasse li-

bertar-se, consciente de sua classe e em toda sua autenticidade, narrasse suas histórias de vida, brincasse como um menino, num micro-mundo, onde o código de valores é outro e no qual é dono de seus próprios passos.

Surge, portanto, este ser consciente, através de uma cortina de água, numa modelagem de barro, homem e água. Ele pisa, amassa, desliza numa luta incessante com o barro.

"O vapor subia do barro amassado, e quanto mais giravam mais aquilo virava uma cola vermelha, a esperança se enterrando".
(OEB : 10)

"... e vinte, depois trinta, depois quarenta homens empurraram, o motor rachando, e as rodas espirrando nas roupas pelas rodas de barro quente". (OEB : 11)

O homem veio do barro e retorna ao pó, esta idéia encontramos no texto bíblico e no **Encalhe**.

"Lembra-te de que me formaste como em barro, e queres agora reduzir-me a pó?" (Jó 10:9)

No encalhe, após os sete dias de um não-tempo, um hiato em suas vidas, retornam à realidade, ao pó, às suas estradas solitárias, seus caminhos de vida.

"Cada um montou no seu caminhão, cada caminhão com chapa do Brasil inteiro, e tocou cada um pro seu destino. De noite já teve poeira no **Encalhe dos 300**". (OEB : 22)

Há uma relação entre o discurso bíblico e o discurso literário; em ambos notamos um tempo de criação, na qual

não temos as formas definidas, aos poucos vão se delineando, para após sete dias termos o mundo com todas suas formas, águas e seres vivos, bem como um homem desperto para o mundo que o rodeia.

Domingos Pellegrini Júnior é, parafraseando Machado de Assis, "um homem do seu tempo". Sua literatura insere-se na realidade de um país do Terceiro Mundo, porém não deixa de estabelecer linhas intertextuais com alguns grandes escritores. Poderíamos estudar outras linhas, porém, no âmbito de nosso trabalho, de nossa formação e do tempo relativamente limitado, é o que poderíamos fazer.

Há diálogo com a literatura e a arte de maneira explícita tal como Chaplin, Cortázar e a Bíblia. E há um diálogo subterrâneo, de modo implícito que são as linhas oriundas de Guimarães Rosa e Drummond.

O intertexto implícito pode ser desconhecido do próprio autor, são as influências nascidas das leituras e, sobretudo, do amor por determinados escritores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- . ARRIGUCCI, Jr., David. O Escorpião Encalacrado. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- . ARROYO, Leonardo. A Cultura Popular em Grande Sertão: Verdades. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1984. 315p.
- . BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. Tradução de Yara Frateschi Vieira, São Paulo, HUCITEC, 1987. 419p.
- . BELOCK, Israel & ABREU ALVES, Alzira. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Florence Universitária, 2ºvol., 1984. 1802p.
- . BERGSON, Henri. O riso. Tradução de Nathanael C. Caixeiro, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.
- . BÍBLIA. Bíblia Vida Nova. Tradução de João Ferreira de Almeida, 9ª ed., São Paulo, 1988. 4280p.
- . CÂNDIDO, Antonio. Tese e Antítese. 3ª ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1978. 166p.
- . CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A.. Dicionário de los Símbolos. 2ª ed., Barcelona, Editorial Herder, 1988. 1107p.
- . CORTÁZAR, Júlio. Todos os fogos o fogo. Tradução de Glória Rodrigues, 3ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

- . COUTINHO, Afrânio. Guimarães Rosa. (Col. Fortuna Crítica), vol.6, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Instituto Nacional do Livro, 1983.
- . DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Carlos Drummond de Andrade - Obra Completa. 2ª ed., Rio de Janeiro, Com. José Aguilar Editora, 1967. 1068p.
- . E O vento levou: "Gone with the wind". FLEMING, V. (dir.), Metro Goldwen Meyer, 1939.
- . EM BUSCA do Ouro: "The Gold Rush". CHAPLIN, Charlie. (dir.) P & B, 1925.
- . KRISTEVA, Júlia. Introdução à Semanálise. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz, São Paulo, Perspectiva, 1974. 199p.
- . LINS LIMA, Ronaldo. "Um novo personagem: O Homem Violento". In: Encontros com a Civilização Brasileira, nº24, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- . MASSAUD, Moisés. Dicionário de Termos Literários. 4ª ed., São Paulo, Cultrix, 1985. 520p.
- . O CIRCO: "The Circus". CHAPLIN, Charlie. (dir.) P & B, 1928.
- . PASSOS, Cleusa R. Pinheiro. O outro modo de mirar. São Paulo, Martins Fontes, 1986. 175p.
- . PELLEGRINI, Jr., Domingos. O Homem Vermelho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. 122p.
- . PLATÃO. O Banquete. Tradução de Albertino Pinheiro. 2ª ed., São Paulo, Atena Editora, 1955. 123p.
- . ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 17ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. 568p.

- . SANTIAGO, Silviano. "Uma ferroada no peito do pé". In: Vale quanto pesa. São Paulo, Paz e Terra, 1982. 200p.
- . TEMPOS Modernos: "Modern Times". CHAPLIN, Charlie. (dir.), P & B, 1936.
- . TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O aspecto verbal no Português. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- . VERON, Eliseo. A Produção de Sentido. Tradução de Alceu Dias Lima, São Paulo, Cultrix, 1980. 238p.

CAPÍTULO II

2. RAÍZES POPULARES

Embora privilegiássemos o estudo intertextual com autores consagrados, avulta no texto de Domingos Pellegrini Júnior uma opção clara pelo popular. Por essa razão, tentaremos, nesse capítulo, fazer um estudo das raízes populares nos contos de O Homem Vermelho, raízes essas que poderão aparecer na oralidade, no uso das gírias e do palavrão, no uso de aforismos (modificados ou não) no emprego de canções populares.

Essa opção pelo popular na linguagem une-se a uma preocupação do autor com as classes oprimidas, protagonistas de todos os contos desta coletânea.

Pellegrini dessa forma nos remete àqueles autores que abriram caminho para que a linguagem fosse mais viva, menos fixada nos moldes europeus.

Com esse intuito renovador, há, no modernismo, a tendência de aproveitamento da linguagem popular, trazendo assim novo alento à literatura, música, cinema, teatro e artes.

O modernismo foi, portanto, o grande iniciador da incorporação do vocabulário da fala popular, até então um tanto excluída dos textos. Havia nessa incorporação de temas populares, falas regionais e crenças associadas à tradições uma ca-

minhada para o encontro da autêntica consciência nacional - popular para o país.

A cultura popular como manifestação de um segmento da sociedade é vista atualmente como parte de um processo histórico e social que vivifica essa sociedade e dá novo significado no presente .

Nossa intenção em detectar as raízes populares nos contos de Domingos Pellegrini Júnior se prende ao objetivo de, através de sua linguagem contaminada por uma diversidade de expressões-gírias, perceber as marcas de uma determinada época num intertexto social.

A preocupação, neste estudo não foi a de estudar em profundidade as expressões populares, sua origem, mas estudar esse elemento popular na narrativa de Domingos Pellegrini Júnior.

A seleção vocabular efetuada pelo autor no momento da criação, na escolha de determinada expressão, denota a sua preocupação ideológica. Ao optar pela linguagem com o uso frequente de frases-feitas, provérbios, gírias, percebemos que não é aleatoriamente que procede dessa forma, mas que há uma intencionalidade em captar palavras do coletivo, a fim de retratar fielmente a linguagem de uma camada da população da qual fazem parte seus personagens: caminhoneiros, camelôs, prostitutas, peões, bóias-frias, violeiros. Com esse recurso pretende dar força ao estilo, ou melhor, criar o seu estilo.

Extraímos dos textos o que para nós é expressivo

e significativo para o estudo das ressonâncias intertextuais com o popular.

Nos textos de Domingos Pellegrini Júnior temos aforismos, frases-feitas, provérbios, clichês, optamos por agrupá-los sob o nome único de aforismos.

Os aforismos aparecem em diversos contos do autor. Segundo André Jolles tanto apotegmas ou aforismos pertencem à disposição da locução, como exemplifica com a expressão "Estúpido como uma pedra", esclarecendo que não há preocupação em se definir algo,

"é uma situação determinada que a locução isola completamente e individualiza sob o modo de experiência". (JOLLES, 1930 : 143)

Massaud Moisés define aforismo como toda proposição concisa encerrando um saber medicinal baseado na experiência e que podia ser considerado norma ou verdade dogmática.

"O vocábulo, no decorrer dos tempos, estendeu-se a outros ramos de conhecimento, como as Leis, Política, a Agricultura e as Artes; desse alargamento resultou a sinonímia quase completa entre os vocábulos aforismo e máxima". (MASSAUD, 1985 : 14)

São palavras proferidas por alguém, numa determinada situação, é o discurso do povo permeando o do autor. Essas frases, em geral, traduzem experiências antigas e por isso apresentam uma certa fixidez de conteúdos. É do contraste criado entre essa fixidez de conteúdo e o novo contexto que advém a ex-

pressividade.

Lendo os contos de Domingos Pellegrini Júnior a cada passo deparamos com algo já visto, já lido, já ouvido - seriam as frases-feitas nomeadas por Massaud Moysés como aforismos. Listamos todos os aforismos encontrados no conto Reportagem e na peça teatral O Troco, sendo que explicamos somente alguns deles, os mais comuns não foram comentados.

"O ENCALHE DOS 300"

"... lenha seca não cai do céu..." (Oeb : 15)

- Variante: Lenha verde não cai do teto.

O que está verde conseqüentemente não pode cair.

(PUGLIESI, 1981 : 164)

"... puta curtida de muitos carnavais". (Oeb : 18)

- Indica experiência, velhice, muitos anos passados.

Remete-nos ao Livro "Tereza Batista cansada de guerra" de JORGE AMADO.

Percebemos que há algumas frases-feitas criadas e recriadas (variantes) pelo autor, mas perfeitamente reconhecíveis pelos leitores devido a entonação, ritmo e dose de humor.

"REPORTAGEM" (PELLEGRINI, 1977)

"... esmola demais o santo desconfia..." (R : 34)

- Esmola é uma pequena importância que se dá aos pobres por caridade, portanto dando demais, desconfia-se. No Brasil Central há uma variante: "Já ouvi falar que quando a esmola é grande demais o santo desconfia". (CABRAL, 1982)

"... o diabo e mais o que o diabo inventar com duas patas de cabra e cheiro de bode..." (R : 34)

"Mil e uma utilidades..." (R : 34)

"... pro cavaleiro não mostrar estrela de dia e a patroa estar sempre prevenida..." (R : 35)

- A fim de evitar surpresas.

"... mato a cobra e já vou mostrando o pau..." (R : 35)

- Punir o culpado e dizer os motivos da punição. Eu falo e provo, porque eu mato a cobra e mostro o pau.

"... não morde, nem arranha, não é bode de vidro, não é litro de fumaça, não é pipoca nem milho". (R : 37)

- Algo que é bom, não é falsificado.

"... um santo remédio para murchar berruga é apontar estrela ca
dente de dia..." (R : 38)

- Inversão da credence popular que diz que apontar o pa
ra uma estrela à noite, nasce uma berruga no dedo.

"... quem souber quantas costelas tem o jacaré..." (R : 39)

A peça teatral **O Troco** (Veja Anexo 08) contém maior número de aforismos do que o conto **Reportagem**. Acreditamos por ser o conto mais compacto, tenha ocorrido uma seleção do autor para as expressões populares mais fortes, sendo que três de delas estão presentes nos dois textos:

"O TROCO"

"... esmola demais o santo desconfia..." (OT : 1)

"... mil e uma utilidades..." (OT : 7)

"... não é bico de pato nem fundo de alfândega..." (OT : 1)

"... negócio de cobra e lagarto é do tempo que o pessoal vendia
dinheiro..." (OT : 7) (Veja Anexo 09)

- Variante: "Cobras e Lagartos" - injuriar, maldizer, vo
rar. (PUGLIESI, 1981 : 61)

"Quando Deus dá a farinha o diabo esconde o saco".. (OT : 9)

- Remete-nos a um no papo, outro no saco. Seria a providência de guardar para o futuro e aqui o diabo atrapalha.

(RIBEIRO, 1960 : 59)

"Terreiro onde tem galo, andorinha não comanda". (OT : 18)

- Onde há galo, não canta a galinha - autoridade no lar pertence ao marido.

"Noves fora nada". (OT : 11)

- Expressão que provém da matemática, indica conta exata, sem resto.

"... quem nada é peixe..." (OT : 12)

- Resposta a uma pergunta evasiva.

"... a corda sempre rebenta do lado mais fraco..." (OT : 14)

- Numa discussão entre patrão e empregado, ganha sempre o patrão.

"... e o diabo que o carregue..." (OT : 18)

- Forma imprecativa, oposta a Deus o salve!

Escafeder-se; destratar.. (PUGLIESI, 1981 : 86)

"Deixa eu escorar a caveira que ela vai rebolar". (OT : 22)

"A gente faz favor e olha o que ganha..." (OT : 26)

- Remete-nos a depois de comer, cuspir no prato. Origem árabe, significando ingratidão. (RIBEIRO, 1960 : 80)

"... apontar estrela cadente de dia é tiro e queda prá berruga...". (OT : 27)

"Mas dois e dois são quatro, quatro e quatro, oito; oito e oito, pode dizer quem souber, quantas costelas tem um jacaré".
(OT : 27)

"... uma andorinha só não faz janeiro..." (OT : 27)

- Expressão usada de outra forma: "uma andorinha só não faz verão".

"... quem trabalha de graça é relógio..." (OT : 31)

- Variante: nem relógio trabalha de graça, tudo tem seu preço. (PUGLIESI, 1981 : 258)

"... abrir a boca no mundo..." (OT : 34)

- Usada também a frase "por a boca no trombone" com o mesmo significado de se dizer o que pensa.

"... mas quem quer comer mingau tem que acender o fogo..."
(OT : 34)

- Necessidade de colaborar de alguma forma para comer de graça.

"NO ESTRALAR DA PIPOCA"

"... ninguém morre na véspera..." (NEP : 49)

- Variante: não se morrer na véspera, tudo tem seu tempo.
(PUGLIESI, 1981 : 299)

"A ÚLTIMA PEROBA"

"Patente que se enxerga não tira coturno com a tropa".(AUP : 59)

- Não deve haver intimidades entre superiores e subalternos, em prejuízo da autoridade.

"... estou vendendo o peixe do tamanho que me venderam".
(AUP : 68)

- Ser fiel ao fato ouvido que agora se está contando, ao contrário da afirmação de que quem conta um conto, aumenta um ponto.

"CARLITOS PERDEU A GRAÇA"

"... a maré não anda pra peixe". (CPG : 85)

- Atenção com as atitudes porque os tempos não são bons, não adianta remar contra a maré.

"A MAIOR PONTE DO MUNDO"

"Um eletricista trabalhar molhado é o mesmo que um bombeiro trabalhar pelado". (AMPM : 108)

- Denuncia a falta de segurança para os trabalhadores daquela obra e outras do país. No caso do eletricista, seria eletrocutado, e o bombeiro queimado.

Estabelecemos um glossário de palavras e expressões de cunho popular que perpassam todos os contos de O Homem Vermelho (1977). É essa intertextualidade que confere expressividade ao texto e é a marca maior do estilo de Domingos Pellegrini Júnior.

GLOSSÁRIO

Aí - Equivale a "então", usado como advérbio de tempo (PROENÇA, 1955 : 101) Comum no Nordeste. "Aí ela deu uma volta completa... Aí me encarou de novo..." "Aí a dona me agarra..." (AMPM : 102)

Afinando a mão - Expressão popular: jogar baralho em excesso.

"O tenente engordou muito, dormindo e afinando a mão no baralho..."

(p.47)

Apearam - Vocábulo português que no dialeto apresenta a particu-

laridade de envolver corretamente, a idéia de hospedar-se.

(AMADEU, 1982 : 89) "Apearam a gente numa praia, todo mundo caiu na água". (p.110)

O Arrastou ele - Forma popular. Pronome pessoal do caso reto com

função de objeto direto, fato generalizado pelas diversas

regiões do país. (AMADEU, 1982 : 75) "O rapaz arrastou ele e enfiou no banco de trás..." (p.34)

Apincha - Atirar, arremessar, lançar, jogar, alcançar. familiar

como pinchar. (AULETE, 1980 : 287) "Se alguém dissesse se apincha

aí no ar, o cara obedecia". (p.106)

Batente - Bras. no verbete batente - 8 Gíria. Trabalho efetivo

com o qual se ganha a vida. (FERREIRA, 1986 : 240) "... mas vai

continuar no batente porque aqui dessa ponte você só sai morto".

(p.108)

Berrugentas - Adj. Bras. Pop. Variante de verrugento. (FERREIRA,

1986 : 251) "... as feias, as berrugentas, as do peito murcho..."

(p.73)

Bicho - Bras. no verbete bicho - 13 Gíria. Tratamento cordial,

dado geralmente a pessoas íntimas, meu amigo, meu chapa.

(FERREIRA, 1986 : 254) "... trabalhava cantando, nem sei o nome que o **bicho** tinha..." (p.105)

Boca-dura - No verbete boca - 2. Reclamar, protestar. Interjeição. Bras. Duro de boca. (FERREIRA, 1986 : 266) Diz-se do equídeo que não obedece bem ao freio, obrigando o cavaleiro a usar a força; duro de queixo, sem medo! "Prenda esse **boca-dura**, soldado..." (p.46)

Bolota - Forma popular. Lama, empastada. (AULETE, 1980 : 507)

"... diluiu as **bolotas** de papel em redor do ônibus, porra, barro, água..." (p.20)

Bombada - Manobra de tirar água com a bomba. Bombeamento. Por extensão significa ter relações sexuais. (AULETE, 1986 : 509)

"Os homens tinham ordem de entupir a gente de bebida fazer cada um dar sua **bombada**, comer carne quente..." (p.103)

Branquelo - Sufixo "elo" - pejorativo. "E polaco azedo, dos **branque** los". (p.59)

Cadê - Forma popular interrogativa de "que é de?" equivale a: onde está? Usa-se quedê, no mesmo sentido. (MIRADOR, 1976:321)

"**Cadê** o mineiro cabo?" (p.58) "**Cadê** a ovelha?" (p.60)

Cadelo - Cadela. Desavergonhado, de comportamento muito censurável. (FERREIRA, 1986 : 310) "Veja lá dentro o tenente palitando os dentes, nesse jeito **cadelo** dele..." (p.45)

Cagaço - Bras. Chulo. Medo, susto. (FERREIRA, 1986 : 312) "... sozinho tem horas que a gente tem cagaço". (p.56)

Caganeira - Uso popular. Diarréia. (FERREIRA, 1986 : 312) "Alguns passaram o dia em febre e caganeira". (p.16)

Cagão - Forma popular. Homem medroso, covarde, poltrão, temido em excesso. (FERREIRA, 1986 : 312) "Por que esse puto não vai no dentista? Porque é cagão". (p.59)

Caralho - Interjeição popular - pênis. Designa indignação. (FERREIRA, 1986 : 347) "... e um caralho bem grosso se esparramou em seguida..." (p.21)

Catingava - Bras. Cheiro forte e desagradável. (FERREIRA, 1986:370) "Depois todo eletricitista deixou de tomar banho, a gente catingava". (p.107)

Catinguento - Bras. Que tem catinga, cheira mal, catingoso. (FERREIRA, 1986 : 370) "Alojamento de barrageiro é catinguento por isso..." (p.100)

Cutucava - Expressão popular. Tocar ligeiramente alguém com o dedo, o cotovelo, algum objeto. Variação cutucar. (FERREIRA, 1986 : 516) "Quando empoçava muito na coberta do Ford, alguém cutucava de baixo para cima..." (p.14)

Desagachou - No verbete agachar-se = abaixar-se + prefixo des. (FERREIRA, 1986 : 60) "Então ele no centro de todos desagachou com um

suspiro fundo ..." (p.22)

Dona - Referência a mulher cujo nome se desconhece - depreciativo - popular. (AMARAL, 1982 : 129) "E o motorista riu porque com chuva borrachudo não aparece, dona". (p.13) "Não é sangue não, dona, é óleo de camioneta". (p.34)

Embarreadas - De em + barro + ear. Bras. N.E.. Revestir ou tingir de barro. (FERREIRA, 1986 : 630) "... e foi lavando as raízes embarreadas". (p.15)

Embocava - No verbete embocar - 6. Bras. Pop. Entrar, abocar. (FERREIRA, 1986 : 631) "Mas a noite já embocava a tarde às cinco horas..." (p.16)

Embodocava - Bras. R.S. Curvar-se tomando a forma do arco do bodoque. (FERREIRA, 1986 : 631) "... e fico reparando, logo-logo já digo quem está embodocado quem não está..." (p.57)

Endurece o saco - Criação do autor com a popular palavra saco (testículos). "... e por prevenção e vício, endurece o saco e se agarra no banco". (p.38)

Enruguecidos - Neologismo. No verbete enrugado: - que se enrugou. (FERREIRA, 1986 : 659) Usado por analogia de envelhecida. "As gordas, as enruguecidas, as mais que amarguradas, vinde todas..." (p.73)

Feridenta - Bras. Cheio ou coberto de feridas. (FERREIRA, 1986:779)

"... fedem suor e curativos podres, braços engessados, pernas feridas tas". (p.40)

Foda-se - Derivado de foder. Chulo. (FERREIRA, 1986 : 792) "Não faz mal, ele falou, foda-se". (p.83)

Foguetada - No texto, excitada - afogueada (analogia com fogo)
 "... ela me olhando foguetada, mexendo a língua pra mim". (p.102)

Gelando o saco - Criação do autor com a popular palavra saco (testículos), gelar - sentir medo, pavor. "... o repórter gelando o saco é disparando o coração". (p.35)

Gente - Pronome indefinido da linguagem popular, e às vezes usado na primeira pessoa. Esta palavra surge vinte e duas vezes. "- é ou não é? - que a gente se uniu?" (p.22) "a gente acalca o dedo e fica branco". (p.55) "a gente tem cagaço". (p.56) "a gente saía do colégio e vinha pichando os muros". (p.83) "Aí a gente entrou na parte de estender fiação". (p.105) "Tem só mais cinco dias, gente, cinco dias!" (p.106)

Gosmento - Popular. Que tem consciência da gosma. Que esgarra muito. (FERREIRA, 1986 : 859) "... buraco, cacheta, escopa, vinte e um e sete e meio, com baralhos gosmentos e lamparinas no teto". (p.14)

Jagunçada - Horda de jagunços. (CABRAL, 1982) "... guerras de jagunçada com posseiros por aqui". (p.58)

Jagunço - Cangaceiro, capanga. Indivíduo geralmente criminoso, foragido, contratado para servir de guarda-costas políticos ou vivendo à sombra, ou ainda, homiziado em lugares onde o fanatismo religioso imperava. (CABRAL, 1982) "Já fui até jagunço, o senhor já deve ter ouvido falar". (p.58)

Livrinho - O diminutivo dá um tom pejorativo, alude depreciativamente ao livro. "Eu ando sempre com três ou quatro livrinhos na pasta, prá ver se passo adiante..." (p.79)

Maçarocou - Bras., Sul. Fazer maçaroca, emaranhar. (AULETE, 1980 : 2204) "... maçarocou na mão aquela bola, jogou nas gargalhadas". (p.17)

Magrelinho - No verbete magrelo - magrela. (FERREIRA, 1986 : 1065) acrescido do sufixo indicador de afeto, carinho. " ... e ela me apertando no meio das pernas e dizendo magrelinho, magrelinho;" (p.103)

Merda - Interjeição de decepção, desagrado, chateação, ira, revolta. Indica transtorno, coisa difícil. (AULETE), 1980 : 2239) "... merda de mosca". (p.59)

Momentinho - Sufixo "inho". Denota entonação típica de telefonista, misto de ironia e carinho. " - Um momentinho por favor - Alô Marilena?" (R:39)

Mosquitaiada - Regionalismo - aiada - expressão gauchesca. (BECHA

RA, 1982 : 333) "... e essa ~~mosquitaiada~~ ia me comer viva." (p.13)

Mordido - No verbete mordido - 3. Zangado, raivoso, furioso.

(FERREIRA, 1986 : 1159) "Fiquei meio ~~mordido~~, ainda mais porque um ca
ra me pisou no pé..." (p.80)

Moreninha - Sufixo "inha" índice de carinho. "... vi a mão do 50

Volts no outro joelho da minha ~~moreninha~~". (p.102)

Negão - Bras. Corrutela de negro, acrescida do aumentativo de

formação popular. (AULETE, 1980 : 2485) "eu dava o rabo, ~~negão~~".

(p.72)

Negócio - Bras. Pop. e Fam. no verbete 7 - Coisa, objeto, tro-

ço, trem. (FERREIRA, 1986 : 1187) "... ele voltou com o copo cheio
daquele ~~negócio~~ vermelho". (p.61)

Olhai - Sinalefa. - Olha + aí. "Olhai, forte que nem touro". (p.64)

Peitaria - Bras. Chulo. Seios volumosos. (FERREIRA, 1986 : 1295)

"... a ~~peitaria~~ pareceu pular pra fora". (p.102)

Perebenta - Bras. Que tem perebas. Lesão cutânea imprecisa - sar

na. R. S. Ferida de mau caráter, de crosta duríssima. (FER

REIRA, 1986 : 1307) "... a estrada mais ~~perebenta~~ do Brasil". (p.9)

Piando - No verbete 3 - Gíria. Falar, conversar. (FERREIRA,

1986 : 1324) "... e os homens ~~piando~~ no teu ouvido". (p.105)

Pinchei - Familiar. Atirar-se, lançar-se, o mesmo que apinchar.

(AULETE, 1980 : 2816) "Eu no primeiro tiro já pinchei no chão,"(p.66)

Pistoleira - Bras. Gíria. Piranha. (FERREIRA, 1986 : 1340)"... a pistoleira avisou: o tempo vai passando..." (p.19)

Porra - Bras. Chulo - Interjeição que exprime enfado, impaciência, desagrado. (FERREIRA, 1986 : 1368) " - Porra! Prá buscar rémédinho pro polaco tem jipe sempre às ordens". (p.58)

Prá - Registro da fala coloquial da forma "para a". "Faltava um mês pra inauguração". (p.104)

Praí - Sinalefa - para + aí. "Daqui aí é um pulo, vou praí". (p.47)

Prefeitinho - Sufixo "inho" - aqui indicando depreciação."porque nós é que não temos culpa se esses prefeitinhos não mandam empedrar os atoleiros;" (p.22)

Pretume - Bras. Pop. A cor preta, negrume, escuridão.(FERREIRA, 1986 : 1391) "... estava até com pretume na vista". (p.107)

Pro - Registro da fala coloquial da forma para o. "Toca pro Evangélico". (p.38)

Pua - Instrumento para furar, espécie de verruma a que se dá um movimento de rotação. Arco de pua; instrumento de carpintaria para abrir furos horizontais. Forma popular. Senta a pua! Crava a espora - Lema dos soldados da Aeronáutica - No Livro Senta a Pua de Rui Moreira Lima, o autor explica a origem do termo "senta a pua", que é da época em que ele

serviu na Base Aérea de Salvador em 1943/44. Surgiu no nordeste, neste período a gíria "senta a pua", utilizada para apressar motoristas nas viagens diárias Salvador-Ipitanga, ou vice-versa. // "Senta a pua" segundo Austregésilo de Athayde significa lançar-se sobre o inimigo com decisão, golpe de vista, e vontade de aniquilá-lo. Quem vai sentar a pua não tergiversa. Arremete de ferro em brasa e verurma o bruto. // O primeiro Grupo de Caça recebeu o nome de código com que iria operar até o fim da guerra: "Jambock" (o termo "Jambock" significa chicote, de couro de rinoceronte ou hipopótamo velho, utilizado como instrumento de tortura como escravos), quem assim o denominou pretendeu associá-lo a um chicote rasgando o céu. Esse grupo de caça usava a expressão "senta a pua", um grito que os encorajava a avançar, tomar decisões, ir em frente. Para os pilotos brasileiros esta expressão, era quase uma instrução de combate. "Hoje vou sentar a pua no vôo noturno". (LIMA, 1980 : 39)

"Senta a pua! número quatro, estás atrasado". (LIMA, 1980 : 39) O mesmo grito se repete em *A maior ponte do mundo*, um canto de guerra, açoita como um chicote e acelera os peões para o trabalho. "Mete a pua moçada, mete a pua que só tem mais três semanas". "Mete a pua que só tem mais quinze dias". "Mete a pua, pessoal, que só tem mais uma semana". (p.105)(AMPM)

Putaria - Chulo. Comportamento próprio de puto ou puta - porção de putas - puteiro. (FERREIRA, 1986 : 1420) "Delegacia e putaria.

Vai dando agonia". (p.73)

Puteiro - Chulo. Prostíbulo. (FERREIRA, 1986 : 1420) "E por que essa porra desta cidade não tem um puto dum puteiro?" (p.60)

Puto - Chulo. Indivíduo devasso, desonesto. (FERREIRA, 1986 : 1420)
"Era só esse puto dar a chave, pronto". (p.59)

Rachar o rabo - Rachar - Bras. Pop. Dissensão, rompimento. Rabo
Chulo - As nádegas ou o ânus. "... amanhã a gente dorme até ra-
char o rabo". (p.110) (FERREIRA, 1986 : 1442)

Rego - Verbete rego - 6. Bras. Marajó. Riacho alimentado por águas de chuva, em campo descoberto. (FERREIRA, 1986 : 1465)
"... falta escoamento prá água em cada rego de monte". (p.22)

Revistinhas - Diminutivo pejorativo, revistas ruins. "Um desenterrou do colchão umas revistinhas..." (p.16)

Sangueira - Bras. Pop. Grande quantidade de sangue. (FERREIRA, 1986 : 1546) "... ainda falam da sangueira do velho que chegou faz pouco". (p.40)

Sapeou - Verbete sapear - 1. Bras. Pop. Ficar olhando de fora, ou às ocultas. (FERREIRA, 1986 : 1550) "... e nisso a gente mais sapeou que ajudou..." (p.105)

Sebenta - Suja, imunda, ensebada, sebosa. (FERREIRA, 1986 : 1558)
"as folhas estavam sebentas e o limo das mãos tinham carnado a brancu
ra do papel..." (p.17)

Sindromatológico - Sintomatológico. Conhecimento e estudos dos sintomas que indicam estados patológicos. (FERREIRA, 1986:1592)
 Houve junção de síndrome + lógico. "... o chamado quadro sindromatológico, que vem a ser uma dor de cabeça..." (p.40)

Subaco - No verbete sovaco. Axilas. (FERREIRA, 1986 : 1616) "... a lata velha brecando, subaco entrando atrás de subaco..." (p.80)

Toró - Bras. MG e RJ. Chuvarada violenta, repentina, e, geralmente curta. (FERREIRA, 1986 : 1691) "Meio-dia em ponto o céu fechou um toró de duas horas despencou..." (p.15)

Zunzunzun - Voc. onomatopaico - Forma reforçada de Zunzun, boato. (FERREIRA, 1986 : 1808) "Aí era aquele zunzunzun". (p.106)

A presença do popular vai aparecer também no uso de uma canção e de uma oração católica.

No conto "Ay" o autor cita a popular canção mexicana Paloma, com isto contextualiza o conto como pertencendo não somente à Literatura Brasileira, mas à Literatura da América Latina.

A canção de Tomás Mendes, intercala frases e palavras em português, numa cadência musical, caracterizando através do linguajar descuidado o clima de cabaré.

"Ay, que luz mortiça, ay churrasquinho de lingüiça, cortinas de plástico, ay palavrões borrachos, hay que tenerse culhones..."

"Ay ay ay ay ay paloma, ay que boleros que tangos... cucurucucu paloma". (Ay : 71)

O conto enfoca tema típico de dramalhão mexicano, usando de estereótipos como a maternidade frustrada, a pobreza, a mulher sofrida.

Há um misto de dor e sofrimento na canção **Paloma** e no conto "Ay" que se expressa pela melodia, que intercala a narração:

"Que una Paloma triste
muy de mañana
Vay a cantar
A la casita sola
Con sus puertitas
De par en par
juran que esta Paloma
No es otra cosa más
que su alma
Que todavía espera
A que regrese la desdichada
Cucurucucu
Paloma!
Cucurucucu
Ñão llores"
(Tomás Mendes)

Percebemos em meio a intertextualidade da música com o conto "Ay", um trecho com a mesma entonação da oração popular "Salve Rainha" (Veja Anexo 04), ela tem sua origem ao final do primeiro milênio da Era Cristã; consta que Adhemar de Puy, ao partir para a primeira cruzada, em 1096, o adotou

como seu hino militar, pois ela aponta a proteção da Virgem.

Leão XIII, em seis de janeiro de 1884, incluiu a "Salve Rainha" nas chamadas Preces leoninas que os sacerdotes devem recitar ao final da missa.

Há também a música Salve-Rainha, uma das mais importantes antífonas da Igreja Latina. A composição se desenvolve no mais puro estilo dórico-clássico e sua popularidade se conservou até os tempos modernos, sendo numerosos os compositores que se utilizaram do "Salve" como tema inicial de referência. (ENCICLOPÉDIA, 1958 : 462).

O fragmento do conto "Ay" a que nos referimos é o seguinte:

E diga pra ela
que a espero gemendo
sofrendo e chorando
morrendo de amor! (Ay : 72)

A propósito da oração Salve Rainha em Grande Sertão: Veredas da mesma forma notamos fragmentos da prece popular:

"não que matem, uns aos outros, ver; mas, a pique de coisinha, o senhor pode entornar seu respeito, sobrar desmoralizado para sempre, neste vale de lágrimas". (GSV : 75)

Em Grandes Sertão: Veredas há uma referência à "Salve Rainha".

"Todo o mundo levou um susto: porque a salve-rainha é oração que não se pode partir em meio - em desde que de joelhos começada, tem de ter suas palavras seguidas até o tresfim".
(GSV : 209-210)

Os elementos identificados no presente conto nos fortalecem a idéia de que parece haver opção ideológica do autor pelo popular. Perguntamo-nos então o porquê. E encontramos mais de uma resposta. Pode-se dizer que é pela procura do realismo e da verossimilhança, pois suas personagens saem do povo e a linguagem delas deverá ser condizente com suas origens, transparecendo então um certo determinismo. E daí poderemos classificar a estética de Domingos Pellegrini Júnior no Naturalismo, a preocupação com um lado mais feio da vida, mais pobre e mais sujo.

A ação narrativa vai mostrar tragédias do cotidiano e quase sempre causadas, ou melhor desencadeadas, pela ação do meio social (degradante).

Tal como romance naturalista, o meio em Domingos Pellegrini Júnior é o de áreas miseráveis: bares, prostíbulos, estradas "perebentas", cinemas de bairros, onde se unem às misérias moral e física e a exploração do homem pelo homem. A intenção de nosso autor é, aparentemente, a de denúncia dessa exploração do homem pelo homem revelando-o (em alguns contos) como o resultado dessas forças sociais.

Com o uso do oral - sobretudo de expressões chulas e do palavrão, o autor parece extravasar uma raiva, um sentimento de frustração. Isso, no nosso entender, se ligaria à

época, à repressão política. Nesse uso, por vezes exacerbado, de palavrões, um pouco da raiva oculta, impedida de expressão, um pouco do silêncio guardado, agora expresso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- . AMARAL, Amadeu. O Dialeto Caipira. 4ª ed., São Paulo, HUCITEC, 1982.
- . AYALA, M. & AYALA, M.I.. Cultura Popular no Brasil. São Paulo, Ed. Ática, 1987.
- . BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982.
- . CABRAL, Tomé. Dicionário de Termos e Expressões Populares. Fortaleza, Edições U.F.C., 1982.
- . CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Edições de Ouro, 1972.
- . CASTRO, Nei Leandro. Universo e Vocabulário do Grande Sertão. 2ª ed., Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.
- . CUNHA, Celso. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo, Ed. Nacional, 1980.
- . DAVS, Ronald. O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do nordeste. Tradução de Rachel Teixeira Valença, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- . ENCICLOPÉDIA Universal Ilustrada Europeu-Americana. Madrid, Espaso-Calpe. 1958. vol.53, 462p.
- . FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Org.) Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

- . AULETE, Caldas. Hamilton Garcia (Org.) Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. 3ª ed., Rio de Janeiro, Editora Delta, 1980.
- . GRAMSCI, Antonio. Obras Escolhidas. Tradução de Manuel da Cruz, São Paulo, Martins Fontes, 1978. 421p.
- . JOLLES, André. Formas Simples. Tradução de Álvaro Cabral, São Paulo, Cultrix, 1930. 222p.
- . LIMA, Rui Moreira. Senta a Pua! Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Ed., 1980.
- . MASSAUD, M. Dicionário de termos Literários. 4ª ed., São Paulo, HUCITEC, 1982.
- . NASCENTES, Antenor. A gíria brasileira. Rio de Janeiro. Acadêmica, 1953.
- . PELLEGRINI, Jr., Domingos. O Homem Vermelho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- . PORTO-ALEGRE Apolinário. Popularium Sul-Riograndense. Porto Alegre, Ed. Universidade do Rio Grande do Sul, 1980.
- . PROENÇA, M. Cavalcanti. Roteiro de Macunaíma. São Paulo, 1955. 355p.
- . PUGLIESI, Márcio. Dicionário de Expressões Idiomáticas. São Paulo, Ed. Parma Ltda, 1981.
- . REGIS, Maria Helena de Camargo. "O Clichê na Poética de Manuel Bandeira". In: Travessia, nº3, Florianópolis, 1981. p.41-6.

CAPÍTULO III

3. O FAZER LITERÁRIO

O estudo dos textos originais e as reedições nos fornecem a evolução e história interna dos textos além de nos conduzir às intenções do autor. Ele acrescenta, suprime, reorienta o texto, opta por um tipo de linguagem popular, mais conciso, retifica um itinerário. Todo diálogo que mantém com seu texto, nos indica o investimento que faz em sua obra, amadurecendo e lapidando seu estilo e visão de mundo.

Nesse acompanhamento do fazer literário do autor, encontramos o conto "**O Encalhe dos 300**" em três publicações: em 1975 no Livro de Cabeceira do Homem, em 1977 no livro O Homem Vermelho, e em 1981 na edição do Círculo do Livro em O Homem Vermelho - Os Meninos.

Na primeira vez em que é publicado (1975) temos, no parágrafo final, uma síntese dos acontecimentos do encalhe.

Há referência apenas à natureza: a chegada do sol e o barro esfarelado.

"No dia seguinte o sol estalou, no meio-dia o barro já secava, no fim da tarde esfarelava em torrões". (OEa : 114)

Na edição de 1977, "**O Encalhe dos 300**" é o conto

de abertura de O Homem Vermelho. Ao rever seus textos o autor estabelece uma conversa intertextual; é o que observamos nesse conto, onde há maiores informações sobre o caminhoneiro e uma ênfase à solidão de cada homem, tornando o texto mais expressivo.

"No dia seguinte, o sol estalou, no meio-dia o barro já secava, no meio da tarde esfarelava em torrões. Cada um montou no seu caminhão, cada caminhão com Chapa do Brasil inteiro, e tocou cada um pro seu destino. De noite já teve poeira no Encalhe dos 300". (OEb : 22)

A propósito da alteração realizada no Encalhe dos 300 na edição do Círculo do Livro (OEc), houve um pronunciamento do autor em entrevista à Revista Visão (nº25 - 20 de junho de 1983) reportagem "Olhos Atentos". O trecho abaixo foi extraído da reportagem citada.

"A preocupação do autor de "O Encalhe dos Trezentos" em eliminar o 'ranço' político de suas obras está evidente na própria decisão de mudar o final desse conto, que ganhou o primeiro lugar num concurso nacional. 'Na primeira versão, eu prestava um tributo à esquerda, em que eu próprio me incluía: no sétimo dia de chuva, os camioneiros tomavam consciência dos problemas da categoria e decidiram unir-se para uma luta política por seus direitos'. 'Na versão atual, a chuva acaba, o sol vem, seca o barro e os caminhoneiros vão embora, cada um para o seu lado', explica Pellegrini".

Percebemos o quão revelante são as mudanças que Pellegrini estabelece, pois, mudam igualmente o ponto de vista

do autor perante o mundo. Essas alterações podem ser por acréscimo, supressão, troca ou inversão.

2ª Publicação (1977)(*)

"Ele então agachou e todos vieram vindo, lombada acima ou lombada abaixo, escorregando tombos sem nem um sorriso, caras de prisioneiros, no silêncio, lentos no fundo de um tanque entre peixes de ódio". (OEB : 21)

3ª Publicação (1981)(*)

"Ele então agachou e todos vieram vindo, lombada acima ou lombada abaixo, escorregando tombos sem nem um sorriso, caras de prisioneiros, cabelos mofados, as roupas úmidas, unhas de barro, saliva velha, no silêncio, lentos no fundo de um tanque entre peixes de ódio". (OEc : 21)

Na reedição, há o acréscimo de quatro substantivos e adjetivos para caracterizar os prisioneiros: "cabelos mofados", "roupas úmidas", "unhas de barro", "saliva velha".

Percebemos no trabalho intertextual restrito do autor que houve necessidade de uma maior qualificação do caminhoneiro; a princípio podem parecer mínimas, contudo, dão um outro ritmo à frase e um novo encadeamento não só a nível de linguagem, mas a nível da própria narrativa. O ritmo tornou-se mais lento e a ação ficou mais distanciada.

Na 2ª versão, "caras de prisioneiros, no silêncio" transmite-nos o estado forte de mudez no qual se encontravam os caminhoneiros cria uma expectativa desse silêncio, como

(*) A partir deste momento, serão comentadas a 2ª Publicação e a 3ª Publicação (1981) do conto "O Encalhe dos 300". (Os grifos são nossos).

se fosse um período intermediário, no qual as idéias permanecessem sem fermentando, para enfim renascere[m] na voz de um deles.

Fala do caminhoneiro- 2ª Publicação (1977).

Na segunda publicação:

"Em redor dele foram se agachando, e ele falou e outros falaram; que era mesmo uma merda, que era o barro que o diabo amassou, que não iam ganhar nem menos nem mais por sete dias de barro;

mas que doravante os ~~fretistas~~ deviam cobrar o frete por tempo e não por distância, e já desta vez não entregar a carga sem indenização de sete dias, sete noites;

e quatorze refeições os ~~fretistas~~ deviam cobrar das suas respectivas Transportadoras; todos juntos de maneira a todos engrossarem a voz;

e doravante fica por conta das Transportadoras, lá nos escritórios limpinhos delas, empenhar a palavra na entrega da carga no tempo xis ou ípsilon; porque eles motoristas não iam mais garantir nem o tempo nem a carga nessas estradas de merda;

porque nós é que não temos culpa se esses prefeitos não mandam empedrar os atoleiros; nem temos culpa se falta escoamento pra água em cada rego de monte;

nem vamos deixar de cobrar, nós ~~fretistas~~ proprietários, lavagem e lubrificação do nosso caminhão, porque é nosso e custou muita economia pra ficar apodrecendo em estrada miserável com uma riqueza ensacada em cima;

nem nós, ~~fretistas~~ de salário, vamos deixar de exigir um tempo maior entre saída e destino; e intervalo maior entre saída e saída;

e não garantimos mais carga nenhuma com sol ou sem sol;

porque de café só gostamos na xícara, nem requeitando nem frio nem ensacado a caminho de porto;

quem quiser mais garantia que pague seguro-prêmio ou vá lamber sabão." (OEB : 22)

Temos a fala do caminhoneiro em discurso direto, introduzido pelos operadores argumentativos representados pelos conectivos (mas, e, porque, nem). O primeiro "mas" já retifica a proposição negativa anterior de "que não iam ganhar nem menos nem mais por sete dias de barro", "mas que doravante..." sinali

zando para um clima de suspense. (OEB :21)

As outras falas são iniciadas por "e", "porque", "nem" como interligação de vozes, numa mesma cadência. Todos se expressando num "continuum" sem ponto final, a extravasar demoradamente as idéias, até então não verbalizadas. As falas ligadas e ininterruptas dão a impressão de uma enumeração quase caótica. Segundo Spitzer

"siendo caótica, debe más bien permanecer abierta, capaz de prolongarse hasta el infinito". (SPITZER, 1968 : 264)

O discurso reivindicatório dos caminhoneiros ininterrupto, marcado pelo pronome "nós", pelos matizes de sua linguagem ("gente", "nós frotistas", "ou vá lamber sabão") denota muita força, ao mesmo tempo que aproxima a narrativa do leitor.

Na versão mais recente Pellegrini faz significativas alterações quanto à fala do caminhoneiro, incorporando na sua linguagem a fala dos personagens e transmitindo apenas uma síntese do que pensam. O discurso absorvido pelo narrador é o seguinte:

3ª Publicação:

Na terceira publicação, o mesmo trecho:

"Em redor dele foram se agachando, e ele falou e outros falaram, que era mesmo uma merda, que era o barro que o diabo amassou; e lamentaram com suspiros tão fundos que pareciam subir do rabo, desde o tempo dos macacos e passando por todos os séculos; e lamuriaram e tornaram a xingar, maldisseram e enfim silenciaram".

(OEc : 21)

O novo texto, suprime a voz do caminhoneiro, pro vocando com isso a perda da força reivindicatória final e em contrapartida incluindo uma imagem forte que metaforiza toda a injustiça a afligi-los desde tempos imemoriais.

"... e lamentaram com suspiros tão fundos que pareciam subir do rabo, desde o tempo dos macacos e passando por todos os séculos", (OEc : 21)

Na 2ª versão, temos um texto descritivo, discurso indireto e os verbos no pretérito imperfeito.

2ª Publicação (1977)

"... então agora esse atoleiro até que teve serventia, porque é a primeira vez é ou não é? - que a gente está unido". (OEb : 22)

3ª Publicação (1981)

"... então até que aquele aquele atoleiro tinha serventia, por que era a primeira vez - era ou não era? - que eles se uniam, era a primeira vez que eles estavam unidos". (OEc : 21)

Segundo Kate Hamburger

"na proposição e na fala é o verbo que decide "o modo de ser das pessoas e das coisas, que indica sua posição no tempo e conseqüentemente, na realidade, que afirma a sua existência ou inexistência presente, passada ou potencial". (HAMBURGER, 1975:45)

Temos na primeira publicação o mundo comentado; índice dessa nossa afirmação é o verbo no pretérito perfeito e no presente. O verbo, apesar de se apresentar no pretérito per-

feito, exprime uma ação presente, reforçada pelo advérbio de tempo "agora", que o antecede e marca a presença implícita do narrador. Há outros determinantes que acrescentados, fixam o sentido de presentificação de ação; é o pronome esse, que surge com valor de possessivo, como se o atoleiro pertencesse a eles. Outro elemento é a expressão "a gente", possui um sentido próximo "nós"; "na gente" faz referência ao grupo de caminhoneiro, no qual se inclui o locutor, líder dos homens.

Na segunda publicação a forma verbal no pretérito imperfeito, "tinha" e "era", dá mais vagueza e imprecisão à ação, bem como a alteração de outros fatores reforçam essa idéia: a eliminação do dêitico "agora", a troca de esse por aquela, e a substituição de "a gente" por "eles", causando um afastamento da situação.

Outro detalhe importante quanto à troca de palavras de uma versão para outra:

2ª Publicação

"... motorista é uma classe desgrada, um sai enquanto outro volta..." (OEb : 22)

3ª Publicação

"... motorista é uma raça desgrada, um sai enquanto outro volta..." (OEc : 21)

Na primeira publicação o caminhoneiro é classe, ou seja, categoria de cidadãos baseada nas distinções de ordem social. Esta referência nos remete à idéia de organização sindical, lideranças e reivindicações. Já no outro texto a palavra

"raça", sugere ascendência subespécie, diferenciando os dois textos.

Observemos como ocorrem outras articulações com as últimas frases dos contos.

2ª Publicação

"Então ele no centro de todos desagachou com um suspiro fundo, procurou um palmo prá cuspir e depois falou bem devagar". (OEb : 22)

3ª Publicação

"Então um deles, um que sete dias só tinha falado besteira, um que ninguém dava nada, '... desagachou com um suspiro fundo, procurou um palmo prá cuspir e só achou lama, e então falou bem devagar'". (OEc : 21)

Temos o fato consumado no ato de cuspir no primeiro texto, algo decidido, realizado. O início da fala do caminhoneiro é antecedido de ações firmes e seguras.

No outro texto, temos a sensação da não realização do "cuspir", do ato indeciso de encontrar a lama e se surpreender.

Houve na terceira publicação o acréscimo de um parágrafo à narrativa, introduzindo uma conversa entre os caminhoneiros detalhando mais o momento de conscientização.

2ª Publicação

"... é a primeira vez que a gente está unido.

No dia seguinte o sol estalou, no meio da tarde esfarelava

3ª Publicação

"... era a primeira vez que eles estavam unidos.

E pela primeira vez começaram a conversar fora de mesa de

em torrões. Cada um montou no seu caminhão..." (OEb : 22)

almoço, e as estrelas então foram aparecendo".

E no dia seguinte o sol estalou no meio-dia o barro já secava, no meio da tarde esfarelava em torrões.

Então cada um montou no seu caminhão... (OEc : 21)

O período é introduzido pela conjunção coordenativa, dando idéia de continuidade à ação que se configura melhor na última frase com o termo "então": "Então cada um montou no caminhão..." (OEc : 21)

Foi possível perceber o percurso do autor, a necessidade de atualizar seu texto, no sentido de subverter a ordem primeira, de renovar e lhe dar nova expressão artística, fruto do trabalho intertextual.

"REPORTAGEM" e "O TROCO"

Dentro do nosso estudo da intertextualidade restrita, rastreando os textos do autor, deparamo-nos com a peça teatral "O Troco" (*) (1968) (Veja Anexo 08) que remete ao conto "Reportagem" do Livro O Homem Vermelho (1977).

A peça foi encenada, na época, em cinco cidades: Curitiba, Londrina, Campo Mourão, Belo Horizonte e São Paulo.

A publicação da peça ocorre quando de sua encena

(*) A peça teatral "O Troco" será identificada nas citações de forma abreviada (OT, seguido da página referida).

ção, portanto data de 1968. Somente em 1978 foi divulgada numa impressão mimeografada.

O **Troco** retrata a opressão exercida pelo sistema vigente sobre o camelô José Alves, conhecido como Zé Passarinho. Ele luta a favor dos direitos do sorveteiro que se vê ameaçado de perder seu "ponto"; orienta-o a não dar mais troco aos cobradores de ônibus. Arma-se a confusão em torno do assunto e são envolvidos os cobradores de ônibus, os donos da barraca, o camelô, o povo, o sorveteiro, resultando na prisão do camelô e conseqüente vitória da força.

O conto **Reportagem** trata do mesmo tema: marginalização do camelô perante a sociedade. Os fatos, o número de personagens e a ação são ordenados diferentemente. Nossa tentativa é estabelecer uma leitura intertextual, com o objetivo de perceber o trajeto do autor em seu trabalho de reescrita do próprio texto.

Sendo o conto **Reportagem** posterior à peça **O Troco**, pareceu-nos importante fazer um estudo comparativo focado na fala do camelô que se torna mais marcante nessa caminhada.

Ela apresenta alterações a nível sintático, inversão de elementos e em outras vezes transformação total dos enunciados.

Peça: "O TROCO"

Bom dia, seu Zé, bom dia Dona Maria. Vamos chegando que é uma oferta da China. Esmola demais o santo desconfia, mas eu posso trazer aos senhores esta oferta na qualidade de representante do comércio desonerado de impostos, de INPS, de Fundo de Garantia, aluguel, iluminação, água, etc., pois quem não paga tudo isso não vai precisar descontar preço e por isso este seu criado: José Alves, Zé Passarinho, às suas ordens pode oferecer quase a preço de custo esta oferta: o cavalheiro ou a senhora leva um canivete, uma correntinha de ouro, não é bico de pato nem fundo de alfândega, e mais ainda, um calendário, um agulheiro com doze agulhas e doze botões, um descascador de batatas e mais uma nota de mil... tudo por quinhentos!... (OT : 1)

Conto: "REPORTAGEM"

Bom dia, seo Zé, bom dia Dona Maria, vamos chegando que é uma oferta da China se a China fosse aqui, esmola demais o santo desconfia mas eu posso trazer essa oferta na qualidade de Comerciante livre de imposto, INPS, Fundo de Garantia, aluguel, luz, água, o diabo e mais o que o diabo inventar com duas patas de cabra e cheiro de bode; pois quem não tem despesa pode abaixar o preço, por isso aqui este seu criado pode oferecer praticamente a preço de custo este autêntico saco de mil e uma utilidades o cavalheiro ou a senhora leva um canivete de aço inoxidável, uma correntinha de puro ouro benzida no Domingo de Ramos em Aparecida do Norte - não é bico de pato nem fundo de alfândega, não tem engano nem erro que o ar sai pelo nariz e a água sai pelo cano e mais ainda um calendário com os dias da semana do mês e do ano e o santo de cada dia; um agulheiro com doze agulhas e doze botões que é pro cavalheiro não mostrar estrela de dia e a patroa estar sempre prevenida, além de um descascador de batatas maravilha da cozinha, descasca, tira caruncho e enfeita a batatinha; e ainda um pio de imitar passarinho de toda raça e qualidade, imita curió macho e imita curió fêmea, imita cuco e chopi, coruja e bem-te-vi, sabiá, quando esta alegre e rolinha, quando esta triste, tudo pelo preço de um canivete, vamos chegando e levando este autêntico saco de utilidades... (R : 34-35) (Grifo Nosso)

Os grifos utilizados nas citações indicam os acréscimos que surgem no conto "Reportagem".

O trecho grifado está presente na peça teatral, somente deslocado, na penúltima fala do camêlo, ocorrendo uma nova organização textual, mas sem alteração semântica.

Relação das modificações significativas ao nosso trabalho:

"... se não soubessem que uma grave crise está se abatendo sobre a indústria nacional". (OT : 2)

"se já não desconfiassem que uma grande crise está se abatendo sobre a indústria nacional". (R : 36)

"e esse aço está sobrando". (OT : 2)

"e esse aço está sobrando na economia do país". (R : 36)

"não temos como exportar nem temos como usar este aço, e isso está trazendo, ou melhor está acarretando um enorme prejuízo à nação". (OT : 2)

"por quê? porque não temos como exportar nem como utilizar esse aço, dilema que está trazendo, meus senhores ou está acarretando um portentoso prejuízo para as finanças nacionais".
(R : 36)

"Aliás, a solução mais fácil era fazer a Usina de Volta Redonda trabalhar só duas horas por dia, mas com isso milhares de operários ficariam na rua da amargura, com seus salários reduzidos, cidadãos, e o governo se preocupa, tanto que preferiu outra solução: apelou às indústrias para que produzam mais mercadorias de aço, mas aconteceu que o comércio não tem conseguido vender toda essa mercadoria, e é por isso que milhares de representantes exclusivos como este seu criado, estão saindo às ruas, às praças, para oferecer esse produto a preço de custo, como por exemplo, este canivete de aço inoxidável..." (OT : 2)

"... visto que a Usina de Volta Redonda não para de fabricar aço simples ou composto, refilado ou trefilado, inoxidável ou ferruginoso, aço de toda formato, categoria ou qualidade, de modo que o prejuízo não para de aumentar, sendo que a solução mais fácil, senhoras e senhores, era lotar a usina funcionando

só duas horas por dia, só dois dias por semana descontando os feriados, mas milhares de operários iam cair na Rua da Amargura e o governo se preocupa, tanto que os altos mistérios se reuniram até achar outra solução: apelando ao patriotismo das indústrias do Brasil, para que se fabrique mais mercadoria de aço, desde o urinol até o canivete, desde o navio até agulha, até caneta de aço já vão lançar no mercado, mas acontece cidadãos, que o comércio não dá conta de vender tanta mercadoria de puro aço brasileiro, aço verde-amarelo que os gringos querem comprar a preço de banana, mas nós não vamos entregar, não vamos entregar porque milhares de representantes como este seu criado foram escalados para sair às ruas, com autorização do governo e apoio moral, oferecendo produtos de aço a preço de custo, como por exemplo temos hoje aqui este canivete de puro aço inoxidável". (R : 36)

Houve uma substituição significativa nas expressões e palavras sinônimas surgindo uma linguagem mais elaborada apesar de se tratar da fala do camelô.

"O TROCO"

"... se não soubessem..." (OT : 2)

"... uma grave crise..." (OT : 2)

"... e esse aço está sobrando..."
(OT : 2)

"... acarretando um enorme prejuízo para a nação..." (OT : 2)

"Não temos como exportar nem temos como usar este aço, e isso está acarretando trazendo, ou melhor está acarretando um enorme prejuízo à nação". (OT : 2)

"apelou às indústrias..."
(OT : 2)

"REPORTAGEM"

"... se já não desconfiassem..."
(R : 36)

"... uma grande crise..." (R : 36)

"... e esse aço está sobrando na economia do país". (R : 36)

"... acarretando um portentoso prejuízo para as finanças nacionais..." (R : 36)

"por quê não temos como exportar nem como utilizar esse aço, dilema que está trazendo, meus senhores ou está acarretando um portentoso prejuízo para as finanças nacionais". (R : 36)

"apelando ao patriotismo das indústrias do Brasil". (R : 36)

Há um dado importante a observar neste trecho, no conto "Reportagem" com a introdução da pergunta por quê?

"... e esse aço está sobrando na economia do país - por quê? porque não temos como exportar nem como utilizar esse aço".

aproximando mais a voz do camelô, e introduzindo a voz crítica do autor estabelecendo um diálogo direto com o leitor, numa crítica social ao sistema vigente; camelô figura a quem tudo é permitido dizer, pela sua própria situação de marginalizado e sem voz ativa. Ele inicia a sua fala carregada de expressões populares, aforismos que se entrelaçam no texto como vozes, sendo que captamos em seu discurso momentos expressivos alheios (reticências, interrogação, exclamação) que de uma maneira ou de outra se misturam com a do autor, numa polifonia textual.. (BAKHTIN, 1988 : 120)

Percebemos na peça algumas sementes que são reenviadas ao conto "Reportagem": são as idéias de atropelamento e a presença do repórter.

"Sorveteiro - Mas você tentou e nem conseguiu abrir a roda...

Zé - Eu abro uma roda quando eu quero, companheiro, está ouvindo? Quando eu quero! O Zé Passarinho aqui graças a Deus sabe abrir uma roda, até do lado de um incêncio! Ora, companheiro, já vendi até dinheiro, nesta vida!... E nove fora, hoje é sábado, começo de mês...

Sorveteiro - Não acho que dê certo, não.

Zé - "Não acho que dê certo não". Vai pensando se quiser...
Daqui a pouco é hora. E eu tenho, confiança no meu bico,

companheiro, já cheguei a fazer roda de duzentas pessoas!..."

Mulher - Só se foi atropelamento..." (OT : 21)

Este fato citado em **O Troco** é o tema principal do conto **Reportagem** que narra o atropelamento de um camêlo e sua conseqüente morte.

"De longe viu a roda de gente, a camioneta na calçada e o carro atravessando na rua, comandou:" (R : 33)

"... - Foi camêlo que atropelaram?" (R : 33)

Camêlo, meio velhote, uns cinquenta anos, jeito de nortista, os curiosos vão informando..." (R : 33)

A cena do povo circundando o local do atropelamento com os canivetes pelo chão, já anunciada no texto anterior.

Isto também ocorre com a figura do jornalista na peça teatral. Surge o repórter no momento da confusão, da tragédia, é ele que registra o fato, não é o autor; é o repórter e a notícia enfatizando o jornalismo dos anos 70.

"Patrão - Ora, meu filho, foto para quê?..."

Zé - Primeira página, primeira página: Inocente de crime nenhum preso por isso mesmo."

Patrão - Não está acontecendo nada, meu filho!... Pra que repórter?

Zé - Repórter não! Jornalista, jornalista..." (OT : 48)

No conto **Reportagem** a idéia de correr atrás da notícia é uma constante e ponto forte da narrativa:

"Frangote de cara lisa, estourando espinhas, mas repórter daquele tipo antigo, de correr atrás da notícia e exigir satisfação". (R : 33)

"O repórter está rodeado, o sorveteiro e o pipoqueiro con tam ao mesmo tempo". (R : 34)

Percebemos que ao reescrever a peça teatral "**O Troco**" para o conto **Reportagem**, temos mais concisão, maior concentração de efeitos. A peça é apresentada com diálogos longos, mais frases feitas e clichês, maior número de personagens, maiores detalhes às cenas. O conto quebra esta linearidade introduzindo múltiplos planos imbricados, numa técnica que liga as partes do contraponto. A forma como se desenvolve o tema é contrapontual (*) pois há encadeamento entre um bloco e outro.

No primeiro bloco, a última palavra é camelô. O outro bloco apresenta a fala do camelô. Então a personagem "ca-melô" já é antecipada pela comparação metafórica "como roceiros em volta de um camelô". (R : 34)

Temos a ligação com a primeira fala do camelô:

(*) Contraponto em música, é a arte de combinar melodias. Em literatura, é a arte e a técnica de por em jogo, uns contra os outros, temas ou enredos, personagens, de caráter oposto ou complementar. É o método segundo o qual se desenvolve e equilibra um tema dum romance em relação a outro tema pode dizer-se contrapontual e constitui um genero de contraponto. (SHAW, 1978 :121)

"Bom-dia, seo Zé, bom-dia, dona Maria, vamos chegando que é uma oferta da China..." (R : 34)

Percebemos que o autor estabelece ligações entre os blocos e faz antecipações. Do primeiro para o segundo a palavra camelô. Do segundo para o terceiro é a palavra saco; primeiro em sentido literal e depois metafórico.

"... chegando e levando este autêntico saco de utilidades..." (R : 35)

"... o repórter endurece o saco". (R : 38)

A palavra canivete da mesma forma é citada antes do camelô iniciar o seu discurso anunciando-o:

"O motorista pergunta se ele pegou o canivete". (R : 35)

estabelecendo ligação com o período seguinte:

"Francisco Alves dos Santos, minhas senhoras e meus senhores, representante exclusivo das Indústrias Metax, canivetes de aço inoxidável". (R : 35)

Prosseguindo o encadeamento do assunto, a idéia de multidão já é prevista, bem como ocorreu com os canivetes:

"O fotógrafo já chegou, subiu num tambor de lixo para enquadrar a multidão rodeando a camioneta". (R : 38)

"Mas vejam os senhores que bastou este seu criado ficar apontando o céu e já parou meia dúzia prá saber o que foi, o que não foi;..." (R : 38)

A ação prossegue como uma melodia se contrapondo:

"O repórter enfia a cabeça no guichê: lá dentro um funcionário datilografa, uma enfermeira mexe papéis. Ele faz cara de aflito, como se fosse um parente." (R : 39)

Numa complementação desse pensamento entra a fala do camelô que é irônica.

"Mas não estamos aqui para fazer os amigos perderem seu tempo precioso, estamos aqui a serviço do Ministério da saúde, minha gente..." (R : 39-40)

Percebemos que além da técnica de contraponto, espaço e tempo são articulados simultaneamente; a fala do camelô acompanha o ritmo de sua vida que vai se esvaziando, sempre finalizada por reticências, indicando uma expressão incompleta do pensamento; usando o refrão das ervas que curam tudo mas não o salvam da morte:

"... arnica-do-mato, caçau, mururé, cipó-cabeludo, agoniada, barbatimão, velame-do-campo, sassafrás, trombeta, paribaroba..." (R : 41)

O último discurso do conto *Reportagem* apresenta uma explosão de ervas medicinais numa enumeração caótica que funde diversos elementos, "el estilo bazar" (SPITZER, 1968 : 259)

engloba-os numa aparente desordem, que vai refletir de forma expressiva o coletivo e finaliza pelo ponto final, índice de sua morte.

"... passiflora, baúna, guaco, baroa, cataúba, ipecacuanha ve-tiver, catuaba, abutua; caraguatá, erva-de-bico, aperta-rua, uva-do-mato, canela-preta, boldo, tinguaciba, tapericá, assa-peixe, cavalinha, salsaparrilha e carobinha". (R : 41)

No conto o narrador não confere o mesmo tom de charlatanice e a mesma força persuasiva do camelô de **O Troco**. O que permite esta afirmação é uma crônica publicada pelo autor na Folha de Londrina de 20 de janeiro de 1971, após a criação da peça teatral e antes da elaboração do conto **Reportagem**.

A crônica "**Camelô, o Folclórico Marginal**" (Veja Anexo 09), narra a história verídica de um camelô que residiu em Londrina. O autor baseado em dados reais, em casos narrados, na sua busca pela notícia publicou em 69-70-71 no jornal "a Folha de Londrina", além dessa história muitas outras de pessoas do povo.

Nessa crônica sobre o camelô, o autor diferencia os diversos tipos de vendedores ambulantes, e na tipificação percebemos pelos exemplos fornecidos no texto que o autor eliminou do personagem camelô do conto **Reportagem** o caráter mistificador e de enganação do seu discurso.

Vejamos como ocorrem as mudanças na construção do personagem camelô.

Na crônica o autor narra o seguinte:

"Na rua Maranhão, há oito anos um camelô de São Paulo abriu a roda e alardeou que ia mostrar "a Cobra Catarina e o Lagarto Bernardão, ele equilibrando um charuto, na ponta do rabo e ela de vestido saco". Anunciou também que a cobra e o lagarto iriam brigar e que estava mesmo disposto a até perder um dos dois na luta, porque hoje eu quero ver qual é o melhor! Mas, antes, pediu ao público que comprasse descascadores de batatas até compensar o preço da cobra ou do lagarto. A roda aumentou e o povo comprando e enquanto o camelô aumentava a expectativa narrando como a cobra e o lagarto já tinham tentado brigar diversas vezes. E o povo comprando. A quantia estipulada foi ultrapassada mas ninguém notou. Até que começaram a reclamar, e o camelô prometia que iria abrir as duas malas e promover a briga se vendesse mais alguns descascadores. Quando os descascadores acabaram, ele explicou rapidamente que tinha que vender de qualquer maneira para viver, e que não havia cobra nem lagarto nas malas.

O povo o tentou linchar. Refugiado num bar, só saiu em segurança acompanhado por policiais, e para a cadeia".

(PELLEGRINI, 1971)

Na peça teatral **O Troco** percebemos que há presença desse camelô "marreta" que vende produtos que decepcionam; apesar de que tanto na peça teatral quanto no conto, venderam o mesmo produto, canivete. Prendemo-nos à entonação do camelô quando fala em **O Troco**:

"Zé - (Desabafando) Eu vendo a minha moamba no meio da rua mas trabalho como qualquer um, e se não conseguisse vender ninguém se incomodava. Se incomodam é porque vendo, vendo até relógio parado e o trouxa cai achando muito bom. Tudo porcaria. Mas o povo compra. E eu estou errado? Não ensinei o povo comprar porcaria:" (OT : 17-18)

Já no conto **Reportagem**, o camelô faz referência ao fato mas afirma que o seu produto é bom.

"Não tem cobra Catarina equilibrando o charuto na ponta do rabo nem tem lagarto Bernardão dançando tango de boné e gravata..." (R : 39)

As alterações ocorridas na reescrita da peça teatral e em mais dois textos, na crônica "**Camelô, o folclórico marginal**" e no conto **Reportagem** não se deram no nível semântico. Houve inversão de elementos e dados reais foram acrescentados. Detalhes encontrados na fala inicial do Camelô são inseridos na peça teatral noutra fala e noutra fala sem contudo alterar o sentido, num diálogo intertextual intenso.

Foi importante observar o trabalho intertextual, porque o que permanece pulsando nos dois textos é o que está subentendido, a injustiça que recai tanto sobre Zé Passarinho, que vai preso, porque diz a verdade, e luta por seus direitos, quanto Francisco Alves dos Santos, que morre vítima da precariedade da medicina social, do egoísmo, da indiferença do sistema.

Uma das condições da intertextualidade é que as obras permitam o diálogo e peçam para ser prosseguidas (PERRONE & MOYSÉS, 1979 : 217), vemos que as modificações sofridas pelos dois contos **O Encalhe dos 300** e **Reportagem**, indicam essa permutação de textos e mostram os novos rumos que o autor busca para seus textos, demonstram que a sua visão de mundo está se firmando aos poucos, na feitura dos próprios textos, como ele próprio afirma:

"... e então vou superando as dúvidas para depois afirmar na literatura, senão certezas, pelo menos uma certa firmeza de posturas, uma certa coerência ideológica, uma visão do mundo mais 'sólida, embora sempre dinâmica'. (BULIK, 1978)

Ao efetuar mudanças, transformar os textos o autor responde à exigência dos próprios tempos, uma época onde tudo se transforma, o que nos leva a pensar que somos "metamorfozes ambulantes". (Veja Anexo 10)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- . BULIK, Linda. "Em busca de uma literatura poética sensual e crítica". In: Folha de Londrina, 20/jan., 1978.
- . HAMBURGER, Kate. "A narração ficcional e seus caracteres". In: A lógica da criação literária. Tradução de Margot. P. Malnic, São Paulo, Perspectiva, Coleção Estudos - 14, 1975.
- . PELLEGRINI, Domingos Júnior. O Troco. Cecut/Sutet, 1968.
- . _____. Camelô, o Folclórico Marginal. Folha de Londrina, 21/jan., cad.2, p.1, 1971.
- . _____. "Reportagem". In: O Homem Vermelho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- . _____. "O Encalhe dos 300". In: Livro de Cabeceira do Homem, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- . _____. "O Encalhe dos 300". In: O Homem Vermelho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- . _____. "O Encalhe dos 300". In: O Homem Vermelho - Os Meninos, São Paulo, Círculo do Livro, 1981.
- . PERRONE - Moysés, Leila. "A intertextualidade crítica". Poétique, Tradução de Clara Crabbé Rocha, Coimbra, Livraria Almedina, 1979.
- . SEIXAS, Raul. Metamorfose Ambulante.

- . SHAW, Harry. Dicionário de Termos Literários. Tradução e adaptação de Cardigos dos Reis, Lisboa, Dom Quixote, 1978.
- . SPITZER, Léo. "La enumeracion Caótica em la Poesia Moderna". In: Lingüística e História Literária, Madrid, Editorial Cre dos, 1968.
- . REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina. Dicionário de Narratologia. Coimbra, Livraria Almedina, 1987.
- . RODRIGUES LAPA, M. Estilística da Língua Portuguesa. 8ª ed., Coimbra, Editora Ltda, 1975.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho pretendeu acompanhar o autor, seus textos e sua caminhada até o livro de contos O Homem Vermelho, executando dentre as leituras possíveis, uma leitura intertextual e através dela identificar sua visão de mundo.

Procuramos estabelecer diálogos intertextuais com a literatura, relacionando Júlio Cortázar, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e trechos bíblicos, todos num entrelaçamento de vozes, ritmos que nos apontaram para o diálogo com o popular que perpassa por todos os contos como a tônica maior. Este popular é perceptível não só no diálogo direto dos personagens, mas também na linguagem narrativa, na linguagem do autor - personagem ou do personagem-narrador.

Todos os elementos que se entrecruzaram nos fizeram perceber o quanto os discursos são contaminados, impregnados de valorações das vivências e preferências do autor, na verdade, "todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto" (KRISTEVA, 1974 : 64) e o autor ao escrever, se remete a outros textos lidos, reescrevendo-os.

Há em alguns contos, fortes marcas da terra vermelha onde mora o autor, de traços regionalistas como em "O Encalhe dos 300" e "No estralar da pipoca", no entanto, em ambos

os textos, o autor extrapola o regional e tende para o universal. Isso se prova na comparação com Cortázar.

Já em "A maior ponte do mundo", notamos o documental, a impregnação do jornalismo na entrevista, na coleta de dados e na recriação da história; mostra o eletricitista e seu trabalho no término da construção da ponte Rio-Niterói, o sofrimento pela pressão dos guarda-costas das Companhias e a frustração em ver o produto de seu trabalho, a ponte concluída, somente através de revistas...

Estes fatos fazem com que Antonio Hohlfeldt ao ler os contos, lembre-se dos estudos que Karl Marx realizou à respeito da exploração do homem pelo homem.

"Dói como uma tortura a tortura das reflexões do personagens-narrador de "A maior ponte do mundo"." (HOHLFELDT, 1979)

"... era solteiro, não pensava em nada, a vida era uma coisa sem fim e sem começo, eu achava que ser barrageiro era uma grande coisa. Só pensava assinar um papel nunca esquecer de ter sempre um capacete na cabeça, bota de borracha no pé e o resto a Companhia dizia o que eu devia fazer. Terminando uma barragem, me mandaram prá outra e a vida ia sendo uma coisa sem fim nem começo". (AMPM : 99)

"Não há dúvidas de que, daqui a alguns anos, este conto de Domingos Pellegrini Júnior, será um clássico quando quisermos retratar os famigerados anos de arrocho trabalhista e desenvolvimentismo anedótico que nosso país tem vivido nos quinze anos mais recentes". (HOHLFELDT, 1979)

Há na maioria dos contos de Pellegrini a denúncia de uma situação opressora. A problemática social do homem se presentifica em cada frase, em cada termo novo, na sua escolha por uma linguagem ágil e dinâmica, assim como pela sua opção pelo elemento popular com uma narrativa que através do trabalho do autor recria o oral.

A fatia do real, o micro-mundo que o autor focaliza é o dos oprimidos e dos humilhados e ele os vê com simpatia, todos no seu trabalho, no seu dia-a-dia ao mesmo tempo em que tece uma forte crítica à sociedade e ao sistema Capitalista de exploração do trabalho do homem.

A nossa preocupação consistiu em observar as relações intertextuais que ocorreram dentro dessa realidade retratada pelo autor.

Há muitas coisas que só foram afloradas após o desenrolar do trabalho e há muitos caminhos ainda a serem explorados na narrativa de Domingos Pellegrini Júnior porém, parece que em pesquisa é mesmo assim, quanto mais se avança, mais se vislumbra...

ANEXO 01

"JOÃO O BARRAGEIRO"

1
244
108

36

**ELE TEM 23 ANOS: "QUANDO CHEGAR NOS 40, PEGO
APOSENTADORIA. ATÉ LÁ, NÃO VAI FALTAR BARRAGEM".**

Capacete amarelo, poeira de pedra na cara, botas de borracha, João é barrageiro, "peão" de barragem. Já vendeu sua energia de carpinteiro no Paraná, no Paraguai, e no Rio Grande do Sul, para as usinas de Salto Osório, Acaray e Itaúba. Acabou de completar, o dia de serviço, tomou banho e agora amassa brilhantina nas mãos. É sábado, dia de farra - mesmo que seja preciso ir gastar o dinheiro na "zona" de Florestópolis ou Iepê, que Porecatu não tem.

O alojamento fica no prédio de um antigo seminário. Uma estátua de Nossa Senhora olha no pátio o futebol entre eletricitistas, carpinteiros, encanadores. São 6.500 braços como eles todos trabalhando para a Usina Capivara, que a CESP - Centrais Elétricas de São Paulo - constrói no Paranapanema, a 14 quilômetros de Porecatu.

Rodeado de beliches, João se transforma: fica num pé só, enfia a perna numa calça amarela. Tem 23 anos, e nenhuma amargura, fala sorrindo:

- Nunca vi pronta nenhuma barragem onde trabalhei. Queria ver pelo menos a de Salto Osório, lá deixei muita recordação. De lá sai com dinheiro, foi minha primeira obra. Das outras sempre sai "liso".

Agora se enfia numa camisa roxa. Adeus, 13 horas de trabalho, capacete fervendo de sol, barulho de caminhões, motoniveladoras, serras, caçambas, betoneiras, martelos, tratores, bulldozers. Até segunda-feira. Vai pegar o bandejão, engolir de pressa e rumar pra mulherada.

- Antes que o pessoal todo abaixe por lá. Quando

tem muita gente é chato, ficam batendo na porta do quarto, às vezes a gente tem até que pegar fila.

Separa algumas notas, enfia no bolso, o resto continua no armário com as roupas. O mês tem quatro sábados.

- Teve um tempo em que eu ia bem encaminhado, tinha fundo no banco. Aí dei de beber, bebia e queria mulher, e mulher sempre quer dinheiro. Agora nem deixo mais a grana no banco...

Passa o cadeado no armário, pela primeira vez fica sério:

-Não vai pensar que no meio de barrageiro só dá ladrão. A gente tranca as coisas prá evitar tentação, sabe como é. Aqui entre nós tem muito mais irmandade do que sacanagem, muito mais. Eu mesmo trabalho em barragem porque acho boa a companheirada. O trabalho mesmo é uma desgraça.

Senta na cama prá calçar os sapatões de salto de fivela, continua sério.

- Tem dia que a gente "pega direto", 24 horas de serviço, O normal, é 10, mas quase todo mundo acaba fazendo 13, porque hora extra demais não é quando a gente quer. Mas o duro é "pegar direto", trabalhar caindo de sono.

Nesses dias, João leva um maço de chicletes pra mastigar contra o sono e espantar acidentes.

- Se o cabra cochilar, acorda no hospital ou no fundo do rio - que o serviço de barragem é perigoso. Muita gente, muita máquina, muito trabalho pendurado. Por exemplo. Em Salto Osório peguei uma boca de comporta prá desformar. Colocamos uns parafusos no paredão de concreto e encaixaram umas tábuas pra gente ficar em cima. Setenta metros de altura, a água correndo embaixo. Se aqueles parafusos desbarrancassem o concreto, eram três "peões" que iam acabar passando no tubulão de água, a mais de 50 quilômetros por hora.

Continua com o sapato suspenso na mão, lembra de um companheiro perdido em Salto Osório:

- Ele desceu um cabo aéreo, prá tirar uma escada no pilar oito do vertedouro 1. Aquele paredão de concreto, ele descendo no carrinho, só tinha que levar um cabo pra aí enganchar na escada, aí puxavam pra cima de novo. Ele tinha um rádio pra falar com o operador do cabo aéreo - mas quando começou a descer, as ondas de rádio se perderam naquele precipício. O operador não ouvia ele pedir prá parar, então ia soltando o cabo do carrinho. Foi descendo, descendo, ele deve ter berrado naquele radinho. Chegou na água. Encontraram o corpo arreventado uma semana depois.

João está cheiroso e reluzente, vai pegar a janta "nível 2". Do nível 6 - engenheiros - até o nível 1 dos ajudantes de serventes, há seis tipos de comida, seis padrões de salário. Mas dos 7.500 trabalhadores na usina, 6.500 são bráçais - a maioria solteiros com o mesmo pensamento:

- Não tenho nenhum interesse em casar. Pago INPS desde os 16 anos, comecei a trabalhar em serraria. Quando chegar nos 40 e não render mais no serviço, pego aposentadoria. Até lá não vai faltar barragem. Terminou uma, pego meus trens, jogo dentro da mala e vou prá outra. Só não fico onde encontrar comida que nem a de Acaray, sopa de milho e mandioca todo santo dia.

A comida dos níveis 1 e 2 é arroz, feijão, carne e laranja ou banana; de vez em quando alguma novidade surge na bandeja. João acaba de jantar no refeitório lotado, sai com o pão na boca. Passa pelos corredores entre companheiros de calções e toalhas, cheiro de sabonete, rádios de pilha tocando alto. Vai até o porão, uma magote de criança, está esperando: João lhes dá seu pão. Outros "peões" vem vindo, cada um com um pão. A Usina Capivara vai gerar 640 mil quilowatts para o Norte do Paraná e Sudoeste de São Paulo. João estará em outra.

A CAPITAL DO AÇÚCAR

Os comerciantes de Porecatu também verão partir

as multidões de fregueses que fizeram dobrar as vendas a crédito - e o número de "calotes". Quando a maior empreiteira da obra paga seus 6 mil empregados, são 6 milhões de cruzeiros que vem de São Paulo pelos caminhões da Brinks. Muito pouco ficou no salão do barbeiro José Batista as paredes cheias de gaiolas e trinados.

- Eles não usam muito cortar o cabelo. E a usina tem barbeiros lá na obra.

Tem barbeiros, hospital, agências bancárias, Morbal, campos de futebol, bocha, capela, cinema, bar (só refrigerante, cerveja e vinho), sinuca, alfaiataria, banca de jornais, cercas de arame farpado, 80 guardas armados - e até cadeia, uma casa pequena onde ficam guardados, por exemplo os que conseguem levar álcool com groselha para os alojamentos. Essa "cidade", com ruas asfaltadas e enormes gramados, será desmontada. Mas ficarão as casas de alvenaria, como as 651 da "Vila CESP", ao lado de Porecatu - e para as quais a Prefeitura começa a traçar planos.

O prefeito José Jabur senta ao lado da bandeira de Porecatu. Fala com satisfação e - ainda - um pouco de espanto.

- Em janeiro de 72 a população urbana era de 7.700 pessoas, e em janeiro deste ano já era de quase 17 mil. Aprovamos uma média de quase uma planta por dia para novas construções, não se encontra uma casa para alugar e faltam pelo menos 30 salas de aulas na cidade. Ainda bem que água da Sanepar não falta - e em julho teremos 97 por cento da cidade com rede de esgotos sanitários, e que é recorde nacional.

Enquanto espera do Estado sugestões para aproveitamento turístico da represa do município, o prefeito aponta com orgulho a placa na entrada da cidade: **Porecatu, Capital do Açúcar.**

Capital estadual do açúcar, prefeito?

- Mundial. Mundial!

DIRETO PARA A DELEGACIA

Um velho armazém de café virou alojamento para mil "peões" que constroem outra usina: a Central do Paraná, que deverá moer 15 mil alqueires de cana, com uma cota anual de seis milhões de sacas de açúcar podendo aumentar. O armazém sem janelas foi dividido em cubículos onde fica fechado um bafo de mofo e suor. Os colchões foram suspensos em tábuas como andaimes. A empreiteira não dá roupa de cama, os colchões estão encardidos.

Os homens também encardidos, vermelhos, uma massa pegajosa de suor e terra cobrindo o corpo. Foram agenciados em São Paulo, muitos vieram em caminhões sem toldo - para encontrar, desde há dois dias, o que mais detestaram: falta de água para banho. Estão revoltados:

- Ontem aconteceu a mesma coisa. A gente trabalhou até as 10 horas da noite, foi chegar aqui e não ter água. Qual é o futuro de um homem sujo às 10 horas da noite?

São massas de músculos que se mexem pesadas, as vozes, na quase escuridão:

- O colchão chega a catingar.

- Sem dinheiro, sem água prá banho, comendo até carne fedendo.

- E quando tem água, depois das 10 da noite os guardas fecham o registro.

- De vez em quando algum guarda pega algum e bate como se fosse filho menino dele. Mas com "berro" na cintura até eu sou valente.

Debaixo da lâmpada do corredor, uma pequena fila. Estão de calção, descalços. É a fila do maleiro: as malas ficam guardadas num cubículo do teto - os quartos tem apenas paredes de meia altura.

- E ladrão aqui tá jogando buzo... Os agenciadores lá em São Paulo não escolhem não, vão trazendo o diabo e todo mundo...

Os caminhões, quando chegam, vão direto para a delegacia. Lá todos são revistados, e o delegado Juvenal Ferreira da Silva tenta compensar com um sermão a falta de guardas, viaturas e celas. A cadeia de velha alvenaria e forro podre de madeira, está sempre lotada, adultos e menores misturados.

O delegado aponta o quarto do carcereiro:

- Carcereiro aqui dorme de dia. De noite não dá, que esse forro de madeira os presos arrebetam com a mão.

Com dois soldados da PMP por dia - "Mas devia ter 10" - o delegado diz que às vezes, tem que dirigir ele mesmo uma das viaturas. E que, pior que as bebedeiras e os roubos nos alojamentos, são os defloramentos:

- Um caso sério. Com tanto homem numa cidade que já tinha muito homem insatisfeito, só podia dar nisso: no ano passado, teve mês com oito defloramentos. São casos difíceis de resolver, é o tipo de ocorrência sem testemunhas, a não ser a própria moça, geralmente menor. Enquanto não houver solução, esses casos tendem a aumentar.

SEO ANTONIO É FELIZ

Na usina que vai gerar 640 mil quilowatts, Antônio ganha 640 cruzeiros como servente. Já tem seus 40 anos, sorriso banguela. Está plantando grama ao lado de um grupo de casas "dos engenheiros, sim senhor".

- Hoje de noite tem cinema na obra, acho que vou. Nunca fui, mas o pessoal diz que aqui, nem nos filmes tem mulher.

Conta que debaixo da ponte, um quilômetro abaixo da barragem, uma dupla de valentes prostitutas se instalou durante semanas ao lado da água corrente.

- Muita gente foi lá. Eu nunca fui, tá louco. Três vezes por semana a Companhia solta uma porção de ônibus pra "zona" de Florestópolis e de Iepê, fui uma vez, gastei quase todo

o dinheiro do mês. Porecatu devia ter "zona" aliviava mais a situação.

Digo a ele que para construir um grande grupo de "casas de tolerância" - para tanta demanda - é preciso grande terreno, que não existe nos arredores da cidade. Os terrenos são de poucos grandes proprietários, que não vendem. Antônio fica pisoteando a placa de grama que deitou no chão, gastando energia:

- Eupor mim não me incomodo, mas a rapaziada nova fica arisca. No dia do pagamento é uma correria, tem até acidente quando um caminhão para, o pessoal despenca um por cima do outro, tá louco. Aí vão pra "zona" volta todo mundo "duro".

Num boletim mimeografado para prevenção de acidentes a todos, pode-se ler que "o trabalhador feliz é trabalhador produtivo".

- O senhor é feliz, seo Antônio?

Ele se espanta, sorri, se encabula, fica sério, me encara quase solenemente:

- Sou sim, com a graça de Deus. Fazer o que, né...

SERVIÇO DE BARRAGEM É MUITO PERIGOSO. UMA VEZ..."

Na "Vila CESP", as mulheres esperam os maridos lavando as calçadas com mangueiras, regando as plantas dos jardins enfileirados. O "Short" é uma espécie de uniforme entre elas, tão generalizado quanto o medo de que seus nomes ou fotos saiam no jornal. Uma delas concorda em conversar - "mas não bota meu nome que a Companhia pode não gostar".

O marido está na barragem, levantou às cinco e meia da madrugada, voltará às sete e meia da noite.

- Chega morto de cansado, cai na cama direto. Ele é subencarregado de lubrificação de máquinas, nível 3, trabalha até nos domingos. São dois mil veículos na obra...

Casaram na construção de Barra Bonita, depois

passaram mais 15 anos mudando de uma barragem para outra e abandonando casas como esta: três quartos, sala-copa, banheiro e cozinha. Sobre a geladeira, garrafas de pinga e cinzano. Como em todas as casas, televisão e sofás forrados de plástico.

- Quando a gente chegou, esta vila era um pasto. Vimos Porecatu ser asfaltada, ficou uma cidade mais limpa.

Ele trabalha uma semana à noite, outra de dia. Ela fica com os cinco filhos, ralhando contra o cabelo no olho de um, a maçã que o caçula não lavou, a televisão que pode acordar o marido.

O filho maior entrará para a Aeronáutica, quando tiver idade; e a família comprará um carro quando sobrar dinheiro:

- É o sonho do meu marido.

Lenço amarelo na cabeça, sandálias havaianas, brinco de bolinha, ela se orgulha de não pagar aluguel, ser nível 3 e ter um marido que ganha "até mais de mil e quinhentos conforme as horas extras".

- Quem não gosta desta vida não agüenta um ano, nós agüentamos quinze. A gente tem garantia, a Companhia dá assistência médica, dentista, tudo por conta. Todo sábado tem missa no barracão do almoxarifado. Até caminhão prá mudança a Companhia arranja.

Tudo certo, tudo seguro.

- Se a Companhia dispensar meu marido, a gente vai pra Itaipu, barragem não falta. A gente vive num país abençoado por Deus, bem disse o Simonal naquela música.

Só perde o otimismo quando confessa que seu medo é o marido morrer no trabalho:

- Já escapou duas vezes por puro milagre, barragem tem muito acidente. Mas Deus é grande.

No supermercado da Usina Central, a de açúcar, o pessoal de uma das 54 propriedades agrícolas da indústria compra os mantimentos do mês. A mão-de-obra rural da usina - para

cana, aos trabalhadores uma ordem de compra. Com o "cheque" na mão, equivalente a 80 por cento do salário, eles tem um limite a consumir diante das prateleiras abarrotadas.

No pátio, esperando o caminhão prá voltar, estão homens mulheres e crianças amontoados entre sacos brancos cheios de víveres. Cheiro de fumo de corda, os homens com a pele áspera e queimada, uma mulher dando o peito ao filho. Cada um que sai do supermercado encosta o carrinho de compras e o esvazia num saco de aniagem. Arroz, feijão, macarrão, vinho, ovos, cigarros, carne.

- Mas carne só hoje mesmo, no dia da compra.

- No resto do tempo é arroz-feijão quase só.

São um negro de olhos vermelhos e um velho de óculos que falam agachados, em tom de conspiração:

- A gente ganha mal, e o que ganha fica aqui no supermercado da usina mesmo.

- Logo que puder, me mando daqui. Tenho doença nos rins, não quero morrer aqui.

- Eu, se fosse mais moço, já tinha ido.

Para que não saiam antes da safra, os oito centavos que recebem por feixe de cana cortada não são pagos integralmente. Um centavo sempre fica "de toco" - uma espécie de "caixa" a ser paga só no final da safra.

Nas caixas registradoras, empregados do supermercado examinam os sacos de farinha de trigo: sumiram muitas libras enfiadas neles, antes que o truque fosse percebido.

Num carreador entre canaviais, um homem vem capengando. Corta cana na safra de maio a dezembro, no resto do ano trabalha no café. Não pode participar do plantio da cana: os sulcos são fundos, ele é coxo. E diz que também não é "bom de braço".

- Corto uns 250 feixes por dia. Tenho três filhos, os dois maiorzinhos ajudam. Então dá pra tirar até 600 contos no mês. Cortador de cana bom, de fazer mil feixes num

dia, quase não existe mais.

No seu escritório acanhado, o chefe do setor de mecanização, Cornellius FeliKes - um agrônomo holandês - fala um bom português, e saudosamente:

- Há uns dez anos atrás os cortadores de cana ainda eram bons, todo sábado havia competições de corte. Hoje o pessoal da cana é uma multidão de inválidos, velhos, mulheres e crianças de baixa produtividade.

Para resolver o seu problema, a usina está importando máquinas colhedoras - "um milhão de cruzeiros mais ou menos cada uma" - que começarão a trabalhar já neste ano. Dos 2.000 trabalhadores rurais, poderá dispensar 50 por cento - além dos operários industriais, que em alguns setores também diminuirão com a automatização industrial da nova usina. São 12 mil pessoas dependentes da usina, trabalhadores e suas famílias, em Porcatu e municípios vizinhos.

José Ferreira de Andrade é um cortador típico: nordestino, casado, mulato, analfabeto. Mora numa das casas de madeira de uma das colônias, cercada e com guarda no portão. Sai da casa desconfiado, pergunto quando veio do Nordeste.

- Nordeste que o senhor diz é onde?

- Pernambuco, Maranhão.

- Sou do Sergipe.

- É Nordeste.

- Nunca ouvi falar.

- Já ouviu falar das máquinas de colher cana?

- Não existe máquina de cortar cana. Quando vim do Sergipe corri o Brasil todo de pau-de-arara, nunca vi nem ouvi falar que máquina cortasse cana.

- Você veio quando pro Sul?

- Em 58.

Por enquanto só José trabalha na família, mas o primeiro dos dois filhos já está com quatro anos.

- Quando completar seis, vou ver se ele já pega

enxada. Senão o ganho não vai dar, moleque cresce e come demais.

Sua vizinha Maria Brasil, uma pernambucana com sapatos de homem, vem exhibir com orgulho os dois filhos cortadores de cana: Antonio, 15 anos, e Mário, 9 anos. A mãe desata a falar:

- Estou com nove filhos, quatro em idade de escola, mas não vão não. Escola não paga, mas os bichinhos tem que ir de roupa e, roupa custa dinheiro.

Aponta o filho maior:

- Esse é choquinho assim de corpo mas corta cana feito homem, menino. O outro tem ligeireza no braço mas pouca força ganha micharia mas já paga a bóia dele.

José Ferreira ficou matutando num canto, fala de repente:

- A tal máquina colhedeira não vai aprovar. Ela corta mas deixa um toco de até dois palmos, agora me lembro que conversei com um "cabra" que viu uma trabalhando pra experimentar. E a cana mais açucarosa fica nos dois gomos de baixo.

Dona Maria Brasil concorda:

- Não tem o que faça o trabalho dum homem direitinho.

Não entendem que, para a usina, não interessa o trabalho direitinho mas a produção rápida e econômica. As colheadeiras trabalharão à noite com seus faróis, cortando, picando, limpando e carregando de 40 a 60 toneladas por hora - e substituindo, cada uma, de 150 a 200 homens por dia.

Dona Maria Brasil e José Ferreira não acreditam que uma máquina possa fazer isso:

- Mas nunca...

Em seguida ficam tentando se desculpar. Não querem ofender ninguém.

É chamada de "Terra Seca", tem seus 50 anos, veste um "chemisier" esburacado na barriga e abotoado com alfinetes; tem dois dentes e pele manteigosa e inchada, as rugas sul-

cadadas de terra, poeira acumulada e curtida em suor. Está na frente do bar na esquina da praça, discursando fantasias:

- Meu filho é barrageiro, me paga a pensão e a bóia lá é boa. Mas quero sair daqui, que o pessoal aqui segue a lei de São Raimundo: a unha no próximo, o pé no mundo.

Dentro do bar, Angelino Vaccarelli está passando pano no balcão, talvez o mais novo dono de bar da cidade. Foi barrageiro oito anos - Ibitinga, Xavantes, Ilha Solteira - mas perdeu as fantasias, guardou dinheiro e comprou o bar.

- Economizei desde Ibitinga, aplicando dinheiro e guardando juro. Não fumo, não bebo, não gasto à toa. A maioria dos barrageiros gasta o dinheiro estupidamente, dá pena. Eu, como nunca, bebi, nunca fiquei em condições de ser explorado por mulher.

Começou como servente, depois passou por treinamento e conseguiu nível 3: até 1.700 cruzeiros num mês de muitas horas extras.

- Era duro ver o pessoal "estourando" num dia um dinheiro tão suado. Depois ficam o resto do mês tirando "vales" prá refeições e vendendo pros outros a preço menos. Aí, quando recebem o pagamento com todos os vales descontados, ficam com raiva e tornam a gastar tudo de novo, num dia só...

Lembra de colegas que passavam o mês cheirando calcinhas e sutiãs de mulher que conseguiam roubar.

- Aí, quando o sujeito recebe, vai fazer o quê? beber guaraná?

- O ex-eletricista atende crianças que compram doces, volta com olhar de nostalgia:

- Não me arrependo de ter saído, mas às vezes dá saudade da companheirada. Barrageiro amigo é tudo gente boa, a gente podia botar a vida na mão do outro a hora que quisesse. Ontem mesmo recebi carta de um colega da Ilha Solteira, dizendo pra mim ir buscar no banco 650 contos que emprestei pra ele quando saí de lá. Barrageiro antigo é gente honesta, essa história

de "calotes" que contam por aí, é tudo coisa de barrageiro novo.

Angelino sabe que foi uma exceção entre muitos: seus colegas eletricitas visitam o bar, nenhum tem plano de mudar de vida.

- O bicho parece que não pensa direito. Viver se arriscando, dando o sangue e nunca tendo nada, só umas roupas e um radinho portátil... Acho que conforme o sujeito sobe de nível, vai se conformando. A comida influencia muito. Quando trabalhei na Ilha era nível 2, carne cozida, e arroz-feijão com laranja todo dia. Quando passei pro nível 3, vinha sopa todo dia, pão à vontade, verdura, bife, sopa boa. Se eu não conseguir pagar o bar, quem sabe eu volto a comer naquelas bandejas...

Falou "sopa" como uma palavra preciosa, esticando as sílabas. Agora irá frisar a palavra "injustiça".

- Mas se tiver que voltar não sei se vou agüentar injustiças de novo, que tem muita. Por exemplo, é proibido ter faca no alojamento. Mas como todo dia tem laranja, muitos arranjam canivete pra descascar no quarto - e é quando os guardas dão "batida" de noite, encontram um canivete, dizem que é arma. Aí o "peão" é despedido sem direito nenhum.

Chega o outro ex-barrageiro entra na conversa, diz que está em litígio com a Companhia para receber o fundo de garantia.

- Tem dia que você não quer fazer hora extra mas é obrigado, isso enerva muito, acaba dando acidente. Um dia um companheiro meu entrou no serviço e falou "vou quebrar essa jumenta", de brincadeira. Aí por coincidência a máquina acabou quebrando, o encarregado arranjou testemunha, disseram que foi de propósito. O cara foi despedido sem direito nenhum. Ninguém lembrou que pra quebrar o diferencial numa máquina daquelas, nem o sujeito querendo não consegue.

Angelino trabalhou também na conclusão da Ponte Rio-Niterói.

- Foi meu pior serviço, fui prá lá emprestado pela Companhia, disseram que era emergência, caso nacional. Faltava um mês pra inauguração e a parte elétrica estava crua, não tinha nada. Então foi uma guerra. Teve muitos dias de trabalhar 24 horas, até cair. Nos últimos dias o negócio era molhar a cabeça e continuar. Do Carnaval só vi o barulho, não podia sair e se saísse era só pra cair numa cama. Mesmo assim só deu pra preparar uma iluminação de emergência.

Angelino encerra esta história de grandes construções:

- Aí chegou o dia da inauguração. A gente trabalhou a noite inteira, de manhã evacuaram todo mundo. Às 10 horas foi a inauguração, a gente nem viu porque foi dormir um pouco. Meio-dia a gente voltou pra continuar até terminar o serviço, os carros já estavam passando. Nunca pude ver aquela ponte iluminada de longe. Vi em fotografia de revista.

ANEXO 02

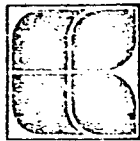
"A AUTO-ESTRADA DO SUL"

Julio Cortázar

Todos os Fogos o Fogo

Tradução de
GLORIA RODRIGUES

3.^a edição



civilização
brasileira

Traduzido do original espanhol:
TODOS LOS FUEGOS EL FUEGO
© 1969, Editorial Sudamericana Sociedad Anónima,
Calle Humberto 1° 545, Buenos Aires.

Desenho de capa:
DOUNÉ

Diagramação:
LÉA CAULLIRAUX
LUIZ FERREIRA
LUIZ FERREIRA

N.º 155303

Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Rua Muniz Barreto, 91-93

RIO DE JANEIRO — RJ.

que se reserva a propriedade desta tradução.

1976

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

A Francisco Porrúa

Sumário

A auto-estrada do sul	1
A saúde dos doentes	29
Reunião	49
Senhorita Cora	67
A ilha ao meio-dia	91
Instruções a John Howell	101
Todos os fogos o fogo	117
O outro céu	133

A Auto-Estrada do Sul

Gli automobilisti accaldati sembrano
 non avere storia. Come realtà, un
 ingorgo automobilistico impressiona
 ma non ci dice gran che.

Arrigo Benedetti, L'Espresso,
 Roma, 21.6.1964.

No começo, a moça do Dauphine havia insistido em fazer a contagem do tempo, se bem que, o engenheiro do Peugeot 404 pouco estivesse ligando. Qualquer pessoa poderia olhar no relógio, mas era como se esse tempo, amarrado ao pulso direito ou ao *bip bip* do rádio, medisse outra coisa fora do tempo dos que não fizeram a estupidez de querer voltar a Paris pela auto-estrada do sul, num domingo à tarde, quando, apenas saídos de Fontainebleau, tiveram de ir em marcha lenta, parar, seis filas de cada lado (já se sabe que aos domingos a auto-estrada fica inteiramente reservada aos que voltam para a capital), ligar o motor, avançar três metros, parar, conversar com as duas freiras do *HP* da direita, com a moça do Dauphine à esquerda, olhar pelo espelho retrovisor o homem pávido que dirige um Caravelle, invejar ironicamente a felicidade avícola do casal do Peugeot 203 (atrás do Dauphine da moça) que brinca com a filha, quando as exclamações exasperadas dos dois rapazes do Simca que precede o Peugeot 404, e até descer nas coisas e explorar os arredores sem se afastar muito

(porque nunca se sabe em que momento, os automóveis da frente recomençarão a marcha, sendo então preciso correr para que os de trás não iniciem a guerra das buzinas e dos insultos), e assim chegar à altura de um Taunus, na frente do Dauphine da moça que olha a hora a todo o momento, e trocar umas frases desacordeadas ou brincalhonas com os dois homens que viajam com o menino louro cujo imenso divertimento, naquelas precisas circunstâncias, consiste em fazer correr livremente seu automóvel de brinquedo por cima dos assentos e do rebordo posterior do Taunus, ou atrever-se a avançar mais um pouco, já que não parece que os carros da frente possam reiniciar a marcha, e contemplar com certa pena o casal de velhos do ID Citroën semelhante a uma gigantesca banheira roxa onde boíam os dois velhinhos, ele descansando os antebraços no volante com ar de paciente fadiga, ela mordiscando uma maçã mais com aplicação do que vontade.

Depois de enfrentar tudo aquilo, de fazer tudo aquilo pela quarta vez, o engenheiro havia decidido não mais sair do seu carro, à espera de que a polícia dissolvesse de alguma forma o engarrafamento. O calor de agosto crescia, a esse tempo, do nível dos pneumáticos, tornando a imobilidade cada vez mais enervante. Tudo era cheiro de gasolina, gritos absurdos dos rapazolas do Simca, brilho do sol reluzindo nos vidros e nos cromados e, por cúmulo, a sensação contraditória de enclausuramento em plena selva de máquinas concebidas para correr. O 404 do engenheiro ocupava o segundo lugar da pista da direita, contando a partir da faixa divisória das duas pistas, de modo que tinha outros quatro automóveis à sua direita e sete à sua esquerda, se bem que de fato só pudesse distinguir os oito carros que o rodeavam e seus ocupantes, aos quais já observara até à exaustão. Tinha conversado com todos, menos com os rapazes do Simca, que lhe pareciam antipáticos; entre uma e outra parada discutira-se a situação nos menores detalhes, e a impressão geral era de que até Corbeil-Essonnes se iria avançar como que a passo ou pouco menos, mas que entre Corbeil e Juvisy o ritmo seria

4

acelerado, desde que os helicópteros e os motociclistas conseguissem desfazer a parte pior do engarrafamento. Ninguém duvidava de que um acidente muito grave tivesse acontecido naquela área, única explicação para aquela lentidão incrível. E com isso, o governo, o calor, os impostos, o tráfico, um assunto atrás do outro, três metros, outro lugar comum, cinco metros, uma frase sentenciosa ou uma maldição contida.

As duas Ireinhas do 2HP gostariam de chegar a Milly-la-Fôret antes das oito horas, pois levavam uma cesta de legumes para a cozinha. O casal do Peugeot 203 se preocupava, sobretudo, em não perder os jogos televisados das nove e meia; a moça do Dauphine dissera ao engenheiro que para ela pouco importava chegar mais tarde a Paris mas reclamava por princípio, porque achava absurdo o fato de se submeter milhares de pessoas a um regime de caravana de camelos. Nestas últimas horas (deviam ser quase cinco, mas o calor os castigava insuportavelmente), tinham avançado uns cinquenta metros, segundo o engenheiro, embora um dos homens do Taunus que se aproximara para conversar, trazendo pela mão o menino com seu carrinho, mostrasse ironicamente a copa de um plátano solitário, e a moça do Dauphine lembrasse que esse plátano (se não fosse um castanheiro) tinha estado na mesma linha do seu carro durante tanto tempo que já nem valia a pena olhar o relógio para perceber-se em cálculos inúteis.

O engenheiro não chegava nunca, a vibração do sol sobre as pistas e as carrocerias Gilatava a vertigem até a náusea. Os óculos pretos, os lenços com água de colônia na cabeça, os recursos improvisados para se proteger, para evitar um reflexo ofuscante ou a fumaça dos canos de escapamento em cada avançada, eram organizados e aperfeiçoados, eram objeto de comunicação e comentário. O engenheiro desceu novamente para esticar as pernas, trocou algumas palavras com o casal de arcamponês do Ariane que precedia o 2HP das freiras. Atrás do 2HP vinha um Volkswagen com um soldado e uma moça que pareciam recém-casados. A terceira fila do lado de fora deixava de interessar-lhe, porque teria

5

árvore desaparecesse de todo para trás, sem que outra sombra apenas entrevista à distância se aproximasse como para poder sentir verdadeiramente que o cortejo estava se mexendo ainda que muito pouco, embora fosse preciso parar e arrancar, e bruscamente frear sem nunca sair da primeira, da ultrajante desilusao de passar mais uma vez da primeira ao ponto morto, freio de pé, freio de mão, parat, e assim de novo, mais uma vez e mais outra.

Em dado momento, o engenheiro, farto de inação, decidiu aproveitar uma paraua, especialmente interminável, para percorrer as ruas da esquerda, e, deixando atrás o Dauphine, encontrara um DKW, um outro 2HP, um Fiat 600, e se detivera junto de um De Soto para trocar impressões com o espantado turista de Washington que quase não entendia francês mas tinha de chegar às oito horas sem falta na Place de l'Opéra you understand, my wife be awfully anxious, damn it, e se falava disto e daquilo quando um homem com jeito de caixairo-viajante saiu do DKW para contatá-los que alguém chegara havia pouco com a notícia de que um Piper Club se despedaçara no meio da auto-estrada, havendo vários mortos. O americano pouco estava se incomodando com o Piper Club, assim como o engenheiro que ouviu um coro de buzinas e se apressou em voltar para o 404, transmitindo, de passagem, as novidades aos dois homens do Taunus e ao casal do 203. Reservou uma explicação mais detalhada para a moça do Dauphine, enquanto os automóveis avançavam lentamente uns poucos metros (agora o Dauphine estava ligeiramente atrasado com relação ao 404, e mais tarde seria ao contrário, mas, na verdade, as doze filas se mexiam praticamente em bloco, como se um guarda invisível, no fundo da auto-estrada, ordenasse avançar simultaneamente sem que ninguém pudesse levar vantagem). Piper Club, senhorita, é um pequeno avião de passeio. Ah! que péssima idéia esborrachar-se em plena auto-estrada, num domingo à tarde. São dessas coisas. Se ao menos não fizesse tanto calor nos desgraçados automóveis, se essas árvores da direita ficassem finalmente para trás, se o

que afastar-se perigosamente do 404; enxergava cores, formas, Mercedes Benz, ID, 4R, Lancia, Skoda, Morris Minor, o catálogo completo. A esquerda, sobre a pista do lado oposto, estendia-se um outro matagal interminável de Renault, Anglia, Peugeot, Porsche, Volvo; era tão monótono que, finalmente, depois de conversar com os dois homens do Taunus e de tentar, sem êxito, uma troca de impressões com o motorista solitário do Caravelle, não restava nada melhor que voltar para o 404 e reconhecer a mesma conversa sobre as horas, as distâncias e o cinema, com a moça do Dauphine.

As vezes chegava um estranho, alguém que se infiltra entre os automóveis, vindo do outro lado da pista ou das filas externas da direita, que trazia alguma notícia, provavelmente falsa, repetida de carro em carro ao longo de escaldantes quilômetros. O estranho saboreava o sucesso de suas novidades, o bater das portas quando os passageiros se precipitavam para comentar o fato, mas ao fim de certo tempo se ouvia alguma buzina ou o arranque de um motor, e o estranho saía correndo, via-se o sujeito zigzagueando entre os automóveis para entrar no seu e não ficar exposto à justa cólera dos demais. Ao longo da tarde soubera-se da batida entre um Floride e um 2HP perto de Corbeil, três mortos e um menino ferido, a dupla batida de uma Fiat 1500 com uma caminhonete Renault, que amassara um Austin cheio de turistas ingleses, a capotagem de um ônibus de Orly cheio de passageiros chegados no avião de Copé-nhague. O engenheiro estava certo de que quase tudo era falso, embora algo de grave devesse ter acontecido perto de Corbeil e, inclusive, nas proximidades de Paris, para que a circulação tivesse sido paralisada até aquele ponto. Os camponeses do Ariane, que tinham uma granja para os lados de Montereau e conheciam bem a região, falavam de um domingo em que o trânsito havia parado durante cinco horas, mas esse tempo começava a parecer quase insignificante agora que o sol pondo-se à esquerda do caminho derramava em cada automóvel uma última avalanche de geléia laranja que fazia ferver os metais e ofuscava a vista, sem que jamais uma copa de

último número do velocímetro acabasse de cair no seu burrinho preto em vez de continuar suspenso pela cauda interminavelmente.

Em determinado momento (começava a anoitecer suavemente, o horizonte de tetos de automóveis tingia-se de lilás) uma enorme borboleta branca pousou no pára-brisa do Dauphine, e a moça e o engenheiro admiraram-lhe as asas na breve e perfeita suspensão de sua imobilidade; com exasperada nostalgia, viram-na afastar-se, sobrevoar o Taurus, o ID roxo dos velhos, dirigir-se rumo ao Fiat 600 já invisível desde o 404, voltar até o Simca onde uma mão caçadora tratou inutilmente de agarrá-la, voejar amavelmente sobre o Ariane dos compositores, que pareciam estar comendo alguma coisa, e perder-se depois em direção à direita. Ao anoitecer a fila deu uma primeira avançada importante, de quase quarenta metros; quando o engenheiro olhou distraidamente o velocímetro, a metade do 6 havia desaparecido e um pedaço do 7 começava a desprender-se do alto. Quase todos ouviam rádio, os do Simca o ligaram no máximo e cantavam em coro um twist, com sacudidelas que faziam vibrar a carroceria; as freiras passavam as contas de seu terço, o menino do Taurus dormira com o rosto colado a um vidro, sem soltar o automóvel de brinquedo. Em algum momento (já era noite fechada) chegaram estranhos com mais notícias, tão contraditórias como as outras, já esquecidas. Não tinha sido um Piper Club mas um planador pilotado pela filha de um general. Era exato que uma caminhonete Renault amassara um Austin, mas não em Juvisy e sim quase às portas de Paris; um dos forasteiros explicou para o casal do 203 que o asfalto da auto-estrada cedera à altura de Igny e que cinco automóveis capotaram ao meterem as rodas dianteiras na valeta. A idéia de uma catástrofe natural se propagou até o engenheiro, que deu de ombros sem fazer comentários. Mais tarde, pensando nessas primeiras horas de escuridão em que respiraram um pouco mais livremente, lembrou-se de que em dado momento botara o braço para fora da janela, para bater na carroceria do Dauphine e acordar a moça que dormira encostada na direção.

sem tomar conhecimento de um novo avanço. Talvez já fosse meia-noite quando uma das freiras lhe ofereceu timidamente um sanduiche de presunto, supondo que estaria com fome. O engenheiro aceitou por cortesia (na verdade sentia náuseas) e pediu licença para dividi-lo com a moça do Dauphine, que aceitou e comeu gulosamente o sanduiche e a tablete de chocolate que lhe passara o passageiro do DKW, seu vizinho do lado esquerdo. Muitos saíram dos automóveis superaquecidos, porque outra vez passaram horas sem avançar; coneyava-se a sentir sede, já esgotadas as garrafas de limonada, de coca-cola e até de vinhos. A primeira a se queixar foi a menina do 203, e o soldado e o engenheiro abasteceram os automóveis, com os pais da menina para procurar água. Na frente do Simca, onde o rádio parecia ser alimento suficiente, o engenheiro encontrou um Beaulieu ocupado por uma mulher madura, de olhar inquieto. Não, não havia água mas podia dar umas balas à menina. O casal do ID entrelou-se um momento, depois a velha meteu a mão numa bolsa e tirou uma latinha de suco de frutas. O engenheiro agradeceu e quis saber se estavam com fome e em que podia lhes ser útil, o velho mexeu negativamente a cabeça, mas a mulher pareceu concordar sem palavras. Mais tarde, a moça do Dauphine e o engenheiro exploraram juntos as filas do lado esquerdo, sem se afastarem muito; voltaram com alguns biscoitos que levaram à velha do ID, bem a tempo de voltarem correndo aos seus automóveis, sob uma chuva de buzinas.

A parte esses avanços mínimos, era tão pouco o que se podia fazer que as horas acabavam por se sobrepor, por ser sempre a mesma na lembrança; em determinado momento, o engenheiro pensou em riscar esse dia de sua agenda, e conteve uma risada, mas, pouco adiante, quando começaram os cálculos contraditórios das freiras, dos homens do Taurus e da moça do Dauphine, viu-se que teria sido conveniente fazer melhor a conta. Os rádios locais haviam suspenso as transmissões, e somente o homem do DKW possuía um aparelho de ondas curtas, empenhado em transmitir notícias da bolsa. Por

Volta das três da madrugada pareciam haver chegado a um acordo tácito para descansar, e até o amanhecer a fila não se mexeu. Os rapazes do Simca tiraram colchões de borracha e os estenderam do lado do automóvel; o engenheiro desceu o encosto do assento dianteiro do 404 e ofereceu os lugares às freiras, que recusaram; antes de deitar-se um pouco, o engenheiro pensou na moça do Dauphine, muito quieta contra o volante, e como quem não dá muita importância propôs-lhe que trocassem de automóvel até o amanhecer; ela recusou, alegando que dormia muito bem de qualquer maneira. Durante certo tempo se ouviu o menino do Taunus chorando, deitado no assento traseiro, onde devia sentir muito calor. As freiras ainda rezavam quando o engenheiro se deixou cair no assento e foi adormecendo, mas seu sono estava próximo demais da vigília e ele acabou por acordar suando e inquieto, sem compreender, no primeiro momento, onde estava; soerguendo-se, começou a perceber os movimentos confusos do exterior, um deslizar de sombras entre os automóveis, e vislumbrou um vulto que se afastava até a borda da auto-estrada, adivinhou as razões, e mais tarde saiu também do carro, sem fazer ruído, indo aliviar-se à beira da estrada; não havia cascas nem árvores, somente o campo negro e sem estrelas, algo que parecia um muro abstrato limitando a faixa branca do asfalto, com seu rio imóvel de veículos. Quase tropeçou no camponês do Ariane, que balbuciou uma frase ininteligível; ao cheiro de gasolina, persistente na auto-estrada calorenta, somava-se agora a presença mais ácida do homem, e o engenheiro voltou quanto antes para seu automóvel. A moça do Dauphine dormia apoiada na direção, uma mecha de cabelo contra os olhos; antes de subir no 404, o engenheiro se divertiu explorando, na sombra, seu perfil, adivinhando a curva dos lábios que sopravam suavemente. Do outro lado, o homem do DKW também olhava a moça dormir, fumando em silêncio.

A Reia manhã avançou-se muito pouco, mas o suficiente para dar a esperança de que nessa tarde se abria o caminho para Paris. As nove horas chegou um estra-

nho com boas notícias: haviam tapado as fendas e em breve se poderia circular normalmente. Os rapazes do Simca ligaram o rádio, um deles subiu na capota do automóvel, gritou e cantou. O engenheiro pensou que a notícia era tão duvidosa como as da véspera e que o estranho aproveitara a alegria do grupo para pedir e conseguir uma laranja dada pelo casal do Ariane. Mais tarde, chegou um outro desconhecido com a mesma artimanha, mas ninguém quis dar-lhe nada. O calor comia automóveis à espera de que se concretizassem as boas notícias. Ao meio-dia a menina do 203 começou de novo a chorar; a moça do Dauphine foi brincar com ela e fez-se amiga do casal. Os do 203 não tinham sorte: à sua direita estava o homem silencioso do Caravelle, alheio a tudo o que acontecia em redor, e à sua esquerda tinham de agüentar a exuberante indignação do motorista de um Floride, para quem o engarrafamento era uma afronta exclusivamente pessoal. Quando a menina tornou a se queixar de sede, ocorreu ao engenheiro ir falar com os camponeses do Ariane, certo de que naquele automóvel havia fartura de mantimentos. Para grande surpresa sua, os camponeses mostraram-se muito amáveis; compreendiam que em semelhante situação era necessária à ajuda mútua) e achavam que, se alguém se encarregasse de comandar o grupo (a mulher fazia um gesto circular com a mão, abrangendo a dúzia de automóveis que os cercava) não passariam privações até chegarem em Paris. Ao engenheiro incomodava a ideia de arvorar-se em organizador, e preferiu chamar os homens do Taunus para conferenciar com eles e com o casal do Ariane. Pouco depois, consultaram sucessivamente todas as pessoas do grupo. O jovem soldado do Volkswagen concordou imediatamente, e o casal do 203 ofereceu os poucos alimentos que lhes restavam (a moça do Dauphine havia conseguido um copo de groselha para a menina, que ria e brincava). Um dos homens do Taunus, que fora consultar os rapazes do Simca, obteve um assentimento irônico; o homem pálido do Caravelle encolheu os ombros e disse que para ele dava na mesma, que

fizessem o que achassem melhor. Os velhos do ID e a senhora do Beaulieu estavam visivelmente satisfeitos, como se se sentissem mais protegidos. Os motoristas do Floride e do DKW não fizeram observações, e o americano do De Soto olhou-os com assombro e falou qualquer coisa sobre a vontade de Deus. Foi fácil para o engenheiro propor que um dos passageiros do Taunus, no qual depositava instintiva confiança, ficasse encarregado de coordenar as atividades. No momento, não faltaria comida a ninguém, mas era necessário arranjar água; o chefe, a quem os rapazes do Simca tratavam de Taunus, simplesmente para se divertirem, pediu ao engenheiro, ao soldado e a um dos rapazes que explorassem as imediações da auto-estrada e oferecessem alimentos em troca de bebidas. Taunus, que evidentemente sabia mandar, tinha calculado que poderiam satisfazer, na hipótese menos otimista, as necessidades de um dia e meio no máximo. No 2HP das freiras e no Ariane dos meios havia alimentos suficientes para esse tempo, e se os exploradores voltassem com água, o problema estaria resolvido. Mas somente o soldado regressou com o cantil cheio, cujo dono exigia, em troca, comida para duas pessoas. O engenheiro não encontrou ninguém que pudesse oferecer água, mas a viagem lhe serviu para perceber que, além de seu grupo, estavam se constituindo outras células com problemas semelhantes; em dado momento, o passageiro de um Alfa Romeo recusou tratar daquele assunto com ele, dizendo-lhe que se dirigisse ao representante de seu grupo, cinco automóveis atrás, na mesma fila. Mais tarde, viram voltar o rapaz do Simca que não pudera arranjar água, mas Taunus calculou que já tinham bastante para os dois meninos, a velha do ID e o resto das mulheres. O engenheiro estava contando para a moça do Dauphine seu circuito pela periferia (era uma hora da tarde, o sol os encurralava nos automóveis), quando ela o interrompeu com um gesto e lhe indicou o Simca. Em um instante o engenheiro chegou até o automóvel e segurou pelo cotovelo um dos rapazes, que se refestelava em seu assento para beber a grandes goles na garrafa que trouxera escondida. no

12

nhusão. Diante de seu gesto furioso, o engenheiro res-pendeu aumentando a pressão no braço; o outro rapaz desceu do automóvel e se jogou em cima do engenheiro, que recuou dois passos e o esperou, quase com pena. O soldado já vinha correndo, os gritos das freiras alertaram Taunus e o companheiro; Taunus ouviu o relato do acontecido, aproximou-se do rapaz da garrafa dando-lhe duas bofetadas. O rapaz gritou e protestou, choramingando, enquanto o outro resmungava sem se atrever a intervir. O engenheiro tirou-lhe a garrafa e deu-a a Taunus. Começavam a soar buzinas e cada qual voltou para seu automóvel, aliás inutilmente, dado que a fila avançou apenas cinco metros.

A hora da sexta, sob um sol ainda mais forte do que na véspera, uma das freiras tirou a coifa e sua companheira molhou-lhe as frentes com água de colônia. As mulheres improvisavam aos poucos suas atividades samaritanas, indo, de um automóvel a outro, ocupando-se das crianças para que os homens ficassem mais livres; ninguém se queixava, mas o bom humor era forçado, baseava-se sempre nos mesmos trocadilhos, num ceticismo de bom tom. Para o engenheiro e a moça do Dauphine, o mais vexatório era sentirem-se suados e sujos; quase os enternecia a total indiferença do casal de camponeses, ante o cheiro que lhes brotava das axilas cada vez que vinha falar com eles ou repetir alguma notícia de última hora. Por volta do entardecer, o engenheiro olhou por acaso pelo espelho retrovisor e encontrou, como sempre, o rosto pálido e de traços tensos do homem do Caravalle, que, tal como o gordo do Floride, se mantivera alheio a todas as atividades. Achou que seus traços estavam ainda mais afilados e indagou consigo mesmo se ele não estaria doente. Mas depois, quando em conversa com o soldado e a mulher, teve ocasião de olhá-lo mais de perto, achou que o homem não estava doente; era, por assim dizer, outra coisa, um alheamento. O soldado do Volkswagen contou-lhe depois que sua mulher tinha medo daquele homem silencioso que não largava nunca a direção e parecia dormir acordado. Surgiam hipóteses, criava-se um folclore para lutar contra

13

Lo amanhecer o sono os apanhou, essa necessidade de se agasalhar que nascia com o cinzento da madrugada. Enquanto Taunus dormia junto do menino no banco traseiro, seu amigo e o engenheiro descansaram um pouco na parte da frente. Entre duas imagens de sonho o engenheiro acreditou escutar gritos à distância e viu um clarão indistinto; o chefe de outro grupo veio dizer-lhes que a trinta automóveis mais adiante houvera um princípio de incêndio num Estafette, provocado por alguém que tinha querido ferver seus legumes clandestinamente. Taunus fez piada sobre o caso, enquanto ia de carro em carro para ver como os demais haviam passado a noite, mas ninguém deixou escapar o que queria dizer. Nessa manhã, a fila começou a mexer-se muito cedo e tiveram de correr e agitar-se para recuperar os colchões e os cobertores, mas como por toda parte devia estar acontecendo a mesma coisa, ninguém se impacientava nem buzinava. Ao meio-dia, tinham avançado mais de cinquenta metros, e começava a divisar-se a sombra de um bosque do lado direito da estrada. Invejava-se a sorte dos que, nesse momento, podiam chegar até o acastamento e aproveitar o frescor da sombra; talvez houvesse um riacho, ou um córrego de água potável. A moça do Dauphine fechou os olhos pensando numa chuva caída caindo-lhe pelo pescoço e pelas costas, escorrendo-lhe pelas pernas; o engenheiro, que a olhava de soslaio, viu duas lágrimas rolaem pelo seu rosto.

Taunus, que acabava de avançar até o ID, veio buscar as mulheres mais moças para que atendessem a velha, que não se sentia bem. O chefe do terceiro grupo, na retaguarda, contava, entre seus homens, com um médico, e o soldado correu a buscá-lo. O engenheiro, que seguira com irônica benevolência os esforços dos rapazes do Simca para que lhes perdoassem a travessura, achou que era o momento de dar-lhes uma oportunidade. Com os materiais de uma tenda de campanha, os rapazes cobriram as janelas do 404, e o vagoão-leito transformouse em ambulância, para que a velha pudesse descansar numa relativa escuridão. O marido estendeu-se ao lado dela, tomando-lhe a mão, e os deixaram sozinhos com

15

a inação. Os meninos do Taunus e do 203 tinham ficado amigos, depois brigaram mas logo se reconciliaram; seus pais se visitavam, e a moça do Dauphine ia de vez em quando ver como estavam passando a velha do ID e a senhora do Beaulieu. Quando, no entardecer, sopraram, bruscamente, umas rajadas de tempestade, perdendo-se o sol entre as nuvens suspensas no ocidente, as pessoas se alegraram pensando que ia refrescar. Caíram algumas gotas, coincidindo com um avanço extraordinário de quase cem metros; ao longe, brilhou um relâmpago, o calor aumentou ainda mais. Havia tanta electricidade na atmosfera que Taunus, com um instinto que o engenheiro admirou sem comentários, deixou o grupo em paz até a noite, como se temesse os efeitos do cansaço e do calor. As oito horas, as mulheres se encarregaram de distribuir a comida; decidiu-se que o Ariane dos camponeses seria o almoxarifado geral, e que o ZHP das freiras serviria de depósito suplementar. Taunus fora, pessoalmente, falar com os chefes dos quatro ou cinco grupos vizinhos; depois, com a ajuda do soldado e do homem do 203, levou uma certa quantidade de alimentos aos outros grupos, retornando com mais água e um pouco de vinho. Resolveu-se que os rapazes do Simca cederiam os colchões de borracha à velha do ID e à senhora do Beaulieu; a moça do Dauphine levou-lhes dois cobertores escoceses, o engenheiro ofereceu seu automóvel, a que chamava, brincando, de vagoão-leito, para quem precisasse. Viu com surpresa, que a moça do Dauphine aceitou o oferecimento, para já naquela noite compartilhar os assentos reclináveis do 404 com uma das freiras; a outra foi dormir no 203, com a menina e sua mãe, enquanto o marido passava a noite deitado no asfalto, enrolado num cobertor. O engenheiro não tinha sono e jogou dados com Taunus e seu amigo; em dado momento, juntou-se a eles o camponês do Ariane e falaram de política, bebendo uns goles de aguardente, que o camponês dera a Taunus naquela manhã. A noite não foi ruim; havia refrescado e brilhavam algumas estrelas por entre as nuvens.

14

o médico. Depois, as freiras se ocuparam da velha, que havia melhorado; o engenheiro passou a tarde como pôde, visitando outros automóveis e descansando no de Taunus quando o sol castigava demais; somente três vezes teve de correr até seu automóvel, onde os velhinhos pareciam dormir, para fazê-lo avançar junto com a fila, até o elevado seguinte. À noite os surpreendeu sem que tivessem chegado à altura do bosque.

Por volta das duas da madrugada a temperatura caiu, e os que tinham cobertores ficaram satisfeitos de poder agasalhar-se. Como o cortejo não se mexeria até amanhã (era uma coisa que estava no ar, que vinha do horizonte de carros imóveis na noite) o engenheiro e Taunus sentaram-se para fumar e conversar com o camponês do Ariane e com o soldado. Os cálculos de Taunus já não correspondiam à realidade e foi o que disse francamente; de manhã seria preciso fazer alguma coisa para conseguir mais mantimentos e bebidas. O soldado foi procurar os chefes dos grupos vizinhos, que também não dormiam, discutiu-se o problema em voz baixa para não acordar as mulheres. Os chefes falaram com os responsáveis pelos grupos mais afastados, numa área de oitenta ou cem automóveis, e estavam certos de que a situação era análoga em toda parte. O camponês conhecia bem a região, propôs que dois ou três homens de cada grupo saíssem ao amanhecer para comprar mantimentos nas granjas vizinhas, enquanto Taunus tratava de indicar motoristas para os automóveis que ficassem sem dono durante a expedição. A idéia era boa não sendo difícil juntar dinheiro entre os presentes; decidiu-se que o camponês, o soldado e o amigo de Taunus iriam juntos e levando todas as sacolas, redes e cantis disponíveis. Os chefes dos outros grupos voltaram às suas unidades para organizar expedições semelhantes; ao amanhecer explicou-se a situação às mulheres e tomaram-se as medidas necessárias para que a coluna pudesse continuar avançando. A moça do Dauphine disse para o engenheiro que a velha já estava melhor e insistia em voltar para seu ID; às oito horas chegou o médico que não viu inconveniente no casal voltar ao seu automóvel. De qual-

16

quer manciara, Taunus decidiu que o 404 ficaria preparado permanentemente como ambulância; os rapazes, para se divertirem, fabricaram uma flâmula com uma cruz vermelha e pregaram-na na antena do automóvel. Já há algum tempo as pessoas preferiam sair de seus carros o menos possível; a temperatura continuava caindo e a madrugada começara os aguaceiros e viraram-se relâmpagos à distância. A mulher do camponês apressou-se em juntar água com um funil e uma jarra de plástico, para especial alegria dos rapazes do Simca. Olhando tudo aquilo, debruçado sobre o volante onde havia um livro aberto que não lhe interessava muito, o engenheiro perguntou-se porque os expedicionários demoravam tanto a voltar; mais tarde, Taunus o chamou discretamente para seu automóvel e, lá dentro, disse-lhe que tinham fracassado. O amigo de Taunus forneceu detalhes: ou as granjas estavam abandonadas ou as pessoas se recusavam a vender qualquer coisa que fosse, invocando os regulamentos sobre vendas a particulares, desconfiando inclusive que poderiam ser fiscais que aproveitavam as circunstâncias para pô-los à prova. Apesar de tudo, tinham conseguido trazer pequena quantidade de água e alguns mantimentos, talvez roubados pelo soldado, que sorria sem entrar em pormenores. Era evidente que dentro de não muito tempo iria acabar o engarramento, mas os alimentos de que dispunham não eram os mais adequados para os meninos e a velha. O médico, que chegou por volta das quatro e meia para ver a doente, teve um gesto de irritação e cansaço e disse a Taunus que em seu grupo, como em todos os grupos vizinhos, estava acontecendo a mesma coisa. O rádio falara de uma operação de emergência para evacuar a auto-estrada, mas além de um helicóptero que fez uma breve aparição ao anoitecer, não se viram outros preparativos. De qualquer modo, fazia cada vez menos calor, as pessoas pareciam esperar a chegada da noite para enrolar-se nos cobertores e anular, pelo sono, algumas horas a mais de espera. Do seu automóvel, o engenheiro ouvia a conversa da moça do Dauphine com o homem do DKW, que contava histórias e a fazia rir sem vontade. Surpre-

17

endeu-se ao ver a mulher do Beaulieu, que quase nunca abandonava o automóvel, e desceu para saber se permitia de alguma coisa, mas a senhora estava apenas a etiqueta das últimas notícias e pôs-se a conversar com as freiras. Um tédio sem fim pesava sobre eles ao anoitecer, esperava-se mais do sono do que das notícias, sempre contraditórias ou desmentidas. O amigo de Taunus chegou discretamente à procura do engenheiro, do soldado e do homem do 203. Taunus anunciou-lhes que o triângulo de Simca tinha visto o carro vazio, e depois de algum tempo, começara a procurar seu dono para matar o tédio, que tanto reclamara no primeiro dia, embora acabasse por ficar tão calado como o motorista do Caravelle. Quando, às cinco horas da manhã, não restou menor dúvida de que Floride, como se chamava, chamá-lo os rapazes do Simca, havia desertado, cheio de camisas e roupa de baixo, Taunus resolveu um dos rapazes cuidaria do automóvel abandonado para não desagrado vagamente a todos; perguntava-se até onde poderia chegar Floride em sua fuga através dos campos. Quanto ao mais, parecia ser aquela a noite das grandes decisões: deitado em sua cama do 404, o engenheiro acreditou ter escutado um gemido, mas pensou que o soldado e sua mulher seriam responsáveis por alguma coisa que, afinal, se tornava compreensível em plena noite e naquelas circunstâncias. Depois, pensou melhor e levantou a lona que cobria a janela traseira; à luz de umas poucas estrelas percebeu a um metro e meio, o eterno pára-brisa do Caravelle e atrás, como homem. Sem fazer barulho, saiu pelo lado esquerdo para não acordar as freiras e aproximou-se do Caravelle. Depois, foi procurar Taunus, e o soldado correu para avisar ao médico. Era evidente que o homem se daria, tomando algum veneno; as linhas a lápis no caderno eram suficientes, além da carta dirigida a uma tal

Yvette, que o abandonara em Vierzon. Felizmente, estava bem estabelecido (as noites já eram tão frias que ninguém teria ficado do lado de fora) poucos se incomodaram entre os carros e Taunus convenceu um conselho de guerra, tendo o médico concordado com sua proposta. Deixar o cadáver atrás a uma surpresa no mínimo penosa; em pleno campo, podia provocar a violência dos habitantes do lugar, que na noite haviam ameaçado e batido num rapaz de outro grupo, que procurava comida. O camponês do Ariane não introduziu o corpo no porta-malas, já mais calma. Taunus resolveu a adesiva e tubos de cola líquida à luz da lanterna do soldado. Como a mulher do 203 sabia dirigir, Taunus resolveu que seu marido ficaria incumbido do Caravelle colocado à direita do 203; assim, na manhã seguinte, a menina do 203 desceu para passar de um para outro e de instalar parte de seu inventário dos agasalhos dispostos em suéteres aparecidos como alguma mala, com alguma leve. Estabeleceu-se uma lista de prioridades, distribuíram-se os agasalhos. A água novamente tornava a faltar e Taunus enviou três de seus homens, entre eles o engenheiro, para que tentassem estabelecer contato com os moradores do lugar. Sem que se pudesse saber porque, a resistência externa

era total; bastava sair do limite da auto-estrada para que, de qualquer lugar, chovessem pedras. Em plena noite, alguém jogou uma foice que bateu no teto do DKW e caiu do lado do Dauphine. O passageiro ficou muito pálido sem se mexer do automóvel, mas o americano do De Soto (que não integrava o grupo de Taunus mas a quem todos apreciavam pelo bom humor e as risadas) veio correndo e, depois de rodar no ar a foice, devolveu-a para o campo com toda sua força, praguejando aos gritos. Entretanto, Taunus não julgava conveniente aprofundar a hostilidade; talvez ainda fosse possível realizar uma incursão à procura de água.

Já ninguém fazia a conta do que tinham avançado naquele ou naqueles dias; a moça do Dauphine achava, volta e meia, que uns oitenta a cem metros; o engenheiro era menos otimista, mas se divertia em prolongar e complicar os cálculos com sua vizinha, interessado, de vez em quando, em roubar a companhia do passageiro do DKW que a cortejava à sua maneira profissional. Nessa mesma tarde, o rapaz encarregado do Floride correu para prevenir Taunus que um Ford Mercury oferecia água a preço razoável. Taunus recusou, mas, ao anoitecer, uma das freiras pediu ao engenheiro um gole de água para a velha do ID que sofria sem se queixar, sempre agarrada à mão do marido e atendida alternadamente pelas freiras e pela moça do Dauphine. Sobrava meio litro de água, que as mulheres reservaram para a velha e para a senhora do Beaulieu. Nessa mesma noite Taunus pagou, do seu bolso, dois litros de água; o Ford Mercury prometeu conseguir mais para o dia seguinte, pelo dobro do preço.

Era difícil reunir-se para discutir: fazia tanto frio que ninguém abandonava os automóveis a não ser por motivo de força maior. As baterias começavam a descarregar-se e não se podia fazer funcionar o aquecimento durante todo o tempo; Taunus decidiu que os dois automóveis melhor equipados seriam reservados, se fosse o caso, para os doentes. Embrulhados em cobertores (os rapazes do Simca haviam arrancado o estofamento de seu automóvel para fabricar jalecos e bonés, e outros começavam a imitá-los), cada qual tratava de

20

abrir o menos possível as portinholas para conservar o calor. Numa dessas noites geladas o engenheiro ouviu a moça do Dauphine chorando convulsivamente. Sem fazer barulho, abriu pouco a pouco a porta e bateu na sombra até roçar uma face molhada. Quase sem resistência, a moça deixou-se atrair para o 404; o engenheiro ajudou-a a estender-se, agasalhou-a com o único cobertor e pôs a gabardine por cima. A escuridão era mais densa no carro-ambulância, com suas janelinhas cobertas pelas lonas da tenda. Em determinado momento, o engenheiro desceu os dois pára-brisas e neles pendurou sua canisa e um pullover para isolar inteiramente o automóvel. Por volta de amanhecer, ela lhe disse no ouvido que antes de começar a chorar pensara ter avistado ao longe, do lado direito, as luzes de uma cidade.

Talvez fosse uma cidade, mas las névoas da manhã não permitiam enxergar nem a vinte metros. Curiosamente nesse dia a coluna avançou bastante mais, talvez duzentos ou trezentos metros. Isto coincidiu com novas notícias do rádio (que quase ninguém ouvia, a não ser Taunus, que se sentia obrigado a estar a par da situação). Os locutores falavam com ênfase em medidas de exceção que desobstruiriam a auto-estrada, e faziam menção ao trabalho estafante das patrulhas rodoviárias das forças policiais. Subitamente, uma das freiras começou a delirar. Enquanto sua companheira a contemplava aterrorizada, e a moça do Dauphine lhe umedecia as têmporas com um rasto de água de colônia, a freira falou em Armagedon no nono dia, na corrente de cinábrio. O médico chegou muito tempo depois, abrindo caminho pela neve que caía desde o meio-dia e isolava, pouco a pouco, os automóveis. Lamentou a falta de uma injeção calmante e aconselhou que levassem a freira para um automóvel com bom aquecimento. Taunus instalou-a em seu carro, e o menino passou para o Caravelle, onde também estava sua amiguinha do 203; brincavam com seus automóveis e se divertiam muito porque eram os únicos a não passar fome. Durante todo esse dia, e os seguintes nevou quase continuamente, e quando a coluna avançava uns metros

21

era necessário retirar, com meios improvisados, a massa ^{gostado} tanto de poder trazer para seu carro alguma de neve amontoada entre os carros.

Ninguém se espantava com a forma pela qual ^{garota} secom o frio e a fome, sem contar que o grupo malis à obtinham os mantimentos e a água. A única coisa quefrente estava em franca hostilidade com o do Taunus Taunus podia fazer era administrar os fundos comuns ^{por} causa de uma história relacionada com uma lata tratar de tirar o melhor partido possível de alguns inter-de leite condensado, e, salvo as transações oficiais com câmbios. O Ford Mercury e um Porsche apareceram Ford Mercury e o Porsche, não havia relação possível todas as noites para traficar com viveres; Taunus e ocom os outros grupos. Então, o rapaz do Simca suspirava- engenheiro se encarregavam de distribuí-los de acordo,va, contrariado, e tornava dar o seu plantão até que a com o estado físico de cada um. Por incrível que pareça,neve e o frio o obrigavam a meter-se, tiritando, no seu a velha do ID sobrevivia, perdida numa sonolência queautomóvel.

as mulheres cuidavam de dissipar. A senhora do Beaulieu, Mas o frio começou a ceder, e depois de um período que uns dias antes sofrera náuseas e desmaios, tinha de chuvas e ventos que exasperaram os ânimos e aumentado com o frio e era das que mais ajudavam ataram as dificuldades de abastecimento, seguiram-se dias freira a cuidar da companhia, sempre fraca e um tantoírescos e ensolarados em que já era possível sair dos alheada a tudo. A mulher do soldado e a do 203 se en-automóveis, fazer visitas, reatar relações com os grupos carregavam dos dois, meninos, o passageiro do DKW,vizinhos. Os chefes haviam discutido a situação e, finalmente para consolar-se do fato de a passageira do Dau-mento, conseguiu-se a pacificação com o grupo da frente. phine haver preferido o engenheiro, passava horas con-Falou-se por muito tempo da súbita desuparição do Ford tando histórias para os meninos. A noite os grupos esta-Mercury, sem que ninguém soubesse o que poderia ter- vavam em outra vida, sigilosa e privada; as portas se lhe aconteceu, mas Porsche continuou vindo e contro- abriam silenciosamente para deixar entrar ou sair alguma lardo o mercado negro. Jamais faltavam de todo a água silhueta encolhida; ninguém olhava para os outros, os ou as conservas, se bem que os fundos do grupo dimi- olhos estavam tão cegos quanto a própria sombra. Sob nuísem e Taunus e o engenheiro se indagavam o que cobertores sujos, com mãos de unhas crescidas, cheiran- aconteceria no dia em que não houvesse mais dinheiro do a fechado e a roupa sem mudar, algum sinal de fel- para Porsche. Falou-se de um golpe de força, prendê-lo, cidade persistia aqui e ali. A moça do Dauphine não se e exigir-lhe revelasse sua fonte de abastecimento, mas havia enganado: ao longe brilhava uma cidade e eles como, nesses dias, a coluna tinha avançado um bom pouco a pouco iriam se aproximando dela. As tardes, o trecho, os chefes preferiram continuar esperando e evitar rapaz do Simca costumava subir na capota de seu carro, o risco de pôr tudo a perder com uma decisão violenta. vigia incorrigível, embrulhado em pedaços de estofamen-O engenheiro, que acabara por entregar-se a uma indi- to e estopa verde. Cansado de explorar o horizonte inú-ferença quase agradável, sobressaltou-se, por um mo- com alguma inveja descobria a Dauphine no carro do mas depois compreendeu que não podia fazer nada para 404, uma mão acariciando um peçoço, o final de um evitá-lo, a idéia de ter um filho dela acabou por parecer- beijo. Por pura brincadeira, agora que reconquistara a lhe tão natural quanto a distribuição noturna dos manti- amizade do 404, gritava-lhes que a coluna la se mexer; mentos ou as vigens furtivas até a beira da auto-estrada. então a Dauphine tinha que deixar o 404 e entrar em Tampouco a morte da velha do ID a ninguém podia seu automóvel, mas depois de certo tempo tornava a surpreender. Foi preciso trabalhar outra vez em Plena mudar-se, em busca de calor; o rapaz do Simca teria noite fazer companhia e consolar o marido que não

conseguiu resignar-se. Entre os dois grupos de vanguarda estourou uma briga e Taunus teve de fazer o papel de árbitro para resolver, precariamente, a diferença. Tudo podia acontecer a qualquer momento, sem horários previstos; o mais importante começou quando já ninguém esperava, e o menos responsável foi quem percebeu o primeiro lugar. Trepado na capota do Simca, o alegro vigia teve a impressão de que o horizonte tinha mudado (era a hora do crepúsculo, um sol amarelento) deixou escorrer sua luz rasante e mesquinha) e que algum coisa inconcebível estava acontecendo a quinhentos, trezentos, a duzentos e cinquenta metros. Gritou para o 404 e o 404 falou alguma coisa com Dauphine que voltou rapidamente para seu automóvel quando já Taunus, o soldado e o camponês vinham correndo e, da capota do Simca, o rapaz apontava para a frente e repetia interminavelmente a notícia como se quisesse convencê-lo de que o que estava enxergando era verdade; então ouviram o tumulto, algo como um pesado mas incontratável movimento migratório que acordava de um inelutável torpor e experimentava suas forças. Taunus ordenou-lhes gritando que voltassem aos seus carros; Beaulieu, o ID, o Fiat 600 e o De Soto arrancaram com o mesmo ímpeto. Agora o 2HP, o Taunus, o Simca e Ariane começaram a deslizar-se e o rapaz do Simca orgulhoso de alguma coisa que significava seu triunfo virava-se para o 404 e agitava o braço, enquanto o 404 e o Dauphine, o 2HP das freiras e o DKW punham-se, por sua vez, em marcha. Mas tudo se resumia em saber quanto tempo isso ia durar; o 404 também se interrogava quase por hábito, enquanto se mantinha emparelhado com o Dauphine e sorria para encorajá-la. Atrás, o Volkswagen, o Caravelle, o 203 e o Floride arrancavam, por sua vez, lentamente, um trecho em primeira, depois segunda, interminavelmente segunda mas já sem embrear como tantas vezes, com o pé firme no acelerador, esperando poder passar para terceira. Esticando o braço esmerando o 404 procurou a mão de Dauphine, encostou apenas a ponta dos dedos, percebeu em seu rosto um sorriso de incrível esperança e pensou que iam chegar

a Paris, que tomariam banho, que iriam juntos a qualquer parte, à sua casa ou à dela para tomar banho, comer, tomar banho interminavelmente e comer e beber, e que depois haveria móveis, haveria um quarto com móveis e um banheiro com espuma de sabão para fazer a barba de verdade, e privadas, comida e privadas e lençóis, Paris era uma privada e dois lençóis e água quente escorrendo no peito e nas pernas, e uma tesourinha de unhas, e vinho branco, beberiam vinho branco antes de se beijar e sentir cheiro de lavanda e colônia, antes de se conhecer de fato em plena luz entre lençóis limpos, e tomar a tomar banho de brinde, amar-se e tomar banho e beber e entrar no cabeleireiro, entrar no banho, acariciar os lençóis e acariciar-se entre os lençóis e amar-se entre a espuma e a lavanda e as escovas antes de começar a pensar no que iam fazer, no filho e nos problemas e no futuro, e tudo isso desde que não parassem, que a coluna continuasse andando, embora ainda não se pudesse passar para terceira, continuar assim em segunda, mas continuar. Com os pára-choques tocando no Simca, o 404 encostou-se para trás no assento, sentiu aumentar a velocidade, sentiu que podia acelerar sem perigo de bater no Simca, e que o Simca acelerava sem perigo de bater no Beaulieu, e que atrás vinha o Caravelle e que todos aceleravam mais e mais, e que já se podia passar para terceira sem que o motor sofresse, e a alavanca entrou inexplicavelmente na terceira e a marcha se tornou suave e se acelerou ainda mais, e o 404 olhou enternecido e deslumbrado para a sua esquerda, procurando os olhos de Dauphine. Era natural que com tanta aceleração as filas já não se mantivessem paralelas; Dauphine havia-se adiantado quase um metro e o 404 via-lhe a nuca e o perfil, no momento exato em que ela se virava para olhá-lo e fazia um gesto de surpresa ao ver que o 404 se atrasava ainda mais. Tranquilizando-a com um sorriso, o 404 acelerou de repente mas quase em seguida teve de frear porque estava a ponto de bater no Simca; tocou secamente a buzina e o rapaz do Simca olhou-o pelo espelho retrovisor e fez um gesto de impotência, apontando-lhe com a mão esquerda o Beaulieu

colado ao seu automóvel. O Dauphine estava a três metros mais adiante, à altura do Simca, e a menina do 203, na altura do 404, agitava os braços e mostrava-lit a boneca. Uma mancha vermelha, do lado direito, desorientou o 404; em vez do 2HP das freiras ou do Volks-wagen do soldado avistou um Chevrolet desconhecido, e quase em seguida o Chevrolet avançou seguido por um Lancia e por um Renault 8. A sua esquerda se empalmeiava um ID que começava a levar vantagem metro a metro, mas antes que fosse substituído por um 403, o 404 conseguiu avistar ainda na dianteira o 203 que já encobria o Dauphine. O grupo se deslocava, já não existia, Taunus devia estar a mais de vinte metros adiante, seguido por Dauphine; ao mesmo tempo, a terceira fila da esquerda se atrasava, porque em vez do DKW do passageiro, o 404 enxergava a traseira de uma velha caminhonete preta, talvez um Citroën ou um Peugeot. Os automóveis corriam em terceira, adiantando-se ou perdendo terreno de acordo com o ritmo de sua fila, e do lado da auto-estrada viam-se as árvores fugindo, algumas casas entre a massa de névoa e o anoitecer. Depois, foram as luzes vermelhas que todos acendiam, seguindo o exemplo dos que iam adiante, a noite que se fechava de repente. De quando em quando soavam buzinas, os ponteiros dos velocímetros subiam cada vez mais, algumas filas avançavam a setenta quilômetros, outras a sessenta e cinco, algumas a sessenta. O 404 havia esperado ainda que o avanço e o recuo das filas lhe permitissem chegar novamente até o Dauphine, mas cada minuto o persuadia de que era inútil, de que o grupo se dissolvera irrevogavelmente, de que já não voltariam a repetir-se os encontros de rotina, os rituais mínimos, os conselhos de guerra no automóvel de Taunus, as carícias de Dauphine na paz da madrugada, as risadas dos meninos brincando com seus automóveis, imagem da freira passando as contas do terço. Quando se acenderam as luzes dos freios do Simca, o 404 reduziu a marcha com um absurdo sentimento de esperança e, apenas apertado o freio de mão, saltou do automóvel

correndo para adiante. Além do Simca e do Beaulieu (mais atrás estaria o Caravelle, mas pouco lhe importava) ele não reconheceu nenhum automóvel; através de cristais diferentes olhavam-no com surpresa, e talvez com espanto, outros rostos que nunca vira. Soavam as buzinas e o 404 teve que voltar ao seu automóvel; o rapaz do Simca fez-lhe um gesto cordial, como se compreendesse, e apontou animadamente em direção a Paris. A coluna punha-se de novo em marcha, lentamente durante alguns minutos, e logo após como se a auto-estrada estivesse definitivamente livre. A esquadra do 404 corria um Taunus, e por um segundo o 404 achou que o grupo se recompunha, que tudo entrava na ordem, que se poderia seguir adiante sem nada destruir. Mas era um Taunus verde, e no volante havia uma mulher com óculos pretos que olhava fixo para a frente. Nada mais se podia fazer a não ser entregar-se à marcha. Adaptar-se mecanicamente à velocidade dos automóveis em redor, não pensar. No Volkswagen do soldado devia estar seu casaco de couro. Taunus tinha o romance que lera nos primeiros dias. Um vidro de lavanda, quase vazio, no 2HP das freiras. E ele tinha ali, tocando-o às vezes com a mão direita, o ursinho de veludo que Dauphine lhe presenteara como mascote. Absurdamente, aferrou-se à idéia de que às nove e meia seriam distribuídos os alimentos. Iria que visitar os doentes, examinar a situação com Taunus e o camponês do Ariane; depois viria a noite, seria Dauphine subindo sigilosamente em seu automóvel, as estrelas ou as nuvens, a vida. Sim, tinha de ser assim, não era possível que isso tivesse acabado para sempre. Talvez o soldado conseguisse uma ração de água, que havia faltado nas últimas horas; de qualquer maneira se podia contar com Porsche, sempre que se lhe pagasse o preço pedido. E na antenna do rádio fluíuava alucinadamente a bandeira com a cruz vermelha, e se corria a oitenta quilômetros por hora em direção às luzes que cresciam pouco a pouco, sem que já se soubesse bem para que tanta pressa, porque

essa correria na noite entre automóveis desconhecidos, onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam fixamente para a frente, exclusivamente para a frente.

ANEXO 03

"QUADRILHA"

QUADRILHA

JOÃO AMAVA Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

ANEXO 04

"SALVE RAINHA"

"SALVE REGINA"

"SALVE RAINHA"

"Salve, Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! A vós bradamos os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria".

"SALVE REGINA"

"Salve, regina misericordiae,
Vita, dulcedo et spes nostra, salve!
Ad te clamamus exsules filii Evae,
Ad te suspiramus gementes et flentes
In hac lacrymarum valle,
Eia ergo, advocata nostra,
Illos tuos misericordes oculos ad nos converte,
Et Iesum, benedictum fructum ventris tui,
Nobis post hoc exsilium ostende,
O clemens, o pia,
O dulcis Maria".

ANEXO 05

"O ENCALHE DOS 300"

- 1ª Publicação / 1975 -

LIVRO DE CABECERA DO HOMEM

NOVA FASE - VOLUME 18 PUBLICAÇÃO BIMESTRAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

NESTE NÚMERO:

1 - O QUE SE PASSA NA CAMA/poema erótico de Carlos Drummond de Andrade



- 2 - HELDER CAMARA: O CAMARADA DE DEUS/Hermilo Borba Filho
- 3 - TESTEMUNHOS DA CIDADE DE DEUS/João Antônio
- DA PORTELA: 70 ANOS DE MURROS E PORRADAS/Juarez Barroso
- 5 - MATANDO UM ELEFANTE/conto de George Orwell
- 6 - TRÊS CANTOS INÉDITOS DE CAETANO VELOSO
- 7 - VIVA CAXIASI/José Castello Branco
- 8 - O ENCALHE DOS 300/conto de Domingos Pellegrini Jr.
- 9 - OS HOMOSSEXUAIS: UNS PERSEGUIDOS/Aguinaldo Silva
- 10 - A CULTURA DOS ENGANOS/José Ramos Tinhorão
- 11 - ESPANCADOS, NUS E ABANDONADOS EM CAMARADA/CAIA/José Louzeiro
- 12 -

NATAL DA PORTELA: 70 ANOS DE MURROS E PORRADAS



Três Histórias



LIVRO DE CABECERA DO HOMEM

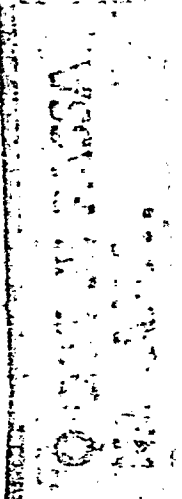
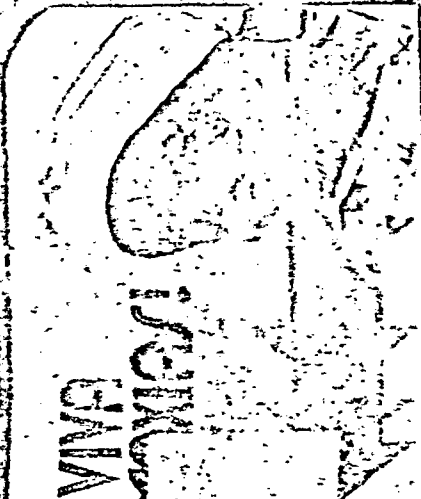
NOVA FASE - VOLUME 18 PUBLICAÇÃO BIMESTRAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

TRÊS CANTOS INÉDITOS DE CAETANO VELOSO



VIVA CAXIASI!

808. 1h76 v.1.



HELDER CAMARADA O CAMARADA DEUS



O Encalhe dos 300

conto de

DOMINGO PELLEGRINI JR.

30634
BIBLIOTECA PUBLICA MUNICIPAL
-Prof. Pedro Viriato Pariz de Souza
Londrina

Menos de 25 anos de idade, filho de Londrina, no Norte do Paraná (a cidade tem pouco mais de 40 anos), o escritor Domingos Pellegrini Jr., praticamente um estrepante, nos dá um conto, O Encalhe dos 300, que é ao mesmo tempo, uma peça de prosa de ficção e um retrato vivo das cidades novas do Sul do Brasil, as do norte paranaense, de terras roxas, de furoeste e de pequenos heróis, como por exemplo, os motoristas de caminhão. Aventura e realidade se reúnem num quadro insólito e deliciosamente humano.

○ ENCALHE DOS 300 começou às seis horas da manhã escura de 11 de agosto de 1958, no atoleiro do quilômetro 60 da Cianorte-Cruzeiro do Oeste, a estrada mais perebenta do Brasil. Um FNM com carga de peroba meteu o peito na lama empoçada e bambeou de lado, as rodas traseiras patinaram esguichando e duas afundaram na valeta coberta pela enxurrada; o motorista não se deu nem ao trabalho de descer: aproveitou que ainda estava de sapatos secos — lá fora a chuva engrossava as enxurradas — e cruzou os pés no painel, acendeu um cigarro e deixou chover; que chovesse; que desabasse; que os troncos de peroba virassem esponja na carroceria. Ele sabia: aquele atoleiro só secava com sol de estalar mamona; e peroba não é carga de mofar com chuva. Quando raleou, às seis e meia mais ou menos, tirou os sapatos e enfiou umas botinas velhas que estavam ali de plantão desde a última chuva, contou os cigarros, ainda deixou chover devagar mais um cigarro; e pulou fora da cabine, o barro grudou e começou a formar, debaixo da sola da botina, uma segunda sola, mais grossa, pra ser depois arrancada no estribo e renovada, arrancada e renovada; e quanto mais tempo passasse e o encalhe aumentasse, mais fios de capim e palitos de fósforo haveria misturados naquela sola de barro.

Quando ele saiu chapinhando no barro, outros já vinham com solas mais grossas e pesadas; o atoleiro era no rego de dois montes, e já havia dois caminhões esperando em cada subida; logo haveria outros, até o alto de cada lombada, e até o fim do dia outros e outros estrada afora, parachoques apontando para

Cruzeiro ou pra Cianorte, e até que Deus mandasse sol os de Cruzeiro não chegariam a Cianorte nem o vice-versa. Porque quatro troncos de peroba não são porcos nem galinhas, não são sacos de batata ou de café que se pode aliviar e recarregar depois. Mas mesmo quatro troncos de peroba podiam acabar emborcados na valeta, depois que as filas aumentassem e os revólveres saíssem dos porta-luvas prá comandar o desenralhe. Mas antes um afobado haveria de botar pedra no angu, um caminhão encalhado haveria de virar dois, não sobraria remédio senão esperar, até aquele encalhe virar o Encalhe dos 300 e aquela chuva virar uma semana de chuva.

primeiro dia

Tentaram de tudo. As rodas do FNM patinaram até cozinhar o barro. O vapor subia do barro amassado, e quanto mais giravam mais aquilo virava uma cola vermelha, a esperança se enterrando. Experimentaram pular na carroceria, jogaram cupim e pedra moída; abriram valetas e escoraram a lama; raparam palmos de terra com enxadões; os enxadões iam virando bolas de barro espetadas num pau, até dar mais trabalho limpar os enxadões que cavar; e vinte, depois trinta, depois quarenta homens empurraram, o motor rachando e as rodas espirrando nas roupas pelotas de barro quente. Depois desistiram, e antes que pudessem inventar mais soluções um afobado botou fé na pusa-gem estreita, se enfiou na cabine e meteu marcha; então ficaram dois encalhados, monstruosas toneladas, carroceria com carroceria, peroba e café. Tentaram de tudo novamente, e mais que tudo; e, quando só restava xingar, acabaram engolindo os palavrões, porque com tantas putas que soltassem no ar, alguém acabaria achando a própria mãe; e a chuva engrossou de novo, cada um se enfiou na sua cabine e meio-dia em ponto ainda estavam cozinhando a raiva e a impaciência, as mãos nos câmbios metendo marchas paradas e as filas aumentando. Se os barrancos não fossem tão altos, os jipes poderiam abrir desvios; mas, mesmo se os barrancos não existissem, existia a mata dos dois lados, alta como os palmitos, e fechada de cipós. O atoleiro era filho das sombras daquela mata.

Quando tornou a ralear, começaram a sair e percorrer as filas. As duas da tarde havia três ônibus em cada fila, num deles uma grávida com sete meses e olhos de presságio. Em outro ônibus um velho decorando um jornal, um rapaz enjoado de tocar violão, uma mulher de cara seca e as pernas esticadas encima do banco porque as varizes inchavam de hora para hora, uma recém-casada aprendendo bordado, mulheres e homens que repetiam "é um absurdo" "mas é um absurdo" "isto é um absurdo", a cada três janelas uma criança chorando ou com olhos de choro recente, ou uma criança desenhando com o dedo no vidro embaçado. E crianças nos jipes, camionetas e furgões com mães desacomodadas; os pacotes de bolachas acabando em farelos; mais uma tentativa de captar uma estação no rádio; homens e mulheres que repetiam "o governo devia ver isso" "por que é que o governo não vê uma coisa dessas?"; e em todos os fumantes um projeto nervoso de racionamento. Num jipe um bebê de colo alheio ao tempo e distilando baba; num furgão um motorista negro e três freiras de branco como aves raras numa gaiola de lama; um caminhão de porcos de grunhidos famintos; um Toyota sem capota como numa comédia; um perua chapa-branca com um frangote sozinho no volante; um caminhão de areia se enchareando e vazando; outro caminhão com um trator novinho; um caminhão vazio para cada dez com carga de café; e assim até os montes seguintes, nos jipes as novas mesmas caras com a mesma pergunta. E eles, os profissionais do barro, respondendo com o mesmo muchocho vazio; porque por piedade ou por maldade não podiam enterrar a esperança daqueles eivis. Mas o tempo foi fazendo seu serviço e quem podia foi tentando se safar. Os que chegavam, com esperança nova, iam descendo e percorrendo a fila, até a primeira baixada; e murchavam já ao saber que o encalhe não era ali mas na baixada seguinte, o remédio era o sol. E quem podia foi tentando se safar, jipes, camionetas e furgões desbarrancando terra com os parachoques; e até alguns caminhões tentaram suas manobras, acabaram com as rodas nas valetas e o Encalhe dos 300, às seis da tarde, já era um encalhe central com outros encalhes de intermeio; e os motoristas dos ônibus xingavam a natureza porque agora nem prá frente nem prá trás. Os que se safaram, alguns jipes do rabo de cada fila, levaram a notícia pela estrada, até Cianorte e até Cruzeiro; e quem vinha voltava. No meio

da estrada deserta ficou a cobra de lata colorida, debaixo de torós de chvisqueros. As cinco e meia da tarde já tinham escuridão e uma soma final: à espera do sol iam ficar 300: 200 caminhões, sete ônibus e o resto miudezas de apenas quatro rodas. Cigarros foram trocados por botachas e pão murcho, as mais verdes mixiricas não foram desprezadas; e a noite se atendeu em chuva, choro de crianças e silêncio das mulheres — que, de tão silencioso, era uma lamúria.

Os ônibus já tinham esvaziado metade com as cartonas dos jipes que voltaram, um deles com a grávida de olhos de presbígio. "Eu tenho sangue doce" — ela falou quando seu jipe partiu — "é essa mosquiteada ia me comer viva"; e o motorista riu porque "com chuva borrachudo não aparece, dona". Mas todas as outras mulheres, nos jipes encalhados, passaram a noite coçando mordidas; e, quanto mais se convenciam de coçar a imaginação, mais coçavam; e amanheceram com canelãs vermelhas e esfareladas. Mártires no silêncio, só descosturavam os lábios quando os homens dormiam; desaforo; os homens sempre dormem enquanto elas vigiam. Até quando? E se amanhã não fizer sol? E a fome? Mas para a sede não houve temores; panos limpos foram ensopados nos retrovisores ou nas antenas, depois torcidos acima das bocas; até que a madrugada se desmanchou num dia tão cinzento que seria preferível a escuridão.

De noite os motoristas de caminhão tinham enchido seus barrilotes; com funis de lata ou lona encerada pra recolher dois palmos de chuva até a boca do barril; e agora estavam cheios. Mal amanhecendo as mulheres e as crianças beberam até afogar a fome.

segundo dia

Então cada mulher agasalhou suas crias e — todas — numa combinação de silêncios, sem olhar para os maridos ou irmãos, tomaram o rumo de Cianorte, que era mais longe do oeste e portanto mais perto da civilização. Os homens mal tiveram tempo de fechar os jipes e catar valores; deixaram as malas mais pesadas; mas mesmo nas sacolas cada grama have-

ria de virar um quilo, e a estrada até Cianorte haveria de virar uma rota de malas abandonadas.

Quando tanto escorregavam que não podiam mais, improvisaram bengalas com galhos de ipês; para as crianças, durante algum tempo, isso foi novidade, e quase se divertiram. As mulheres mantiveram a marcha, sem parar, os homens entraram em Cianorte atrás delas. Gatas prenhas debaixo da chuva, os vestidos colando e os cabelos escorridos; lotaram os quartos e o salão do hotel; banharam os filhos em bacias quentes nas mesas de esnuque; primeiro pediram e depois exigiram toalhas e cobertores; agasalharam e deitaram os filhos como puderam; nos seus peitos e gargantas esfregaram pomadas; elas mesmas tomaram conta da cozinha e fizeram saltar sopas e mingaus dos caldeirões; e depois de tudo feito para os filhos não tiveram coragem prá mais nada. Eram sete horas da noite. No Encalhe dos 300, na carroceria vazia de um Ford coberto, 30 motoristas jogavam buraco, caxeta, escopa, vinte-e-um e sete-e-meio, com baralhos gosmentos e lamparinas no teto.

E chuva. Quando empoçava muito na coberta do Ford, algum cutucava de baixo prá cima até a água rolar pelo encalhe, e o jogo não parava; jogavam com fervor. Todos descalços, os sapatos pendurados no teto; a silenciosa roda de "buraco", a roda barulhenta do "sete-e-meio", e a roda da "caxeta", a maior, com o bolo maior de dinheiro no centro. Tinham estipulado: 30, nem um mais. Quem perdia, descia, subia outro, até perder muito ou tudo, subia outro.

No resto do encalhe, nas tabijes com a figura do São Cristóvão no painel, uns dormiam até empapucar os olhos; outros liam revistas trocadas e retrocadas; captavam estações distantes com arames emendados nas antenas dos rádios de pilha; apostavam cigarros no jogo de palitos; e outros coçavam o saco e xingavam: o atoleiro, o prefeito desta merda deste munticípio, a estrada, a safra do café, a chuva, Deus, São Pedro e todos os santos. De vez em quando chegava um jipe com um civil assanhado dentro; saltava, vinha estudando a situação, espalhava soluções já experimentadas, palpitava e oferecia cigarros até acabar o maço; então era mandado à merda com longos silêncios, voltava pro jipe, manobrava e desaparecia com a notícia: o Encalhe dos 300 continuava.

dores hoje; os ganhadores da manhã perdedores à tarde, os perdedores da tarde ganhadores à noite, e o dinheiro girava até voltar ao bolso original; e foram enjoando da pose dos reis, damas e valetes, e meio-dia o barro ganhou os baralhos, foram sendo pisados, misturados com palitos, fios de capim e bitucas curtas.

Alguns trancaram as cabines, pediram proteção e olhivo-vivo para as sacas de café, tomaram o rumo de Cianorte, um belo banho e comida de gente; mas 180 contínuaram, porque cada saca valia ouro — Ouro Verde não era o nome do cinema inaugurado em Londrina, a Capital Mundial do Café? — e aquele ouro não era deles, mas deles seria cobrado.

Alguns passaram o dia em febre e caganeira. Então aos grupos de vinte ou trinta todos começaram a tirar a sorte; e os perdedores andariam até Cianorte, voltariam de jipe com pão e mortadela, tomates e bifes passados, caldeirões de batatas cozidas, abacates e laranjas, farofa e tudo que durasse um dia sem azedar. Mas a noite já embocava a tarde às cinco horas, e eles sabiam que jipe nenhum aventuraria na escuridão; então se enfiaram nas cabines, dois três e até quatro; e foram acomodando a fome com piadas e casos, a história de cada um, os sonhos que até então só putas tinham ouvido, ambições de homens ca-lejados na bunda e enrugados nos olhos, planos e confissões, lembranças que se abriram; porque na escuridão os olhos não se viam, e o sono estava rodando em outras estradas, enquanto a noite atargava a sua poça de tédio, saliva oca e chuva, e mais chuva.

Um desenterrou do colchão umas revistinhas que nem lembrava mais, enfiou as pilhas na lanterna e leu cada uma bem devagar, como se estudasse; como se estivesse no meio daquelas mulheres de peitos erguidos e línguas mornas, e não precisava ter pressa nenhuma, estavam todas ali no espaço da cabine, era só ir apalpando cada uma e abraçando, e variando com outra e depois mais outra variação com outra, até que ele gozou três vezes, a terceira mais longa e mais doída que qualquer outra na vida; então enxugou as mãos e depois lembrou de vender um tempo sentado no volante e depois lembrou de vender as mulheres, continuou um tempo sentado maquinando o câmbio, depois abriu a porta, um vulto ia passando em equilíbrios no barro, ele chamou "ô companheiro! leva isso prá passar o tem-

109

terceiro dia

As dez da manhã chegou de Cianorte um jipe carregado: sal, açúcar, pinga e pó de café. A manhã continuava purgando a chuva fina, mas uma brecha clara já abria no céu. Por isso nenhum pagou os preços de ouro. Mas também não assaltaram o jipe: porque o comerciante não estava só; o seu acompanhante, 45 na cinta e coturno nos pés, vigiava plantado no barro; e foi preferível a fome; e afinal o sol já ia abrir.

Meio-dia em ponto o céu fechou, um toró de duas horas despencou furioso; e depois do toró esvaziaram o jipe, debaixo duma garoa fria pagaram o preço de cada garrafa, de cada pacote. Em seguida o comerciante manobrou com seu guarda de fora, até o último instante plantado no barro; depois o guarda pulou dentro e arrancaram depressa numa chuva de pragas e palavrões.

A raiva e a pinga apertaram a fome, e muitos saíram a alcançar as roças de milho e mandioca, dez quilômetros de barro. Devastaram um mandiocal, cada um voltou com um pé em cada mão, e agradeceram a chuva que engrossou de novo e foi lavando as raízes embaroadas. Outros continuaram perseguindo a visão de um milharal de espigas verdes, mais cinco quilômetros, e comeram ali mesmo até enjoar; das camisas fizeram sacos para muitas espigas e voltaram; mas antes de avistarem o encalhe a caganeira já dobrava alguns.

Outros caçaram cotias, macucos e todas as aves que revólver pode derrubar; armaram barracas de lona e tentaram assar, mas acabaram sabendo que lenha seca não cai do céu, e mesmo a madeira das carrocerias estava encharcada; então tostaram as carnes com fogo de jornais úmidos e revistas, papelão e pano. Curtiram mandioca em pinga durante meias horas, chamuscaram milho verde. Mastigaram com ódio e fúria cada pedaço, até virar uma pasta de nojo.

quarto dia

Na carroceria do Ford apostaram sacas de café contra dinheiro em maços, mas conforme mais cresciam as apostas mais o baralho morria; porque os perdedores de ontem eram ganha-

108

e se não corresse, de cabine em cabine, a novidade; e se não fosse verdade o que o próprio chofer do jipe confirmou; e se as duas que chegaram não fossem uma puta curtida de muitos carnavais e uma puta nova; e se não tivessem se instalado num dos ônibus vazios, uma no banco do motorista, 38 na mão e cara engalinhada, a mais nova no banco grande, do fundo, três galões de água e uma bacia-de-assento, papel higiênico e um lençol bordado.

Quando eles cercaram o ônibus já estavam instaladas. Trepavam nas janelas prá espíar lá dentro a nudez branca, repararam na navalha aberta na mão dela; um falou "essa mulher quer fazer coleção de salsicha" e outro emendou "então vou ser o primeiro a enfiar salsicha nela", e correu prá porta; mas não havia de ser o primeiro. Na correria nem viram quem entrou primeiro, mas voltaram tão depressa como iam entrando, porque um 38 quando atira não faz pouco barulho. "Aqui vai entrar um de cada vez" — a voz saiu da escuridão do ônibus — "e o primeiro vai pagar um pouco mais; os outros vão pagar menos" — e ditados os preços não houve mais conversações; o motorista do primeiro FNM encachado achou-se no direito, e todos acharam lógico ele ser o primeiro. Entrou e pagou, mas logo voltou pro estribo: "mas não vou enquanto tiver cara em janela, né", e foi uma festa de assobios e palavrões; uma voz sugeriu fila pela ordem de encalhe, a pistoleira avisou "o tempo vai passando...", e cada um foi voltando pro seu eaminhão; haveria de ser mesmo pela ordem de encalhe.

O segundo foi o FNM de café emparelhado no atoleiro com o de petoba; o terceiro foi um Ford no rumo de Cruzeiro; o quarto um Chevrolet no rumo de Cianorte; e assim a fila se abriu em duas pontas a partir do atoleiro; e cada um que voltava acendia lá os fardós, e de cá um acendia dali a instante; assim iam sabendo que o ônibus engolia um de cá e um de lá ordeiramente; mas mesmo com tanta ordem houve os que não quiseram. Os que voltavam do ônibus contavam: ela aberta na escuridão, navalha numa mão e toalha na outra; e se o freguês começasse a demorar então largava a toalha, trabalhava com a mão, gemia e se contorcia até o fim do negdício; mas a navalha não largava, o braço esticado prá longe do corpo, no fim do braço o aço brilhando. Por isso alguns desistiram; e acaba-

po" e entregou as mulheres todas, os peitos e as coxas, as línguas e todas as variações. Quando amanheceu, aquelas revisitadas tinham passado por muitas lanternas, as folhas estavam sebotadas e o limo das mãos tinha carnado a brancura de papel das coxas das mulheres; em outras cabines um último gole de pinga economizada descia em goela rouca; muitos amanheceram se tratando pelos nomes; em todos olheiras e nenhum sono, as conversas ainda brotando quando amanheceu chovendo e a expectativa foi inchando a fome até que os jipes de comida começaram a chegar.

quinto dia

Nos intestinos a comida foi uma revolução; mas agora tinham rolos de papel higiênico, entraram na mata prá descartar o enchimento velho e fedido das tripas; depois numa trepagem da chuva chuparam as laranjas agachados no barro, mastigaram os bagaços. "Amanhã vai estear", um falou, e molejou as pernas num pulo quase alegre, escorregou e estatelou os costados; jogaram nele uma casca de laranja, ele embolou a casca com barro, maçarocou na mão aquela bola, jogou nas gargalhadas; acertou um; que atirou de volta outra laranja de barro, mas acertou um terceiro; que acertou um quarto; que não acertou ninguém mas foi acertado de novo, porque então já eram 180 moleques peludos guerreando laranjas de barro e escorregando gargalhadas, até que ergueram uma ampla tenda de barro debaixo do céu, todos acertaram e foram acertados; riam até de repente uma bola de barro lhes encher a boca; depois foram raleando a chuva de barro enquanto o riso endurecia em soluços, um cansaço de fim de viagem e um sono doce de barriga cheia; amanhã o sol estalaria.

Acordaram anoitecendo. Riscaram xadrez de damas em placas de papelão, penduraram lanternas no teto das cabines; ligaram os rádios, abriram devagar umas últimas garrafas de pinga, foram cortando finas fatias de mortadela e salgando mortadidas em batatas. Ia ser uma longa noite insone se um jipe não tivesse roncado e não viesse picando a escuridão com um farol só; e se não parasse no fim do encalhe com duas buzinadas;

sétimo dia

Amanheceu sem chuva e sem sol.

Ele, talvez o mais baixo entre todos, atarracado e moreno, tinha no entanto uma voz grave de advogado ou locutor de rádio; e se a voz no começo não combinava com ele, depois de sete dias era impossível pensar nele sem ela. Ele só falava no silêncio dos outros, não embarçava a voz em conversa cruzada, e, se era dos que falavam menos, o pouco que falava sempre saía pensado.

Mas no mormaço daquela manhã ele desceu da cabine, amassou o barro com três passos sólidos, de pernas bem abertas mijou como um fole, engolindo blocos de ar prá empurrar o mijo, até que soltou do trais fundo do peito, com todo o ar e a raiva das costelas:

"puuuta meeerdaaa!". A mata molhada absorveu o som sem o mínimo eco; mas um "puta que pariu" ecoou de outro peito, e um "caralho" bem grosso se esparramou em seguida; e amassando barro em passadas de bicho se plantaram no mormaço, grunhiram todos os palavrões que lembraram, berraram todas as pragas possíveis, saltaram no mormaço os pássaros mais negros, as mais mortíferas doenças para as mães do mundo, os tumores mais purgantes nas regiões mais estreitas dos mais castos santos; até ficarem roucos.

Ele então agachou e todos vieram vindo, lombada acima ou lombada abaixo, escorregando tombos sem nem um sorriso, caras de prisioneiros, no silêncio, lentos no fundo de um tanque entre peixes de ódio. Em redor dele foram se agachando, e ele falou e outros falaram; que era mesmo uma merda, que era o barro que o diabo amassou, que não iam ganhar menos nem mais por sete dias de barro;

mas que doravante os *fretistas* deviam cobrar o frete por tempo e não por distância, e já desta vez não entregar a carga sem indenização de sete dias, sete noites;

e catorze refeições os *fretistas* deviam cobrar das suas respectivas Transportadoras; todos juntos de maneira a todos engrossarem a voz;

e doravante fica por conta das Transportadoras, lá nos escritórios limpinhos delas, empenhar a palavra na entrega da car-

ram indo alguns que antes não queriam ir; até que um voltou contando que ela falara: aquela era a última vez que por dinheiro abria as pernas; com o dinheiro da noite ia mudar de vida; e depois outro falou que ela falara mais: ia levantar uma casa com trepadeiras, botar dentro as duas crianças e viver de costurar. Então, com isso, os que tinham desistido voltaram a querer ir; e outros voltaram a desistir; e com isso a fila tumultuava, voltava atrás e pulava, mas um por vez iam entrando no ônibus; saíam com uma bolota de papel higiênico na mão, até que o barro em redor do ônibus ficou estrelado de bolas de gozo.

Entre um e outro ela se lavava, tirando dos galões água numa vasilha; e da vasilha a água tomava tapas em concha até seu destino entre as coxas abertas, por fim caía na bacia branca; e — bacia cheia — uma janela se abria e um jorro de água turva varria a noite. Quando o último galão secou ela avisou — "não tem mais água" — mas o homem que entrava não pediu: "você tem mais de um buraco"; e avançou, e ela deixou de usar a navalha, simplesmente deixou; e depois outro, e outro, assim até o lodoso esgotamento de todos os buracos; e depois ela ainda teve as mãos; e depois mesmo as mãos se enlamearam; depois foi amanhecendo e o último já saiu do ônibus numa claridade cinza; e nessa claridade ela se retirou escorada na outra como a reboque, uma caminhada turva até o jipe; e então o céu se quebrou em relâmpagos e uma chuva grossa abafou os contornos das carrocerias; diluiu as bolotas de papel em redor do ônibus; porra, barro, água, tudo se misturou em enxurrada, e a enxurrada desceu até o atoleiro, as rodas mais se afundaram.

sexto dia

Choveu desde a primeira claridade até a própria chuva enjoar de seu serviço; e garou; depois choveu outra vez, a tarde inteira; mas já a primeira pancada de água atordoou os menos e os mais esperançosos, todos jacarés nos seus volantes, sem falar nem piscar, e nem um rádio falou; e mastigaram pão murchado com mortadela e queijo, com bocas alheias para estômagos distantes.

Porcos morreram numa carroceria, e fediam.

Os Homossexuais, Uns Perseguidos

AGUINALDO SILVA

ga no tempo xis ou ípilson; porque eles motoristas não iam mais garantir nem o tempo nem a carga nessas estradas de merda; porque nós é que não temos culpa se esses prefetinhos não mandam empedrar os atoleiros; nem temos culpa se falta escoamento prá água em cada rego de monte;

nem vamos deixar de cobrar, nós *fretistas* proprietários, lavagem e lubrificação do nosso caminhão, porque é nosso e custou muita economia prá ficar apodrecendo em estrada miserável com uma riqueza ensucada encima;

nem nós, *fretistas* de salário, vamos deixar de exigir um tempo maior entre saída e destino; e intervalo maior entre saída e saída;

e não garantimos mais carga nenhuma com sol ou sem sol; porque de café só gostamos na xícara, nem requeentado nem frio nem ensacado a caminho de porto;

quem quiser mais garantia que pague seguro-prêmio ou vá lamber sabão.

Então ele no centro de todos desagachou com um suspiro fundo, procurou um palmo de barro prá euspir e depois falou bem devagar: que esse encalhe lazarento até que teve serventia; motorista é uma classe desgraçada, um sai enquanto outro volta, um vai enquanto outro vem, não é bancário nem operário de fábrica, não tem união nem greve, nem festa nem sindicato; pro-fissão desencontrada; então agora esse atoleiro até que teve serventia, porque é a primeira vez — é ou não é? — que a gente se uniu; é a primeira vez que a gente está unido.

No dia seguinte o sol estalou, no meio-dia o barro já seca-va, no fim da tarde esfarelava em torrões.

ANEXO 06

"O ENCALHE DOS 300"

- 2ª Publicação / 1977 -

VERMELHO

CONTOS

Primeiro prêmio do Concurso Nacional de Literatura da Fundação Cultural do Distrito Federal, e primeiro prêmio Fernando Chinaglia II em 1974, além de um dos lauréis do Concurso Nacional de Literatura da Caixa Econômica de Goiás, 1975, foram os reconhecimentos públicos que antecederam

O HOMEM VERMELHO

livro de contos com que lançamos para todo o País o nome do jornalista e professor de literatura

Domingos Pellegrini Jr.

— um paranaense de vinte e sete anos que assume desde já uma posição de importância em nossas letras pela extraordinária qualidade dos contos que compõem este volume de lançamento.

O HOMEM VERMELHO

é livro que nos honra publicar, consciente de que as letras em nossa terra acabam de ser enriquecidas com mais um grande ficcionista.

Mais um lançamento de categoria da

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

O Encalhe dos 300

O ENCALHE dos 300 começou às seis horas da manhã escura de 11 de agosto de 1958, no atoleiro do Km 60 da Cianorte-Cruzeiro do Oeste, a estrada mais perebenta do Brasil. Um FNM com carga de peroba meteu o peito na lama empoçada e bambeou de lado, as rodas traseiras patinaram esguichando e duas afundaram na valeta coberta pela enxurrada; o motorista não se deu nem ao trabalho de descer; aproveitou que ainda estava de sapatos secos — lá fora a chuva engrossava as enxurradas — e cruzou os pés no painel, acendeu um cigarro e deixou chover; que chovesse; que desabasse; que os troncos de peroba virassem esponja na carroceria. Ele sabia: aquele atoleiro só secava com sol de estalar mamona; e peroba não é carga de mofar com chuva. Quando raleou, às seis e meia mais ou menos, tirou os sapatos e enfiou umas botinas velhas que

estavam ali de plantão desde a última chuva, contou os cigarros, ainda deixou chover devagar mais um cigarro; e pulou fora da cabine, o barro grudou e começou a formar, debaixo da sola da botina, uma segunda sola, mais grossa, pra ser depois arrancada no estribo e renovada, arrancada e renovada; e quanto mais tempo passasse e o encalhe aumentasse, mais fios de capim e palitos de fósforo haveria misturados naquela sola de barro.

Quando ele saiu chapinhando no barro, outros já vinham com solas mais grossas e pesadas; o atoleiro era no rego de dois montes, e já havia dois caminhões esperando em cada subida; logo haveria outros, até o alto de cada lombada, e até o fim do dia outros e outros estrada afora, pára-choques apontando pra Cruzeiro ou pra Cianorte, e até que Deus mandasse sol os de Cruzeiro não chegariam a Cianorte nem vice-versa. Por que quatro troncos de peroba não são porcos nem galinhas, não são sacos de batata ou de café que se pode aliviar e recarregar depois. Mas mesmo quatro troncos de peroba podiam acabar emborcados na valeta, depois que as filas aumentassem e os revólveres saíssem dos porta-luvas pra comandar o desencalhe. Mas antes um afobado haveria de botar pedra no angu, um caminhão encalhado haveria de virar dois, não sobraria remédio senão esperar, até aquele encalhe virar o Encalhe dos 300 e aquela chuva virar uma semana de chuva.

primeiro dia

Tentaram de tudo. As rodas do FNM patinaram até cozinhar o barro. O vapor subia do barro amassado, e quanto mais giravam mais aquilo virava uma cola vermelha, a esperança se enterrando. Experimentaram pular na carroceria, jogaram capim e pedra moída; abriram valetas e escoaram a lama; raparam palmos de terra com enxadões; os enxadões iam virando bolas de barro espetadas num pau, até dar mais trabalho

limpar os enxadões que cavar; e vinte, depois trinta, depois quarenta homens empurraram, o motor rachando e as rodas espirrando nas roupas pelotas de barro quente. Depois desistiram, e antes que pudessem inventar mais soluções um afobado botou fé na passagem estreita, se enfiou na cabine e meteu marcha; então ficaram dois encalhados, monstruosas toneladas, carroceria com carroceria, peroba e café. Tentaram de tudo novamente, e mais que tudo; e, quando só restava xingar, acabaram engolindo os palavrões, porque com tantas putas que soitassem no ar, alguém acabaria achando a própria mãe; e a chuva engrossou de novo, cada um se enfiou na sua cabine e meio-dia em ponto ainda estavam cozinhando a ralva e a paciência, as mãos nos câmbios metendo marchas paradas e as filas aumentando. Se os barrancos não fossem tão altos, os jipes poderiam abrir desvios; mas, mesmo se os barrancos não existissem, existia a mata dos dois lados, alta como os palmitos, e fechada de cipós. O atoleiro era filho das sombras daquela mata.

Quando tornou a ralear, começaram a sair e percorrer as filas. As duas da tarde havia três ônibus em cada fila, num deles uma grávida com sete meses e olhos de presságio. Em outro ônibus um velho decorendo um jornal, um rapaz enjoado de tocar violão, uma mulher de cara seca e as pernas esticadas em cima do banco porque as varizes inchavam de hora para hora, uma recém-casada aprendendo bordado, mulheres e homens que repetiam "é um absurdo", "mas é um absurdo", "isto é um absurdo", a cada três janelas uma criança chorando ou com olhos de choro recente, ou uma criança desenhando com o dedo no vidro embaçado. E crianças nos jipes, camionetas e furgões com mães desacomodadas; os pacotes de bolachas acabando em farelos; mais uma tentativa de captar uma estação no rádio; homens e mulheres que repetiam "o governo devia ver isso", "por que é que o governo não vê uma coisa dessas?"; e em todos os fumantes um projeto nervoso de racionamento. Num jipe um bebê de colo

alheio ao tempo e distillando baba; num furgão um motorista negro e três freiras de branco como aves raras numa gaiola de lama; um caminhão de porcos de grunhidos famintos; um Toyota sem capota como numa comédia; uma peruva chapa-branca com um frangote sozinho no volante; um caminhão de areia se enchendo e vazando; outro caminhão com um trator novinho; e assim até os montes seguintes, nos jipes. As novas mesmas caras com a mesma pergunta. E eles, os profissionais do barro, respondendo com o mesmo muxoxo vazio; porque por piedade ou por maldade não podiam enterrar a esperança daqueles civis. Mas o tempo foi fazendo seu serviço e quem podia foi tentando se safar. Os que chegavam, com esperança nova, iam descendo e percorrendo a fila, até a primeira baixada; e murchavam já ao saber que o encalhe não era ali mas na baixada seguinte, o remédio era o sol. E quem podia foi tentando se safar, jipes, camionetas e furgões desbarrancando terra com os pára-choques; e até alguns caminhões tentaram suas manobras, acabaram com as rodas nas valetas e o Encalhe dos 300, às seis da tarde, já era um encalhe central com outros encalhes de intermeio; e os motoristas dos ônibus xingavam a natureza porque agora nem pra frente nem pra trás. Os que se safaram, alguns jipes do rabo de cada fila, levaram a notícia pela estrada, até Cianorte e até Cruzeiro; e quem vinha voltava. No meio da estrada deserta ficou a cobra de lata colorida, debaixo de toros de chuvisqueiros. As cinco e meia da tarde já tinham escuridão e uma soma final: à espera do sol iam ficar 300: 200 caminhões, sete ônibus e o resto miudezas de apenas quatro rodas. Cigarros foram trocados por bolachas e pão murcho, as mais verdes mexericas não foram desprezadas; e a noite se afundou em chuva, choro de crianças e silêncio das mulheres — que, de tão silencioso, era uma lamúria.

Os ônibus já tinham esvaziado metade com as carbonas dos jipes que voltaram, um deles com a grávida

de, olhos de presságio. "Eu tenho sangue doce" — eia falou quando seu jipe partiu — "e essa mosquitada ia me comer viva"; e o motorista riu porque "com chuva borrachudo não aparece, dona". Mas todas as outras mulheres, nos jipes encahados, passaram a noite coçando mordidas; e, quanto mais se convenciam de coçar a imaginação, mais coçavam; e amanheceram com canélas vermelhas e esfareladas. Mártires no silêncio, só descosturavam os lábios quando os homens dormiam; desaforo; os homens sempre dormem enquanto elas vigiam. Até quando? E se amanhã não fizer sol? E a fome? Mas para a sede não houve temores; panos limpos foram ensopados nos retrovisores ou nas antenas, depois torcidos acima das bocas; até que a madrugada se desmanchou num dia tão cinzento que seria preferível a escuridão.

De noite os motoristas de caminhão tinham enchido seus barrilotes; com funis de lata ou lona encerada pra recolher dois palmos de chuva até a boca do barril; e agora estavam cheios. Mal amanhecendo as mulheres e as crianças beberam até afogar a fome.

segundo dia

Então cada mulher agasalhou suas crias e — todas numa combinação de silêncios, sem olhar para os maridos ou irmãos, tomaram o rumo de Cianorte, que era mais longe do oeste e portanto mais perto da civilização. Os homens mal tiveram tempo de fechar os jipes e catar valores; deixaram as malas mais pesadas; mas mesmo nas sacolas cada grama haveria de virar um quilo, e a estrada até Cianorte haveria de virar uma rota de malas abandonadas.

Quando tanto escoregavam que não podiam mais, improvisaram bengalas com galhos de ipês; para as crianças, durante algum tempo, isso foi novidade, e quase se divertiram. As mulheres mantiveram a marcha, sem parar, os homens entraram em Cianorte atrás

delas. Gatas prenhas debaixo da chuva, os vestidos colando e os cabelos escorridos; lotaram os quartos e o salão do hotel; banharam os filhos em bacias quentes nas mesas de esnuque; primeiro pediram e depois exigiram toalhas e cobertores; agasalharam e deitaram os filhos como puderam; nos seus peitos e gargantas esfregaram pomadas; elas mesmas tomaram conta da cozinha e fizeram saltar sopas e mingaus dos caldeirões; e depois de tudo feito para os filhos não tiveram coragem pra mais nada. Eram sete horas da noite. No Encalhe dos 300, na carroceria vazia de um Ford coberto, 30 motoristas jogavam buraco, cacheta, escopa, vinte-e-um e sete-e-melo, com baralhos gosmentos e lamparinas no teto.

E chuva. Quando empoçava muito na cobertura do Ford, alguém cutucava de baixo pra cima até a água rolar pelo encerado, e o jogo não parava; jogavam com fervor. Todos descalços, os sapatos pendurados no teto; a silenciosa roda de "buraco", a roda barulhenta do "sete-e-melo", e a roda da "cacheta", a maior, com o boio maior de dinheiro no centro. Tinham estipulado: 30, nem um mais. Quem perdia, descia, subia outro, até perder muito ou tudo, subia outro.

No resto do encalhe, nas cabines com a figura do São Cristóvão no painel, uns dormiam até empapucar os olhos; outros liam revistas trocadas e retrocadas; captavam estações distantes com arames emendados nas antenas dos rádios de pilha; apostavam cigarros no jogo de palitos; e outros coçavam o saco e xingavam: o atoleiro, o prefeito desta merda deste município, a estrada, a safra do café, a chuva, Deus, São Pedro e todos os santos. De vez em quando chegava um jipe com um civil assanhado dentro; saltava, vinha estudando a situação, espalhava soluções já experimentadas, palpitava e oferecia cigarros até acabar o maço; então era mandado à merda com longos silêncios, voltava pro jipe, manobrava e desaparecia com a notícia: o Encalhe dos 300 continuava.

terceiro dia

As dez da manhã chegou de Cianorte um jipe carregado: sal, açúcar, pinga e pó de café. A manhã continuava purgando a chuva fina, mas uma brecha clara já abria no céu. Por isso nenhum pagou os preços de ouro. Mas também não assaltaram o jipe: porque o comerciante não estava só; o seu acompanhante, 45 na cinta e coturno nos pés, vigiava plantado no barro; e foi preferível a fome; e afinal o sol já ia abrir.

Melo-dia em ponto o céu fechou, um toró de duas horas despencou furioso; e depois do toró esvaziaram o jipe, debaixo duma garoa fria pagaram o preço de cada garrafa, de cada pacote. Em seguida o comerciante manobrou com seu guarda de fora, até o último instante plantado no barro; depois o guarda pulou dentro e arrancaram depressa numa chuva de pragas e palavrões.

A ralva e a pinga apertaram a fome, e muitos saíram a alcançar as roças de milho e mandioca, dez quilômetros de barro. Devastaram um mandioocal, cada um voltou com um pé em cada mão, e agradeceram a chuva que engrossou de novo e foi lavando as raízes embarreadas. Outros continuaram perseguindo a visão de um milharal de espigas verdes, mais cinco quilômetros, e comeram ali mesmo até enjoar; das carnisas fizeram sacos para muitas espigas e voltaram; mas antes de avistarem o encalhe a caganeira já dobrava alguns.

Outros caçaram cotias, macucos e todas as aves que revólver pode derrubar; armaram barracas de lona e tentaram assar, mas acabaram sabendo que lenha seca não cai do céu, e mesmo a madeira das carrocerias estava encharcada; então tostaram as carnes com fogo de jornais úmidos e revistas, papelão e pano. Curtiram mandioca em pinga durante melas horas, chamuscaram milho verde. Mastigaram com ódio e fúria cada pedaço, até virar uma pasta de nojo.

7/11/58

Na carroceria do Ford apostaram sacas de café contra dinheiro em maços, mas conforme mais cresciam as apostas mais o baralho morria; porque os perdedores de ontem eram ganhadores hoje; os ganhadores da manhã perdedores à tarde, os perdedores da tarde ganhadores à noite, e o dinheiro girava até voltar ao bolso original; e foram enjoando da pose dos reis, damas e valetes, e meio-dia o barro ganhou os baralhos, foram sendo pisados, misturados com paltos, fios de capim e bitucas curtas.

Alguns trancaram as cabines, pediram proteção e olho-vivo para as sacas de café, tomaram o rumo de Cianorte, um belo banho e comida de gente; mas 180 continuaram, porque cada saca valia ouro — Ouro Verde não era o nome do cinema inaugurado em Londrina, a Capital Mundial do Café? — e aquele ouro não era deles, mas deles seria cobrado.

Alguns passaram o dia em febre e caganeira. Então aos grupos de vinte ou trinta todos começaram a tirar a sorte; e os perdedores andariam até Cianorte, voltariam de jipe com pão e mortadela, tomates e bifes passados, caldeirões de batatas cozidas, abacates e laranjas, farofa e tudo que durasse um dia sem azedar. Mas a noite já embocava a tarde às cinco horas, e eles sabiam que jipe nenhum aventuraria na escuridão; então se enfiaram nas cabines, dois, três e até quatro; e foram acomodando a fome com piadas e casos, a história de cada um, os sonhos que até então só putas tinham ouvido, ambições de homens calejados na bunda e enrugados nos olhos, planos e confissões, lembranças que se abriram; porque na escuridão os olhos não se viam, e o sono estava rodando em outras estradas, enquanto a noite alargava a sua poça de tédio, saliva oca e chuva, e mais chuva.

Um desenterrou do colchão umas revistinhas que nem lembrava mais, enfiou as pilhas na lanterna e leu cada uma bem devagar, como se estudasse; como se

estivesse no meio daquêlas mulheres de peitos erguidos e línguas mornas, e não precisava ter pressa nenhuma, estavam todas ali no espaço da cabine, era só ir apalpando cada uma e abraçando, e variando com outra e depois mais outra variação com outra, até que ele gozou três vezes, a terceira mais longa e mais doída que qual-quer outra na vida; então enxugou as mãos pela terceira vez, ficou um tempo sentado no volante e depois sentado maquinando o câmbio, depois abriu a porta, lembrou de vender as mulheres, continuou um tempo, um vulto ia passando em equilíbrios no barro, ele chamou "ô companheiro! leva isso pra passar o tempo" e entregou as mulheres todas, os peitos e as coxas, as línguas e todas as variações. Quando amanheceu, aquelas revistinhas tinham passado por muitas lanternas, as folhas estavam sebatas e o limo das mãos tinha carnado a brancura de papel das coxas das mulheres; em outras cabines um último gole de pinga economizava descia em goela rouca; muitos amanheceram se tratando pelos nomes; em todos olheiras e nenhum sono, as conversas ainda brotando quando amanheceu chorrendo e a expectativa foi inchando a fome até que os jipes de comida começaram a chegar.

quinto dia

Nos intestinos a comida foi uma revolução; mas agora tinham rolos de papel higiênico, entraram na mata pra descarregar o enchimento velho e fedido das tripas; depois numa trégua da chuva chuparam as laranjas agachados no barro, mastigaram os bagaços. "Amanhã vai estiar", um falou, e molejou as pernas num pulo quase alegre, escorregou e estatelou os costados; jogaram nele uma casca de laranja, ele embolou a casca com barro, maçarocou na mão aquela bola, jogou nas gargalhadas; acertou um; que atirou de volta outra laranja de barro, mas acertou um terceiro; que acertou um quarto; que não acertou ninguém mas foi

primeiro FNM encachado achou-se no direito, e todos acharam lógico ele ser o primeiro. Entrou e pagou, mas logo voltou pro estribo: "mas não vou enquanto tiver cara em janela, né", e foi uma festa de assobios e palavrões; uma voz sugeriu fila pela ordem de encalhe, a psicoleira avisou "o tempo vai passando...", e cada um foi voltando pro seu caminho; haveria de ser mesmo pela ordem de encalhe.

O segundo foi o FNM de café emparelhado no atoleiro com o de peroba; o terceiro foi um Ford no rumo de Cruzeiro; o quarto um Chevrolet no rumo de Cianorte; e assim a fila se abriu em duas pontas a partir do atoleiro; e cada um que voltava acendia lá os faróis, e de cá um acendia dali a instante; assim iam sabendo que o ônibus engolia um de cá e um de lá ordeiramente; mas mesmo com tanta ordem houve os que não quiseram. Os que voltavam do ônibus contavam: ela aberta na escuridão, navalha numa mão e toalha na outra; e se o freguês começasse a demorar então largava a toalha, trabalhava com a mão, gemia se se contorcia até o fim do negócio; mas a navalha não largava, o braço esticado pra longe do corpo, no fim do braço o aço brilhando. Por isso alguns desistiram; e acabaram indo alguns que antes não queriam ir; até que um voltou contando que ela falara: aquela era a última vez que por dinheiro abria as pernas; com o dinheiro da noite ia mudar de vida; e depois outro falou que ela falara mais: ia levantar uma casa com trepadeiras, botar dentro as duas crianças e viver de costurar. Então, com isso, os que tinham desistido voltaram a querer ir; e outros voltaram a desistir; e com isso a fila tumultuava, voltava atrás e pulava, mas um por vez iam entrando no ônibus; saíam com uma bolota de papel higiênico na mão, até que o barro em redor do ônibus ficou estrelado de bolas de gozo.

Entre um e outro ela se lavava, tirando dos galões água numa vasilha; e da vasilha a água tomava tapas em concha até seu destino entre as coxas abertas, por fim caía na bacia branca; e — bacia cheia — uma

acertado de novo, porque então já eram 180 moleques peludos guerreando laranjas de barro e escorregando gargalhadas, até que ergueram uma ampla tenda de barro debaixo do céu, todos acertaram e foram acertados; iam até de repente uma bola de barro lhes encher a boca; depois foram raleando a chuva de barro enquanto o riso endurecia em soluços, um cansaço de fim de viagem e um sono doce de barriga cheia; amanhã o sol estalaria.

Acordaram anoitecendo. Riscaram xadrez de damas em placas de papelão, penduraram lanternas no teto das cabines; ligaram os rádios, abriram devagar umas últimas garrafas de pinga, foram cortando finas fatias de mortadela e salgando mordidas em batatas. Ia ser uma longa noite insonse se um jipe não tivesse roncado e não viesse picando a escuridão com um farol só; e se não parasse no fim do encalhe com duas buzinas; e se não corresse, de cabine em cabine, a novidade; e se não fosse verdade o que o próprio chofer do jipe confirmou; e se as duas que chegaram não fossem uma puta curta de muitos carnavais e uma puta nova; e se não tivessem se instalado num dos ônibus vazios, uma no banco do motorista, .38 na mão e cara engatilhada, a mais nova no banco grande do fundo, três galões de água e uma bacia-de-assento, papel higiênico e um lençol bordado.

Quando eles cercaram o ônibus já estavam instaladas. Treparam nas janelas pra espiar lá dentro a nudez branca, repararam na navalha aberta na mão dela; um falou "essa mulher quer fazer coleção de salsicha" e outro emendou "então vou ser o primeiro a enfiar a salsicha nela", e correu pra porta; mas não havia de ser o primeiro. Na correria nem viram quem entrou primeiro, mas voltaram tão depressa como iam entrando, porque um .38 quando atira não faz pouco barulho. "Aqui vai entrar um de cada vez" — a voz saiu da escuridão do ônibus — "e o primeiro vai pagar um pouco mais; os outros vão pagar menos" — e ditados os preços não houve mais conversações; o motorista do

janela se abria e um jorro de água turva varria a noite. Quando o último galão secou ela avisou — “não tem mais água” — mas o homem que entrava não perdoou: “você tem mais de um buraco”; e avançou, e ela deixou de usar a navalha, simplesmente deixou; e depois outro, e outro, assim até o lodoso esgotamento de todos os buracos; e depois ela ainda teve as mãos; e depois mesmo as mãos se enlamearam; depois foi amanhecer. — e o último já saiu do ônibus numa claridade cinza; e nessa claridade ela se retirou escorada na outra como a reboque, uma caminhada turva até o jipe; e então o céu se quebrou em relâmpagos e uma chuva grossa abafou os contornos das carrocerias; diluiu as bolotas de papel em redor do ônibus; porra, barro, água, tudo se misturou em enxurrada, e a enxurrada desceu até o atoleiro, as rodas mais se afundaram.

serto dia

Choveu desde a primeira claridade até a própria chuva enjoar de seu serviço; e garou; depois choveu outra vez, a tarde inteira; mas já a primeira pancada de água atordou os menos e os mais esperançosos, todos jacarés nos seus volantes, sem falar nem piscar, e nem um rádio falou; e mastigaram pão murcho com mortadela e queijo, com bocas alheias para estômagos distantes.

Porcos morreram numa carroceria, e fediam.

sétimo dia

Amanheceu sem chuva e sem sol.

Ele, talvez o mais baixo entre todos, atarracado e moreno, tinha no entanto uma voz grave de advogado ou locutor de rádio; e se a voz no começo não combi- nava com ele, depois de sete dias era impossível pensar

nele sem ela. Ele só falava no silêncio dos outros, não embarçava a voz em conversa cruzada, e, se era dos que falavam menos, o pouco que falava sempre saía pensado.

Mas no mormaço daquela manhã ele desceu da cabine, amassou o barro com três passos sólidos, de pernas bem abertas mijou como um fole, engolindo blocos de ar pra empurrar o mijo, até que soltou do mais fundo do peito, com todo o ar e a raiva das costelas:

“Puuta meerdadaa!” A mata molhada absorveu o som sem o mínimo eco; mas um “puta que pariu” ecoou de outro peito, e um “caralho” bem grosso se esparramou em seguida; e amassando barro em passadas de bicho se plantaram no mormaço; grunhiram todos os palavrões que lembraram, berraram todas as pragas possíveis, soltaram no mormaço os pássaros mais negros, as mais morféticas doenças para as mães do mundo, os tumores mais purgantes nas regiões mais estreitas dos mais castos santos; até ficaram roucos.

— Ele então agachou, e todos vieram vindo, lombada acima ou lombada abaixo, escorregando tombos sem nem um sorriso, caras de prisioneiros, no silêncio, lentos no fundo de um tanque entre peixes de ódio. Em redor dele foram se agachando, e ele falou e outros falaram; que era mesmo uma merda, que era o barro que o diabo amassou, que não iam ganhar menos nem mais por sete dias de barro;

mas que doravante os *fretistas* deviam cobrar o frete por tempo e não por distância, e já desta vez não entregar a carga sem indenização de sete dias, sete noites;

e quatorze refeições os *fretistas* deviam cobrar das suas respectivas Transportadoras; todos juntos de maneira a todos engrossarem a voz;

e doravante fica por conta das Transportadoras, lá nos escritórios limpinhos delas, empenhar a palavra na entrega da carga no tempo xis ou ípsilon; porque eles motoristas não iam mais garantir nem o tempo nem a carga nessas estradas de merda;

Mãe

porque nós é que não temos culpa se esses prefelinhos não mandam impedir os atoleiros; nem temos culpa se falta escoamento pra água em cada rego de monte;

nem vamos deixar de cobrar, nós *fretistas* proprietários, lavagem e lubrificação do nosso caminhão, porque é nosso e custou muita economia pra ficar apodrecendo em estrada miserável com uma riqueza ensacada em cima;

nem nós, *frotistas* de salário, vamos deixar de exigir um tempo maior entre saída e destino; e intervalo maior entre saída e saída;

e não garantimos mais carga nenhuma com sol ou sem sol;

porque de café só gostamos na xícara, nem requerido nem frio nem ensacado a caminho de porto;

quem quiser mais garantia que pague seguro-prémio ou vá lamber sabão.

Então ele no centro de todos desagachou com um suspiro fundo, procurou um palmo de barro pra cuspir e depois falou bem devagar: que esse encalhe lazarento até que teve serventia; motorista é uma classe desgraçada, um sai enquanto outro volta, um vai enquanto outro vem, não é bancário nem operário de fábrica, não tem união nem greve, nem festa nem sindicato; profissão desencontrada; então agora esse atoleiro até que teve serventia, porque é a primeira vez — é ou não é? — que a gente se uniu; é a primeira vez que a gente está unido.

No dia seguinte o sol estalou, no melo-dia o barro já secava, no melo da tarde esfarelava em torrões. Cada um montou no seu caminhão, cada caminhão com chapinha do Brasil inteiro, e tocou cada um pro seu destino. De noite já teve poeira no Encalhe dos 300.

ANEXO 07

"O ENCALHE DOS 300"

- 3ª Publicação / 1982 -

**DOMINGOS
PELLEGRINI JR.**



**O HOMEM
VERMELHO
OS MENINOS**



O homem vermelho

Os meninos

O Encalhe dos Trezentos começou às seis horas da manhã escura de 11 de agosto de 1958, no atoleiro do quilómetro 60 da Cianorte—Cruzeiro do Oeste, a estrada mais perebenta do Brasil. Um FNM com carga de peroba meteu o peito na lama empoçada e bambeou de lado, as rodas traseiras patinaram esguichando e duas afundaram na valeta coberta pela enxurrada; o motorista não se deu nem ao trabalho de descer: aproveitou que ainda estava de sapatos secos — lá fora a chuva engrossava as enxurradas — e cruzou os pés no painel, acendeu um cigarro e deixou chover; que chovesse; que desabasse; que os troncos de peroba vitassem esponja na carroceria. Ele sabia: aquele atoleiro só secava com sol de estalar mamona; e peroba não é carga de mofar com chuva. Quando raleou, às seis e meia mais ou menos, tirou os sapatos e enfiou umas botinas velhas que estavam ali de plântão desde a última chuva, contou os cigarros, ainda deixou chover devagar mais um cigarro; e pulou fora da cabine, o barro grudou e começou a formar, debaixo da sola da botina, uma segunda sola, mais grossa, pra ser depois arrancada no estribo e renovada, arrancada e renovada; e quanto mais tempo passasse e o encalhe aumentasse, mais fios de capim e palitos de fósforo haveria misturados naquela sola de barro.

Quando ele saiu chapinhando no barro, outros já vinham com solas mais grossas e pesadas; o atoleiro era no rego de dois montes, e já havia dois caminhões esperando em cada subida; logo haveria outros, até o alto de cada lombada, e até o fim do dia outros e outros estrada afora, pára-choques apontando pra Cruzeiro ou pra Cianorte, e até que Deus mandasse sol os de Cruzeiro não chegariam a Cianorte nem vice-versa. Porque quatro troncos de peroba não são

porcos nem galinhas, não são sacos de batata ou de café que se pode aliviar e recarregar depois. Mas mesmo quatro troncos de peroba podiam acabar emborcados na valeta, depois que as filas aumentassem e os revólveres saíssem dos portaluvas pra comandar o desenralhe. Mas antes um atobado haveria de botar pedra no angu, um caminhão encalhado haveria de virar dois, não sobraria remédio senão esperar, até aquele encalhe virar O Encalhe dos Trezentos e aquela chuva virar uma semana de chuva.

primeiro dia

Tentaram de tudo. As rodas do FNM patinaram até cozinhar o barro. O vapor subia do barro amassado, e quanto mais giravam mais aquilo virava uma cola vermelha, a esperança se enterrando. Experimentaram pular na carroceria, jogaram capim e pedra moída; abriram valetas e escoaram a lama; taparam palmos de terras com enxadões; os enxadões iam virando bolas de barro espetadas num pau, até dar mais trabalho limpar os enxadões que cavar; e vinte, depois trinta, depois quarenta homens empurraram, o motor rachando e as rodas espirrando nas roupas pelotas de barro quente. Depois desistiram, e antes que pudessem inventar mais soluções um afobado botou fé na passagem estreita, se enfiou na cabine e meteu marcha; então ficaram dois encalhados, monstruosas toneladas, carroceria com carroceria, peroba e café. Tentaram de tudo novamente, e mais que tudo; e, quando só restava xingar, acabaram engolindo os palavrões, porque com tantas putas que soltassem no ar, alguém acabaria achando a própria mãe; e a chuva engrossou de novo, cada um se enfiou na sua cabine e meio-dia em ponto ainda estavam cozinhando a raiva e a paciência, as mãos nos câmbios metendo marchas paradas e as filas aumentando. Se os barrancos não fossem tão altos, os jipes poderiam abrir desvios; mas, mesmo se os barrancos não existissem, existia a mata dos dois lados, alta como os palmitos, e fechada de cipós. O atoleiro era filho das sombras daquela mata.

Quando tornou a ralar, começaram a sair e percorrer as filas. As duas da tarde havia três ônibus em cada fila, num deles uma grávida com sete meses e olhos de presságio. Em outro ônibus um velho decorando um jornal, um rapaz enjoado de tocar violão, uma mulher de cara seca e as pernas

esticadas em cima do banco porque as varizes inchavam de hora para hora, uma recém-casada aprendendo bordado, mulheres e homens que repetiam "é um absurdo", "mas é um absurdo", "isto é um absurdo", a cada três janelas uma criança chorando ou com olhos de choro recente, ou uma criança desenhando com o dedo no vidro embaçado. E crianças nos jipes, camionetas e furgões com mães desacomodadas; os pacotes de bolachas acabando em farelos; mais uma tentativa de captar uma estação no rádio; homens e mulheres que repetiam "o governo devia ver isso", "por que é que o governo não vê uma coisa dessas?"; e em todos os fumantes um projeto nervoso de racionamento. Num jipe um bebê de colo alheio ao tempo e destilando baba; num furgão um motorista negro e três freiras de branco como aves raras numa gaiola de lama; um caminhão de porcos de grunhidos famintos; um Toyota sem capota como numa comédia; uma perua chapa-branca com um frangote sozinho no volante; um caminhão de areia se encharcando e vazando; outro caminhão com um trator novinho; um caminhão vazio para cada dez com carga de café; e assim até os montes segointes, nos jipes as novas mesmas caras com a mesma pergunta. E eles, os profissionais do barro, respondendo com o mesmo muxoxo vazio; porque por piedade ou por maldade não podiam enterrar a esperança daqueles civis. Mas o tempo foi fazendo seu serviço e quem podia foi tentando se safar. Os que chegavam, com esperança nova, iam descendo e percorrendo a fila, até a primeira baixada; e murchavam já ao saber que o encalhe não era ali mas na baixada seguinte, o remédio era o sol. E quem podia foi tentando se safar, jipes, camionetas e furgões desbarrancando terra com os pára-choques; e até alguns caminhões tentaram suas manobras, acabaram com as rodas nas valetas e o Encalhe dos Trezentos, às seis da tarde, já era um encalhe central com outros encalhes de intermeio; e os motoristas dos ônibus xingavam a natureza porque agora nem pra frente nem pra trás. Os que se safaram, alguns jipes do rabo de cada fila, levaram a notícia pela estrada, até Cianorte e até Cruzeiro; e quem vinha voltava. No meio da estrada deserta ficou a cobra de lata colorida, debaixo de torós de chuvisqueiros. As cinco e meia da tarde já tinham escuridão e uma soma final: à espera do sol iam ficar trezentos: duzentos caminhões, sete ônibus e o resto miudezas de apenas quatro rodas. Cigarros foram trocados por bolachas e pão murcho, as mais verdes mexericas não foram desprezadas; e a noite se afundou em chuva, choro de crianças e

silêncio das mulheres — que, de tão silencioso, era uma lamúria.

Os ônibus já tinham esvaziado metade com as caronas dos jipes que voltaram, um deles com a grávida de olhos de presságio. "Eu tenho sangue doce" — ela falou quando seu jipe partiu — "e essa mosquitada ia me comer viva"; e o motorista riu porque "com chuva borrachudo não aparece, dona". Mas todas as outras mulheres, nos jipes encalhados, passaram a noite coçando mordidas; e, quanto mais se convenciam de coçar a imaginação, mais coçavam; e amanheceram com canelas vermelhas e esfareladas. Mártires no silêncio, só descosturavam os lábios quando os homens dormiam; desaforo; os homens sempre dormem enquanto elas vigiam. Até quando? E se amanhã não fizer sol? E a fome? Mas para a sede não houve temores; panos limpos foram ensoçados nos retrovisores ou nas antenas, depois torcidos acima das bocas; até que a madrugada se desmanchou num dia tão cinzento que seria preferível a escuridão.

De noite os motoristas de caminhão tinham enchido seus barrilotes; com funis de lata ou lona encerada para recolher dois palmos de chuva até a boca do barril; e agora estavam cheios. Mal amanhecendo as mulheres e as crianças beberam até afogar a fome.

segundo dia

Então cada mulher agasalhou suas crias e — todas — numa combinação de silêncios, sem olhar para os maridos ou irmãos, tomaram o rumo de Cianorte, que era mais longe do oeste e portanto mais perto da civilização. Os homens mal tiveram tempo de fechar os jipes e catar valores; deixaram as malas mais pesadas; mas mesmo nas sacolas cada grama haveria de virar um quilo, e a estrada até Cianorte haveria de virar uma rota de malas abandonadas.

Quando tanto escoregavam que não podiam mais, improvisaram bengalãs com galhos de ipês; para as crianças, durante algum tempo, isso foi novidade, e quase se divertiram. As mulheres mantiveram a marcha, sem parar, os homens entraram em Cianorte atrás delas. Gatas prenhas debaixo da chuva, os vestidos colando e os cabelos escorridos; lotaram os quartos e o salão do hotel; banharam os filhos em bacias quentes nas mesas de esnuque; primeiro pediram e depois exigiram toalhas e cobertores; agasalharam e deita-

ram os filhos como puderam; nos seus peitos e gargantas esfregaram pomadas; elas mesmas tomaram conta da cozinha e fizeram saltar sopas e mingaus dos caldeirões; e depois de tudo feito para os filhos não tiverem coragem pra mais nada. Eram sete horas da noite. No Encalhe dos Trezentos, na carroceria vazia de um Ford coberto, trinta motoristas jogavam buraco, cacheta, escopa, vinte-e-um e sete-e-meio, com baralhos gosmentos e lamparinas no teto.

E chuva. Quando empoçava muito na coberta do Ford, alguém cutucava de baixo pra cima até a água rolar pelo encerado, e o jogo não parava; jogavam com fervor. Todos descalços, os sapatos pendurados no teto; a silenciosa roda de buraco, a roda batulhenta do sete-e-meio, e a roda da cacheta, a maior, com o bolo maior de dinheiro no centro. Tinham estipulado, trinta, nem um mais. Quem perdia, descia, subia outro, até perder muito ou tudo, subia outro.

No resto do encalhe, nas cabines com a figura do São Cristóvão no painel, uns dormiam até empapucar os olhos; outros liam revistas trocadas e retrocadas; captavam estações distantes com arames emendados nas antenas dos rádios de pilha; apostavam cigarros no jogo de palitos; e outros coçavam o saco e xingavam: o atoleiro, o prefeito desta merda deste município, a estrada, a safra do café, a chuva, Deus, São Pedro e todos os santos. De vez em quando chegava um jipe com um civil assanhado dentro; saltava, vinha estudando a situação, espalhava soluções já experimentadas, palpitava e oferecia cigarros até acabar o maço; então era mandado à merda com longos silêncios, voltava pro jipe, manobrava e desaparecia com a notícia: O Encalhe dos Trezentos continuava.

terceiro dia

As dez da manhã chegou de Cianorte um jipe carregado: sal, açúcar, pinga e pó de café. A manhã continuava purgando a chuva fina, mas uma brecha clara já abria no céu. Por isso nenhum pagou os preços de ouro. Mas também não assaltaram o jipe: porque o comerciante não estava só; o seu acompanhante, .45 na cinta e coturno nos pés, vigiava plantado no barro; e foi preferível a fome; e afinal o sol já ia abrir.

Meio-dia em ponto o céu fechou, um toró de duas horas despencou furioso; e depois do toró esvaziaram o jipe, de baixo duma garoa fria pagaram o preço de cada garrafa, de

com pão e mortadela, tomates e bifes passados, caldeirões de batatas cozidas, abacates e laranjas, farofa e tudo que durasse um dia sem azedar. Mas a noite já embocava a tarde às cinco horas, eles sabiam que jipe nenhum aventuraria na escuridão; então se enfiaram nas cabines, dois, três e até quatro; e foram acomodando a fome com piadas e casos, a história de cada um, os sonhos que até então só putas tinham ouvido, ambições de homens calejados na bunda e enrugados nos olhos, planos e confissões, lembranças que se abriram; porque na escuridão os olhos não se viam, e o sono estava rodando em outras estradas, enquanto a noite alargava a sua poça de tédio, saliva oca e chuva, e mais chuva.

Um desentrouro do colchão umas revistinhas que nem lembrava mais, enfiou as pilhas na lanterna e leu cada uma bem devagar, como se estudasse; como se estivesse no meio daquelas mulheres de peitos erguidos e línguas mornas, e não precisava ter pressa nenhuma, estavam todas ali no espaço da cabine, era só ir apalpando cada uma e abraçando, e variando com outra e depois mais outra variação com outra, até que ele gozou três vezes, a terceira mais longa e mais doída que qualquer outra na vida; então enxugou as mãos pela terceira vez, ficou um tempo sentado no volante e depois sentado maquinando o câmbio, depois abriu a porta, lembrou de vender as mulheres, continuou um tempo, um vulto ia passando em equilíbrios no barro, ele chamou "ô companheiro! leva isso pra passar o tempo" e entregou as mulheres todas, os peitos e as coxas, as línguas e todas as variações. Quando amanheceu, aquelas revistinhas tinham passado por muitas lanternas, as folhas estavam sebatas e o limo das mãos tinha carnado a brancura de papel das coxas das mulheres; em outras cabines um último gole de pinga economizada descia em goela rouca; muitos amanheceram se tratando pelos nomes; em todos olheiras e nenhum sono, as conversas ainda brotando quando amanheceu chovendo e a expectativa foi inchando a fome até que os jipes de comida começaram a chegar.

quinto dia

Nos intestinos a comida foi uma revolução; mas agora tinham rolos de papel higiênico, entraram na mata pra descarregar o enchimento velho e fedido das tripas; depois numa trégua da chuva chuparam as laranjas agachados no

cada pacote. Em seguida o comerciante manobrou com seu guarda de fora, até o último instante plantado no barro; depois o guarda pulou dentro e arrancaram depressa numa chuva de pragas e palavrões.

A raiva e a pinga apertaram a fome, e muitos saíram a alcançar as roças de milho e mandioca, dez quilômetros de barro. Devastaram um mandiocal, cada um voltou com um pé em cada mão, e agradeceram a chuva que engrossou de novo e foi lavando as raízes embarreadas. Outros continuaram perseguindo a visão de um milharal de espigas verdes, mais cinco quilômetros, e comeram ali mesmo até enjoar; das camisas fizeram sacos para muitas espigas e voltaram; mas antes de avistarem o encalhe a caganeira já dobrava alguns.

Outros caçaram cotias, macucos e todas as aves que revólver pode derrubar; armaram barracas de lona e tentaram assar, mas acabaram sabendo que lenha seca não cai do céu, e mesmo a madeira das carrocerias estava encharcada; então tostaram as carnes com fogo de jornais úmidos e revisitas, papelão e pano. Curtiram mandioca em pinga durante meias horas, chamouscaram milho verde. Mastigaram com ódio e fúria cada pedaço, até virar uma pasta de nojo.

quarto dia

Na carroceria do Ford apostaram sacas de café contra dinheiro em maços, mas conforme mais cresciam as apostas mais o baralho morria; porque os perdedores de ontem eram ganhadores hoje; os ganhadores da manhã perdedores à tarde, os perdedores da tarde ganhadores à noite, e o dinheiro girava até voltar ao bolso original; e foram enjoando da pose dos reis, damas e valetes, e meio-dia o barro ganhou os baralhos, foram sendo pisados, misturados com palitos, fios de capim e bitucas curtas.

Alguns trancaram as cabines, pediram proteção e olho vivo para as sacas de café, tomaram o rumo de Cianorte, um belo banho e comida de gente; mas cento e oitenta continuaram, porque cada saca valia ouro — Ouro Verde não era o nome do cinema inaugurado em Londrina, a Capital Mundial do Café? — e aquele ouro não era deles, mas deles seria cobrado.

Alguns passaram o dia em febre e caganeira. Então aos grupos de vinte ou trinta todos começaram a tirar a sorte; e os perdedores andariam até Cianorte, voltariam de jipe

estribo: "mas não vou enquanto tiver cara em janela, né", e foi uma festa de assobios e palavrões; uma voz sugeriu fila pela ordem de encalhe, a pistoleira avisou "o tempo vai passando...", e cada um foi voltando pro seu caminho; havia de ser mesmo pela ordem de encalhe.

O segundo foi o FNM de café emparelhado no atoleiro com o de peroba; o terceiro foi um Ford no rumo de Cruzeiro; o quarto um Chevrolet no rumo de Cianorte; e assim a fila se abriu em duas pontas a partir do atoleiro; e cada um que voltava acendia lá os faróis, e de cá um acendia dali a instante; assim iam sabendo que o ônibus engolia um de cá e um de lá ordeiramente; mas mesmo com tanta ordem houve os que não quiseram. Os que voltavam do ônibus contavam: ela aberta na escuridão, navalha numa mão e toalha na outra; e se o freguês começasse a demorar então largava a toalha, trabalhava com a mão, gemia se se contorcia até o fim do negócio; mas a navalha não largava, o braço esticado pra longe do corpo, no fim do braço o aço brilhando. Por isso alguns desistiram; e acabaram indo alguns que antes não queriam ir; até que um voltou contando que ela falara: aquela era a última vez que por dinheiro abria as pernas; com o dinheiro da noite ia mudar de vida; e depois outro falou que ela falara mais: ia levantar uma casa com trepadeiras, botar dentro as duas crianças e viver de costurar. Então, com isso, os que tinham desistido voltaram a querer ir; e outros voltaram a desistir; e com isso a fila tumultuava, voltava atrás e pulava, mas um por vez iam entrando no ônibus; saíam com uma bolota de papel higiênico na mão, até que o barro em redor do ônibus ficou estrelado de bolas de gozo.

Entre um e outro ela se lavava, tirando dos galões água numa vasilha; e da vasilha a água tomava tapas em concha até seu destino entre as coxas abertas, por fim caía na bacia branca; e — bacia cheia — uma janela se abria e um jorro de água turva varria a noite. Quando o último galão secon ela avisou — "não tem mais água" — mas o homem que entrava não perdoou: "você tem mais de um buraco"; e avançou, e ela deixou de usar a navalha, simplesmente deixou de todos os buracos; e depois ela ainda teve as mãos; e depois mesmo as mãos se enlamearam; depois foi amanhecendo e o último já saiu do ônibus numa claridade cinza; e nessa claridade ela se retirou escorada na outra como a reboque, uma caminhada turva até o jipe; e então o céu se quebrou em relâmpagos e uma chuva grossa abafou os contornos

barro, mastigaram os bagaços. "Amanhã vai estiar", um falou, e molejou as pernas num pulo quase alegre, escorregou e estatelou os costados; jogaram nele uma casca de laranja, ele embolou a casca com barro, maçarocou na mão aquela bola, jogou nas gargalhadas; acertou um; que atirou de volta outra laranja de barro, mas acertou um terceiro; que acertou um quarto; que não acertou ninguém mas foi acertado de novo, porque então já eram cento e oitenta moleques peludos guerreando laranjas de barro e escorregando gargalhadas, até que ergueram uma ampla tenda de barro debaixo do céu, todos acertaram e foram acertados; riam até de repente uma bola de barro lhes encher a boca; depois foram raleando a chuva de barro enquanto o riso endurecia em soluços, um cansaço de fim de viagem e um sono doce de barriga cheia; amanhã o sol estalaria.

Acordaram anoitecendo. Riscaram xadrez de damas em placas de papelão, penduraram lanternas no teto das cabines; ligaram os rádios, abriram devagar umas últimas garrafas de pinga, foram cortando finas fatias de mortadela e salgando mordidas em baratas. Ia ser uma longa noite insonse se um jipe não tivesse roncado e não viesse picando a escuridão com um farol só; e se não parasse no fim do encalhe com duas buzinas; e se não corresse, de cabine em cabine, a novidade; e se não fosse verdade o que o próprio chofer do jipe confirmou; e se as duas que chegaram não fossem uma puta curtida de muitos carnavais e uma puta nova; e se não tivessem se instalado num dos ônibus vazios, uma no banco do motorista, 38 na mão e cara engatilhada, a mais nova no banco grande do fundo, três galões de água e uma bacia-de-assento, papel higiênico e um lençol bordado.

Quando eles cercaram o ônibus já estavam instaladas. Treparam nas janelas pra espiar lá dentro a nudez branca, repararam na navalha aberta na mão dela; um falou "essa mulher quer fazer coleção de salsicha" e outro emendou "então vou ser o primeiro a enfiar a salsicha nela", e correu pra porta; mas não havia de ser o primeiro. Na correria nem viram quem entrou primeiro, mas voltaram tão depressa como iam entrando, porque um 38 quando atira não faz pouco barulho. "Aqui vai entrar um de cada vez" — a voz saiu da escuridão do ônibus — "e o primeiro vai pagar um pouco mais; os outros vão pagar menos" — e ditados os preços não houve mais conversações; o motorista do primeiro FNM encalhado achou-se no direito, e todos acharam lógico ele ser o primeiro. Entrou e pagou, mas logo voltou pro

das carrocerias; diluiu as bolotas de papel em redor do ônibus; porra, barro, água, tudo se misturou em enxurrada, e a enxurrada desceu até o atoleiro, as rodas mais se afundaram.

sexto dia

Choveu desde a primeira claridade até a própria chuva enjoar de seu serviço; e garou; depois choveu outra vez, a tarde inteira; mas já a primeira pancada de água atordou os menos e os mais esperançosos, todos jacarés nos seus volantes, sem falar nem piscar, e nem um rádio falou; e mastigaram pão murcho com mortadela e queijo, com bocas alheias para estômagos distantes.

Porcos morreram numa carroceria, e fediam.

sétimo dia

Amanheceu sem chuva e sem sol.

Ele, talvez o mais baixo entre todos, atarracado e moreno, tinha no entanto uma voz grave de advogado ou locutor de rádio; e se a voz no começo não combinava com ele, depois de sete dias era impossível pensar nele sem ela. Ele só falava no silêncio dos outros, não embarçava a voz em conversa cruzada, e, se era dos que falavam menos, o pouco que falava sempre saía pensado.

Mas no mormaço daquela manhã ele desceu da cabine, amassou o barro com três passos sólidos, de pernas bem abertas mijou como um fole, engolindo blocos de ar pra empurrar o mijo, até que soltou do mais fundo do peito, com todo o ar e a raiva das costelas:

"Puuta meeerdaaa!" A mata molhada absorveu o som sem o mínimo eco; mas um "puta que pariu" ecoou de outro peito, e um "caralho" bem grosso se espartamou em seguida; e amassando barro em passadas de bicho se plantaram no mormaço; grunhiram todos os palavrões que lembraram. Ber-raram todas as pragas possíveis, soltaram no mormaço os pássaros mais negros, as mais morféticas doenças para as mães do mundo, os tumores mais purgantes nas regiões mais estreitas dos mais castos santos; até ficarem roucos.

Ele então agachou e todos vieram vindo, lombada acima ou lombada abaixo, escorregando tombos sem nem um sorris-

so, carnas de prisioneiros, cabelos mofados, as roupas úmidas, unhas de barro, saliva velha, no silêncio, lentos no fundo de um tanque entre peixes de ódio. Em redor dele foram se agachando, e ele falou e outros falaram; que era mesmo uma merda, que era o barro que o diabo amassou; e lamentaram com suspiros tão fundos que pareciam subir do rabo, desde o tempo dos macacos e passando por todos os séculos; e lamuriaram e tornaram a xingar, maldisseram e enfim silenciaram.

Então um deles, um que sete dias só tinha falado primeira, um que ninguém clava nada por ele, desagachou com um suspiro fundo, procurou um palmo de barro pra cuspir e só achou lama, e então falou bem devagar: que aquele enca-lhe lazarento até que tinha serventia; motorista é uma raça desgraçada, um sai enquanto outro volta, um vai enquanto outro vem, não é bancário nem operário de fábrica, não tem união nem greve, nem festa nem sindicato; profissão des-encontrada, todo dia se cruzando e nunca se encontrando; então até que aquele atoleiro tinha serventia, porque era a primeira vez — era ou não era? — que eles se uniam, era a primeira vez que eles estavam unidos.

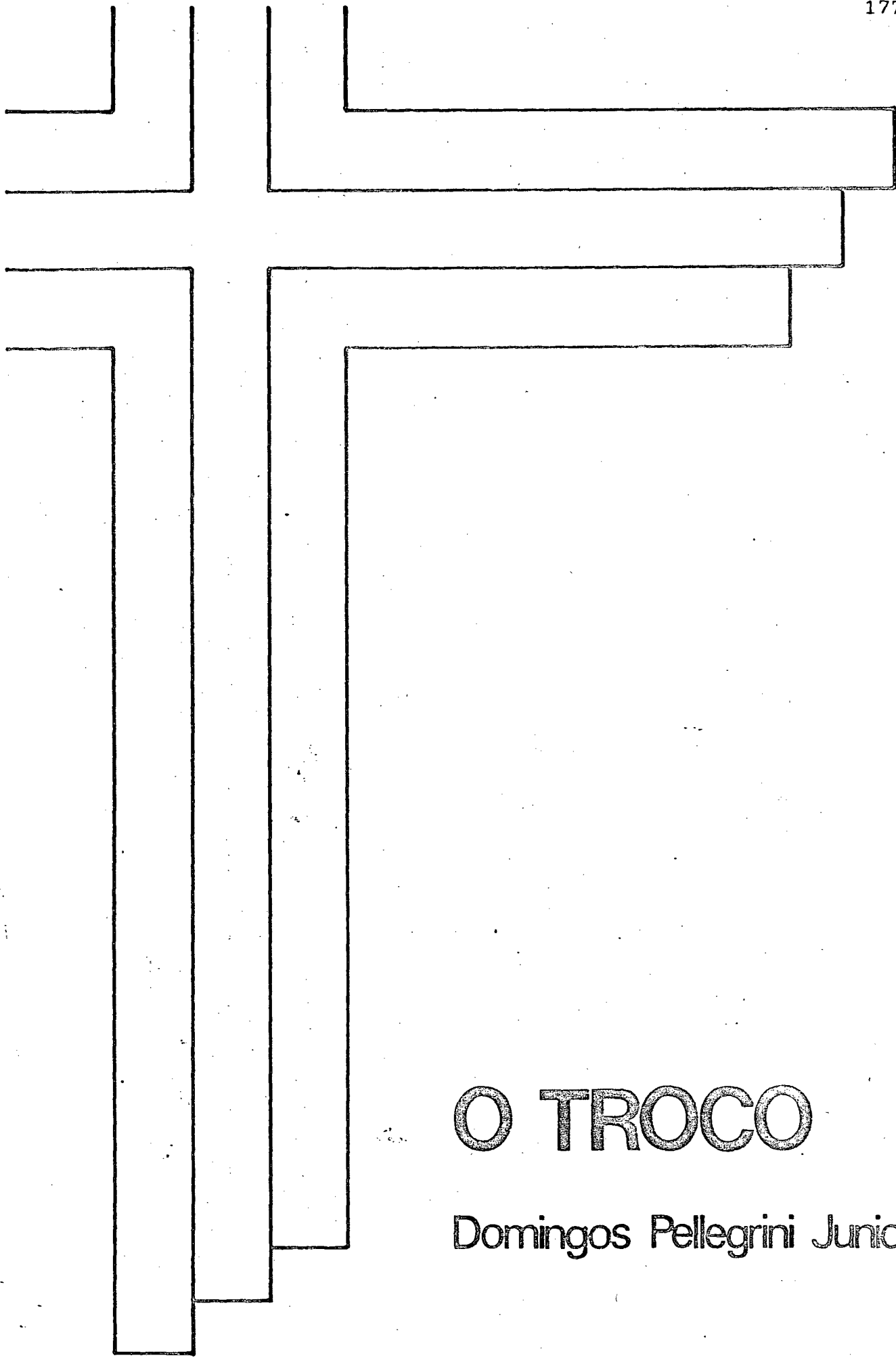
E pela primeira vez começaram a conversar fora de mesa de almoço, e as estrelas então foram aparecendo.

E no dia seguinte o sol estalou, no meio-dia o barro já secava, no meio da tarde esfarelava em torrões.

Então cada um montou no seu caminhão, cada caminhão com chapa do Brasil inteiro, e tocou cada um pro seu destino. De noite já teve poeira no Encalhe dos Trezentos.

ANEXO 08

"O TROCO"



O TROCO

Domingos Pellegrini Junior

O T R O C O

DE

DOMINGOS PELLEGRINI JUNIOR

CECUT / SUTET

1978

QUALQUER REPRESENTAÇÃO DESTA PEÇA EM TEATRO PÚBLICO
OU POR AMADORES, SÓ PODERÁ SER REALIZADA MEDIANTE
AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE
AUTORES TEATRAIS (SBAT), QUE DELIBERARÁ SOBRE OS
DIREITOS AUTORAIS RELATIVOS A CADA REPRESENTAÇÃO.

O T R O C O

DOMINGOS PELLEGRINI JUNIOR.

PERSONAGENS:

- Zé Passarinho (José Alves) - camelô
- Sorveteiro
- Cobrador de Ônibus
- Mulher do Zé
- Patrão
- Jornalista
- Guarda

CENÁRIO:

ESQUINA DE PRAÇA. O CARRINHO DE SORVETEIRO E NECESSÁRIAMENTE MAIS NADA ALÉM DA MESINHA DESMONTÁVEL, TÍPICA DE CAMELO, QUE O PRÓPRIO ZÉ TRARÁ.

(TODOS EM CENA PARA A INTRODUÇÃO. O SORVETEIRO COM SEU CARRINHO. O PATRÃO E O GUARDA RONDANDO; O PRIMEIRO ABRINDO E FECHANDO AS ASAS DO PALETÓ COMO GAVIÃO; GESTO QUE O CARACTERIZARÁ COMO GAVIÃO E O SEGUNDO GIRANDO O CASSETETE. COBRADOR, OPERÁRIO MULHER E JORNALISTA, EM OUTRO EXTREMO DO ESPAÇO).

INTRODUÇÃO

(TODOS IMÓVEIS, COM EXCEÇÃO DO SORVETEIRO, AO CENTRO, PARA ONDE TAMBÉM SE DIRIGE ZÉ PASSARINHO, QUE CHEGA E COMEÇA A INSTALAR SUA MESINHA DESMONTÁVEL, SOBRE ELA DEPOSITANDO SUA MERCADORIA).

Zé - (FALANDO AO VENTO) Bom dia, seu Zé, bom dia Dona Maria. Vamos chegando que é uma oferta da China. Es mola demais o santo desconfia, mas eu posso trazer aos senhores esta oferta na qualidade de representante do comércio desonerado de impostos, de INPS, de Fundo de Garantia, aluguel, iluminação, água, etc., etc., pois quem não paga tudo isso não vai precisar descontar preço e por isso este seu criado: José Alves, Zé Passarinho, às suas ordens, pode oferecer quase a preço de custo esta oferta: o cavalheiro ou a senhora leva um canivete, uma correntinha de ouro, não é bico de pato nem fundo de alfândega, e mais ainda, um calendário, um agulheiro com doze agulhas e doze botões, um descascador de batatas e mais uma nota de mil... tudo por quinhentos!...

(RI MALICIOSO, ASSOPIA ENQUANTO A MULHER SAI DE SUA IMOBILIDADE PARA TRAVAR UM CONFRONTO DE EVOLUÇÕES CORPORAIS COM O PATRÃO E O GUARDA, ENQUANTO CANTA:)

MULHER - Muito bem, o que é o que é?
o que acontece quando algum gavião encontra uma andorinha do céu?

(O PATRÃO E O GUARDA A AFUGENTAM, ELA VOLTA À IMOBILIDADE JUNTO COM O COBRADOR? O OPERÁRIO E O JORNALISTA).

ZÉ - (CONTINUA EXIBINDO SEU ESTILO DE CAMELÔ TARIMBADO. AGORA, UM TANTO POMPOSO) Zé Passarinho, às suas ordens, representante exclusivo das Indústrias Bird, canivetes de aço inoxidável. (EXIBE RAPIDAMENTE CARTEIRINHA DE IDENTIFICAÇÃO). Os senhores não estariam parando aqui para ouvir este seu criado se não soubessem que uma grave crise esta se abatendo sobre a indústria nacional: o Brasil está fabricando muito aço, cidadãos, e esse aço está so brando. Não temos como exportar nem temos como usar este aço, e isso está trazendo, ou melhor está acarrentando um enorme prejuízo para a nação. Aliás, a solução mais fácil era fazer a Usina de Volta Redonda trabalhar só duas horas por dia, mas com isso milhares de operários ficariam na rua da amargura, com seus salários reduzidos, cidadãos, e o governo se preocupa, tanto que preferiu outra solução: apelou às indústrias para que produzam mais mercadorias de aço, mas aconteceu que o comércio não tem conseguido vender toda essa mercadoria, e é por isso que milhares de representantes exclusivos como este seu criado, estão saindo às ruas, às praças, para oferecer esses produtos a preço de custo, como por exemplo, este canivete de aço inoxidável que... (PARA, PENSA. JÁ FALANDO AO SORVETEIRO) Não, esse pio só pega na roça... Aqui o Zé Passarinho tem que cantar melhor. (NOVAMENTE SE DIRIGINDO A UMA "RODA" IMAGINÁRIA). Zé Passari-

nho às suas ordens, representante exclusivo das Indústrias Bird, canivetes de aço inoxidável. Com este canivete o cavalheiro chega em casa e fala. "Ve^lha, vamos descascar uma laranjinha" e não tem jeito de falhar mesmo que estejam os dois sem preparo físico a estas alturas do campeonato. O companheiro leva um canivete destes e diz pro seu cabide de saias: "Vamos tirar uma casquinha por aí"... e ela vai na horinha; é canivete que alisa, que pica mil e uma servantias!... (NOVAMENTE RI, ASSOBIA, ENQUANTO A MULHER E O OPERÁRIO SAEM DA IMOBILIDADE PARA SE CONFRONTAREM COM AS EVOLUÇÕES DO PATRÃO E DO GUARDA, AGRESSIVOS).

MULHER e

OPERÁRIO - Muito bem, o que é, o que é?
o que é que acontece quando algum gavião encontra duas andorinhas no céu? (SÃO NOVAMENTE ESCORRAÇADOS, VOLTAM À IMOBILIDADE)

ZÉ - (AO SORVETEIRO) Bom dia.

SORVETEIRO- Bom dia. (RECUA O CARRINHO PARA DAR ESPAÇO AO CAMELÔ).

ZÉ - Será que não tem espaço para dois?

SORVETEIRO- Tem...

ZÉ - Então porque está recuando, companheiro? (SORVETEIRO VOLTA).
(MULHER, OPERÁRIO E COBRADOR SAEM DE SUA IMOBILIDADE PARA NOVO CONFRONTO COM O PATRÃO E O GUARDA. CADA VEZ MAIS AGRESSIVIDADE).

MULHER,
OPERÁRIO

E COBRADOR- Muito bem, o que é, o que é?
o que é que acontece quando algum gavião encontra
três andorinhas no céu?
(SÃO NOVAMENTE ENCORRAÇADOS, VOLTANDO À IMOBILIDA-
DE).

ZÉ - Bom dia, companheiro, eu...

SORVETEIRO- O senhor já disse.

ZÉ - Como que "já disse"? O companheiro adivinha pensa-
mento? Vou dizer agora: lhe perguntar o seguin-
te... E se eu chegasse aqui e fosse me instalando
ai no seu canto, hein?
(MULHER? OPERÁRIO, COBRADOR E JORNALISTA ERGUEM-SE
NOVAMENTE, CANTAM QUASE SUSSURRANDO, AVANÇAM E EVO-
LUEM PARA O CONFRONTO LENTAMENTE, CAUTELOSOS COMO
QUEM PREPARA O BOTE, COMO QUEM TESTA NOVAS FORÇAS).

MULHER,
OPERÁRIO,
COBRADOR
JORNALISTA

- Muito bem, o que é, o que é?
o que é que acontece quando algum gavião encontra
cem andorinhas no céu?
(AGORA NÃO SE IMOBILIZAM MAIS. MURMURANDO, VOLTEAN-
DO, AVANÇANDO E RECUANDO, PREPARAM-SE PARA MEDIR
FORÇAS DEFINITIVAMENTE COM O PATRÃO E O GUARDA).

É - Hein, companheiro?

SORVETEIRO- Tem espaço pra dois, né...

ZÉ - Desculpa, companheiro, mas minha mulher diz que a coisa que eu mais gosto no mundo é me meter na vida dos outros, e tem horas que a gente tem que dar razão a ela. Porque... e se fosse um permanente que desembarcasse aí para tomar conta do teu canto hein, companheiro? Uma banca de revista, por exemplo... Você vai recuando? (VONTANDO A ARRUMAR SUA MERCADORIA). Bom, não tenho nada com isso.
(MULHER, OPERÁRIO, COBRADOR E JORNALISTA CONFRONTAM-SE VIGOROSAMENTE COM O PATRÃO E O GUARDA, CANTANDO FORTE E ALTO, AGRESSIVOS).

MULHER.

OPERÁRIO,

COBRADOR E

JORNALISTA- Então o gavião
Certamente verá

PATRÃO - Será? Será? Será?

MULHER,

OPERÁRIO,

COBRADOR E

JORNALISTA- O caçador vira caça,

PATRÃO - Será? Será? Será?

(ENQUANTO OS CONFRONTANTES REPETEM SEUS DESAFIOS
ZÉ BATE PALMAS AVISANDO A IMAGINÁRIOS PASSANTES:)

ZÉ - É aqui, o bico da praça
Zé Passarinho aqui, está

(MULHER, OPERÁRIO, COBRADOR, JORNALISTA, PATRÃO E GUARDA VÃO SE RETIRANDO, POR LADOS OPOSTOS, COMO QUEM RESERVA O CONFRONTO PARA UMA NOVA OPORTUNIDADE. FICAM ZÉ E O SORVETEIRO; DESFAZ-SE O CLIMA DA INTRODUÇÃO).

É aqui no bico da praça
Zé Passarinho aqui está!

Vamos chegando, vamos chegando
quem vai indo, quem vem voltando,
quem vai e quem vem chegando

É aqui no bico da praça,
Zé Passarinho aqui está

(AO SORVETEIRO, RAPIDAMENTE) Já vi que nesta esquina o papo tem que ser na base da poesia, companheiro... (CONTINUA)

Vamos chegando, vamos, vamos, chegando,

No meu colete invisível tem de tudo,

No meu chapéu de vento tem um bando, (TIRA O CHAPÉU) de passarinhos - só não ouve quem é surdo

De manhã já estão cantando

Pedindo a sua atenção

- e conforme vão piando

vou fazendo a tradução:

(SEGUE INUTILMENTE COM O OLHAR OS TRANSEUNTES, QUE NÃO PARAM).

É aqui no bico da praça

Zé Passarinho aqui está

Vem o distinto passante

E para por um instante

Não é um bode de vidro

Não é um litro de fumaça

Não é pipoca nem milho

- é um canivete de raça
E mais uma correntinha
Descascador de batatas
Um agulheiro pras linhas
E um calendário prás datas
Pelo preço de banana
Que se não rima/ é barata

ZÉ - Mas que esquina mais ingrata, companheiro...

SORVETEIRO- Não é hora de muito movimento, né...

ZÉ - Um poeta, aqui, de graça, e ninguém, hein!...

SORVETEIRO- O senhor não tem mala com cobra e lagarto?

ZÉ - Tu tá pensando que eu sou desses, companheiro? O que abre uma "roda" é papo mesmo, esse negócio de cobra e lagarto é do tempo que o pessoal vendia dinheiro... (CONTINUA INESPERADAMENTE):
Não é um bode de vidro
Não é litro de fumaça
Não é pipoca de milho
- é canivete de raça, (PAROU ALGUEM): O cavalheiro pode pegar, se está examinando o artigo e perguntando pra sua distinção mesmo: "O que é que eu vou fazer com um canivete de picar-fumo?" - Se o cavalheiro não fuma, ou se fuma só cigarros de papel, esses que dão cancer, com um canivete desses aqui dá até vontade de mudar: artigo de primeira, modelo suíço o cavalheiro sabe que é na Suíça que se fabricam os melhores canivetes do mundo? Fino acabamento, como não se fazem mais hoje em dia, pra durar de pai pra filho, canivete para mil e uma utilidades: pro cavalheiro levar na pescaria, pra

abrir garrafas no campo de futebol, pra servir de chave de fenda, abridor de latas, furador, mil e uma utilidades apenas por mil cruzeiros, e ainda de brinde das Indústrias Bird o cavalheiro leva...
(ACOMPANHA COM O OLHAR O CAVALHEIRO QUE SE AFASTA)

SORVETEIRO- (TÍMIDO, DESGRACIOSO) Sorvete...

ZÉ - Isso não tem saída com um tempo desses, companheiro...

SORVETEIRO- Na hora do movimento sempre sai um pouco... mas só lá pro meio-dia. (ZÉ ARRUMA AS COISAS, A LÂMINA DE UM CANIVETE SOLTA DO CABO)

SORVETEIRO- (IRÔNICO) Artigo estrangeiro, né?

ZÉ - (FAZENDO-SE DE OFENDIDO) Pode ler a marca aqui, companheiro.

SORVETEIRO- (LÊ NA LÂMINA) Bird...

ZÉ - É "berde" companheiro, "b e r d e"... Inglês companheiro!

SORVETEIRO- O senhor sabe Inglês?

ZÉ - Sei nada, companheiro, sei nada - é isso aí (o canivete) é produto nacional mesmo, mesmíssimo.

SORVETEIRO- (CONTINUA LENDO A LÂMINA) Marca registrada, São Paulo.

ZÉ - Lá sim, dez anos atrás, era terra pra camelô...

SORVETEIRO- Aqui já vi uns, mas vendendo, caneta...

ZÉ - Caneta comigo não.

SORVETEIRO- ... em vez de canivete. Eles vendiam bastante.

ZÉ - É, caneta é um artigo de mais precisão. Mas comigo é um negócio triste, companheiro. Quando Deus dá a farinha o diabo esconde o saco. Caneta comigo sempre falhou na hora de escrever na frente do freguês. Prefiro este pica-fumo aqui, nunca falha. Nunca falhou porque não tem jeito do freguês experimentar na hora...

SORVETEIRO- E se um quebra que nem esse um dai...

ZÉ - ... quando já está aberta a roda? É uma hora de paço perdida. Mas, é o ofício... No seu ramo também, no frio não vende, no calor derrete. Mas tem muito loque no mundo. Outro dia encontrei um sujeito com um pica-fumo destes - e não é que o velho usava ele pra mais de três anos? - e picando fumo todo dia! Eu só queria saber como aguentou...

SORVETEIRO- Olha o guarda...

ZÉ - Onde? Ah, não tem problema. Com esse dai já gastei sorriso...

SORVETEIRO- ?

ZÉ - A gente tem que gastar sorriso para controlar o ambiente, companheiro. Às vezes é preciso gastar até mais que o sorriso, mas esse negócio de chegar e

ir amontoando a moamba... antes controlar o ambiente é pra aprendiz. Tem uns colegas que deixam dois engraxates de aviso pra na hora do "pega" sumir com a moamba. Uma vez eu mesmo fiz isso. Os moleques sumiram com a moamba, chegou a autoridade, me enfiei no meio da roda como se fosse um loque também. A autoridade chegou, cheirou o ambiente, matraqueou e se mandou.

- E eu ali. E ninguém me dedou!..., Mas os moleques sumiram tão bem com a moamba que nem eu encontrei depois... Mas o negócio agora é gastar mais um sorrisinho, (SORRINDO PARA O GUARDA QUE CHEGA) é ou não é companheiro?

GUARDA - Não sei o que é mas é. Como é que vai a coisa aí, chefe?

ZÉ - Que é isso, companheiro?.... Chefe aqui é você... Terreiro onde tem galo, andorinha não comanda.

GUARDA - Maneira de falar. Como é que vai o negócio?

ZÉ - O Companheiro ai diz que o ponto só esquenta aqui, depois das onze, por ai...

GUARDA - Mas lembra bem o que a gente combinou. Pega o rojão do meio-dia e depois desarma daqui, senão fica manjado... e quem paga o pato depois sou eu...

ZÉ - Pode ficar descansado que até o meio-dia a gente já loteou a praça, companheiro.

GUARDA - Então até. (SAI)

ZÉ - Até. E depois a gente toma aquelas umas e outras... (AO SORVETEIRO): Noves fora, nove e meio, companheiro. Nunca rapado no flagra...

(ENTRA COBRADOR, DÁ ALGUMAS NOTAS AO SORVETEIRO? QUE VAI DEVOLVENDO EM TROCADOS).

COBRADOR - Bom dia, chefe. O homem da barraca já veio falar como vai ser o negócio?

ZÉ - Aí quietinho, mas tem os seus negócios, hein, companheiro?

SORVETEIRO- Que barraca? Que negócio?

COBRADOR - (PERCEBE QUE NÃO DEVIA TER FALADO NADA) Ah! Então não é nada, não.

ZÉ - Noves fora nada.

COBRADOR - Até já, chefe. (SAI).

ZÉ - Você troca o dinheiro para o cobrador dos ônibus?

SORVETEIRO- É. Eles têm falta do miúdo.

ZÉ - E você mesmo não fica sem troco, companheiro?

SORVETEIRO- Não, eu arranjo muito troco por aí. Tenho um vizinho pipoqueiro, meu cunhado é sorveteiro também.

ZÉ - E quanto você ganha para fazer troco, companheiro?

SORVETEIRO- Nada, né.

ZÉ - Epa, quem nada é peixe, companheiro. (INCRÉDULO)
Quanto é a comissão?

SORVETEIRO- Nada mesmo!

ZÉ - Quem nada mesmo é peixe, companheiro, já disse.
(SINCERO) Escute, companheiro, não vou abrir ponto aqui, ganho a vida viajando, você vai continuar com a tua esquina, o teu negócio. Então, pode abrir o jogo...

SORVETEIRO- É mesmo! Nesta esquina é difícil camelô.

ZÉ - Acontece que a patroa engoliu um caroço de melancia faz nove meses, entende? - e pegou! Agora, por esses dias vai ser o deus-nos-acuda, e então o papai aqui, tem que ficar na cidade, entendeu? Entendeu ou não entendeu? Se não entendeu não vou explicar de novo porque já vi que o companheiro aí é mestre em desviar assunto. Portanto, quanto é que você ganha no assunto, velho?

SORVETEIRO- Que assunto?

ZÉ - O troco, companheiro, o troco!

SORVETEIRO- Ah! O troco.

ZÉ - Quanto?

SORVETEIRO- Quanto o quê?

ZÉ - Quanto é que você ganha no troco?

SORVETEIRO- Ham... Nada.

ZÉ - (FALANDO A UM POSTE DO LADO) Poste, é duro de acreditar, mas acho que até acredito... Acho que este homem é capaz de fazer isso mesmo que disse que faz, e como essa mesma cara de trouxa que faz quando disse. (AO SORVETEIRO) Ora, companheiro, quero que este poste me caia em cima se você faz esse troco a troco de nada.

SORVETEIRO- É... Mas é que aqui é um ponto bom. Todos os ônibus da circular param ai, né... e é o que faz movimento, então eu fico na obrigação...

ZÉ - Obrigação tem briga no meio, companheiro!... Você tinha é que brigar pelo seu troco e não, dar seu troco a troco de nada. Você não tem obrigação nenhuma com eles, companheiro, noves fora nada!

SORVETEIRO- Mas quem me conseguiu licença pra fazer ponto aqui foi o gerente da empresa de ônibus, né, porque antigamente era proibido, e então...

ZÉ - Então, já sei, companheiro. Então você ficou na obrigação...

SORVETEIRO- É... que se pode fazer, né?

ZÉ - Pode mandar esse troco lamber sabão!

SORVETEIRO- Ai o gerente pode dar um jeito na Prefeitura e me tirar a licença. Que é que a gente pode fazer?

ZÉ - Pode brigar, companheiro, pode brigar, arranjar advogado, sei lá!

SORVETEIRO- A corda sempre rebenta do lado mais fraco...

ZÉ - Bom, não tenho nada com isso, não sei pra que tanta conversa. Sô sei que eu não aguentava trabalhar a troco de favor...

SORVETEIRO- Aguentava, sim...

ZÉ - Como, aguentava?

SORVETEIRO- Aguentando, uê.

ZÉ - Aguentando, como?

SORVETEIRO- O guarda, né...

ZÉ - Mas é diferente como tatu de cobra, companheiro! (SINCERO) No final de contas o Zé Passarinho aqui é um camelô, nove fora nada.

Mas o seu é um negócio decente, companheiro, o freguês compra sorvete e sai chupando... (PEGANDO UM CANIVETE) Isto aqui não, ameaçou chuva e já estão enferrujando... E você tem a tal de licença.

SORVETEIRO- É, mas eu não vou arriscar o meu ponto e pronto.

ZÉ - Se cada vez esse homem fala "ponto" ganhasse um cruzeiro, estava rico. Mas por falar em ponto, companheiro, você fica aqui o dia inteiro?

SORVETEIRO- Não. Ao meio-dia e às quatro dou uma corridinha até o colégio lá em baixo, pra pegar o movimento da saída.

ZÉ - É, o Zé Passarinho aqui gasta saliva mas não tem

gastar sola.

Mas é assim mesmo: tem gente que nunca comeu filé e tem gente que nem sabe o que é (LEBRANDO) Que homem da barraca é esse?

SORVETEIRO- Que homem da barraca?

ZÉ - Porque é companheiro que você sempre pergunta a minha pergunta?

SORVETEIRO- (LEBRANDO) É mesmo! O cobrador falou no "homem da barraca". Que homem da barraca será esse?

ZÉ - Foi isso que eu perguntei, companheiro.
(ENTRA OPERÁRIO, DE MACACÃO, MEDINDO O CHÃO) Perdeu alguma coisa, companheiro?
(OPERÁRIO NÃO RESPONDE, APENAS OLHA ZÉ RAPIDAMENTE E CONTINUA MEDINDO).

SORVETEIRO- (BRINCANDO, DESAJEITADAMENTE) Será que vão lotear a praça, mesmo?

ZÉ - A praça é do povo, companheiro, a praça é do povo, como já dizia o poeta Castro Alves, meu parente.

SORVETEIRO- Parente seu?

ZÉ - Afastado, afastado. (OPERÁRIO CONTINUA MEDINDO A CALÇADA). Ele está é medindo a calçada, e desconfio que já desconfiei pra quê. (AO OPERÁRIO) - Escuta, ô braçal, a barraca vai ser aqui?

SORVETEIRO- Barraca, aqui? Barraca pra que?

ZÉ - Hein, companheiro, está medindo a calçada pra ins-

talar a barraca?

OPERÁRIO - É.

SORVETEIRO- (APROXIMA-SE DO OPERÁRIO, JÁ PRESENTINDO RESPOSTA DESAGRADÁVEL)

Barraca pra quê, aqui?

OPERÁRIO - Barraca... de vender porcariada.

SORVETEIRO- Porcariada?

OPERÁRIO - Sorvete, doce, salgado, refresco, essa porcariada. E loteria.

SORVETEIRO- Mas aqui é o meu ponto!...

ZÉ - Ganhou mais um cruzeirinho, companheiro.

OPERÁRIO - Não sei, me mandaram vir medir. Esse negócio de ponto não é comigo.

SORVETEIRO- Acontece que o ponto é meu, tenho licença!

OPERÁRIO - Bem, se o senhor está dizendo que tem... Me mandaram medir e está medido, não sei desse negócio de ponto.

ZÉ - Ponto final!

OPERÁRIO - Ponto final, (SAI)

ZÉ - É... eu acho que você vai perder o ponto.

SORVETEIRO- Eu tenho licença, perco uma vírgula!

ZÉ - A tal barraca também deve ter arranjado , a estas alturas do campeonato. Não sei, não, companheiro, você ai, com esse carrinho muito mixuruca... e uma barraca do lado, atacando de doce, salgado, refresco e sorvete... E até loteca. Por que é que você não banca um joguinho de bico só de pirraça?

SORVETEIRO- Acho que não vão fazer um negócio sujo desses comigo.

ZÉ - Não vão fazer não, companheiro, já estão fazendo.

SORVETEIRO- (ATURDIDO, PERPLEXO) Eu tenho licença... (TIRA A LICENÇA DO PORTA DINHEIRO DO CARRINHO E A EXIBE).

ZÉ - Mas a barraca deve ter licença do "quem-pode-pode"; companheiro, vale mais que a sua.

SORVETEIRO- O pessoal dos ônibus me conhece, o gerente garantiu...

ZÉ - Escuta, companheiro, você nasceu ontem? Você pensa que só porque o mundo é redondo a gente está de cabeça pra baixo? O tal gerente manda é lá na lataria dele, fora disso é conversa. É o mesmo caso do guarda. Você pensa que se o dono duma loja dessas ai falar "vai lá e prende aquele camelô" ele não vem e prende? A gente está no mundo, mas só procura ficar aprendendo o tempo todo companheiro.

SORVETEIRO- É, só me faltava ir preso...

ZÉ - (DESABAFANDO) Eu vendo a minha moamba no meio da rua mas trabalho como qualquer um, e se não conseguisse vender, ninguém se incomodava. Se incomodam

é porque vendo, vendo até relógio parado e o trouxa sai achando muito bom (APONTA A MUAMBA) Tudo porcaria. Mas o povo compra. E eu estou errado? Não ensinei o povo a comprar porcaria! Se eu parar de vender vão acabar caindo no papo de outro do mesmo jeito e eu vou morrer de fome ou fingir de aleijado pra vender loteria. (ASSUMINDO NOVAMENTE O JEITO DE MALANDRO) Tem até um conhecido meu que cortou dois dedos da mão pra poder vender bilhete.

ORVETEIRO- Não sei não...

E - (NOVAMENTE IRRITADO) E tem o seguinte, companheiro, que você pode pensar antes de dizer "não-sei-não"; você entra numa loja dessas ai, pede um canivete; se acabar levando um pica-fumo destes é porque não tem com que comprar um melhor, é ou não é? só que lá na loja você paga o canivete mais o ordenado do cara que te vendeu o canivete mais o ordenado da moça da caixa e mais o ordenado do pivete que está lá varrendo o chão e mais o aluguel da loja e mais a eletricidade e o diabo que o carregue o mais o que o diabo inventar! E comigo não, o pessoal compra porque sabe que é barato mesmo. E agora chega, que eu tenho que guardar a garganta para a hora do movimento. (SILÊNCIO CONSTRANGIDO). - Ou você acha que essa gente que anda um quilômetro pra economizar um centavo na compra do feijão não ia ver o que é barato?! (SILÊNCIO CONSTRANGIDO).
- E também não tenho culpa se canivete barato não presta e canivete bom está pela hora da morte! (ENTRA O COBRADOR).

COBRADOR - Sábado é uma falta de troco danada!... (ENTREGA NOTAS GRAÚDAS AO SORVETEIRO).

SORVETEIRO- (FAZENDO O TROCO) Passou, por aqui um homem que vai montar a tal barraca...

COBRADOR - É... então o senhor já está sabendo, chefe. Amanhã a barraca parece que já vai estar montada, acho que não vai dar nem pro senhor continuar aqui porque...

SORVETEIRO- Por que?

COBRADOR - Não falaram pro senhor? A barraca é de uma fábrica grande, não vai ser só aqui não, pegaram todos os pontos melhores da cidade, e, diz que os carrinhos não vão mais poder ficar no centro, diz que fazem muita sujeira e... bom...

ZÉ - Diz-que, diz-que, quem-pode-pode...

COBRADOR - ... acho que o senhor vai ter que sair, não sei...

SORVETEIRO- (JÁ SE DANDO POR VENCIDO) É, vai ser difícil mesmo a concorrência...

ZÉ - Concorrência? Se você deixa a barraca se ajeitar aí ela te engole, isso sim!

COBRADOR - Bom, não sei, né, chefe... (COBRADOR SAI, "LAVANDO AS MÃOS", DIRIGINDO AO PÚBLICO SUA CANÇÃO) Bom não sei, né...

Não sei nem quero saber...

Faço tudo o que puder...

Trocando em miúdos:

faço tudo

que todo o mundo fizer...

Bom, não sei, né...

Não sei não, não sei não...

Só entro e saio rolando

Como um tostão.

- ZÉ - (NOVAMENTE FALANDO AO POSTE) E você, compridão, to ma cuidado que já, já, vão pegar poste pra encos-
tar barraca... (CONSTRANGIMENTO, O SORVETEIRO ESTÁ
PENSATIVO, AINDA ATURDIDO. ZÉ TENTA REANIMÁ-LO)
Sabe o que a esquina disse pro poste, companheiro?
"Aguenta aí, que estão me dobrando!" (À PASSANTE
IMAGINÁRIA): Nada não, madame, fechado pra balan-
ço. (SILÊNCIO CONSTRANGIDO). mas e se a tal firma,
a das barracas, pegou os melhores pontos da cida-
de, por que os sorveteiros todos não armaram confu-
são?

SORVETEIRO- Foi um de cada vez...

- ZÉ - Um de cada vez e cada um ficou pensando: "Agora
foi a vez de mais um, mas não vai chegar a minha
vez", hein? Noves fora nada! (SILÊNCIO). Mas... sa
code a poeira, companheiro! Escuta, vamos fazer um
negócio: A quanto você vende cada sorvete? (OLHA
A TABELA DE PREÇOS NA TAMPA DO CARRINHO). - SÓ is-
so?... E você ainda tem troco aí? Tem ou não tem?
(SORVETEIRO ASSENTE) Bom, a gente faz o seguinte:
às onze é meia começa o movimento, eu abro a roda
e vendo a minha moamba com aumento no preço, justi
nho pra dar falta de troco. O loque quer levar, es
tende a nota e eu falo: "Não tenho troco, cavalhei-
ro" e peço pro loque fazer "troco com o sorveteiro
ali, por favor". E vendo eu, vende você.

SORVETEIRO- Mas você tentou e nem conseguiu abrir a roda...

ZÉ - Eu abro uma roda quando eu quero, companheiro, está ouvindo? Quando eu quero! O Zé Passarinho aqui graças a Deus sabe abrir uma roda, até do lado de um incêndio! Ora, companheiro, já vendi até dinheiro, nesta vida!... E nove fora, hoje é sábado, começo de mês...

SORVETEIRO- Não acho que dê certo, não.

ZÉ - "Não acho que dê certo não". Vai pensando se quiser... Daqui a pouco é hora. E eu tenho, confiança no meu bico, companheiro, já cheguei a fazer roda de duzentas pessoas!... (MULHER, ENTRANDO E LARGANDO A MARMITA NO CHÃO DURAMENTE = GRÁVIDA)

MULHER - Só se foi atropelado...

ZÉ - Chegou com três pedras na mão, hein?

MULHER - Se tivesse deixado dinheiro, eu não precisava vir a pé...

ZÉ - Também não mandei trazer comida...

MULHER - E... e neste estado!

ZÉ - Estado do Paraná. Qual Estado você preferia?

MULHER - Não tem graça, ZÉ.

ZÉ - E eu não tinha dinheiro

MULHER - Hoje a comida já é só feijão arroz e abobrinha...

ZÉ - Não tinha e não tenho.

- MULHER - ... e eu quero sô ver. O negócio (OLHA SIGNIFICATIVAMENTE A BARRIGA) é pra amanhã ou depois.
- ZÉ - É... e se for menina o companheiro aqui já até sugeriu um nome.
- MULHER - (AO SORVETEIRO) Que nome?
- ZÉ - Melancia.
- MULHER - (AO SORVETEIRO) É o nome da mãe do senhor?
- ZÉ - Devagar com o andor, mulher, não vê que é brincadeira?
- MULHER - (PEGANDO A MARMITA E FAZENDO CORPO DE SAIR) Bom, Zé, a marmita já esfriou bastante, acho que já posso até levar embora...
- ZÉ - (TOMANDO-LHE A MARMITA) Larga de mulherice, mulher!... (DESTAMPA A MARMITA E COMEÇA A EXAMINAR).
- MULHER - Não precisa procurar muito, não, que é sô feijão, arroz e abobrinha mesmo. (ZÉ PROCURA SE ACOMODAR PARA' COMER). Vendeu?
- ZÉ - Graças a Deus, nada.
- MULHER - Vou precisar pagar a parteira, Zé!...
- ZÉ - Daqui a pouco começa a hora boa. Deixa eu escorar a caveira que ela vai rebolar.
- MULHER - Vou precisar pagar a parteira, Zé!

- ZÉ - E eu não sou surdo! Já sei, já sei, daqui a pouco começa a hora boa! Eta comidinha mais sem vitamina... Não trouxe faca?
- MULHER - (APONTANDO PARA OS CANIVETES) E o que é que está fazendo tudo isso aí?
- ZÉ - Mas isso não corta nem água, mulher. (SORVETEIRO TAMBÉM TIRA MARMITA, COMEÇAM OS DOIS A COMER? A MULHER ESPERA). - (ENQUANTO COMEM OUTRA CENA SE DESENVOLVE À PARTE; O OPERÁRIO E O PATRÃO, DONO DAS BARRACAS).
- OPERÁRIO - Fui lá e medi como o senhor mandou.
- PATRÃO - Vai caber?
- OPERÁRIO - Vai, sim senhor.
- PATRÃO - Então, está esperando o quê? Pode começar o serviço que amanhã mesmo tem que estar funcionando...
- OPERÁRIO - É... mas parece que tem lá dois sujeitos: um camelô e um sorveteiro.
- PATRÃO - Camelô? É? Não tem problema. Do sorveteiro eu já estou sabendo, podem deixar o homem lá. Quando a barraca começar ele sai com uma mão na frente e outra atrás. Vamos vender sorvete a preço de custo. Depois que ele não aguentar e deixar o ponto a gente faz o preço...
- OPERÁRIO - O problema não é esse. É que o carrinho dele está bem onde o senhor mandou que a barraca...

PATRÃO - (CORTANDO) Bem na esquina? Pois... pede licença pra ele! Dá um jeito! Amanhã esta barraca tem que estar instalada... (O OPERÁRIO DÁ DE OMBROS E VAI SAINDO). - Ei, aproveita amanhã que é domingo pra lavar esse macacão, e pega já a etiqueta pra por nas costas. Sua mulher mesmo costura isso em casa.

OPERÁRIO - Etiqueta de quê?

PATRÃO - Etiqueta da Firma, pra efeito de uniformização. E também de propaganda, por que não?

OPERÁRIO - Mas nas minhas costas, patrão? E o que é que eu vou ganhar com isto?

PATRÃO - Vai ganhar o macacão! E vai, que essa barraca amanhã tem que estar instalada. (OPERÁRIO, SAINDO CANTA A SUA CANÇONETA, ENQUANTO O PATRÃO CANTA S SUA? INTERCALADA) Amanhã esta barraca tem que estar instalada na esquina! Só por causa de um carrinho de sorvete é que não irá por certo deixar de ser instalada.

OPERÁRIO - Não sei não, não sei não...
Não tenho nada com isso,
o negócio é do patrão
mas o enguiço
rebenta na minha mão!

PATRÃO - Amanhã esta barraca
tem que estar no seu lugar
funcionando - por que não?

OPERÁRIO - Não sei não, não sei não...

- PATRÃO - Vai ser de lona e de zinco,
a registradora tinindo
e cotovelos no balcão.
- OPERÁRIO - ... não tenho nada com isso,
sô defendo o meu salário
mas o enguiço
rebenta na minha mão!...
- PATRÃO - Um sorvete por minuto
Trinta coxinhas por hora
quarenta pastéis e agora
mais fresco de limão.
- OPERÁRIO - Sou um simples operário
mas até às minhas custas
até nas minhas costas
propaganda, não sei não... (ZÉ PASSARINHO E O SOR-
VETEIRO ACABAM DE COMER. ZÉ DEVOLVE A MARMITA À MU-
LHER QUE VAI SAINDO).
- ZÉ - Olha, vamos fazer o seguinte:
- MULHER - (VOLTA E FALA AO SORVETEIRO) Quando ele fala "va-
mos fazer o seguinte" já sei que eu vou ter que fa-
zer sozinha.
- ZÉ - E se não está contente diga logo. (AO SORVETEIRO?
SABENDO QUE IRRITARÁ A MULHER) - Mulher é que não
falta, em qualquer esquina, é ou não é, companhei-
ro?
- MULHER - (AO SORVETEIRO) Mas quando essa barriga aqui come-
çou a crescer não fui eu que falou: "É, agora a

gente precisa casar, mulher, por que não sei o que" todo amarrado aqui no rabo da saia!...

ZÉ - (AO SORVETEIRO) A gente faz favor e olha o que ganha...

MULHER - (AO SORVETEIRO) Favor não, que eu não sou mulher de viver de favor, nem homem nenhum pra mim é aposentadoria!

ZÉ - E o que é que tem com isso, mulher?

SORVETEIRO- Pode deixar...

MULHER - Pode deixar o que? Acaso ofendi alguém? Ninguém tem nada que deixar ou deixar de deixar na minha vida, essa é boa...

SORVETEIRO- (ATURDIDO) A senhora desculpa, eu...

ZÉ - (CORTANDO) Não tem nada que desculpar ou deixar de desculpar, companheiro. (A MULHER QUER REPLICAR MAS ELE CONTINUA FIRME) Vamos fazer o seguinte, você vai para casa e manda algum moleque me trazer mais mercadoria...

MULHER - Fazendo favor...

ZÉ - ... é, fazendo favor, vai, vai, vai, vai!

MULHER - Vou porque já ia indo mesmo. (SAI)

ZÉ - E manda trazer logo porque hoje estou inspirado... (AO SORVETEIRO) E vou abrir a roda, companheiro...

não vou nem perguntar daquele negócio que já vi que você é homem de só andar empurrado, então se prepara para aguentar o rojão, (DA ALGUNS PASSOS RÁPIDOS, PARA, COMEÇA A OLHAR PARA CIMA, ESTICA O BRAÇO, APONTA PRO CÉU; O SORVETEIRO TAMBÉM OLHA. ZÉ FICA ASSIM? ATÉ QUE DE SOSLAIO VAI VERIFICANDO TER JUNTADO GENTE - IMAGINÁRIA PARA O PÚBLICO, É CLARO - EM REDOR. ENTÃO ADQUIRE O TOM E A MÍMICA DO CAMELO). - É numa hora dessas que a gente tem que acreditar que ainda tem gente boa neste mundo, porque vejam os senhores que é só um apontar para o céu e já para meia dúzia pra perguntar o que foi, onde é, como foi, foi uma berruga que este seu criado tinha na ponta do dedo e todo mundo sabe que apontar estrela cadente de dia é tiro e queda pra berruga, tanto é verdade que neste dedo que os senhores estão vendo já não está nem sinal, nenhum vestígio, nem lembrança da brotoeja de carne que ai havia antes deste seu criado apontar para uma estrela cadente de dia ou vice-versa como tanto fez. Mas, atenção, o povo na rua, manteiga no pão! Não tem cobra Catarina equilibrando o charuto na ponta do rabo, nem tem lagarto Bernardão dançando tango de gravata, mas dois e dois são quatro, quatro e quatro, oito; oito e oito, pode dizer quem souber, quantas costelas tem um jacaré. Vamos chegando, cavalheiro, vamos chegando, vê melhor quem vê primeiro, aqui não se cobra nada, não se paga imposto nem se passa recibo, e vamos chegando, minha senhora, vamos chegando que está na hora, porque a hora não é antes da hora, a hora não é depois da hora, a hora é na hora e a hora é agora. Vamos chegando, também os dois cavalheiros desconfiados, uma andorinha só não faz janeiro, vamos

chegando que não morde, um mês depois é fevereiro, a moça faz enxoval, a velha põe dentadura, está chegando o carnaval, está queimando a Prefeitura. Vamos chegando, a outra senhora e esse cavalheiro simpático que não sabe se já me viu em algum lugar mas eu sei que também não, e já está formando a roda, já está formando a roda, o povo que não é bo bo já está se perguntando: "o que é que esse Vigarista está vendendo aí? - curiosidade muito natural mas vigarista é a mãe de quem pensou, sei que não foi a senhora, sei que não foi o senhor, não foi ninguém porque este seu criado aqui não está vendendo nada. Está ofertando um canivete Bird, modelo estrangeiro, mil e uma utilidades, e de brinde o freguês leva também inteiramente grátis, por uma gentileza da indústria, uma correntinha de puro ouro com a imagem de Nossa Senhora, benzida no Domingo de Ramos em Aparecida do Norte; um agulheiro com 12 agulhas e doze botões que é pra patroa estar sempre previnida e o cavalheiro não passar vexame; um calendário com o nome do santo de cada dia e os dias da semana, do mês e do ano; um descascador de batatas, maravilha da cozinha, descasca, tira caruncho e enfeita a batatinha, e ainda um pio de imitar passarinho de toda a raça e qualidade pra fazer a alegria da garotada, imita até curió fêmea (SOPRA NO PIO) e curió macho (SOPRA, MESMO EFEITO), tudo apenas pelo preço do canivete, puro aço inoxidável, os senhores podem ver (MOSTRA RAPIDAMENTE) a marca - B I R D - gravada na lâmina, garantia de qualidade, certeza de tradição, quem tem não empresta, quem empresta não devolve. Com um destes artigos o cavalheiro descasca qualquer abacaxi, mas... - Um aqui pro cavalheiro! que

porém não vai levar esta maravilha da indústria genuinamente estrangeira, não vai levar se não for acompanhado de (VAI ENFIANDO TUDO NO SAGUINHO DE PAPEL, APENAS MIMICAMENTE) uma correntinha de ouro puro, um agulheiro com doze agulhas e doze botões, um descascador de batatas, um calendário, tudo de brinde, e ainda um pio de imitar passarinho, lembrança deste Zé Passarinho, seu criado (ENTREGA O SAGUINHO AO FREGUÊS), fazendo a gentileza de pagar ao nosso secretário ali, que é encarregado do troco, e podendo levar ainda um palito gelado com brinde surpresa e pra facilitar o troco (SORVETEIRO ABRE O CARRINHO, ENTREGA SORVETE, TUDO SEMPRE IMAGINÁRIO), enquanto o cavalheiro de bigode não resiste porque é mesmo um negócio que aparece uma vez na vida e outra na morte, mas então... é tarde. E mais outro aqui para o cavalheiro, que também pode pagar ali por secretário e levar pra facilitar o troco um sorvete vitaminado como não fazem mais hoje em dia...e... (VÃO OS DOIS UM FALANDO O OUTRO FAZENDO O TROCO, ABRINDO E FECHANDO O CARRINHO PARA ENTREGAR O SORVETE? VÃO OS DOIS COMPONDO UMA CENA MUDA? APENAS MIMICAMENTE; POIS ZÉ APENAS PASSA A SIMULAR A FALA; SEUS MOVIMENTOS VÃO SE ACELERANDO, ENQUANTO A VOZ DE ZÉ PODERÁ IR SENDO SUBSTITUÍDA POR GRAVAÇÃO DE FITA, QUE O PRÓPRIO SORVETEIRO PODERÁ AÇIONAR NO CARRINHO, E QUE REPRODUZA ACELERADAMENTE O PRÓPRIO DISCURSO DO ZÉ; MOVIMENTOS CADA VEZ MAIS ACELERADOS, SECOS, DUROS, ATÉ QUE... A GRAVAÇÃO E A MÍMICA VÃO RALENTANDO. ZÉ VOLTA A FALAR)... e é pra acabar, mais um aqui pro rapaz com jeito de artista, quem não levou vai levar a vontade de ter levado e quem levou vai levar a vontade de levar mais, é pra acabar, o último a-

aqui pro cavalheiro e a freguesia pode abrir a roda que a moamba... a mercadoria acabou. (O SORVETEIRO FAZ O ÚLTIMO TROCO, ENTREGA O ÚLTIMO SORVETE E PARAM, AMBOS, CANSADOS). Fiquei com a garganta seca, companheiro... Me dá um sorvete ai.

SORVETEIRO- Do que?

ZÉ - Tudo menos de ar, porque comigo tem que ser sorvete mesmo!...

(SORVETEIRO LHE DÁ SORVETE, SORVETE MESMO? QUE ZÉ PASSA A CHUPAR)

Acabou a moamba e ela nem pra chegar com mais; não mandou moleque trazer, nada... Mas deu ou não deu certo, companheiro?

SORVETEIRO- É... deu... (OUVE-SE SIRENE DO MEIO-DIA, QUE PODE SER EMITIDA PELO PRÓPRIO GUARDA).

ZÉ - Este passarinho aqui não desafina... Meio-dia.

SORVETEIRO- Olha que eu vendi como se fosse verão... (ENTRA COBRADOR, APRESSADO)

COBRADOR - Ih, chefe, troca ai pra mim que já tem dois ônibus sem troco!

ZÉ - E você vai trocar, companheiro?

SORVETEIRO- (DECIDIDO) Vou. (TROCA RAPIDAMENTE, COBRADOR SAI) Troquei porque o pessoal dos ônibus também não tem culpa de nada.

ZÉ - Bota na cabeça que quem trabalha de graça é relô-X

gio, companheiro.

SORVETEIRO- Mas não custa nada fazer um favor.

ZÉ - Por falar em favor, foram 37 canivetes, passa pra cá. (SORVETEIRO FAZ AS CONTAS MENTALMENTE, PAGA) - (ENQUANTO ENTRE O OPERÁRIO COM MARTELO, ETC., E VAGAS METÁLIGAS PARA SUSTENTAÇÃO DA BARRACA) Vai montar já a barraca, companheiro?

OPERÁRIO - Já. (DEITA UMA VIGA NO CHÃO? OUTRO, OUTRA, DEMARCANDO O LUGAR DA BARRACA; CHEGA AO CARRINHO DO SORVETEIRO, ONDE INSTALARÁ A QUARTA VIGA). Pra começar a funcionar amanhã. Dá licença que eu...

ZÉ - O que? Vão montar a tal barraca em cima do carrinho do homem?!

OPERÁRIO - As ordens que recebi foram para pedir licença e montar a barraca na esquina, bem na esquina.

ZÉ - (AO SORVETEIRO) Escutou, companheiro? "Pedir licença e montar a barraca bem na esquina"... É a mesma coisa que chegar e dizer: "Dá licença de morrer prá lá que eu vou viver aqui!" Te dá uma graúda dessas e você não dá o troco, companheiro?

OPERÁRIO - Bem eu só recebi ordem de...

ZÉ - ... de tirar o homem dai sem mais nem menos? Nem menos, nem mais, nove fora já vi que esse negócio vai feder e feder fedido... O ponto é dele, companheiro...

OPERÁRIO - Não sei...

ZÉ - "Bem, eu só recebi ordem de... "De quem?. DO REI DA RUA?

OPERÁRIO - Só vim fazer o que me mandaram!

ZÉ - E vão mandando e você vai fazendo que nem mula, companheiro!

OPERÁRIO - Olha lâ como fala, hein...

ZÉ - E até mula empaca de vem em quando...

OPERÁRIO - O que?

ZÉ - Três pés de jaca estou plantando...

OPERÁRIO - Lhe planto é a mão na cara, ja vi tudo...

ZÉ - (FAZENDO-SE DESENTENDIDO) O que?

OPERÁRIO - Lhe planto a mão na cara, entendeu bem?

ZÉ - (MUDANDO COMPLETAMENTE DE TOM. DIPLOMÁTICO) Entendi perfeitamente, companheiro, entendi perfeitamente e acho que entendi até bem demais, mas é conversando que a gente se entende mesmo. O companheiro tem razão, está aqui cumprindo ordens, "vai lâ e monta a barraca". - "Tem um sorveteiro lâ". - Então pede licença pra ele". Acontece que o nosso amigo aqui plantou esse carrinho na esquina antes do mundo ser redondo. Você pode ver que o cimento até já afundou ali, tem os quatro buracos certi -

nhos pra encaixar os pés do carrinho, que já não são nem pés, são raízes!... E o companheiro acha que é de uma hora pra outra, assim sem mais nem menos que o nosso amigo ali vai pegar o boné e dar o ponto de mão beijada? Troca de lugar com ele! Vai lá, troca de lugar com ele (LEVA O OPERÁRIO, JÁ ACALMADO, PELO BRAÇO).

Faça o favor. (INSTALA O OPERÁRIO, UM TANTO AMUADO, NO LUGAR DO SORVETEIRO, ENQUANTO O COBRADOR CHEGA). Agora você é o sorveteiro, eu chego aqui e falo - "Dá licença que a gente vai montar uma barraca aqui". - O que é que o companheiro faz?

OPERÁRIO - Bom... eu acho que... (AMUADO, CONFUSO) Quer saber de uma coisa?

ZÉ - Justamente! "Quer saber de uma coisa?" O companheiro fala, enfia a mão aí, aí mesmo (MOSTRA O PORTA DINHEIRO DO CARRINHO), enfia a mão aí e tira esse papel, esse mesmo e mostra pra ninguém alegar ignorância. Porque isso aí, companheiro, é uma licença da Prefeitura com todas as letras dizendo que o companheiro pode fazer ponto aí pra vender o sorvete de cada dia. E daí?

COBRADOR - (CONFUSO, INDECISO, SENTINDO-SE NA OBRIGAÇÃO DE EMITIR OPINIÃO) Eu acho que...

ZÉ - E daí?

COBRADOR E

OPERÁRIO - Não sei não...

ZÉ - Mas ainda é tempo de saber! O carrinho da volta é

o mesmo da ida, companheiro: Você lá e fala pro Rei da Rua que a barraca pode ficar em qualquer lugar por aqui, mas na esquina nove fora não. O preto no branco, a manteiga no pão.

OPERÁRIO - (PEGA AS SUAS COISAS, SAI. EM TOM DE QUEM ANTEVÊ CONFUSÃO) Não sei, não, não sei não...

É - (AO SORVETEIRO) O que eu sei é que aqui no bico da esquina você pega o povo que passa nas duas ruas, companheiro fora o pessoal que sobe e desce do ônibus.

SORVETEIRO- É aqui na esquina mesmo com a barraca perto dava pra aguentar o ponto...

É - Mas você vai ter que brigar...

SORVETEIRO- Brigar?

É - Modo de falar... Você vai ter que se virar, abrir a boca no mundo, bater pé, firme aí, abrir uma roda e vender confusão, companheiro, mas quem quer comer mingão tem que acender o fogo!...

COBRADOR - (SÕ AGORA ENCONTRANDO OPORTUNIDADE DE FALAR) Fui lá entregar o troco e peguei... Bem, chefe, o negócio é que o pessoal está meio sem graça porque o senhor vai ter que sair...
A gente nem queria mais vir pegar o troco... mas

É - Mas veio, não veio...?! E quem disse que o homem "vai ter que sair"? Sô porque inventaram a tal barraca o homem já tem que ir descendo as calças?!

(AO SORVETEIRO) Você vai sair, companheiro?

SORVETEIRO- Vamos ver, né...

COBRADOR - Mas será mesmo que vai dar para aguentar a concorrência, chefe?

SORVETEIRO- Bom, eu vou ficando e...

ZÉ - ... e eu vou ensinar a ele como é que se faz verão todo dia, e vocês...

COBRADOR - Eu só vim entregar...

ZÉ - ... vocês (ARRASTA O COBRADOR PARA O LADO) que devem um milhão de favores miudinhos pro trouxa aí, se quisessem podiam dar uma ajuda muito graúda...

COBRADOR - Bom, é que nós...

ZÉ - Uma andorinha só não faz verão! Esse homem é tão trouxa que se ninguém prevenir amanhã ele ainda é capaz de fazer troco pra barraca e remendar as notas!...

COBRADOR - (ARRASTA-O MAIS PARA LONGE, SUSSURRA) Vem cá. Você podia fazer o seguinte: voltar lá para os ônibus e falar com o pessoal. Qua acabou o troco, e pra eles sumirem com o trocado que ainda tiver por lá.

COBRADOR - Sem troco o ônibus não sai.

ZÉ - Noves fora, advinhou, companheiro!... Não sai ônibus mas sai confusão. E você fala pro pessoal es-

palhar pros passageiros: - "Pois é, o sorveteiro que fazia o troco, coitado, vão tirar ele dali e por isso hoje não tem troco", aquele chove não molha:

COBRADOR - Não sei não...

ZÉ - Não sabe ou não quer saber?

COBRADOR - Não sei, é que...

ZÉ - Nem é que nem braque!

COBRADOR - ... não vim só buscar troco, não. A gente tinha feito uma vaquinha pra ajudar o chefe lá... eu até trouxe o dinheiro... assim, uma maneira de agradecimento...

ZÉ - Maneira de tirar a mão da cambuca, isso sim. É o mesmo que chegar prum fulano morrendo e dizer: "Olha aqui, fulano, a gente fez uma vaquinha pra você comprar o caixão..." - ajuda muito... E você mesmo ouviu ele dizer que vai ficar.

COBRADOR - Mas não sei do que vai adiantar fazer confusão.

ZÉ - Também não sei, companheiro, também não sei. Teu pessoal lá só tem que esconder o troco, dai a confusão começa sozinha se não der peru dá galinha.

COBRADOR - E dai?

ZÉ - Dai o que? Sei eu! Dai a gente vê o bicho que dá. Topa ou não topa?

- COBRADOR - Depende...
- ZÉ - Ou topa ou não topa?
- COBRADOR - Topo. Quer dizer, vou falar com o resto do pessoal... (VAI SAINDO, VOLTA). Mas...
- ZÉ - Nem mais nem menos.
- COBRADOR - ...isso vai dar uma confusão!
- ZÉ - Tomara, companheiro, tomara'.... Vai!
- COBRADOR - (SAINDO) É capaz de baixar até reporter por aqui...
- ZÉ - Repórter?...
- COBRADOR - É.
- ZÉ - Idéia de mestre, companheiro, idéia de mestre.
- COBRADOR - Que idéia?
- ZÉ - Repórter. Você aproveita e telefone pro jornal fala que está a maior confusão aqui.
- COBRADOR - Não...
- ZÉ - ..."sei não" Já sei, companheiro, já sei. Mas se vai sair angu então sai logo angu de caroço... Vai!
- COBRADOR - Isso vai dar uma confusão!...
- ZÉ - (CHAMA-O DE VOLTA) E pode deixar a vaquinha comigo que eu entrego pra ele, quem sabe que bicho que

vai dar...

COBRADOR - Não sei...

ZÉ - Se você ganhasse um tostão por cada "não sei", companheiro... Está duvidando de mim? (COBRADOR ENTREGA O DINHEIRO, QUE ZÉ EMBOLSA. ZÉ VOLTA PRA JUNTO DO SORVETEIRO). - E eu nem sabia que dava pra advogado, já ganhei até honorários!

SORVETEIRO- O que?

ZÉ - Nada, nada, já passei do meu horário.

SORVETEIRO- Horário?

ZÉ - É, meio-dia era pra mim evaporar... Fica de olho a berto que aquele guarda pode querer me pegar pra ser o caso do dia.

SORVETEIRO- (LEMBRANDO REPENTINAMENTE) Mas será que o cobrador não esqueceu de pegar o troco?

ZÉ - Pode deixar, companheiro, tanta preocupação por causa de dinheiro velho... Agora eles tem que dar o troco pra você.
(ENTRANDO MULHER, TRAZENDO MAIS MERCADORIAS)

MULHER - Tã aqui. (LARGA TUDO EM CIMA DA MESINHA DE ZÉ) Ti-ve que trazer eu mesma.

ZÉ - Ih, mulher, leva tudo isso de volta que daqui a pouco o negócio aqui vai ser de voar pena!...

MULHER - Mas você pensa que eu vivo pra carregar essa tran-

queira pra cima e pra baixo, Zê?!

ZÊ - (ERGUENDO A MÃO) Olha...!

MULHER - E vai querer me enganar que agora vai bancar o machão comigo? Parece que não me conhece!...

ZÊ - (AMACIANDO) Eu sei, mulher, eu sei, é que estou resolvendo um caso aqui e preciso estar desimpedido, entende?

MULHER - Garanto, Zê, garanto e quero que este céu me desabe em cima se você não está comprando briga dos outros...

ZÊ - Cala a boca, mulher, de livre e espontânea vontade e...

MULHER - Não adianta que eu embora não vou, Zê. Quero só ver!...
(AO SORVETEIRO) Da última vez que ele foi defender um vizinho brigou com a vila toda!

ZÊ - Para aguentar essa mulher só mesmo tomando chá milagroso...

SORVETEIRO- Chá milagroso?

ZÊ - Extrato de jurubeba, não conhece não?

SORVETEIRO- Não.

ZÊ - (À MULHER) Esse homem não vive no mundo. (AO SORVETEIRO) Nunca viu camelô vendendo extrato de jurubeba? Depois do Melhoral é o remédio mais vendido

neste país, companheiro!

SORVETEIRO- É é bom?

ZÉ - Não presta pra nada. Mas vende no papo. O cara chega, abre a roda, depois que os loques estão ali de boca aberta a gente começa a abrir o jogo: - "Mas não estamos aqui, para fazer os senhores perderem o seu tempo precioso, estamos aqui a serviço do Ministério da Saúde, meus senhores. A população brasileira, senhora e senhores, na sua maioria, sofre de uma doença que já estou vendo que muitos dos senhores apresentam os sintomas. O cavalheiro não sente de vez em quando uma dorzinha de cabeça? O outro cavalheiro não sente uma moleza após as refeições? A senhora ali, não tem dias que não tem vontade pra nada? Pois são os sintomas. É a hepatite subreptícia, senhoras e senhores. Mas eu estou aqui, credenciado pelo Ministério da Saúde (EXIBE RAPIDAMENTE A CREDENCIAL, A MESMA DE SEMPRE), encarregado de falar nas praças, na rua, para alertar o povo e recomendar o único remédio capaz de aliviar o doente e prevenir para o futuro: O Extrato de Jurubeba, fabricado à base da essência da dita cuja, e ainda com semente de abóbora macha, e mais essência de arruda, losna, mangericão, amburana, malva da folha grande, chapéu de couro, cipó de cipriô, pólen de rosa branca, camomila, mulungu jatobá, sangue de biciuva, guassatonga, batata de purga, mão-boá, catuz, erva-tostão, folha de bugra amor-do-campo, samambaia, raiz de barã e caule de sensitiva, macaô, juã, jaborandi... (ZÉ CONTINUA FALANDO SEM SOM, E GESTICULANDO PARA A "RODA" IMAGINÁRIA, ENQUANTO, À PARTE, COBRADOR E OPERÁRIO E MULHER CANTAM SUAS CANÇÕES, FORMANDO TRAÇADOS

COREOGRAFICOS).

OPERÁRIO - Eu devia armar barraca... (REPETE ISSO CONTINUAMENTE)

COBRADOR - Estou armando confusão

OPERÁRIO - ...mas acabei desarmado.
Eu devia armar barraca
e agora o que é que eu faço?

COBRADOR - Eu faço o que posso
Estou armando confusão

MULHER - Quem sabe o que será
deste filho na barriga:
ou vai ser igual ao pai
ou vai ter uma outra vida
Mas do jeito que ele vai
pelos chutes que ele dá
sinto que é igual pai
vai viver comprando briga!
(ZÉ CONTINUA FALANDO, COMO SE TIVESSE ESTADO A ENUMERAR AS ERVAS O TEMPO TODO).

ZÉ - ... arnica do mato, cassau, mururé, cipo cabeludo, agoniada, barbatinão, velame do campo, sassafrãs, trombeta, pariperoba, passiflora, baúna, gaucó, baroa, cataúba, ipecacuanha, vetiver, catuaba, abutuá, caraguatã, apertaruão, erva-de-bicho, uva de mato, canela preta, boldo, tinguaciba, taperibá, chá de pipi, assapeixe, cavalinha, sucupira, salsa parrilha, carobinha e erva de passarinho!" (AO SORVETEIRO) Aliás eu acho que nesse negócio de sorvete, companheiro, tudo também é uma questão de nome.

SORVETEIRO- Nome?

ZÉ - É, companheiro, nome. Repara, companheiro, repara. Vou chegando, sou o freguês: "Tem sorvete de quê?"

SORVETEIRO- Abacaxi, limão, milho verde, amendoim, amexa...

ZÉ - Coisa que todo o mundo já experimentou, não tem novidade nenhuma, companheiro. Por que é que você não aproveita o frio e batiza um picolé de "mata-gripe"?

SORVETEIRO- Mata-gripe?

ZÉ - É, mata-gripe, companheiro. Todo o mundo vai querer experimentar. Vamos fazer o seguinte: você vem de lá e eu fico aí, você vai ser o freguês.

SORVETEIRO- Acho que não tenho jeito para essas coisas...

ZÉ - Que é isso, companheiro? Não estou te pedindo para sair fantasiado de mulher nem para coçar meu umbigo!... (TROCAM DE LUGAR).

SORVETEIRO- Sorveteiro... de que é que tem?

ZÉ - Mata-gripe, não sei-o-nome, aquele um, gosto-do-que...

SORVETEIRO- Nunca vi isso...

ZÉ - Vai por mim, companheiro... Escreve aí no carrinho, depois é só ficar esperando. Gente que nunca mais tomou sorvete desde criança vai chegar aí e pedir "aquele-um", me dá um "Não-sei-o-nome", me dá um

"gosto-do-que"

SORVETEIRO- E pra sorveteria fazer um sorvete com "gosto-do-que" eles vão fazer com gosto de que?

ZÉ - Vou saber eu com gosto de que, companheiro... Você pega ai nesses picolês do creme que não tem gosto de nada e batiza eles por conta própria...

MULHER - Por falar em batizar, Zé...

ZÉ - (COMPREENDENDO E CORTANDO) Toma. (ENTREGA O DINHEIRO TODO A ELA). Dinheiro pra parteira, pra ajudante da parteira, pra afilhada da parteira...

MULHER - (AO SORVETEIRO) já era tempo...

ZÉ - Se ele esperou nove meses podia esperar mais um dia.

MULHER - (AO SORVETEIRO) Ele não, acho que vai ser ela.

ZÉ - (AO SORVETEIRO) Vai ser homem e o nome vai ser Castro Alves.

MULHER - (AO SORVETEIRO) Ele embirrou com tal de Castro Alves, botou na cabeça que é parente...

ZÉ - (À MULHER) E quem garantiu que não, mulher?

MULHER - ... só porque ele é José Alves.

ZÉ - (À MULHER) E quem garantiu que não?!

MULHER - (AO SORVETEIRO) Se fosse assim então Maria Fonseca

aqui era parente do Deodoro da Fonseca por parte de pai!...

ZÉ - (DESCARTANDO) Não. arma confusão, mulher...

COBRADOR - (ENTRANDO MEIO ESBAFORIDO) Se confusão resolve já está tudo resolvido. Tem quatro ônibus parados por falta de troco.

SORVETEIRO- Mas eu...

ZÉ - (CORTANDO) Nem eu nem Zebedeu.

COBRADOR - Cobrador só aceita trocado, quem tinha pagou e sentou, quem não tinha não pagou mas também sentou, agora quem tinha está reclamando de quem não tem, quem não tem está reclamando do cobrador, o cobrador não cobra de quem não tem e diz que não tem culpa se uns tinham e outros não tinham...

ZÉ - Entendi, entendi, entendi.

SORVETEIRO- O que?

COBRADOR - Confusão, chefe, confusão. O negócio é confusão.

ZÉ - (CONFUSO) Vamos fazer o seguinte...
(CHEGAM APRESSADOS PATRÃO, OPERÁRIO E GUARDA. ZÉ, COBRADOR, MULHER E SORVETEIRO FICAM EM SUSPENSO).

PATRÃO - É esse aí?

OPERÁRIO - (INDECISO, RELUTANTE) É...

PATRÃO - É ou não é?!

OPERÁRIO - É, ué.

PATRÃO - Então é esse aí mesmo, guarda, pode levar. (ZÉ, COBRADOR, MULHER E SORVETEIRO DESATAM REAÇÕES DIFERENTES, SIMULTANEAMENTE).

ZÉ - Calma lá, calma lá, um momento...

SORVETEIRO- Levar?

COBRADOR - Ué, a troco de quê?

MULHER - Ai, ai, ai, ai, que foi agora Zé?
(E DAQUI POR DIANTE, ATÉ O ESVAZIAMENTO DA CENA TODOS SE MOVIMENTARÃO MUITO? NUMA AGITAÇÃO CIRCULAR CONTÍNUA? ENVOLVIDOS AOS POUCOS POR UMA PEQUENA MULTIDÃO - OS USUÁRIOS DO ÔNIBUS. SORVETEIRO PODERÁ LIGAR NOVAMENTE GRAVADOR DE FITAS COM RUÍDOS, VOZARIO, MURMÚRIOS, ETC; TODOS EM CENA SUGERINDO AGLOMERAÇÃO, ATRAVÉS DE ESBARRÕES? APERTOS. MURMÚRIOS E SE MOVIMENTARÃO COM DIFICULDADE NO ESPAÇO POVOADO SUPOSTAMENTE. PROCURARÃO SINAIS DE CONCORDÂNCIA OU DE DESAPROVAÇÃO DA MULTIDÃO AGLOMERADA? ENFIM: UMA CENA DE DISCUSSÃO DE RUA; BATE-BOCA, RODA DE CONFUSÃO).

GUARDA - Faça o favor, cidadão, quem tem queixa contra a sua pessoa.

ZÉ - Que é isso, está nos estranhando, companheiro?...

GUARDA - Faça o favor de não engrossar senão vai acusado também de desacato. (MULHER, EXPERIENTEMENTE, VAI ARRUMANDO A MUAMBA E ESCONDENDO A MESINHA E TUDO O MAIS ATRÁS DO CARRINHO DO SORVETEIRO, AJUDADA PELO

OPERÁRIO).

- PATRÃO - E considere-se preso!
- GUARDA - O senhor pode deixar que sou eu quem...
- ZÉ - Queixa do que contra a minha pessoa, queixa do que?!
- PATRÃO - Queixa, queixa, não interessa!
- COBRADOR - Não interessa?
- ZÉ - Como não interessa se o preso sou eu?!
- GUARDA - É, não interessa! (PALPITES, O QUE-FOI, O-QUE-NÃO-FOI, PISÕES, REPETIÇÕES DE FALAS, ETC).
- ZÉ - Como não interessa?!
- PATRÃO E GUARDA - Não interessa!
- COBRADOR - Eu pelo menos estou interessado!...
- ZÉ - E essa gente toda ai parece que ficou interessada também, ficou ou não ficou? (MOVIMENTO GERAL DE CONCORRÊNCIA, TENSÃO CRESCENTE).
- PATRÃO - Se ficou ou não ficou não interessa! (AO GUARDA) Leva o homem logo!
- MULHER - (DESOCUPANDO-SE DA MUAMBA) Interessa porque é meu marido e ninguém vai levando ele assim sem mais nem menos!

- ZÉ - Um homem, com a mulher nesse estado, preso sem nem porque!
- GUARDA - Bem...
- PATRÃO - Porque impediu eu empregado de fazer seu serviço, entre outras coisas! (PROCURA PELO OPERÁRIO QUE SE ESCONDE ATRÁS DO PATRÃO MESMO).
- ZÉ - Nunca lhe vi mais gordo nem empregado seu mais magro!...
- MULHER - Que outras coisas?
- PATRÃO - Agitação!
- GUARDA - É, agitação!
- ZÉ - Que agitação, que agitação?!
- COBRADOR - Estou aqui desde cedo, não vi nenhuma agitação, es tou vendo agora,
- PATRÃO - Te manjo, seu cafageste, eu té manjo!
- MULHER - Cafageste é a mãe, seu corno!
- PATRÃO - (AO GUARDA) Leva preso, leva preso!
- GUARDA - E é melhor sem confusão.
- COBRADOR - Que confusão?
- PATRÃO - Leva preso, leva preso!
- COBRADOR - Mas ele não fez nada, seu guarda! seu guarda! Ele

não fez nada, gente!

PATRÃO - Chegou a ameaçar o meu empregado!

MULHER - Isso não que eu conheço meu marido!

ZÉ - (PARA A AGLOMERAÇÃO) O que acontece aqui é que chegou ai o tal empregado dizendo que tinha ordem de montar uma barraca aqui, pra vender sorvete bem em cima do carrinho do nosso amigo aqui... (PATRÃO QUER TROVEJAR MAS É IMPEDIDO PELA PRESSÃO DO AMBIENTE)

COBRADOR - ... mas o chefe ai tem licença pra fazer ponto aqui, faz tempo, faz troco pra gente...

ZÉ - ... e eu só disse que o homem não podia ir dando o ponto de mão beijada depois que o carrinho dele arricou até raiz ai no chão!... (JORNALISTA, QUE CHEGOU E PREPAROU A MÁQUINA FOTOGRÁFICA, BATE FOTOGRAFIA; TODOS SE IMOBILIZAM UM SEGUNDO, PARA EM SEGUIDA TRAGAREM O JORNALISTA PARA DENTRO DO AGLOMERADO? TODOS QUERENDO FALAR AO MESMO TEMPO. EXCITAÇÃO)

PATRÃO - Ora, meu filho, foto pra que?

ZÉ - Primeira página, primeira página: "INOCENTE DE CRIME NENHUM PRESO POR ISSO MESMO!"

PATRÃO - Não está acontecendo nada, meu filho!... Pra que repórter?

ZÉ - Repórter não! Jornalista, jornalista... (QUIS AGRA-DAR...)

MULHER - Como nada?! Estão querendo prender meu marido sem

dizer nem porque e não está acontecendo nada?...

ZÉ - José Alves, pode anotar ai, José Alves...

GUARDA - (LAVANDO AS MÃOS ARREDIO A QUALQUER PUBLICIDADE)
Bem, eu recebo a queixa, tenho que agir...

ZÉ - Então eu também apresento queixa contra esse cara
(O PATRÃO) prende ele... prende!

PATRÃO - (AO REPORTER) Não é nada disso, meu filho, você ve
ja o seguinte...

JORNALISTA- Estou vendo, estou vendo... (QUERENDO SIGNIFICAR:
VENDO MESMO).

ZÉ - O seguinte é que o fulano ai...

JORNALISTA- Já estou sabendo, já estou sabendo...

PATRÃO - Mas acontece, filho, que eu tenho licença para...

ZÉ - Mostra, mostra...

PATRÃO - (TIRANDO A LICENÇA) Olha aqui, meu filho, está
aqui. (SILÊNCIO, EXPECTATIVA, JORNALISTA LÊ).

JORNALISTA- Bem, pelo que está aqui, a firma Lanche Bom, do
Sr. Lourival Alves...

MULHER - Teu parente, Zé...

JORNALISTA- ... pode instalar uma barraca de doze metros qua-
drados... O senhor é Lourival Alves? (PATRÃO ASSEN
TE, JORNALISTA ANOTA)

PATRÃO - Mas espera ai, meu filho, meu nome não precisa...
(MOVIMENTAÇÃO COMEÇA NOVAMENTE).

MULHER - Está com medo de que?

ZÉ - (AO AGLOMERADO) O homem chega ai diz que vai prender, prende porque prende, porque "a esquina é minha", "é minha porque é minha" e agora não se explica...

PATRÃO - Acontece que esse ai é um agitador! (JORNALISTA ANOTA)

PATRÃO - Mas não anota que eu disse isso não, meu filho.

ZÉ - Como não disse? (PARA A AGLOMERAÇÃO) Disse ou não disse?!

PATRÃO - Disse e sustento!

MULHER E
COBRADOR - Então prova!

PATRÃO - Chegou a ameaçar meu empregado!...

ZÉ - Quem sou eu!

PATRÃO - ... que pode até provar. (PROCURA O OPERÁRIO, COBRADOR, SORVETEIRO E ZÉ TAMBÉM, E ELE ACABA TRAZIDO AO CENTRO DA CENA).

PATRÃO - Ele te ameaçou ou não te ameaçou?

OPERÁRIO - Bom...

ZÉ - Ameacei, companheiro?

PATRÃO - Ameaçou ou não ameaçou?

OPERÁRIO - Não...

JORNALISTA- Mas não o que? Não ameaçou?

OPERÁRIO - Não.

ZÉ - E por ai se vê então que quem está agitando é ele, apresento queixa, apresento queixa! (APONTA ENERGICAMENTE O PATRÃO, MOVIMENTO GERAL DE REVOLTA) (O PATRÃO RECEBE TABEFE NA NUCA, DE ALGUÉM DA AGLOMERAÇÃO).

MULHER - E já estava indo preso era meu marido, pra ver como são as coisas!...

COBRADOR - O que ele fez foi dizer que o chefe ali também tem licença...

SORVETEIRO- (CONSEGUINDO FINALMENTE EXIBIR SUA LICENÇA) Está aqui. (JORNALISTA PEGA A LICENÇA. SILÊNCIO, LÊ).

JORNALISTA- Bem...

ZÉ - Licença por licença, vale mais a antiga.

PATRÃO - Ora, meu amigo, não existe isso...

ZÉ - Em primeiro lugar não sou seu amigo, agitador...

COBRADOR - E o chefe ai sempre fez troco pros ônibus...

ZÉ - ... e em segundo lugar a praça é do povo e o povo ai é quem decide se a lei existe, porque se não existe passa a existir! Nove fora a esquina é do

carrinho de sorvete ali, é ou não é?

(FORTE MOVIMENTO E VOZEIRO DE CONCORRÊNCIA. PATRÃO RECEBE DIVERSOS TABEFES NA NUCA, A AGLOMERAÇÃO SE APERTA, O VOZEIRO CRESCE). A esquina é da praça, e a praça é do povo e o povo está ai e o povo é quem sabe, é ou não? E nosso amigo ai plantou o carrinho dele aqui antes do mundo ser redondo e de uma hora para outra vai, chegando a tal barraca, um passinho pra lá, um passinho pra cá, daqui a pouco o coitado está vendendo sorvete na Rua da Amargura!

PATRÃO - (A PRESSÃO É MUITA, COAÇÃO FÍSICA) Ora, minha gente, acontece que a barraca é mais moderna, mais higiênica!...

ZÉ - Pois pode arrebentar de tanta higiene mas vai ter que instalar esse modernismo todo pra lá, se quiser, mas na esquina não, é ou não? (CONFUSÃO TOTAL AGITAÇÃO. PATRÃO DESORIENTADO E TEMEROSO, EMPURRÕES, XINGAMENTOS, ETC).

PATRÃO - Calma, calma, retiro a queixa, retiro a queixa! (A AGITAÇÃO SERENE UM POUCO), mas exijo que este homem seja preso! (APONTA PARA O ZÉ). (AGITAÇÃO, AGITAÇÃO. "POR QUE?" "DE NOVO?" "QUE QUE É?", ETC;.) Porque estava aqui fazendo ponto sem licença, camelô, camelô!

GUARDA - Cadê a muamba, cadê a muamba? COM EXCEÇÃO DO GUARDA E DO PATRÃO, TODOS ENTRAM NUM RÍTIMO DE ATURDIMENTO).

MULHER - Eu falei, Zé, eu falei...

COBRADOR - E, agora não sei...

- ZÉ - Um momento, um momento...
- PATRÃO - Lei é Lei! (E COM ISSO ENCERRA A QUESTÃO, SERENAMENTE DESENXAVIDO) (OPERÁRIO E SORVETEIRO TENTAM OCULTAR A MUAMBA COM OS PRÓPRIOS CORPOS. GUARDA A ENCONTRA E SAI COM ELA, ARRASTANDO ZÉ, SEGUIDOS PELO PATRÃO, EMPURRÕES? VOZEIRO DECRESCENTE). (O VOZEIRO E A AGITAÇÃO DIMINUEM, MORREM).
- COBRADOR - Tem troco ao chefe? (FAZ O TROCO COM O SORVETEIRO, SAI). Os ônibus vão sair, pessoal! (OPERÁRIO E JORNALISTA O ACOMPANHAM). (MULHER E SORVETEIRO FICAM AINDA, ATURDIDOS).
- MULHER - Tanta briga perdida...
- SORVETEIRO- Perdida?
- MULHER - Tanta briga perdida no final das contas... Amanhã ou depois dão um jeito, botam a barraca bem ai... (DESANIMADA) Mãe dá um sorvete.
- SORVETEIRO- De que?
- MULHER - Qualquer coisa.
- SORVETEIRO- (ENTREGANDO O SORVETE E PROCURANDO MEMORIZAR) Mata-gripe, gosto-de-que, não-sei-o-nome, aquele-um... qualquer-coisa...
- MULHER - O que?
- SORVETEIRO- Nada. (MULHER CHUPA O SORVETE, MECANICAMENTE COMO UM CONSOLO)
- MULHER - Sabe lá quando vão soltar esse homem... (SILÊNCIO)

... e aquele povo não podia reagir...

SORVETEIRO- É que na hora...

MULHER - É que na hora não é todo mundo que é Zé Alves...

SORVETEIRO- É...

MULHER - Mas se depender de mim boto no mundo mais um.

SORVETEIRO- É...

MULHER - Só que esse, com lei ou sem lei, brigando, só vai ganhar.

"F I M"

*
*
*

ANEXO 09**"CAMELÔ, O FOLCLÓRICO MARGINAL" - 1971**

CAMELÔ, O FOLCLÓRICO MARGINAL

José Marcos Ferreira apareceu nas praças de Londrina tocando pandeiro com seus tôcos de braços e cantando baiões de Luiz Gonzaga. Seus 85 centímetros de altura e o pandeiro que êle prende entre o queixo e o joelho pra se tocar - abrem "uma roda" em menos de um minuto, o que pode ser um recorde para qualquer camelô. Nordestino de 35 anos, já percorreu o Brasil desde o Pará, e pretende chegar ao Rio Grande do Sul. Em Londrina, passou vendendo o "maravilhoso e prodigioso Maravilha Prodígio, remédio prá tudo, meus senhores, de dor-de-dente a reumatismo: e não cura - opera um verdadeiro milagre!" Sentado numa cadeirinha de criança e tocando seu pandeiro, cantando ou discursando no meio da "roda", êle contrata engraxates ou quaisquer eventuais meninos pra vender o produto e fazer trôco. E vende o bastante "pra viver, né, porque pra enriquecer hoje em dia só mesmo com loteria, e loteria só a esportiva". No Nordeste, vendia folhetos de literatura de cordel, quando não os lia e cantava para rodas de até 200 pessoas: "Lá o pessoal gosta muito, e muita gente que não sabe ler tem notícia do mundo escutando os cantadores". Desde criança José Marcos não pede esmola, porque "a gente quando pode tem que trabalhar prá viver, né". E êle acha que pode, apesar de só ter o tôco dos braços, o corpo aglomerado e contorcido e uma perna duas vezes mais cumprida que a outra, e por isso constantemente dobrada. E quando alguém lhe estende uma garrafa de água até a boca, êle faz questão de abraçá-la contra o peito, equilibrá-la no pedaço de braço e tomar sem ajuda de ninguém. Toma quase tôda a garrafa. Está suando, com a camisa encharcada: acabou de falar durante duas horas sem parar, vendendo Maravilha Prodígio. É camelô, e sua arte e trabalho é falar, falar, falar. Até convencer, depois de encantar ou entusiasmar,

e vender. O Maravilha Prodígio, um líquido esverdeado, vem num vidrinho com um rótulo que o indica para tudo, desde arranhões até doenças internas. Gente sem dinheiro para tratamento médico de doenças, compra e sai olhando com esperança o vidrinho. José Marcos, no meio da roda, usa um alto-falante de pilha para garantir que "se não solucionar seu problema o senhor pode pedir devolução do dinheiro, mas é mais certo que volte pra comprar logo mais meia dúzia". O "remédio" terá sido comprado em São Paulo ou no Rio, e os Cr\$ 0,50 cobrados por José Marcos podem representar até 300 ou 400 por cento de lucro.

E OS LOQUES?

Há dois tipos de camêlô: o que volta à mesma "praça" ou "ponto" e o "marrêta". O "marrêta" vende produtos que decepcionam o comprador logo na primeira experiência de uso, e não volta mais à mesma cidade onde abriu a roda. O que volta é o camêlô que vende produtos com muito lucro, mas que funcionam ou não decepcionam o comprador. Há dez anos atrás, em Londrina, os dois tipos podiam ser encontrados diariamente, na Rodoviária, na rua Maranhão e na Duque de Caxias, principalmente. Hoje, só os que passam pela cidade abrem rodas por aqui. Os velhos camêlôs de Londrina sumiram, pois nem os distritos encontravam mais gente interessada em comprar ou mesmo ouvir. Foram todos para as novas cidades do interior, onde o povo crédulo ainda os escuta e desembolsa dinheiro para seus produtos ou "lotes". Em Londrina, a polícia, o desencanto dos compradores e o trabalho dos "marrêtas" conseguiu acabar com o mercado. Na linguagem dos marrêtas, o comprador é sempre "loque". E, apesar de ainda haver muitos loques por aqui, os camêlôs sumiram. E, com êles, uma cena típica das ruas. Mas sumiram também os boiadeiros que passeavam a cavalo pela Avenida Paraná, e os fazendeiros de botas e os ternos de linho branco...

O LOTE

Nos áureos tempos, porém, os camelôs chegaram a ganhar muito dinheiro. Muitos gostavam de lidar com "lotes", que impressionavam os loques pela quantidade. Pois, "por apenas um conto de réis o senhor leva um canivete Corneta de aço inoxidável, para picar fumo, chupar laranja, churrasquear e até cobrar dívida; e, de brinde, leva ainda uma correntinha de puro ouro com a imagem de Nossa Senhora Aparecida abençoada pela padroeira em três Domingos de Ramos; e mais um calendário com os dias da semana, do mês e do ano; e mais um jôgo de doze agulhas, carretel de linha e dedal, e ainda mais um par de meias e um descascador de batatas, maravilha da cozinha, tudo acompanhando o canivete que é a única coisa que o senhor vai pagar e ainda por menos que o preço, pois eu aqui não estou ganhando nada de ninguém, estou ganhando é comissão da fábrica, pois o meu trabalho como relações públicas da indústria é divulgar o produto". E assim por diante, entre piadas. Mas a piada maior é que o lote todo não vale a metade do preço.

CADÊ A COBRA?

Na rua Maranhão, há oito anos, um camelô de São Paulo abriu a roda e alardeou que ia mostrar "a Cobra Catarina e o lagarto Bernardão, ela equilibrando um charuto na ponta do rabo e êle de vestido-saco" (os vestidos-saco estavam em moda na época). Anunciou também que a cobra e o lagarto iriam brigar e que estava mesmo disposto a até perder um dos dois na luta, porque "hoje eu quero ver qual é o melhor! Mas, antes, pediu ao público que comprasse descascadores de batatas até compensar o preço da cobra ou do lagarto. A roda aumentou e o povo foi comprando e enquanto o camelô aumentava a expectativa narrando como a cobra e o lagarto já tinham tentado brigar diversas vezes. E o povo comprando. A quantia estipulada foi ultrapassada mas ninguém no

tou. Até que começaram a reclamar, e o camelô prometia que iria abrir as duas malas e promover a briga se vendesse mais alguns descascadores. Quando os descascadores acabaram, êle explicou rapidamente que tinha que vender de qualquer maneira prá viver, e que não havia cobra nem lagarto nas malas. O povo tentou linchar. Refugiado num bar, só saiu em segurança acompanhado por policiais, e para a cadeia. Êle cometeu um êrro fundamental: iludir o público e desiludi-lo logo depois. Um camelô experiente pode vender até remédio contra câncer, desde que a desilusão dos compradores seja em casa.

COMPRAR DINHEIRO

Fizeram histórias em Londrina os camelôs compradores de dinheiro. Com uma lábia impressionante, encantavam o público. Depois pediam, "em confiança", notas graúdas. Só alguns davam. O camelô explicava (e mostrava carteirinha) que "estou trabalhando para o Ministério da Fazenda e a Casa da Moeda, meus senhores, e minha missão é recolher dinheiro usado para exame, e por isso agora fico com as notas recolhidas entre os cavalheiros mas devolvo em dôbro outras notas". E devolvia em dôbro. Então a platéia se animava, e na segunda rodada todos entregavam algumas notas, sempre graúdas. Então o "representante do Ministério" simplesmente fugia correndo, com dois companheiros para garantir a fuga. O taxi já esperava com o motor ligado na esquina. e o povo aprendia que ninguém compra dinheiro.

QUALQUER NEGÓCIO

Êles faziam qualquer negócio. Vendiam litros de conhaque lacrados mas com metade do líquido misturado com água (que era introduzida nos litros através de agulha de seringa). Vendiam brinquedos, descascadores de batatas, remédios milagrosos, tira-callos, bonequinhos mágicos - tudo. Apareceram até os que vendiam

"lente raio-X" - uma película qualquer - geralmente pena de galinha - emoldurada por um quadrinho de papelão ou plástico. "O senhor olhando através da lente pode enxergar através das paredes ou das roupas. Se antes de entrar em casa quiser saber se alguém está com sua mulher é só parar no portão e olhar pela lente"..

Era tão cativante que falava durante horas, rapidamente, contando piadas, comentando acontecimentos, aconselhando as pessoas a não confiar em conversa de camelô, etc.

Fazia pequenas mágicas, mostrava uma mala e passava meia hora explicando porque a mala estava vazia, até que todos ficassem pensando que havia alguma coisa na mala.

Então êle a abria e mostrava que estava mesmo vazia. Era mesmo um Bom Menino, e o que ganhava todos davam espontâneamente quando ele pedia "um dinheirinho prum refrigerante". As notas choviam.

SAUDADE

Hoje, Bom Menino é uma saudade. Os camelôs estão terminando de desaparecer de Londrina. E os meninos desta época não terão mais oportunidade de comer os bolinhos que êles fritavam num fogareiro numa esquina qualquer, enquanto vendiam forminhas de moldar "bolinhos artísticos". Nas pequenas cidades do interior, porém, estão falando ainda, rapidamente, mexendo

os braços, mostrando, convidando, sorrindo, falando sempre com o cuidado de não chover cuspidas na aglomeração. Refletindo as condições do meio social e econômico (desemprego, necessidade de ser "patrão de mim mesmo", baixo nível cultural do povo, etc) êles hoje são focllore. E, para enquadrá-los como marginais, é preciso antes de tudo compreender que são bem aceitos pelo povo: não vivem esperando marginalmente, portanto. Apenas, exploram a ingenuidade popular.

ANEXO 10

"METAMORFOSE AMBULANTE"

- Música de Raul Seixas -

METAMORFOSE AMBULANTE

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante.

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer

Agora o oposto do que eu disse antes

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Tudo sobre o que é amor

Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela

Amanhã já se apagou

Se hoje eu te adoro

Amanhã lhe tenho amor

lhe tenho amor

lhe tenho horror

lhe faço amor.

Eu sou um ator

É chato chegar

A um objetivo num instante

Eu quero viver nessa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Tudo sobre c que é o amor

Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela

Amanhã já se apagou

Se hoje eu te adoro

Amanhã lhe tenho amor

lhe tenho amor

lhe tenho horror

lhé faço amor

Eu sou um ator

Eu vou desdizer

Aquilo tudo que eu lhe disse antes

Eu prefiro ser aquela metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha, velha, velha opinião formada
sobre tudo.

Música de RAUL SEIXAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1- Do Autor - LIVROS

- PELLEGRINI, Jr., Domingos. Conversa Clara. Londrina, 1974. 74p.
- _____ . O dia em que morreu Getúlio. Ficção, 2(12):6 a10, 1976.
- _____ . O encalhe dos 300. Livro de Cabeceira do Homem, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975. p.103 a 114.
- _____ . Os Meninos. São Paulo, Vertente Editora Ltda, 1977. 88p.
- _____ . O Homem Vermelho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. 122p.
- _____ . O Troco. Londrina, Cecut, Sutet, 1978. 54p.
- _____ . Poesia Viva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. 196p.
- _____ . As sete pragas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. 205p.
- _____ . O primeiro canto do galo. Belo Horizonte, Editora Comunicação, 1979. 49p.
- _____ . O Homem Vermelho - Os Meninos. São Paulo, Círculo do Livro, 1982. 205p.

- . PELLEGRINI, Jr., Domingos. A árvore que dava dinheiro. São Paulo, Ed. Moderna, 1983. 95p.
- . _____ . Paixões. São Paulo. Ática, 1985. 144p.
- . _____ . Os meninos crescem. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. 245p.
- . _____ . As batalhas do Castelo. São paulo, Ed. Moderna, 1987. 123p.
- . _____ . Assalto à brasileira. São Paulo, Busca Vida, 1988. 122p.
- . _____ . O menino da serraria Três Irmãos e seu cavalo Fiel. In: _____ . Assim escrevem os paranaenses (Org.), São Paulo, Ed. Alfa-Omega Ltada, 1978. p. 35 a 39.
- . _____ . Alguns procedimentos expressivos (revisitando um velho compêndio), Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, Assis - São Paulo, 1974. 44p.

- JORNAIS

- . PELLEGRINI, Jr., Domingos. "O zoológico de papel do Japonês elétrico". Folha de Londrina, Londrina, 27/jan., 1971. cad. 2, p. 9.
- . _____ . "Igapó, segundo Domingos Pellegrini Júnior, só falta limpar, gramar e arvorar". Folha de Londrina, Londrina, 28/jan., 1970. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Como vai, vai bem? Veio à pé ou de ... bicicleta". Folha de Londrina, Londrina, 31/jan., 1970. cad. 2, p.9.

- . _____ . "Cleto e sua arte simples e complicada". Folha de Londrina, Londrina, 01/fev., 1970. p. 1.
- . _____ . "Mister Stanley Laurel e Mister Oliver Hardy e Mister Charlie". Folha de Londrina, Londrina, 18/fev., 1970. cad. 2, p. 13.
- . _____ . "Os últimos gigantes". Folha de Londrina, Londrina, 08/mar., 1970. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "A família, a TV e Fahrenheit 45". Folha de Londrina, Londrina, 20/mar., 1970. cad. 2, p. 13.
- . _____ . "A pressa". Folha de Londrina, Londrina, 07/abr., 1970. cad. 2, p. 13.
- . _____ . "Para onde vão os trens?". Folha de Londrina, Londrina, 18/abr., 1970. cad. 2, p. 13.
- . _____ . "Não é o Brasil que joga hoje". Folha de Londrina, Londrina, 03/jun., 1970. cad. 2, p. 13.
- . _____ . "Lindo, lindo, lindo". Folha de Londrina, Londrina, 21/jun., 1970. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Documentos". Folha de Londrina, Londrina, 28/ago., 1970. cad. 2, p. 13.
- . _____ . "Maringá: a sacra-porta". Folha de Londrina, Londrina, 18/set., 1970. cad. 2, p. 13.
- . _____ . "Poesias - Imagens". Folha de Londrina, Londrina, 06/out., 1970. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "A roda viva de Eduardo". Folha de Londrina, Londrina, 10/out., 1970. cad. 2, p. 1.

- . _____ . "O fim dos festivais". Folha de Londrina, Londrina, 10/nov., 1970. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "O Caráter Nacional Brasileiro". Folha de Londrina, Londrina, 13/dez., 1970. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Gente". Folha de Londrina, Londrina, 14/dez., 1970. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "O nascimento de Cristo segundo a obstetrícia". Folha de Londrina, Londrina, 23/dez., 1970. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Cultura, cultura, cultura onde estás que não respondes?". Folha de Londrina, Londrina, 17/jan., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Camelô o folclórico marginal". Folha de Londrina, Londrina, 21/jan., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Onde estão as pastorinhas que cantavam na rua lindas trovas de amor?". Folha de Londrina, Londrina, 18/fev., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "As propagandas hoje". Folha de Londrina, Londrina, 14/mar., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "O fim dos hippies, e a sua e a nossa sociedade". Folha de Londrina, Londrina, 27/mar., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Alegria, Alegria". Folha de Londrina, Londrina, 15/abr., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Underground é isto". Folha de Londrina, Londrina, 18/abr., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Literatura na escola". Folha de Londrina, Londrina, 25/abr., 1971. cad. 2, p. 1.

- . _____ . "Três canções do exílio". Folha de Londrina, Londrina, 30/mai., 1971. cad. 3, p. 1.
- . _____ . "Vietnã: dez anos". Folha de Londrina, Londrina, 01/jun., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Careca, calado, canceroso". Folha de Londrina, Londrina, 11/jul., 1971.
- . _____ . "As aves de arribação". Folha de Londrina, Londrina, 23/jul., 1971.
- . _____ . "Laje do Muriaé". Folha de Londrina, Londrina, 25/jul., 1971.
- . _____ . "Sexta-feira 13 de agosto". Folha de Londrina, Londrina, 13/ago., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "Oração Matinal". Poesia classificada em 1º lugar no 6º Festival de Música e Poesia de Paranavaí. Folha de Londrina, Londrina, 14/nov., 1971. cad. 2, p. 1.
- . _____ . "O autor conta de seus contos". Folha de Londrina, Londrina, 25/fev., 1977.
- . _____ . "Assalto à Brasileira, último capítulo". Folha de Londrina, Londrina, 22/out., 1988.

2- Sobre o Autor

- . "O VELHO jogo do teatro entra em campo de novo". Folha de Londrina, Londrina, 22/jan., 1970.
- . CANÇADO, José Maria. Confronto com a adversidade. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20/fev., livro. p.2.

- . GLOTIB, Nádia Battella. Comoção. Visão, São Paulo, 21/fev., 1977.
- . PÓLVORA, Hélio. O antibeletista. Veja, São Paulo, 09/mar., 1977. nº444.
- . "O HOMEM Vermelho". Folha de Londrina, Londrina, 11/mar., 1977. cad. 2, p. 1.
- . "O HOMEM vermelho hoje no Con-tour". Folha de Londrina, Londrina, 12/mar., 1977. cad. 2, p. 1.
- . ANDRADE, Jeferson Ribeiro. "O Homem Vermelho". O Estado de Minas Gerais, Minas Gerais, 05/abr., 1977.
- . VENTURA, Roberto. "A pipoca, a ponte, a peroba. O Brasil sem ilusão". Isto É, São Paulo, Ficção, 29/jun., 1977.
- . VIANNA, Marilena. "O clima exato". Veja, São Paulo, 24/ago., 1977.
- . CANÇADO, José Maria. "Malta quase universal". Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17/set., 1977.
- . BULIK, Luida. "Em busca de uma literatura poética, sensual e crítica". Folha de Londrina, Londrina, 29/jan., 1978.
- . FACIOLLI, Valentin. "Apocalipse no Paraná". In: Folha de São Paulo, São Paulo, Livros, 25/mar., 1978.
- . MARTINS, Wilson. From the summer. In: World Literature Today, 1978.
- . FUNDAÇÃO Cultural leva para bairros curitibanos o teatro. Gazeta do Povo, Curitiba, 14/jan., 1978.
- . GUIMARÃES, Denise A.. A linguagem de Domingos Pellegrini Júnior. In: Estudos Brasileiros, Curitiba (6):179-106, nov., 1978.

- . POMPEU, Renato. As sete pragas. In: O Globo, Rio de Janeiro, 11/fev., 1979.
- . CARDOSO, Ivo. "Peões, posseiros. Violeiros, estudantes. O Globo, Rio de Janeiro, 11/fev., 1979.
- . POMPEU, Renato. "Sem enfeites". Veja, São Paulo, 21/mar., 1979.
- . HOHLFELDT, Antonio. "Os contos de Domingos Pellegrini Júnior". Correio do Povo, Curitiba, 31/mar., 1979
- . SILVA, Pereira H.. "As Sete Pragas". Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 17/jun., 1979.
- . "PELLEGRINI fica no encalhe só da tela". Estado do Paraná, Curitiba, 29/jun., 1983.
- . "OLHOS atentos". Visão, São Paulo (25), 20/jun., 1983.
- . "PRIMEIRO Dalton, agora Pellegrini". In: Jornal do Estado, Curitiba, 01/jul., 1983.
- . FERRAZ, Geraldo Galvão. Declarações de amor. Isto É, São Paulo, 08/ago., 1984.
- . BERNARDI, Rosse Marye. "Domingos Pellegrini Júnior: Considerações sobre um contista que se faz poeta". In: Letras, Curitiba, (33):27-35, 1984 - U.F.PR.
- . MONTEIRO, Nilson. "Paixões". Folha de Londrina, Londrina, 02/ago., 1984.
- . CAVALCANTI, Cláudia. "Nem heróis, nem heroínas". Leia, São Paulo (71), 15/ago., 1984.
- . _____. "Menino Crescido". In: Folha de Londrina, Londrina, 17/abr., 1986. cad. 2.

- . MONTEIRO, Nilson. "Domingos Pellegrini". In: Folha de Londrina, Londrina, 20/abr., 1986. cad.2, p.1.
- . "AS BATALHAS do Castelo". Folha de Londrina, Londrina, 02/Fev. 1988. cad.2.

3- Geral

- . AMADEU, Amaral. O dialeto Caipira. 4ªed. São Paulo, HUCITEC, 1982. 195p.
- . ARRIGUCCI, Jr., David. O escorpião encalacrado. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- . _____. "Jornal, Realismo, Alegoria: O romance brasileiro recente". In: Achados e Perdidos, São Paulo, Ed. Polis Ltda, 1979.
- . ARROYO, Leonardo. A cultura popular em Grande Sertão: Verdadas. Rio de Janeiro, Ins. Nac. do Livro, 1984. 315p.
- . AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Delta, 1980.
- . AVERBUCK, Lígia Morrone. "As ressonâncias do popular em Cobra Norato de Paul Bopp". In: Letras de hoje, PUCRGS, nº40, jun., 1980.
- . AYALA, Marcos & AYALA, Maria Inês. Cultura Popular no Brasil. São Paulo, Ática, 1987. 77p.
- . BAKHTIN, Mikhail. Problemas da Poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra, Rio de Janeiro, Forense-Universitária. 1981. 239p.

- . BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara F. Vieira, São Paulo HUCITEC. 1987. 419p.
- . _____. Questões de Literatura e de Estética. Tradução de Aurora F. Bernardini e outros; São paulo, HUCITEC. 1988. 439p.
- . _____. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira; 3ª ed. São Paulo, HUCITEC. 1986. 195p.
- . BARTHES, Roland. O prazer do texto. Tradução de J. Guimburg, São Paulo, Perspectiva. 1977.
- . BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. São Paulo, Com. Ed. Nacional. 1986.
- . BELOCH, Israel & ABREU ALVES, Alzira. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Vol.2, Rio de Janeiro, Forense-Universitária. 1984. 1802p.
- . BERGSON, Henri. O riso. Tradução de Nathanael C. Caixeiro, Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1980.
- . BÍBLIA. Bíblia Vida Nova. Tradução de João F. de Almeida, 9ª ed. São Paulo. 1988. 4280p.
- . BOSI, Alfredo (Org.) O Conto Brasileiro Contemporâneo. 3ªed. São Paulo, Cultrix. 1968. 293p.
- . CABRAL, Tomé. Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares. Fortaleza, Ed. U.F.C.. 1982.
- . CÂNDIDO, Antonio. Tese e Antítese. 3ªed. São Paulo, Editora Nacional. 1978. 166p.

- . CÂNDIDO, Antonio. "Literatura e Subdesenvolvimento".
In: América Latina em sua literatura. César Fernandes More
no (Coord.); São Paulo, Perspectiva. 1979.

- . CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. Série Princí
pios, São Paulo, Ática. 1986. 81p.

- . CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Edições
de Ouro. 1972. 930p.

- . CHALHUB, Samira. A Metalinguagem. Série Princípios, São Pau
lo, Ática. 1986.

- . CASTRO, Nei Leandro. Universo e Vocabulário do Grande Ser
tão. 2ª ed. Rio de Janeiro, Achiamé. 1982. 205p.

- . CHEVALIER, J. & CHEERBRANT, A.. Dicionário de los Símbolos.
2ª ed. Barcelona, Editorial Herder. 1988.

- . CORTÁZAR, Júlio. Todos os fogos o fogo. Tradução de Glória
Rodrigues, 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,
1976.

- . COUTINHO, Eduardo. "A narrativa contemporânea das Américas:
Uma narrativa síntese". In: Revista Tempo Brasileiro, Rio
de Janeiro. 1984.

- . COUTINHO, Afrânio. Guimarães Rosa. Col. Fortuna Crítica,
vol.6, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Ins. Nac. do
Livro. 1983. 574p.

- . CUNHA, Celso. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo,
Ed. Nacional. 1980.

- . DALLEMBACH, Lucien. "Intertexto e Autotexto". Poétique. Tra
dução de Clara Crabbé Rocha, Coimbra, Almedina. 1979. 232p.

- . DAUS, Ronald. O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste. Tradução de Rachel T. Valença, Rio de Janeiro, Fun. Casa de Rui Barbosa. 1982. 162p.

- . DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Carlos Drummond de Andrade - Obra Completa. 2ª ed. Rio de Janeiro, Com. José Aguilar Editora. 1967.

- . E O VENTO levou. [Gone with the wind], FLEMING, V. (dir.); Metro Goldwyn Meyer, 1930.

- . ECO, Umberto. Como se faz uma tese. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo, Perspectiva. 1983. 184p.

- . EM BUSCA do ouro. [The Gold Rush]. CHAPLIN, C. (dir.); P & B, 1925.

- . FARACO, Carlos Alberto et alii. Uma Introdução a Bakhtin. Curitiba, Hatier. 1988. 105p.

- . FERREIRA, Lucrecia D'Alessio. A estratégia dos Signos. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva. 1986. 197p.

- . FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Org.). Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1986.

- . FERREIRA, Edda A. O texto literário: a prática da interpretação. Florianópolis, Ed. U.F.S.C. e Lunardelli. 1983.

- . FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. Tradução de Leandro Konder, 5ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1976. 254p.

- . GRAMSCI, Antonio. Obras Escolhidas. Tradução de Manuel Cruz, São Paulo, Martins Fontes. 1978. 421p.

- . GOTLIB, Nádía Batella. Teoria do Conto. 2ª ed. São Paulo, Ática. 1985. 95p.
- . GULLAR, Ferreira. Vanguarda e Subdesenvolvimento. 2ª ed. Rio de Janeiro. 1978. 142p.
- . HAMBURGER, Kate. "A narração ficcional e seus caracteres". In: A lógica da criação literária. Tradução de Margot P. Malnic; São Paulo, Perspectiva. 1975.
- . HOHLFELDT, Antonio. Conto Brasileiro Contemporâneo. Porto Alegre, Mercado Aberto. 1981 (Rev.6). 229p.
- . JENNY, Laurent. "A estratégia da forma". Poétique. Tradução de Clara Crabbé Rocha, Coimbra, Almedina. 1979. 232p.
- . JOLLES, André. Formas Simples. Tradução de Álvaro Cabral; São Paulo, Cultrix. 1930. 222p.
- . KRISTEVA, Júlia. Introdução à Semanálise. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz, São Paulo, Perspectiva. 1974. 199p.
- . LIMA, Hermann. O Conto. Bahia, Aguiar & Souza Ltda. 1958. 73p.
- . LIMA, Luis Ronaldo. "Um novo personagem: o homem violento". In: Encontros com a Civilização Brasileira. nº24, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1980.
- . LIMA, Rui Moreira. Senta a pua. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora. 1980.
- . LYRA, Pedro. Literatura e Ideologia. Petrópolis, Vozes. 1979. 193p.
- . MARQUES, f. Costa. A análise literária. 3ª ed. Coimbra, Livraria Almedina. 1972. 377p.

- . MÓISES, Massaud. Dicionário de Termos Literários. 4ª ed. São Paulo, Cultrix. 1985. 520p.
- . MURICY, Andrade. Panorama do Conto Paranaense. Curitiba, Fun. Cul. de Curitiba, 1979. 317p.
- . NASCENTES, Antenor. A gíria brasileira. Rio de Janeiro, Acadêmica. 1953.
- . ORTIZ, Renato. A Consciência Fragmentada. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1980. 192p.
- . O CIRCO. |The Circus|. CHAPLIN, C. (dir.), 1928.
- . PASSOS, Cleusa R. P.. O outro modo de mirar. São Paulo, Martins Fontes. 1986. 175p.
- . PERRONE, Moisés Leila. "A intertextualidade crítica". Poética. Tradução de Clara Crabbé Rocha, Coimbra, Almedina, 1979. 232p.
- . PLATÃO. O Banquete. Tradução de Albertino Pinheiro; 2ª ed. São Paulo, Atena Editora. 1955. 123p.
- . PORTO-ALEGRE, Apolinário. Popularium Sul - Riograndense, Porto Alegre, Ed. Universidade do Rio Grande do Sul. 1980.
- . PROENÇA, M. Cavalcanti. Roteiro de Macunaíma. São Paulo, 1955. 359p.
- . PUGLIESI, Márcio. Dicionário de Expressões Ideomáticas. São Paulo, Ed. Parma Ltda. 1981.
- . REGIS, Maria Helena de Camargo. "O Clichê na Poética de Manuel Bandeira". In: Travessia; nº 3, Florianópolis. 1981.
- . REYES, Graciela, Polifonia textual - Lacitation en el relato literario. Madrid, Ed. Credos, 1984.

- . REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina. Dicionário de Narratologia. Coimbra, Almedina. 1987. 403p.
- . RODRIGUES LAPA, M. Estilística da Língua Portuguesa. 8ª ed. Coimbra, Editora Ltda, 1975
- . ROSA, Guuimarães. Grande Sertão: Veredas. 17ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1985. 568p.
- . SANT'ANNA, Affonso R. de. Paródia, Paráfrase & Cia. São Paulo, Ática. 1985. 94p.
- . SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa. São Paulo, Paz e Terra. 1982. 200p.
- . SENA, Wagner da Rocha. "A intertextualidade". In: Veredas Culturarte. Universidade Federal do Piauí, nº4, jul., 1988.
- . SCHIMITI, Lucy Maurício. Caetano Veloso: Memória e Produção. (A produção da intertextualidade); Assis. 1989. 200p. (Dissertação de Mestrado - UNES).
- . SPITZER, Leo. "La enumeracion caótica en la Poesia Moderna". In: Linguística e História Literária. Madrid, Ed. Cremos, 1968.
- . SUSSEKIND, Flora. Tal Brasil qual romance? Rio de Janeiro, Achiamé. 1984. 203p.
- . _____ . Literatura e Vida Nacional. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1985. 94p.
- . TELLES, Gilberto M.. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Rio de Janeiro, Vozes. 1973.
- . TEMPOS modernos. [Modern Times]. CHAPLIN, C. (dir.), P & B, 1936.